

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

O FUTEBOL VIRA NOTÍCIA: UM LANCE DA MODERNIDADE.  
UMA HISTÓRIA DO FUTEBOL EM PORTO ALEGRE (1922 – 1925)



Mauricio Garcia Borsa dos Santos

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Porto Alegre

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

O FUTEBOL VIRA NOTÍCIA: UM LANCE DA MODERNIDADE.  
UMA HISTÓRIA DO FUTEBOL EM PORTO ALEGRE (1922 – 1925)

Mauricio Garcia Borsa dos Santos

Dissertação apresentada como requisito parcial  
à obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos  
Guazzelli

Porto Alegre

2014

CIP - Catalogação na Publicação

Borsa, Mauricio

O Futebol vira notícia: Um lance da modernidade.  
Uma História do futebol em Porto Alegre (1922 - 1925)  
/ Mauricio Borsa. -- 2014.

191 f.

Orientador: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto  
Alegre, BR-RS, 2014.

1. Modernidade. 2. Futebol. 3. Porto Alegre . 4.  
Correio do Povo. I. Guazzelli, Cesar Augusto  
Barcellos, orient. II. Título.

MAURICIO GARCIA BORSA DOS SANTOS

O FUTEBOL VIRA NOTÍCIA: UM LANCE DA MODERNIDADE. UMA HISTÓRIA DO FUTEBOL EM  
PORTO ALEGRE (1922 – 1925)

Dissertação de mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre. Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.º Dr.º Cesar Augusto Barcellos Guazzelli - (Orientador - UFRGS-RS)

---

Prof.º Dr.º Gerson Wasen Fraga - (UFFS-RS)

---

Prof.ª Dr.ª Janice Zarpellon Mazo - (UFRGS-RS)

---

Prof.º Dr.º Arlei Sander Damo - (UFRGS-RS)

Ao meu pai, pela alegria de viver.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Cesar Augusto Barcellos Guazzelli que desde o início aceitou a orientação desse trabalho e da mesma forma foi um entusiasta, contribuindo para que o projeto de pesquisa fosse realizado.

Sou grato, igualmente, ao Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS que acolheu essa então ideia de pesquisa. Também devo agradecimento aos professores desta universidade que contribuíram para minha formação acadêmica, em especial o professor Fábio Kuhn que foi o primeiro a me oportunizar o contato com a pesquisa histórica. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq que financiou essa pesquisa.

Agradeço aos professores Gerson Wasen Fraga e Arlei Damo pelas importantes contribuições sugeridas na qualificação e à professora Cláudia Mauch que no distante ano de 2009 deu os primeiros incentivos para ajustar a ideia desta pesquisa. Também agradeço à professora Heloísa Junqueira que se tornou uma amiga e muito me fortaleceu para seguir na docência e na pesquisa acadêmica.

No meio do caminho fui fazendo escolhas e assumindo algumas dívidas que não poderei pagar. Agradeço aos alunos da Escola Municipal Borges de Medeiros, em Campo Bom, e da Escola La Salle Pão dos Pobres. Esses educandos tive que abandonar em meio ao ano letivo devido às escolhas acadêmicas. Agradeço também às escolas que me formaram cidadão: Escola Municipal Brasilina Terra, Escola Estadual Antônio Silveira e Instituto Estadual de Educação Mãe de Deus.

Aos meus amigos de toda a vida que sempre estiveram presentes nos piores momentos e me ajudaram a levantar e me tornar mais forte. Aos camaradas do “Grêmio Verde”, que fizeram com que o tempo e a distância se tornassem mais leves, sempre aproximando os amigos.

Tenho que agradecer àqueles que viveram o futebol comigo dentro de campo. Aos treinadores que me ajudaram a ver no futebol mais que um jogo: Jairo, Jalma, Seu Toninho, Domingos, Benhur, Chiquinho Chamum, Dedé *Maravalha* Eibs e Luiz Eduardo *Brecha*, *matreiros* do futebol. Aos companheiros de sonhos nos gramados: Célio, Auri, Boi, Cara de Sapo, Rodrigo Costa, Aroldo, Edu, Tilica, Negão, Pezão, Mia,

Dandão, Charles, Uiliam, Tota, Teresa, Lilico, Chuke, Ratinho, Michel, Gugu, Véio, Sandrinho, Alcione, Testa e muitos outros. Sou grato eternamente ao futebol.

Sem dúvida esse trabalho não sairia sem a ajuda de amigos que fiz em Porto Alegre. Denis Correa e Marcos “Xultis” que fizeram os primeiros e últimos crivos dessa pesquisa. Ao Fábio Bicca que foi amigo, além de auxiliar na área “tecnológica”. Ao Thiago Scott, companheiro de sonhos quixotescos.

Pelo apoio e amizade em todo percurso de minha vida, agradeço à minha família. À minha mãe pelo zelo e atenção. Ao meu pai por ter me colocado sentado no sofá em 1994 para ver o gol do Nildo tornar o Grêmio campeão. A eles que souberam aceitar, compreender e apoiar minhas escolhas, em todos os sentidos. Grato por todo amor.

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise do futebol em Porto Alegre através do olhar do jornal Correio do Povo sobre os eventos futebolísticos ocorridos nessa cidade, ou que envolveram de alguma forma os porto-alegrenses, entre os anos de 1922 e 1925, mais especificamente os Campeonatos Brasileiros de Seleções Estaduais. Com isso, ambiciona diagnosticar as tensões sociais que se manifestaram durante a realização desses eventos, tendo como foco central a ideia de que o futebol é parte integrante do *processo civilizador* representado pelo advento da modernidade. Para este fim, o Correio do Povo também se torna objeto de análise, pois propaga determinados valores em acordo com os dirigentes das principais entidades esportivas da cidade. Logo, através da repercussão que o jornal dá a determinados assuntos é possível perceber o jogo de interesses sociais, políticos e econômicos no seio do mundo esportivo de Porto Alegre. Da mesma medida é notório que o futebol se torna um elemento fundamental do processo de modernização da cidade, servindo como meio de propagação dos valores supostamente adequados a esses novos tempos. Por fim, o crescimento da importância do futebol para a cidade demandou maior espaço no jornal, tornando-se notícia de capa.

Palavras-chave: Futebol – Modernidade – Porto Alegre – Correio do Povo.



## Abstract

This study aims to analyze soccer in Porto Alegre through the eyes of the *Correio do Povo* newspaper about the soccer events occurring in this city, or involving somehow the porto-alegrenses, between the years 1922 and 1925, mainly the Brazilian Championships of State Selections. To diagnose social tension that have manifested during those celebrations, focusing on the idea that soccer is an integral part of the civilizing process represented by the advent of modernity. For this reason, the *Correio do Povo* also becomes subject to analysis because it teaches certain values in agreement with the leaders of the major sports entities in the city. Therefore, by the controversy that the paper provides to certain subjects it makes it possible to notice the social, political and economic interests within the sporting world from Porto Alegre. Just as it is clear that soccer becomes a key element of the modernization process of the city, serving as a means of spreading the values supposedly suited to these new times. Finally, the growing importance of soccer to the city demanded more space in the newspaper, becoming news cover.

Key words: Soccer - Modernity - Porto Alegre - *Correio do Povo*

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Traçado da área central da cidade, segundo o plano de melhoramentos urbanos. p. 33

Figura 2 – Capa do Correio do Povo noticiando os jogos do Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais de 1922. p. 73

Figura 3 – Charge publicada no Correio do Povo ironizando a violência dentro de campo durante os jogos de futebol. p. 128.

Figura 4 – Charge publicada no Correio Povo fazendo referência aos inúmeros casos de comportamento violento por parte dos torcedores nos jogos de futebol. p. 129

Figura 5 – Charge tratando da demora na espera pelos bondes, um dos símbolos da modernidade citadina. p. 130

Figura 6 – Seleção organizada pela FRGD para os treinos preparatórios para o Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais de 1925. p. 152

Figura 7 – Capa do Correio do Povo dedicada ao jogo entre as seleções do Rio Grande do Sul e São Paulo, estampando os rostos dos principais jogadores. p. 160

Figura 8 – Desenho reproduzindo lance de gol em “off-side”. Jogo Entre o Vasco da Gama e o selecionado gaúcho. p. 170

## SUMÁRIO

- **Introdução** . p. 12

**Capítulo 1 – A capital da província torna-se a capital esportiva: Porto Alegre e os esportes modernos.**

1.1 – A modernidade chega a Porto Alegre. p. 30

1.2 – Porto Alegre recebe o Futebol. p. 38

**Capítulo 2 – O Brasil se olha no espelho por meio do futebol: o jornal “Correio do Povo” e o Rio Grande do Sul no Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais.**

2.1 – O campeonato Brasileiro de Seleções – Disputas e aproximações. p. 49

2.2 – O Rio Grande entra em campo – A preparação do selecionado rio-grandense. p. 54

2.3 – O jogo não acabou – ainda os reflexos dos “matches”. p. 78

2.4 – Porto Alegre continua esportiva. p. 91

2.5 – O Brasil no Campeonato Sul-americano de Futebol. p. 98

**Capítulo 3 – O ano olímpico faz cidade olha para si – (ou organizando o vestiário)**

3.1 – Os Jogos Olímpicos no Correio do Povo: reflexos e questionamentos. p. 103

3.2 – Depois das Olimpíadas, os brasileiros se preparam para a luta interna. p. 111

3.3 – O ideal preparo para o esporte: corpo e mente da raça. p. 118

**Capítulo 4: “Está na berlinda o futebol”**

4.1 – O Rio Grande ajusta o esquema, o futebol entra em campo. p. 124

4.2 – Da empolgação à decepção: o jogo continua. p. 148.

**Conclusão.** p.180

## INTRODUÇÃO

Da mesma maneira que grande parte das crianças do Brasil, meu sonho era ser um grande jogador de futebol, mas não para dar pedaladas, floreios sem razão, queria era dar de sola, carrinho, chutão, e com altura de Romário me sentir Mauro Galvão. Embora a realidade se apresentasse de forma mais cruel, não possibilitando a exposição de meu nada raro talento pelos gramados mundiais, o futebol sempre me mostrou mais do que uma bola e alguns jogadores. Sempre fui um privilegiado perante a maioria dos companheiros de time, tinha três refeições por dia, uma bicicleta semi-nova, chuveiro quente e proteína como parte da dieta diária. Assim, um simples treino do time de futebol de Tupanciretã, minha cidade natal, servia para leitura da sociedade que eu fazia parte. Aqueles comportamentos, aquelas práticas, aqueles valores, aquelas perspectivas de vida, tudo me fazia percorrer a trajetória de vida daqueles amigos, por meio do futebol. Hoje, um tanto distante, é possível notar mais que simples comportamentos por vezes estranhos e até engraçados, é possível vê-los como humanos em suas angústias, seus desafios e seus conflitos com aquele mundo que os cercava. Foi desta forma que me convenci que o futebol é muito mais que um jogo, também é História.

A pesquisa aqui apresentada pretende fazer uma análise do futebol em Porto Alegre através do olhar do Jornal *Correio do Povo* sobre os eventos futebolísticos ocorridos nessa cidade, ou que envolviam de alguma forma os porto-alegrenses, entre os anos de 1922 e 1925, mais especificamente os Campeonatos Brasileiros de Seleções Estaduais. Com isso, ambiciona diagnosticar as possíveis tensões sociais que se manifestaram durante a realização desses eventos tendo como foco central a ideia de que o futebol é parte integrante do *processo civilizador* representado pelo advento da modernidade.<sup>1</sup>

Nos primeiros anos do século XX o futebol se popularizava com intensidade, ganhava espaço no cotidiano das cidades brasileiras e servia como cenário das contradições geradas pela modernidade. É importante advertir que nem todas as cidades do Brasil tiveram o mesmo e único agente influenciador das tendências. É ponto de consenso tributar aos ingleses a propagação do futebol pelo mundo. Contudo, dentro de

---

<sup>1</sup> ELIAS, Norbert. Introduccion. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Deporte y ocio em El proceso de La civilizacion**. México. Fondo de Cultura Económica: 1992; e ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor: 1990.

um país geograficamente disperso como o Brasil, foram vários os fatores que auxiliaram a propagação do futebol, pois, juntamente com a influência dos jovens estudantes da elite que regressavam da Europa como a suposta vanguarda civilizatória e com as escolas maristas e jesuítas instaladas no Brasil, é importante observar que a dispersão espacial dos investimentos ingleses pelo território nacional não nos permite indicar um único ponto no território pelo qual o futebol se introduz e se propaga pelo Brasil, embora seja necessário salientar a primazia de São Paulo.<sup>2</sup>

No caso do Rio Grande do Sul, é fundamental ressaltar a via platina de introdução do futebol, como evidencia o estudo de Gilmar Jesus Mascarenhas acima citado. Portanto, por influência de ingleses, platinos, germânicos e brasileiros que retornaram da Europa, o futebol chegou ao Rio Grande do Sul e se instalou com entusiasmo. Esporte de bacharéis num país caracterizado por gigantesca desigualdade social, esporte de brancos em uma sociedade com marcas ainda expostas do escravismo, esporte associado a ícones do progresso e da industrialização numa economia ainda essencialmente agrária, o futebol tornou-se rapidamente um dos ingredientes mais importantes dos debates acerca da modernização e da identidade nacional no Brasil.

Em comemoração ao centenário da independência do Brasil, diversos eventos culturais foram realizados no país em 1922, como a Semana da Arte Moderna em São Paulo; a Exposição universal do centenário e as Olimpíadas do Centenário no Rio de Janeiro, além de desafios esportivos entre as unidades da federação, sendo um desses acontecimentos o I Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais de futebol. Nesta competição, os estados mediriam força nos campos de jogo e provariam uns aos outros o quão estavam avançados e adequados às novas normas da modernidade, pois o futebol já se configurava em importante elemento não só de distinção social, mas de comprovação de estar acompanhando as mais modernas práticas europeias, embora o jogo ainda fosse tema de debate na imprensa, como será exposto e debatido ao longo das páginas a seguir.

Nesta conjuntura, a imprensa tornava-se palco de manifestação de parte da sociedade. No Rio Grande do Sul, esta caracterizava-se pelas fortes tendências políticas, influenciando diretamente na opinião pública local, de acordo com os interesses partidários.

---

<sup>2</sup> JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **A bola na rede e o enredo do lugar: por uma geografia do futebol e seu advento no Rio Grande do Sul**. Tese de doutorado USP. 2001. p. 45.

O Jornal Correio do Povo - fundado em 1895 por Caldas Junior - se propunha, na contra mão dessa tendência, ser, desde sua fundação, uma folha 'apartidária' e de grande credibilidade. Com efeito, já em seu primeiro editorial, o jornal expressava o anseio de ostentar a bandeira da neutralidade política, embora sempre tivesse firmado seu compromisso com as "classes conservadoras" e a moderna ordem social econômica e política. Dessa forma, o jornal atuava como empresa jornalística de sentido moderno, preocupado com os lucros e produzindo para um mercado consumidor que tem suas necessidades próprias.<sup>3</sup>

A tentativa de imposição de padrões de comportamento europeus nas primeiras décadas do século XX, que caracterizaram a importação e principalmente o fortalecimento dos ideais da modernidade e do esforço civilizador, foi fundamental nos debates sociais e políticos do país. O futebol entra no circuito destes debates definidores daquela sociedade e de seus rumos históricos, bem como de suas tensões sociais, relacionando-se diretamente à rápida urbanização, ao crescimento demográfico e, sobretudo, aos aspectos políticos assumidos por diversas instituições esportivas, sejam clubes privados, associações esportivas ou federações de cunho governamental.

Com isso, deseja-se estudar aspectos da sociedade de Porto Alegre colocadas em evidência nas coberturas do jornal Correio do Povo a partir de uma competição de futebol em nível nacional inserido em um contexto social, político e cultural particular para o Brasil, seja pelas transformações, seja pelas continuidades. Em outras palavras, pretende-se neste trabalho responder à seguinte questão: De que forma o jornal Correio do Povo relacionava o futebol, seja como prática esportiva, seja como evento social, ao ideal de modernidade vigente nas grandes cidades brasileiras nas primeiras décadas do século XX, mais especificamente durante a realização dos Campeonatos Brasileiros de Seleções Estaduais durante os anos de 1922 a 1925?

## Quando o futebol justifica sua História

---

<sup>3</sup> Sobre o Jornal Correio do Povo ver RUDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Síntese Rio-grandense. Editora da UFRGS, 1993 e GALVANI, Walter. **Um século de Poder. Os bastidores da Caldas Junior**. Mercado Aberto, 1994. Gerson Fraga em análise sobre a cobertura do Correio do Povo sobre a Guerra Civil espanhola já destacara este aspecto pretensamente moderno e inovador da folha em questão. Ver FRAGA, Gerson. **Branco e Vermelho: a Guerra Civil Espanhola através das páginas do jornal Correio do Povo (1936 – 1939)**. Dissertação de mestrado, UFRGS. Porto Alegre, 2004.

Sua centralidade cultural, na maior parte das sociedades, significa que o futebol tem uma importância política e simbólica profunda, já que o jogo pode contribuir fundamentalmente para ações sociais, filosofias práticas e identidades culturais de muitos e muitos povos.<sup>4</sup>

O futebol pode ser um poderoso instrumento de leitura da história, sendo plausível localizar nele elementos não só referentes à prática esportiva, mas também traços da sociedade, da política ou da economia de um determinado espaço. Neste sentido, torna-se fundamental a ideia proposta por Norbert Elias<sup>5</sup> de que o esporte corresponde e é parte importante do *processo civilizador*, ao apaziguar emoções e internalizar marcas disciplinares. Corresponde porque atua civilizando, com suas normas específicas dentro de campo e suas regras gerais fora das quatro linhas, e é parte integrante do *processo civilizador* porque atua juntamente com outros elementos. Desta forma, o futebol é elemento civilizatório ao lado de outros aspectos da sociedade.

São muitas as potencialidades de estudo do futebol, campo que está em crescimento ainda que não esteja entre os “grandes temas” das pesquisas historiográficas e que ainda sofre com a herança deixada pelos que, por muito tempo, escreveram sobre futebol reproduzindo preconceitos e perpetuando memórias de vitórias de seus times, negligenciando todo o processo histórico da formação do futebol brasileiro.

Conforme o sociólogo Mauricio Murad,

o futebol é o ritual de maior substância da cultura popular brasileira, metáfora privilegiada de nossas estruturas básicas. Estudá-lo é abrir um leque inimaginável de possibilidades temáticas, de trabalho, de pesquisa e de conhecimento em torno da realidade brasileira. Como objeto polissêmico que é, oferece eloqüente expressividade sociológica, que **permite à investigação alcançar nossas questões básicas enquanto povo, enquanto história.**

---

<sup>4</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões.** São Paulo, Nova Alexandria. 2002. p. 8.

<sup>5</sup> ELIAS, Norbert. Introduccion. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Op cit** , pp 31-81

O futebol, como nossa paixão popular e esporte número um, encena um ritual coletivo de intensa densidade dramática e cultural, pleno de conexões múltiplas com a realidade brasileira<sup>6</sup>.

De tal modo, acredita-se que o futebol é representativo da sociedade brasileira e dos seus significados, bem como de suas contradições. Em outras palavras, uma combinação de simbologias por meio das quais podemos estudar o Brasil. Por conseguinte, cremos que é oportuno o estudo proposto nas páginas abaixo, seja pela relevância social deste esporte das multidões, seja por sua possível contribuição à historiografia.

Outrossim, é possível estudar um evento esportivo e ir além das questões explicitamente ligadas a ele, retirando do labirinto das relações sociais e colocando em destaque questões como a identidade regional, a violência cotidiana, o racismo ou os debates relacionados à urbanização, pois, como assevera Jim Sharpe, “o acontecimento social ou individual isolados (...) podem ser estudados para proporcionar uma base para uma compreensão mais profunda daquela sociedade.”<sup>7</sup>

Consequentemente, a análise de um campeonato pode explicar muito mais que uma simples competição esportiva, adentrando nas questões fundamentais de tal sociedade.

Por muito tempo foi discrepante a relação entre a importância do futebol na vida da maioria dos brasileiros e o espaço dado a ele nos estudos acadêmicos. O célebre livro do jornalista Mario Filho “O negro no futebol brasileiro”<sup>8</sup> foi considerado por décadas como se fosse a história do futebol no Brasil, mesmo tratando apenas do futebol carioca, contribuindo, ainda, para que a trajetória deste esporte tivesse aspecto um tanto romântico e adocicado em demasia. Essa visão foi reforçada e ainda é por diversas publicações de memórias de amantes do esporte que buscam registrar os êxitos de seus ídolos e clubes de coração.

Até o fim da década de 1990 foram poucos os trabalhos que tiveram este esporte como foco de análise, sendo notável exemplo a tese de Leonardo Pereira, onde analisa a

---

<sup>6</sup> MURAD, Mauricio **Op cit.** p. 16

<sup>7</sup> SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: Novas perspectivas.** São Paulo, Editora UNESP. 1992. p. 58

<sup>8</sup> FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro. Mauad. 2003



transformação do futebol no Rio de Janeiro de jogo estrangeiro à esporte nacional, bem como a consolidação da participação do negro neste cenário, observando a “cultura não como campo de harmonias e consenso, e sim como meio de efetivação de disputas e embates entre diferentes práticas e tradições”, buscando “na experiência dos sujeitos diversos as múltiplas possibilidades de significado que se engendravam no próprio processo de construção da nacionalidade”. Este trabalho é, sem dúvida, uma referência fundamental sobre o estudo do futebol<sup>9</sup>.

Igualmente, o trabalho de Gisela de Araujo Moura, “O Rio corre para o Maracanã” - a respeito da construção do referido estádio para a realização da Copa do Mundo de 1950 - traz importantes contribuições ao demonstrar a tentativa brasileira de divulgar ao mundo sua capacidade de grandes realizações, bem como o jogo de interesses que envolvia o projeto de fazer do Rio de Janeiro a vitrine do Brasil e polo de irradiação da identidade nacional<sup>10</sup>. Vitor Andrade de Melo, ao estudar os primórdios do esporte na então capital brasileira, analisou o contexto sociocultural do Rio de Janeiro em fins do século XIX, refletindo sobre a apreensão do fenômeno esportivo pelas diversas camadas sociais, assim como a atuação da imprensa na difusão das atividades esportivas<sup>11</sup>.

Nos últimos anos alguns importantes trabalhos foram publicados, como as interpretações sociológicas e antropológicas de Richard Giulianotti, Mauricio Murad e Simoni Lahud Guedes, contribuindo para compreensão do chamado esporte das multidões<sup>12</sup>. De cunho mais abrangente, a instigante obra de Hilário Franco Jr. intitulada “A dança dos Deuses” e a publicação de José Miguel Wisnik, de nome “Veneno Remédio”, são produções recentes que abrilhantam o cenário acadêmico sobre o futebol. Embora Wisnik não concorde com a visão de que o futebol serve de espelho da sociedade em que está inserido - como o faz Franco Jr. - ele reconhece o seu caráter metonímico, sendo possível verificar a dinâmica da sociedade por meio do futebol<sup>13</sup>.

---

<sup>9</sup> PEREIRA, Leonardo. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 18

<sup>10</sup> MOURA, Gisela de Araujo. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro. FGV. 1998

<sup>11</sup> MELO, Vitor Andrade. **Cidade esportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Relume Dumará. FAPERG. 2001.

<sup>12</sup> GIULIANOTTI, *Op Cit*; MURAD, Mauricio **Dos pés a cabeça. Elementos básicos de sociologia do futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996; e GUEDES, Simoni. **O Brasil no Campo de Futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Niterói: EDUFF, 1998.

<sup>13</sup> FRANCO JR, Hilário. **A dança dos deuses: Futebol, sociedade e cultura**. São Paulo, Cia das Letras. 2007; e WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo. Cia das letras. 2008.

Fundamentais contribuições para o estudo da temática foram dadas pelas coletâneas organizadas por Gilberto Agostino e a encabeçada por Francisco da Silva e Ricardo Santos. O primeiro, ao estudar uma periodização remetente à História do tempo presente, analisa as relações entre Estado e futebol, particularmente os estados autoritários, as maneiras de apropriação do prestígio gerado pelas vitórias em esporte de massas. Igualmente, apresenta como algumas seleções nacionais serviram como elementos de coesão e construção ou consolidação de sentimentos nacionalistas<sup>14</sup>. Já a coletânea de textos organizada por Silva e Santos apresenta em seus diversos artigos como futebol, política e sociedade estão interligados, e de que maneira o futebol é importante para a análise da sociedade brasileira<sup>15</sup>.

Os trabalhos acadêmicos sobre futebol no Rio Grande do Sul ainda não são numerosos. O trabalho de cunho etnográfico elaborado por Arlei Damo - no qual estuda o pertencimento clubístico dos torcedores do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, bem como os aspectos simbólicos constitutivos das rivalidades entre os clubes e, igualmente, seus torcedores - é obra de referência na temática. O autor estuda como o pertencimento clubístico pode operar em diversas frentes e de maneiras diversas, transcendendo o universo do futebol e invadindo outras esferas da sociedade<sup>16</sup>.

A já citada tese de doutoramento em Geografia de Gilmar Mascarenhas de Jesus faz uma análise da propagação geográfica do futebol pelo estado, sendo um trabalho de indispensável valor para o assunto<sup>17</sup>. Da mesma forma, é importante a obra de Luis Carlos Rigo, na qual examina, por meio de entrevistas com antigos torcedores e pela imprensa da cidade de Rio Grande, a emergência do futebol na fronteira sul do Rio Grande do Sul, bem como a sua propagação a partir deste lugar para o restante do estado<sup>18</sup>. O recente trabalho de mestrado elaborado por Miguel Stédile estuda como a formação de clubes operários também fazia parte de um projeto de modernização da sociedade, ao mesmo tempo em que servia como construção de espaços de sociabilidades e identidades durante o tempo livre, em uma constante relação de

---

<sup>14</sup> AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional. Mauad, 2002.

<sup>15</sup> SILVA, Francisco C. T. & SANTOS, Ricardo P. (Org.). **Memória social dos esportes. Futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2006.

<sup>16</sup> DAMO, Arlei. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. UFRGS, 1998

<sup>17</sup> JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **Op cit.**

<sup>18</sup> RIGO, Luis Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira**. Pelotas, Ed. UFPEL, 2004.

dominação e resistência entre operários e industriais - que contribuiu para a popularização do futebol<sup>19</sup>.

O breve artigo sobre identidade negra em Novo Hamburgo (RS) de Alexander Kerber, Cláudia Schemes e Magna Magalhães<sup>20</sup>, disponível na revista eletrônica argentina EFdeportes.com, é importante alento aos estudos do futebol e especialmente da identidade em torno deste esporte. Nesta mesma revista outros valiosos textos foram expostos. Essa publicação é interessante espaço para estudos acadêmicos sobre os esportes na América Latina, como prova o artigo do argentino Julio David Frydenberg, no qual analisa a relação entre o espaço urbano e a expansão do futebol nas periferias de Buenos Aires. O referido autor também publicou uma obra de fôlego sobre a história do esporte bretão na Argentina, tratando do surgimento do futebol até sua profissionalização, bem como as relações deste esporte com a formação das sociedades urbanas e os setores populares do início do século XX<sup>21</sup>.

Sobre a participação da população negra no cenário esportivo de Porto Alegre existem poucas produções, como o breve texto de Mascarenhas de Jesus sobre a Liga da Canela Preta, um campeonato exclusivo de jogadores pobres e negros<sup>22</sup>. Sobre o negro e a modernidade em Porto Alegre é fundamental a obra de Eduardo Kersting, na qual, ao analisar a Colônia Africana, antigo bairro habitado por negros e ex-escravos, apresenta formas de tentativa de exclusão desta referida modernidade aos negros da cidade<sup>23</sup>.

---

<sup>19</sup> STÉDILE, Miguel Enrique Almeida. **Da fábrica à várzea: Clubes de futebol operário em Porto Alegre**. Dissertação de mestrado em História Social. UFRGS. Porto Alegre. 2011

<sup>20</sup> KERBER, Alexander, SCHEMES, Cláudia e MAGALHÃES, Magna Lima. **O futebol e a identidade negra em um espaço germânico**. In <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 13 - N° 121 - Junio de 2008. Acessado em 21/10/2010

<sup>21</sup> FRYEDENBERG, Julio David. **Espacio urbano y practica del futbol, Buenos Aires 1900-1915**. In <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital Año 4. N° 13. Buenos Aires, Marzo 1999. e FRYEDENBERG, Julio David. **Historia social Del fútbol. Del amadorismo a la profesionalización**. Siglo XXI, 2012. Também é interessante o artigo de Gerardo Álvares sobre a difusão do futebol em Lima, no Peru. ver ALVARES, Gerardo. **La difusión del fútbol en Lima (1899-1922). Algunos apuntes**. In <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 7 - N° 34 - Abril de 2001. Acessado em 21/10/2010

<sup>22</sup> JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O futebol da *canela preta*: o negro e a modernidade em Porto Alegre. **Anos 90**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, n°11, julho de 1999, pp.144-161.

<sup>23</sup> KERSTING, Eduardo. **Negros e a modernidade Urbana em Porto Alegre: a Colônia Africana (1890– 1920)**. Dissertação de mestrado em História, UFRGS, 1998. A exclusão social na capital gaúcha é analisada por Cláudio Pereira Elmir no artigo “Porto Alegre: a perdida cidade una (Fragmentos de modernidade e exclusão social no Sul do Brasil)”. A respeito das modificações nas cidades são referências importantes as obras de Charles Monteiro tratando das reformas urbanas e a modernidade na capital gaúcha, bem como os trabalhos de Sidney Chalhoub e Cláudia Mauch abordando respectivamente os problemas sociais e urbanos do Rio de Janeiro no período imperial e o acirramento do policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890. Ver ELMIR, Claudio Pereira. Porto Alegre: a perdida cidade

Ainda é fundamental mencionar a tese de doutorado de Gerson Fraga intitulada “A Derrota do Jeca’ na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950”. Neste trabalho o autor analisa a imprensa escrita de diversas capitais do Brasil com o fim de compreender, para além da dinâmica própria do futebol, questões fundamentais do momento sociopolítico e cultural, como a construção do ideal de civilização e a formação do nacionalismo brasileiro<sup>24</sup>.

Uma das produções mais recentes acerca do tema é a obra organizada por João Manuel Malaia Santos e Victor Andrade Melo, abordando as celebrações esportivas do centenário da independência em 1922. Nesse momento o “governo tentava a todo custo criar uma imagem de união, modernidade e paz, tanto para o cenário interno como para o internacional”<sup>25</sup>. A exposição organizada para comemorar o centenário marcava essa tentativa/esforço da construção desse imaginário.

Assim como em outros acontecimentos importantes da vida brasileira, escapou a grande parte dos estudos acadêmicos a realização de um evento esportivo que teve muita popularidade, sendo que este

(...) levou milhares de pessoas a incentivarem ‘seleções estaduais’, celebrando suas vitórias como verdadeiras conquistas da nação. Tratavam-se dos Jogos Olympicos Sul-Americanos do Rio de Janeiro (...) a competição foi organizada pela Confederação Brasileira de Desporto e pela comissão desportiva do centenário, criada pelo governo e presidida por um coronel do exército<sup>26</sup>.

O estudo coloca em evidência a importância do esporte na vida da população e suas relações com diversos aspectos da sociedade brasileira, tal como sua complexidade enquanto elemento definidor de identidades e sentimentos, em especial da cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil e sede dos jogos.

---

una (Fragmentos de modernidade e exclusão social no Sul do Brasil). **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXX, n. 2, p. 105- 119, dezembro 2004; MONTEIRO. **Op Cit.** ; CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: Cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo, Companhia das Letras. 1996 e MAUCH, Cláudia. **Ordem pública e moralidade: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890**. Santa Cruz do Sul: EDIUNISC/ANPUH-RS, 2004.

<sup>24</sup> FRAGA, Gerson W. “A Derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado) 2009.

<sup>25</sup> SANTOS, João Manuel Malaia, MELO, Victor Andrade (orgs). **1922: Celebrações esportivas do centenário**. Rio de Janeiro, 7 letras, Faperj. 2012. p. 11

<sup>26</sup> SANTOS e MELO. **Op. Cit.** p. 11

No primeiro artigo da publicação organizada por Santos e Melo, o pesquisador Mauricio Drumond analisa, do ponto de vista da política, as tentativas de associação por parte do governo de sua imagem ao do selecionado nacional, especialmente o de futebol, “criando estratégias e discursos que dessem ao país a impressão de que os atletas eram efetivamente representantes da nação e que a vitória nos esportes era também a vitória do governo e de seus projetos”<sup>27</sup>.

Na sequência, João Malaia Santos, em seu artigo, faz uma análise da montagem e da estrutura dos jogos do centenário sob o prisma dos “megaeventos esportivos comercializáveis”. Sua atenção maior é dedicada a dois pontos especiais da dinâmica de eventos deste tipo: o torcedor e o estádio. Aspectos estes que são observados por meio da percepção dos jogos de 1922 como “expressão de traços importantes do desenvolvimento capitalista”<sup>28</sup>.

Victor Andrade Melo se dedica ao debate sobre os “projetos de modernidade do país na interface das relações entre Brasil e Portugal, debate que uma vez mais veio à tona no ano do centenário da independência”. Analisando a participação das Forças Armadas no evento, Karina Cancelli afirma que isto “foi também uma estratégia de ressaltar a união entre os militares e passar uma imagem de seriedade, organização, paz e simpatia para com a sociedade”. Flávio Pessoa, juntamente com João Malaia Santos, procura mostrar através de breve análise de parte da imprensa, explorando especialmente charges, a forma como os meios de comunicação faziam duras críticas à ligação do governo com a organização dos eventos e às tentativas de vincular as vitórias esportivas aos interesses políticos<sup>29</sup>.

Ricardo Pinto avalia as grandes contradições nas intenções de apresentar os selecionados nacionais como representantes da nação e do vínculo do discurso de vitória como significado das conquistas do país. Neste intuito, analisou como esses eventos foram recebidos fora da capital federal, em São Paulo, Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre. Almejou, desta forma, uma análise de como estavam estruturadas estas populações, suas representações nos selecionados do Brasil, e o fato de somente atletas de Rio e São Paulo terem composto o time de futebol da CBD. Interpreta, ainda, “os

---

<sup>27</sup> SANTOS e MELO. *Op cit.* p. 12

<sup>28</sup> *Idem ibidem.* p. 13

<sup>29</sup> *Idem.*

discursos acerca dos jogos nessas cidades, inclusive as principais críticas direcionadas ao governo”<sup>30</sup>.

Sem sombra de dúvida, estes eventos do centenário foram um marco na história dos esportes no Brasil e um vigoroso símbolo da projeção interna e externa de uma nação pretensamente moderna.

A partir das contribuições historiográficas disponíveis, torna-se fundamental ponderar a opinião de Hilário Franco Junior segundo a qual a história do futebol não pode ser dissociada da história geral das civilizações<sup>31</sup>. Dessa forma, é viável considerar o futebol como um microcosmo da sociedade brasileira, o que implica reconhecer no esporte mais popular do mundo características da sociedade e do povo brasileiro. Igualmente, objetiva-lo é reconhecê-lo como parte da sociedade e da cultura brasileira<sup>32</sup>.

É importante frisar que apesar da pesquisa aqui proposta não ter como objetivo o estudo da recepção que determinados textos publicados nos jornais têm na sociedade, leva-se em conta para este trabalho que os leitores não são meros receptores do que é escrito pela imprensa e que nem todos os artigos/reportagens alcançam a finalidade inicial pretendida por seu autor, havendo possibilidades diversas e até discrepantes de leitura daquilo que é lido e/ou escrito.

Conforme Roger Chartier, a leitura é uma prática criativa, pois ela produz algo que difere do texto, dada a liberdade criativa dos leitores. Não obstante, chama a atenção para os elementos de coerção que reprimem esta liberdade e para a necessidade de identificar que coerções são essas, as estratégias para imposição de determinado ponto de vista de quem escreve. Logo, para não cairmos em simplificação incorreta, “o restabelecimento de sua verdadeira complexidade exige um exame da relação muito estreita entre três polos: o próprio texto, o objeto que comunica o texto e o ato que o apreende”<sup>33</sup>. Fator fundamental para a prática da leitura e seu significado (compreensão) é o suporte no qual o texto é distribuído, bem como os espaços ocupados pelas matérias nos jornais. Assim, “é fundamental lembrar que nenhum texto existe fora do suporte que

---

<sup>30</sup> Idem. P 14

<sup>31</sup> FRANCO JR. **Op cit.** p. 24

<sup>32</sup> Idem ibidem. p. 14

<sup>33</sup> CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In Hunt, Lynn. **A nova História Cultural**. Tradução. JEFFERSON LUIZ CAMARGO. São Paulo. Martins Fontes. 2006. p. 221

lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seu leitor”<sup>34</sup>.

Considerando o exposto acima, nega-se a ideia de que a imprensa é meramente órgão imparcial e simples informativo dos acontecimentos. Compreende-se a imprensa como “instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social”<sup>35</sup>, especialmente quando o jornalismo de cunho político-partidário passa a ser substituído por um jornalismo que corresponde a uma lógica industrial de produção, estando conectada à ascensão de uma nova classe enriquecida, a burguesia industrial. Pondera-se, na mesma esteira de pensamento alicerçada por Fraga<sup>36</sup>, que o modelo de jornalismo efetuado por nossa fonte principal, o *Jornal Correio do Povo*, instrumento de intervenção na vida social, afluyente das transformações produtivas ocorridas no Rio Grande do Sul no final do século XIX e começo do século XX, pode ser inserido no conceito de “jornalismo integral” recomendado por Antonio Gramsci, segundo o qual

não só pretende satisfazer todas as necessidades (de uma certa categoria) de seu público, mas pretende também criar e desenvolver tais necessidades e, conseqüentemente, em certo sentido, criar seu público e ampliar progressivamente sua área.<sup>37</sup>

Com isso, cremos que o jornal *Correio do Povo*, quando publica determinada notícia, está agindo em duas vias, intencionalmente ou não, na medida que informa sobre determinado assunto que os leitores provavelmente querem saber e ainda cria uma audiência futura para tal acontecimento, além de expressar opiniões e valores.

A partir do exposto nas linhas acima, opta-se como procedimento metodológico adequado para o trabalho com imprensa – para além do fichamento das fontes - a atenção dada ao grau de repetição dos temas a fim de diagnosticar sua relevância. Para este fim, é possível extrair importantes lições para utilização de tal documento nas

---

<sup>34</sup> Idem ibidem. **Op cit.** p. 220

<sup>35</sup> CAPELATO, Maria Helena & PRADO, Maria Lúcia. **O bravo matutino: Imprensa e ideologia: O jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo. Editora Alfa-Omega. 1980, p XIX

<sup>36</sup> FRAGA, Gerson. **Branco e Vermelho: a Guerra Civil Espanhola através das páginas do jornal Correio do Povo (1936 – 1939)**. Dissertação de mestrado, UFRGS. Porto Alegre, 2004. pp 12-13

<sup>37</sup> GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Círculo do livro, SP. s/d. p. 147.

considerações do texto de Tânia de Lucca<sup>38</sup> e no artigo de Cláudio Pereira Elmir<sup>39</sup>. Segundo Elmir, “o jornal jamais pode ser visto como um dado, a partir do qual abstraímos os elementos de uma suposta realidade”. E ainda: “Devemos ter uma leitura intensiva do jornal, quando ler intensivamente é o que acontece com leitores cujo tempo da experiência da leitura não corresponde ao tempo da formulação do jornal”. É importante atentar para o fato de que nem sempre as intenções dos autores dos textos têm total recepção no momento de sua leitura, pois, como enfatiza o autor:

Muitas vezes, a recepção pode não realizar o desejo daqueles que emitiram determinado juízo sobre alguma questão. Devemos levar em conta este tipo de diferenciação para evitarmos concluir através de nossa leitura intensiva relações que o leitor empírico na sua leitura extensiva não estabeleceu com o texto ou com as ideias<sup>40</sup>.

Outrossim, é possível inferir não somente as opiniões e questões que moviam a elite porto alegreense (pois consideramos o jornal um lugar privilegiado para manifestação das elites), como também as demais classes sociais por meio das expectativas e opiniões dessa mesma elite e até mesmo de sua ausência, mas com a consideração da difícil viabilidade de mensurar o poder dessa não presença. Anseios estes que promoviam a exclusão da população pobre dos centros das cidades, e o afastamento dessas classes das práticas e eventos inicialmente destinadas às elites. Um aspecto da modernização da cidade era a tentativa, seja por exclusão, seja por força policial, de imposição de determinados padrões de comportamentos nos jogos de futebol<sup>41</sup>.

A imprensa coloca quase toda a sociedade em visibilidade. Não é afirmado aqui que todas as classes sociais tinham espaço reservado na grande imprensa porto alegreense, contudo não podemos ficar presos a uma leitura superficial dos jornais e enxergar apenas aquilo que os editores queriam que seus leitores notassem. É possível, através da leitura intensiva dos periódicos, resgatar os elementos de coerção presentes em determinados contextos.

---

<sup>38</sup> LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

<sup>39</sup> ELMIR, Claudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas possibilidades metodológicas de seu uso para pesquisa histórica. In: **Cadernos de Estudo**, nº 13. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 1995.

<sup>40</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>41</sup> Sobre a evolução do policiamento urbano, ver: MAUCH, Cláudia. **Op cit.**



Dessa forma, segundo Norbert Elias, ao estudar os fenômenos sociais do futebol, não se deve abordar a temática com o olhar estreito, nem como alguns especialistas que consideram o esporte como se fosse uma instituição social de nossa época que já nasceu assim como é e que existe por si só, independentemente dos demais aspectos da sociedade. O esporte é uma atividade dos seres humanos, tal como a religião e a política, por isso não se deve estudá-lo de maneira isolada.

Debe analizarse el acaecer, el desarrollo y sobre todo los cambios en la estructura de la personalidad, en la sensibilidad respecto a la violencia de los seres humanos que integraban aquellas clases.<sup>42</sup>

Ainda conforme Elias, muitas atividades físicas proporcionam um cenário imaginário das tensões e emoções da vida real. No futebol, isso se dá não somente na prática, mas também os torcedores podem saborear a emoção mimética da batalha que se passa no terreno do jogo, sabendo-se que nenhum dos jogadores receberá algum dano – levando-se em conta um grau tolerável de violência, compatível com as normas de tal sociedade, ou apresentadas pelo *proceso civilizador*.

Na sociedade em geral tem-se poucas oportunidades para a expressão coletiva de seus sentimentos mais vivos, constituindo o estádio de futebol um espaço apropriado para isso. Elias ainda complementa ao afirmar que o esporte tende a se fundir com as tensões da sociedade na qual está inserido. Desse modo, ele serve como “antídoto para as tensões de sobreesforço que a coerção uniforme e constante tende a produzir como características comuns a todos os indivíduos nas sociedades complexas”<sup>43</sup>.

No entanto, não podemos esquecer que o futebol como elemento cultural também tem sua dinâmica própria, tal como nos lembra Pierre Bourdieu ao afirmar que

a história do esporte é um campo relativamente autônomo que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica<sup>44</sup>.

---

<sup>42</sup> ELIAS, Norbert. Introduccion. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Op cit.** p. 49

<sup>43</sup> Idem ibidem. pp. 57 – 59.

<sup>44</sup> BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 137

Complementarmente, Elias dedicou algum espaço em sua obra à discussão da questão do esporte moderno dentro do processo civilizador. No livro publicado juntamente com Eric Dunning, “A Busca da Excitação”, foram adotados os métodos e as teorias do processo civilizador e os dirigiram para o esporte, em especial para o futebol. Conforme os autores, o esporte pode ser utilizado como uma espécie de “*laboratório natural*” para a exploração de propriedades das relações sociais. O Autor demonstrou, assim, como o esporte é parte fundamental do *processo civilizador*, na medida em que pode servir como válvula de escape para as pressões exercidas pela sociedade, bem como servir de recurso pedagógico, pois acaba por impor normas disciplinares que extrapolam o campo do jogo. Em resumo, é possível afirmar que o desenvolvimento dos esportes modernos é um exemplo de processo civilizador<sup>45</sup>.

Já há algum tempo a teoria do *processo civilizador* vem sendo utilizada para entender como a prática do esporte se apresenta como uma questão relevante para o entendimento das relações sociais e do comportamento, dito civilizado, exigido por determinado tipo de sociedade. Segundo Elias:

toda essa reorganização dos relacionamentos humanos se fez acompanhar de correspondentes mudanças nas maneiras, na estrutura da personalidade do homem cujo resultado provisório é nossa forma de conduta e de sentimentos ‘civilizados’. (...) A civilização não é razoável, nem racional, como também não é irracional. É posta em movimento cegamente e mantida em movimento pela dinâmica autônoma de uma rede de relacionamentos, por mudanças específicas na maneira como as pessoas se vêem obrigadas a conviver<sup>46</sup>.

Assim, a reorganização da sociedade brasileira das primeiras décadas do século XX faz com que a própria sociedade demande mudanças no caminho das “normas civilizatórias”, tendo o futebol parte importante neste processo. Essa compreensão torna-se possível devido ao fato que o esporte é inserido no contexto brasileiro no início do século XX como uma nova prática. Entendendo que o *processo civilizador* para Elias é algo que ocorre em longo prazo, a tentativa modernizante brasileira pode ser

---

<sup>45</sup> ELIAS, N. **A busca da excitação**. Rio de Janeiro: Difel, 1997. Op cit. p. 18

<sup>46</sup> ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Formação do estado e civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.2v. p 195

compreendida como ‘esforço civilizador’ – termo utilizado para exemplificar a intenção de introduzir modernos hábitos europeus no cotidiano das cidades – no qual as metrópoles brasileiras sofriam um processo de domesticação do espaço público, resultando em uma gradativa reestruturação, durante a qual as habitações pobres foram “atacadas”. Chegavam também às cidades a energia elétrica, as máquinas, a indústria, o automóvel, o bonde. Conforme afirma Ricardo Lucena:

nesse ambiente, o esporte se caracteriza com uma ação ‘nova’ e própria de uma sociedade em transformação. É considerado, pelas elites, como prática ‘civilizada’, por isso educada e educativa, em contraposição aos jogos tradicionais vistos como parte de uma sociedade colonial e arcaica, fonte de emergência de atitudes rudes e primitivas<sup>47</sup>.

Levando isto em consideração, é neste cenário que a modernidade apresenta e acaba por criar a demanda do processo civilizador, sendo a reestruturação física das cidades e a chegada dos esportes modernos, como o futebol e também o remo, alguns dos símbolos desta conjuntura.

Para o uso da noção de modernidade é importante ir ao encontro de Marshall Berman, que a define como “um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo”<sup>48</sup>.

Há ainda a importante ideia de *unidade de desunidade*. Nas palavras do autor:

A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia<sup>49</sup>.

---

<sup>47</sup> LUCENA, R. **O Esporte na Cidade: aspectos de um esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados/CBCE, 2001. p. 43

<sup>48</sup> BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 24.

<sup>49</sup> BERMAN, Marshall. **Op cit.** p. 24

Logo, cremos que o futebol é apresentado a Porto Alegre pelo advento da modernidade. Inicialmente é considerado uma atividade física e uma prática social adequadas à elite, que passa a se preocupar com a saúde - outra característica da modernidade - mas que não é adequada para os pobres, pois eles alegadamente não compartilhariam os valores de um esporte aristocrático, tornando-se assim, excludente. No entanto, o futebol é acessível aos pobres, negros e demais indesejados da elite, que praticam a mesma atividade desta classe que pretendia o exclusivismo, com as mesmas regras e códigos. Mais ainda, à medida que o futebol é adotado pelas diferentes classes sociais ele passa a receber variadas leituras. Assim, o mesmo futebol é praticado por diferentes classes sociais, com as mesmas regras, mas não necessariamente tem o mesmo significado para estes setores, sendo dotado, desse modo, de múltiplas roupagens.

É indispensável a indicação de Anthony Giddens de que a *modernidade* refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência<sup>50</sup>. Também é adequado, em função do contexto social e político que remete ao recorte temporal proposto neste trabalho, que

quando falamos em modernidade, contudo, nos referimos a transformações institucionais que têm suas origens no Ocidente. (...) Em termos de agrupamento institucional, dois complexos organizacionais distintos são de particular significação no desenvolvimento da modernidade: o Estado-Nação e a produção capitalista sistemática<sup>51</sup>.

Deste modo, é plausível que o Brasil e o Rio Grande do Sul possam ser observados dentro da lógica de construção de um Estado moderno, especialmente se levarmos em conta a então recente República e o turbilhão de seu repensar nos anos 1920, bem como a expansão do capitalismo pelo mundo através das malhas do imperialismo britânico e o crescente capitalismo norte americano após a Grande Guerra.

---

<sup>50</sup> GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo, Ed.UNESP. 1991. P 11

<sup>51</sup> Idem Ibidem. p. 173

Assim sendo, seguindo sugestão de Edward Thompson<sup>52</sup>, parte-se do princípio que esses conceitos não serão analisados ou utilizados de forma pura no decorrer do texto, como tipos ideais pairando sobre a realidade, mas sim aplicados em constante diálogo com os dados empíricos.

O primeiro capítulo deste trabalho servirá para ambientação espacial e temporal, tratando de apresentar a Porto Alegre nos anos 1920 e suas relações com o Brasil. Neste momento, o cenário esportivo da capital gaúcha merecerá esforços, a fim de que seja possível compreender o lugar ocupado pelos esportes modernos nesta cidade e a chegada do futebol no ambiente citadino. A fim do proposto, é necessário apresentar a dinâmica social da capital gaúcha, suas mudanças na estrutura urbana e o cenário cultural porto-alegrense.

No segundo capítulo serão analisados, por meio do jornal *Correio do Povo*, os principais eventos futebolísticos de 1922 que envolveram Porto Alegre, especialmente o primeiro Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais. A finalidade desta escolha é privilegiar o lugar ocupado pelo futebol no cotidiano da cidade, bem como a forma como o jornal o relaciona à conjuntura gerada pela modernidade. Também é objetivo abordar os debates gerados sobre a prática do futebol no dia-a-dia citadino.

A desestruturação das principais entidades esportivas do estado devido à Revolução de 1923 é foco de observação no terceiro capítulo. Igualmente, a repercussão sobre os Jogos Olímpicos de Paris de 1924 e os debates em torno da fraca participação brasileira no evento, a realidade esportiva de Porto Alegre e as inúmeras opiniões acerca de uma suposta função verdadeira dos esportes modernos também serão analisadas nesse capítulo.

No quarto e último capítulo, serão analisadas a coberturas e repercussão da participação do selecionado gaúcho no Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais de 1925. Da mesma forma, o jogo de interesses suscitado por esses eventos, aspecto de uma modernidade em construção e motivo de alteração será objeto de apreciação, bem como as diversas opiniões sobre o tema veiculadas no *Correio do Povo*. Outrossim, versará sobre o papel ocupado pelo futebol, segundo o jornal, no advento desta modernidade.

---

<sup>52</sup> THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 67

## **Capítulo 1 – A capital da província torna-se a capital esportiva: Porto Alegre e os esportes modernos.**

### **1.1 – A modernidade chega a Porto Alegre.**

A partir da segunda metade do século XIX a cidade de Porto Alegre recebeu uma série de melhoramentos significativos, como a construção do Teatro São Pedro, em 1858, tornando-se opção para a vida noturna da cidade, e a fundação da Hidráulica Porto-Alegrense, em 1865, que fornecia água aos domicílios ou nos chafarizes públicos. Também os largos passam por um processo de urbanização através de limpeza, remoção de vegetação e drenagem do terreno, com o posterior plantio de árvores e instalação de bancos para o recreio da população<sup>53</sup>.

Empreendimento relevante para o período também foi a implantação das primeiras linhas férreas ligando Porto Alegre a São Leopoldo e Novo Hamburgo, melhorando a comunicação destes centros que se tornavam cada vez mais importantes. Também crescia, neste momento, a influência da presença alemã na cidade com a prática de esportes como o ciclismo, o remo e o tiro, valorizava-se, do mesmo modo, o rio e os arraiais para passeios e piqueniques.

A colonização alemã também trouxe um novo expoente à vida cidadina, fundando sociedades e clubes congregando a comunidade imigrante. No entanto, a abolição da escravidão, a instalação da ordem republicana, o crescimento das camadas médias urbanas (ligadas à expansão da burocracia estatal) e a imigração maciça de trabalhadores livres que deveriam atender a demanda de braços na agricultura e na indústria nascente, trouxeram alterações na ordem social. No entanto, para o caso do Rio Grande do Sul, esses imigrantes vieram em maior número para pequenas e médias propriedades agrícolas e em um segundo momento, especialmente a partir dos anos 1870, passaram a se inserir no cotidiano citadino.

Essas modificações nas estruturas política, social, e econômica do Brasil resultaram em uma nova etapa do desenvolvimento urbano, ocorrida em meados da

---

<sup>53</sup> Importante referir que a fundação de Porto Alegre está inserida no projeto de expansão dos domínios portugueses ao sul do Brasil. Datada do século XVIII, servira como posto de povoamento e suprimento de produtos para o centro do país, como animais para transporte, couro e carne para alimentação, principalmente para a região de Minas Gerais, grande produtora de ouro. Transformada em capital da província do então Rio Grande de São Pedro em 1773, passou a ser o centro administrativo e receber maior atenção da administração provincial. MONTEIRO, Charles. Porto Alegre: **op cit.** p. 31

década de 1890. Tal conjuntura tornou necessário um reordenamento dos espaços públicos, pois imprimiam um novo dinamismo às relações de convívio cidadão<sup>54</sup>.

Foi vinculado ao novo ritmo das atividades comerciais que Porto Alegre se desenvolveu como centro de distribuição regional de produtos, bem como pólo de comercialização do excedente agrícola gaúcho no mercado brasileiro. O crescimento da malha urbana faz com que esses novos espaços sofressem um processo de revalorização, com insipiente chegada dos serviços públicos, como água, limpeza urbana, calçamento e iluminação. Dessa forma também as camadas médias e estabelecimentos comerciais passaram a se estabelecer nestes novos espaços.

Conforme Charles Monteiro, em 1908 começaram a circular os primeiros bondes elétricos, acompanhados por automóveis particulares e carroças, demandando melhorias na pavimentação das ruas e demais vias. Espaços públicos foram arborizados e iluminados para o desfrute da elite em seus passeios ou para prática de exercícios<sup>55</sup>. Ocorreram ao mesmo tempo as primeiras sessões de cinema, a princípio bastante elitizadas e em um segundo momento de forma mais popularizada, permitindo que ampla parcela da população pudesse freqüentar os cinemas com alguma freqüência, demandando também novos investimentos no setor e crescimento do número de salas na cidade<sup>56</sup>.

Em 1910, a população da cidade alcançou o número de 115 mil habitantes. Em 1914, por encomenda da intendência foi realizado um estudo visando implantar reformas urbanas de impacto no conjunto da cidade, como estavam acontecendo nas principais capitais do Brasil, como no Rio de Janeiro e em São Paulo. As linhas ferroviárias foram bastante ampliadas, alcançando a região da serra e o oeste do estado, contribuindo para um crescimento do comércio e da indústria da cidade sem precedentes. Desse modo, o setor industrial porto alegreense se tornou o mais importante do estado, superando a produção industrial sulina de Pelotas. Ocorreu, da mesma forma, uma importante expansão da vida pública da cidade, onde elegantes cafés eram palco de encontro da burguesia, bem como cinemas e teatros. Frequentar estes espaços era sinal

---

<sup>54</sup> MONTEIRO *op cit.* p. 34

<sup>55</sup> *Idem ibidem.* p. 34

<sup>56</sup> Sobre os cinemas em Porto Alegre ver: STEYER, Fabio Augusto. **Cinema, imprensa e sociedade em Porto Alegre (1896 – 1930)**. EDIPUCRS. Porto Alegre. 2001

de distinção social, um dos signos da pretendida modernidade que se apresentava à cidade brasileiras<sup>57</sup>.

Nos anos 1920, em Porto Alegre, evidenciou-se, com a administração de Otávio Rocha, um processo de mudança da política municipal em relação ao espaço urbano, sendo inserido em uma conjuntura de transformações em âmbito nacional. A crise internacional do pós-guerra elevou o custo de vida, as camadas médias urbanas e o operariado fizeram coro às oligarquias dissidentes, processo que acabou gerando maior instabilidade política não só no governo do estado, mas também no âmbito nacional. As eleições para Governador do Rio Grande Sul, em 1922, culminaram em conflito armado. Contrários a mais uma reeleição de Borges de Medeiros, partidários de Assis Brasil, candidato derrotado, saíram às armas para desestabilizar o governo. O Partido Republicano Rio-grandense, comandado pelo próprio Borges, comprometeu-se em estabilizar o estado promovendo o consenso entre as classes dirigentes, cooptando as forças emergentes e assegurando o controle da força de trabalho no meio urbano por meio da incorporação do proletariado à sociedade moderna, o que significa muito mais do que proporcionar emprego e renda, representa uma intervenção na vida pessoal<sup>58</sup>.

As transformações sociais ocorridas na década de 1920 exigiram modificações na forma de pensar a organização do espaço urbano das grandes cidades de então. Com isso, buscou-se um discurso sobre a cidade no qual a modernidade devia estar inserida, modernidade esta, que segundo Monteiro

está construída a partir do ideário das elites dirigentes, e que se apresenta sob a forma de um projeto social que almejava criar as condições para o desenvolvimento econômico, modernizar a capital do estado em relação às capitais dos estados mais desenvolvidos brasileiros e mundiais, tudo isso, com a manutenção da ordem estabelecida e do status quo da elite dirigente ligada ao PRR.<sup>59</sup>

Desta forma, tanto mudanças na estrutura física da cidade quanto o combate a antigos hábitos foram características importantes destes anos. Durante este período,

---

<sup>57</sup> MONTEIRO, *Op cit.* p. 36.

<sup>58</sup> Idem ibidem. p. 45; Entretanto, é importante ressaltar que a oposição ao governo borgista estava fracionada em diversas facções, sendo os Federalistas o grupo de maior destaque.

<sup>59</sup> Idem Ibidem. p. 48



Porto Alegre passou por transformações em sua estrutura social e econômica. Para isso a burguesia em ascensão buscava a consolidação de determinados valores que fossem ao encontro de seus interesses.



Figura 9 – Traçado da área central da cidade, segundo o plano de melhoramentos urbanos.

O crescimento das relações com o mercado internacional e o desenvolvimento econômico colocava a elite porto-alegrense perante novos padrões de vida e consumo ocasionando uma nova maneira de pensar e viver a cidade. Uma nova forma de viver em espaços públicos, novos padrões de comportamento e sociabilidade impulsionaram a formação de modernos espaços urbanos e a remodelação de antigos ambientes, bem como um novo modelo de cidadão instruído por uma “pedagogia social” amplamente vinculada por meio da imprensa. Assim, este projeto de modernização da cidade atendia aos interesses dos grupos sociais emergentes, bem como da oligarquia dominante, impulsionado pelo desenvolvimento econômico e pelo estabelecimento de um novo imaginário das relações sociais.

No entanto, como mostra o estudo de Monteiro, os esforços monetários destinados à melhoria das condições de vida da população, como obras de água e esgotos, eram bem menores que os recursos que tinham como destino o embelezamento

da cidade, mostrando que estes espaços não eram pensados para o conjunto da população, mas sim planejados para usufruto da elite<sup>60</sup>.

Contudo, a fim de legitimar as intervenções no espaço urbano e a destruição de residências e construções, que não combinavam com o ideal estético pretendido por estas elites, para a abertura de novas avenidas e o alargamento de ruas antigas, foi necessário basear-se no discurso que advogava os benefícios estéticos e higiênicos para a população diretamente afetada por estas operações, procurando inserir as classes populares no conjunto dos novos valores que a modernidade apresentava às classes dirigentes. O combate contra a vadiagem, a mendicância, o jogo, a prostituição, o alcoolismo, a infância abandonada e os cortiços eram bandeiras dessas elites que pretendiam modernizar Porto Alegre e estabelecer novos padrões de vida e valores para a cidade, como:

o trabalho como elemento de grandeza moral, fator de progresso e obrigação social, a operosidade, a higiene pessoal e dos espaços de convívio social, a intimidade familiar, a boa aparência, o cultivo de uma moral reta, o conforto material, a previdência, a economia, etc...<sup>61</sup>

Com isso pretendia-se a criação do “homem novo” dotado do senso de responsabilidade, trabalho e respeitador da ordem. Nesta conjuntura, a prática de atividades esportivas vai ao encontro desses ideais de remodelação dos hábitos populares e da estrutura urbana da cidade.

Este fenômeno, longe de ser um evento local, tem seu início na Europa no século XVIII e expandiu-se por grande parte do mundo com a penetração de valores e padrões de vida de um modelo de civilização europeu na periferia do mundo capitalista. Este processo em curso no Brasil foi analisado por Sidney Chalhoub para o caso do Rio de Janeiro, Margareth Rago para o caso de São Paulo e também para o caso argentino, mais especificamente Buenos Aires, Julio Frydenberg analisou a relação entre a urbanização da cidade e o crescimento dos clubes de futebol da cidade portenha. Para o caso porto alegreense os estudos do já citado Charles Monteiro e Claudia Mauch são

---

<sup>60</sup> MONTEIRO, *Op cit.* p. 52

<sup>61</sup> Idem *ibidem.* p. 81

referências fundamentais<sup>62</sup>. Igualmente, a dissertação de mestrado de Carlos Eduardo Torcato analisando o combate oficial ao jogo do bicho, também abrilhanta o cenário acadêmico sobre o tema<sup>63</sup>.

Por conseguinte, Porto Alegre passou a ter uma vida urbana agitada. Crescimento demográfico, industrialização, cinemas, teatros, competições de remo, provas de turfe e os jogos de futebol coloriam o cotidiano da cidade. Já em 1925, Porto Alegre tinha uma população estimada em 200 mil habitantes, número bastante considerável para a época, mas que, no entanto, gerava as demandas de transformações urbanas já mencionadas. Com esse crescimento veio também suas contradições e a consequente formação de um discurso de limpeza da cidade, regeneração da sociedade e renovação dos hábitos adequados à vida moderna. Entretanto, as elites urbanas das grandes cidades brasileiras tinham que lidar com uma indesejável realidade, como alerta Hilário Franco Jr.

(...) as cidades – verdadeiros centros amplificadores de tensões – promoviam um indesejável compartilhamento de espaços públicos. Elas se transformaram em palcos de manifestações políticas e culturais inconvenientes das camadas médias, do proletariado e dos demais setores subalternos. (...) As demandas sociais, abafadas pela estrutura política da República, encontravam nas cidades ambiente para sua expressão e proliferação.<sup>64</sup>

Assim, esta concepção de cidade está relacionada à intensa batalha pela moralização dos hábitos e costumes das classes populares que a burguesia pretendia realizar no meio urbano, juntamente com as autoridades políticas, elaborando um novo cidadão, saudável, bem vestido, adepto da moral burguesa, livre do vício do jogo e da bebida, enfim, adequado às novas exigências da cidade moderna.

Então, em um contexto de intensas modificações estruturais da cidade a sociedade é influenciada por essa onda. Segundo Marshall Berman,

---

<sup>62</sup> CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque***. Editora da Unicamp, Campinas, SP. 2001; RAGO, Margareth. **Do cabaré ao Lar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil: 1890 – 1930**. Rio de Janeiro, Paz e terra. 1985; FRYDENBERG. *op cit*; MONTEIRO. *op cit* e MAUCH. *op cit*.

<sup>63</sup> TORCATO. Carlos Eduardo. **A repressão oficial ao jogo do bicho. Uma historia dos jogos de azar em Porto Alegre (1885 – 1917)**. Dissertação de mestrado em História Social. UFRGS. 2011

<sup>64</sup> FRANCO JR. *Op cit*. p. 65 - 66

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, (...); a industrialização da produção, (...); cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; (...); rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano, (...) enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial drasticamente flutuante, em permanente expansão. No século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser, vêm chamar-se “modernização”.<sup>65</sup>

Assim, Berman assevera que no século XX o processo de modernização se expandiu a ponto de abarcar praticamente todas as regiões do mundo, espalhando juntamente com suas conquistas técnicas todo um novo modo de viver a realidade, destruindo antigos hábitos, criando novos padrões de comportamento. Embora nesse ponto seja fundamental a observação que muitos dos antigos valores das sociedades permanecem e alguns são até mesmo fortalecidos com o advento da modernidade.

Em mesmo sentido, Anthony Giddens ressalta o caráter globalizante da modernidade, “Que significa mais do que uma difusão das instituições ocidentais pelo mundo. A globalização, processo de desenvolvimento desigual que tanto fragmenta quanto coordena, introduz novas formas de interdependência mundial.”<sup>66</sup>. Desse modo, é possível aferir que a modernidade apresenta diversos caminhos e que em cada sociedade absorve características locais, ao mesmo tempo que carrega consigo todo um complexo de códigos da pretensa modernidade.

Com isso, é plausível a consideração do autor segundo a qual

A modernidade é inerentemente globalizante, e as conseqüências desestabilizadoras deste fenômeno se combinam com a circularidade de seu caráter reflexivo para formar um universo de eventos onde o risco e o acaso assumem um novo caráter. As tendências globalizantes da modernidade são extensionais e intensionais – elas vinculam os indivíduos a sistemas de grande escala como parte da dialética complexa de mudança nos pólos local e global.<sup>67</sup>

---

<sup>65</sup> BERMAN. *Op cit.* p. 25.

<sup>66</sup> GIDDENS. *Op cit.* p. 173.

<sup>67</sup> *Idem ibidem.* p. 175.

Assim, essas ideias são fundamentais para compreensão dos fenômenos ocorridos nas grandes cidades brasileiras do início do século XX. Para o caso de Porto Alegre, as demolições de cortiços, barracos e construções não alinhadas com o ideal da burguesia para construção de novas praças e largas avenidas representavam, de forma não só simbólica, o processo de destruição dos valores e costumes desta sociedade, considerados ultrapassados, bárbaros, em busca de uma modernização aos moldes das grandes cidades do Brasil e do mundo. Nelas, é possível notar também, a projeção dos ideais burgueses de normatização e controle da sociedade, amplamente divulgados e debatidos na imprensa da cidade. Nesse cenário da modernidade permanece o ideal de controle da sociedade por uma pequena parte dela, impondo novas formas de sociabilidade ao mesmo que mantém o ideal da elite controladora dos interesses e bens públicos.

Segundo Monteiro, estas obras de modernização exigiam

o arrasamento de tudo que se identificasse com o velho, o tradicional, o antigo, fossem prédios (como os cortiços ou casas de madeira), costumes ou qualquer coisa, em nome da construção desses novos espaços radicalmente novos que atendia às necessidades do desenvolvimento econômico, aos caprichos da nova estética urbana e à criação de novos espaços de sociabilidade pública em conformidade com esse ideal de modernidade.<sup>68</sup>

Assim sendo, estas transformações trazem consigo a consolidação de uma nova estética das sociabilidades públicas e do urbano, reforçada por uma pedagogia de pressão e controle sobre as classes populares, consolidando, igualmente, aos novos valores e hábitos apresentados à burguesia por meio das relações comerciais e financeiras com os países capitalistas centrais. De tal modo, em prejuízo das formas tradicionais de sociabilidade, impõem-se novas maneiras de viver a cidade, sobretudo na área central, foco maior da administração pública. Era por meio dos jornais que tais campanhas contra o jogo, o alcoolismo, a vagabundagem e demais formas de vida não alinhadas com o novo ideário de modernidade, procuravam legitimar também a expulsão das práticas e das vozes dissonantes da nova ordem estabelecida, de uma modernidade elitista e excludente, ancorada numa pretensão da elite de organizar,

---

<sup>68</sup> MONTEIRO. *Op cit.* p. 116

planejar e disciplinar a sociedade como um todo, especialmente as camadas populares gradualmente inseridas como força de trabalho na cidade. Tratava-se, então, de criar uma nova figura de cidadão, trabalhador, econômico, ajustado e voltado à intimidade do lar.

Em meio ao turbilhão da vida moderna, as práticas esportivas ganharam espaço, adequando-se às novas normas de sociabilidades. O turfe e o remo detinham a preferência dos moradores de Porto Alegre no início do século XX, sendo que suas competições eram importantes eventos sociais, não só esportivos. O cuidado com a saúde, com a beleza e com a harmonia das formas humanas eram atributos adequados aos homens modernos. E baseados nesses princípios, principalmente a juventude, passou a praticar esportes, não só os dois supracitados, mas também o ciclismo, a natação e especialmente o futebol, demonstrando, dessa forma, adequação e proximidade com os hábitos europeus e, conseqüentemente, modernos.

## **1.2 – Porto Alegre recebe o Futebol**

Foi por muito tempo atribuído aos ingleses e posteriormente às elites do Rio de Janeiro e São Paulo a propagação da prática do futebol pelo restante do Brasil. Atribuir o início deste processo a um indivíduo, Oscar Cox no caso do da capital carioca e Charles Miller para o caso paulistano, não só empobrece como simplifica exageradamente a História do futebol no Brasil. Esta visão foi, por muito tempo, reforçada por um olhar personalista da História e pelas publicações, muitas vezes pelas mãos de jornalistas e amantes do esporte, que reforçaram a ideia do Rio de Janeiro e São Paulo como os únicos centros irradiadores de toda cultura nacional e, desta forma, seriam nestes lugares que nasceria a cultura brasileira. Esta produção da memória em torno deste modelo de História do futebol ainda hoje é cultuada, como mostra o Museu do Futebol no Estádio Pacaembu, em São Paulo, que ainda atribui à Charles Miller o título de pai do futebol brasileiro.

Segundo Leonardo Pereira, no Rio de Janeiro, antes do surgimento da figura de Cox, já se praticava o futebol em algumas escolas da elite, em clubes formados por

ingleses e ainda em exhibições de marinheiros estrangeiros na região do cais do porto.<sup>69</sup> José Moraes dos Santos Neto afirma que, apesar de Charles Miller ter importante papel na difusão do esporte entre parcela da elite paulistana, não é possível atribuir a responsabilidade pela introdução e muito menos pela popularização do futebol a iniciativas individuais<sup>70</sup>. No entanto é ponto de consenso que é por meio das elites que o futebol se apresenta com alguma importância para a sociedade brasileira, sendo posteriormente absorvido pelas demais camadas sociais.

Outrossim, essas trajetórias não bastam para compreender o processo histórico do futebol brasileiro. É necessário deixar de lado esses mitos fundadores, investigando o íntimo do processo de transformação do futebol de uma prática da elite letrada anglo-brasileira pra uma prática amplamente popularizada nos diversos segmentos sociais, bem como a construção dos sentidos que envolve o futebol dentro do contexto social nacional.

A produção historiográfica brasileira ainda apresenta importantes lacunas quando o assunto é o desenvolvimento do futebol fora do eixo Rio-São Paulo. Para o caso do Rio Grande do Sul é altamente insuficiente a explicação de que foi por meio do pretense centro de irradiação cultural do Brasil que ocorreu este fenômeno, como mostra a excelente tese de doutoramento de Gilmar Mascarenhas de Jesus. Segundo esse estudo, o futebol se instalou no Brasil de forma peculiar e dispersa, não através de um pólo único, sendo incursões independentes e territorialmente desconectadas entre si, embora exista uma conexão externa por meio da origem desta prática esportiva. Não obstante inexistam um centro monopolizador da propagação do futebol no Brasil, é pelo extenso litoral a principal ligação com o mundo externo e por aí “penetram não apenas números produtos da indústria inglesa, mas também os valores e comportamentos considerados civilizados, entre os quais, a prática esportiva.”<sup>71</sup>

No Rio Grande do Sul, a difusão espacial do futebol foi feita com certo êxito entre 1900 e 1920, sendo um dos primeiros estados brasileiros a adotar e organizar uma competição que abrangia praticamente todas as regiões do seu território. Este sucesso na

---

<sup>69</sup> PEREIRA, Leonardo. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro**. Dissertação de mestrado – UFRJ. 1998. P. 21

<sup>70</sup> SANTOS NETO, José Moraes. **Visão do jogo – primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo, Cosac & Naify, 2002. P. 30

<sup>71</sup> JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **Op cit.** p. 46

propagação territorial do futebol está intimamente relacionado à influência da região platina, especialmente de Montevideú.

Conforme aponta o estudo de Jesus, a formação histórica do Rio Grande do Sul tem papel relevante neste processo, sendo indissociável da realidade geográfica platina e não algo externo que se estabelece relações. Dada a unidade cultural e econômica da região fronteira, deve-se estudar o advento do futebol no estado levando em conta a “unidade platina”, manifestada nos diversos campos da vida social<sup>72</sup>. Logo, esta estreita vinculação condicionará também a vida cotidiana, afetando igualmente e inevitavelmente o futebol, o que torna essencial uma breve apresentação do desenvolvimento do futebol nestas regiões.

Buenos Aires já era uma cidade populosa, contando com cerca de 950 mil habitantes no início do século XX, onde as elites adotavam o ideal europeu de civilização, influenciados por cerca de 40 mil ingleses que residiam na capital argentina nesse momento e que fundaram os primeiros clubes de futebol. Conforme Julio Frydenberg, o processo de urbanização da cidade e a chegada da modernidade impulsionaram o desenvolvimento do futebol, juntamente com as ferrovias que levaram o esporte para o interior do país e para a região fronteira, deixando também de ser uma prática exclusiva dos ingleses e da elite argentina para se inserir nas demais camadas sociais. Como afirma o historiador argentino, a difusão da prática do futebol entre os grupos sociais não conectados com a colônia inglesa e a elite crioula ocorreu na primeira metade do século XX, tendo como sintoma mais significativo uma grande quantidade de clubes específicos de futebol<sup>73</sup>.

Na capital uruguaia, igualmente, os negócios ingleses influenciaram decisivamente na transmissão cultural, bem como a urbanização e o crescimento populacional. Segundo Jesus:

É sobretudo nos primeiros anos do século XX que o futebol se disseminará pelas pequenas cidades do interior do Uruguai, até atingir

---

<sup>72</sup> Mesmo embora seja fundamental ressaltar a “unidade platina”, não é possível mensurar um único modo de vida e sociedade em ambos os lados da fronteira. Da mesma forma, considerar a fronteira, ou o rio no caso da fronteira com a Argentina, um elo sem interrupções é negligenciar a força dos poderes públicos ao consolidar essa divisão. Logo, tal como as ideias cruzam as fronteiras, elas perdem algumas características e ganham novas cores em função das características locais.

<sup>73</sup> FRYEDENBERG, Julio David. **Historia social Del fútbol. Del amadorismo a la profesionalización.** Siglo XXI, 2012. p. 47.



a fronteira com o Rio Grande do Sul. Se na Argentina o futebol percorreu os trilhos das ferrovias que ‘civilizaram os pampas’ (...), no Uruguai este processo de difusão espacial se utiliza também das ferrovias e se estende à Campanha Gaúcha, para além do território nacional uruguaio, área de plena influência urbana de Montevideo. Tais conexões propiciaram as vias ‘platinas’ de penetração do futebol em terras riograndenses.<sup>74</sup>

Neste sentido, o autor mostra como as cidades de Santana do Livramento e de Uruguaiana foram influenciadas pelas culturas dos fronteiriços Uruguai e Argentina, respectivamente. Importante nesse processo foi a disposição da malha ferroviária da banda oriental do Rio da Prata que alcançava a fronteira com o Rio Grande do Sul, trazendo consigo:

grande afluxo de quadros técnicos provenientes da Grã-Bretanha, para manutenção/expansão das vias e máquinas. Considerando-se que neste mesmo período o futebol já havia se popularizado nos grandes centros industriais britânicos, pode-se imaginar a ampla contribuição dos técnicos na introdução e difusão deste esporte entre operários ferroviários e comunidades dispersas ao longo da zona de cobertura da malha ferroviária.<sup>75</sup>

Desta forma, face à precariedade da comunicação entre a fronteira e os principais centros urbanos gaúchos, a cidade de Montevideu tornou-se pólo para esta região. Conforme Jesus, sem dúvida, este pedaço do Brasil estava amplamente mergulhado na área de influência de Buenos Aires e Montevideu. O crescimento industrial e urbano dessas principais cidades fronteiriças proporcionou a inserção do futebol no cotidiano citadino, pois as metrópoles com as quais estas cidades mantinham maior relação já eram centros futebolísticos de expressão. Levando em conta que no Brasil do início do século XX apenas em poucos centros urbanos portuários se praticava futebol com alguma regularidade, como em São Paulo, Belém, Rio de Janeiro e Rio Grande, as cidades mais afastadas desses centros teriam pouquíssimas chances de dispor de informação sobre a prática do futebol.

---

<sup>74</sup> JESUS, Gilmar Mascaranhas de. A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul. In <http://www.efdeportes.com> · Año 5 · Nº 26, acessado em 10/04/2013.

<sup>75</sup> Idem ibidem.

Considerando-se sua localização, distante dos grandes centros urbanos nacionais, das zonas portuárias mais dinâmicas ou de outras atividades potencialmente aglutinadoras de agentes britânicos (minas, grandes fábricas, etc.), Livramento certamente estaria alijada do mapa do futebol no Brasil no início do século. Não fosse, é claro, a forte conexão com Montevideo.<sup>76</sup>

Com isso, o autor destaca a via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul, intimamente conectada com a formação histórica do território sulino e da própria região do Rio da Prata. Outrossim, reforça sua ideia inicial de multiplicidade de pólos propagadores do futebol no território brasileiro.

Juntamente com a via platina, foi por meio da elite do sul do estado, que viajava para a Europa, que o futebol também ingressou no território gaúcho. A inicial empatia pelo futebol, geralmente iniciada nas terras estrangeiras, ocorria quando a elite tinha a oportunidade de viajar, seja a negócios, seja a passeio, ou quando seus filhos iam estudar na Europa, e ao retornarem às suas cidades de origem

além de camisas de seda, da literatura e das novidades europeias do ano (o corte de cabelo, as palavras mais usadas, os costumes e hábitos corporais em moda), alguns desses seletos filhos da elite da região trouxeram também informações, material apropriado e um certo conhecimento prático do futebol.<sup>77</sup>

Como este esporte já estava presente no tempo de lazer de boa parte da elite europeia, era visto e recebido como parte do comportamento e do modismo europeu. Assim, Luis Carlos Rigo ressalta:

A emergência, a gênese e as formas de proliferação do futebol brasileiro na zona sul do Rio Grande do Sul terá então os rastros desta dupla linhagem platina/ europeia. Diferente do que ocorreu no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde o viés europeu foi uma influência quase

---

<sup>76</sup> JESUS, Gilmar Mascaranhas de. A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul. **Op cit.**

<sup>77</sup> RIGO, Luis Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira**. Pelotas, Ed. UFPEL. 2004. p. 64

exclusiva, o futebol daqui desenvolveu-se e alastrou-se materializando os cruzamentos culturais de fronteira, o que deu a ele um rosto híbrido, marcado por tensões, pela diversidade cultural, pela multiplicidade.<sup>78</sup>

E é a partir dessa região, segundo Arlei Damo, que, o futebol começou a ser irradiado no Rio Grande do Sul. Esse esporte, até 1903 era praticamente desconhecido em Porto Alegre, apesar da grande diversidade de ofertas esportivas existentes na cidade. O município de Rio Grande já tinha um cenário futebolístico bastante avançado, sendo o Sport Club Rio Grande o principal clube, fundado em 1900, que excursionava pelas demais cidades do estado realizando diversas exhibições de futebol<sup>79</sup>. E foi desta forma que a capital gaúcha foi apresentada ao futebol, quando em 1903 recebeu uma excursão da equipe de Rio Grande. O saldo foi positivo, pois na sequência fora fundado os dois primeiros clubes de futebol de Porto Alegre, o Grêmio e o Fussball, com majoritária participação dos descendentes alemães da cidade<sup>80</sup>.

No início do século XX, o ciclismo, o remo, as carreiras de cavalo e outras modalidades esportivas eram praticadas intensamente na capital, especialmente pela colônia germânica, que muito contribuíra para a propagação das práticas associacionistas e do hábito de praticar esportes entre os porto-alegrenses. Até o ano de 1909, o Grêmio e o Fussball praticamente monopolizaram as práticas do futebol na cidade, cenário que só foi modificado em 1910 com a criação da primeira Liga Porto Alegrense de Futebol<sup>81</sup>. Com isso, segundo Damo, “o futebol deixaria, paulatinamente de ser um simples atestado de que a modernidade chegara a Porto Alegre para se incorporar ao cotidiano de seus habitantes”. Para isso foi fundamental a participação efetiva dos descendentes alemães, pois “deram aos clubes a ossatura administrativa e balizaram os parâmetros éticos e estéticos do gosto esportivo e futebolístico no Rio

---

<sup>78</sup> Idem ibidem. p. 67

<sup>79</sup> O Sport Club Rio Grande ainda sustenta o título de time de futebol mais antigo em atividade no futebol brasileiro, sendo a data de sua fundação instituída pela Confederação Brasileira de Futebol como o Dia do Futebol.

<sup>80</sup> DAMO, Arlei. Excertos de uma história social do futebol gaúcho e sua especificidade em reação ao Brasil. In: **Verso e Reverso**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, ano XVI, nº 34, 2002

<sup>81</sup> A recente dissertação defendida por Ricardo Soares ilumina o cenário do estudo do futebol em Porto Alegre. Soares demonstra que apesar dos clubes citados serem de suma importância para propagação do futebol na cidade, outros diversos times de futebol já existiam, praticando jogos de futebol ainda de que de forma esporádica. Ver: SOARES, Ricardo. **O FOOT-BALL DE TODOS: Uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903 -1918**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2014.

Grande do Sul”<sup>82</sup>. Igualmente ao lado dos teuto-brasileiros foi fundamental para o desenvolvimento esportivo de Porto Alegre o ideário do positivismo, o que não é nenhuma novidade, especialmente no Rio Grande do Sul que foi governado por cerca de quarenta anos por adeptos dessa filosofia, tendo esta administração relação direta também com a propagação da Educação Física.

Na segunda década do século XX, como já exposto, Porto Alegre passou por alterações em sua estrutura social e econômica. A crescente burguesia porto-alegrense em ascensão buscava a concretização de ideais de cidade e sociabilidade que fossem adequados aos seus propósitos modernizantes. Assim, tanto mudanças na estrutura física da cidade quanto o combate a antigos hábitos foram marcas importantes desta década.

Nesse começo de século a capital gaúcha tinha uma vida urbana agitada. Crescimento demográfico, industrialização, cinemas, cafés, teatros, competições de remo, de ciclismo, concorridas provas de turfe e mais tarde os jogos de futebol ditavam o cotidiano da cidade que tomava a frente do estado em poder industrial, ultrapassando a cidade de Pelotas que detinha esse posto. Esse desenvolvimento carregava consigo uma série de contradições e a conseqüente formação de um discurso de limpeza da cidade, regeneração da sociedade e renovação dos hábitos adequados à vida moderna.

O cotidiano esportivo da cidade era agitado, natação, remo e o turfe eram os esportes preferidos no começo do século XX. Embora o futebol tenha chegado à capital no começo deste século, foi somente entre 1915 e 1930 que se popularizou plenamente. Foi também esse período um momento crucial do crescimento urbano. A ordem burguesa se instalava no espaço citadino sob o signo da modernidade: higiene e disciplina eram alguns dos novos *valores adequados* aos espaços públicos de uma cidade que se pretendia moderna e civilizada. A gradativa retirada dos pobres da área central e o acirramento do policiamento cotidiano são alguns dos elementos da modernidade porto-alegrense. Para este ideal da elite da cidade, não há lugar para os negros e pobres. Esporte que deveria servir com meio de distinção social, o futebol foi apropriado e ressignificado pelas diversas camadas sociais evidenciando algumas

---

<sup>82</sup> DAMO, Arlei. Excertos de uma história social do futebol gaúcho e sua especificidade em reação ao Brasil. p. 83.

contradições da modernidade, colocando negros e brancos, pobres e ricos nos mesmos eventos, seja na prática do esporte ou na torcida.

Nesses anos 1920, Porto Alegre já possuía diversas competições diferentes de futebol, o que fazia desse esporte um dos aspectos relevantes do cotidiano da cidade e que ganhava cada vez mais espaço nas páginas dos jornais, como reflexo dessa importância. Duas dessas ligas eram ocupadas por membros das classes médias e altas da cidade, mas a população negra e pobre não ficava de fora desse cenário, organizando um campeonato próprio para prática do futebol, a chamada Liga Nacional de Foot-ball Porto-Alegrense. Conforme Gilmar Mascarenhas de Jesus, em artigo sobre a referida liga de futebol, no momento em que

o futebol se populariza plenamente em Porto Alegre, o projeto de modernidade e toda a ideologia racista estão em pleno vigor, de forma que não resta ao negro outra alternativa para a prática do futebol senão a formação de uma liga exclusivamente composta por elementos descendentes dos escravos africanos. Neste sentido, em Porto Alegre, temos a Liga Nacional de Futebol Porto Alegrense, pejorativamente conhecida (e divulgada pela imprensa branca, como *Liga da Canela Preta*.<sup>83</sup>

Os registros acerca dos “canelas pretas” são escassos, não existindo arquivos oficiais e as referências que são mencionadas na imprensa são igualmente insuficientes para análise profunda e necessária de tal organização. No dia 13 de maio de 1920, encontramos nas páginas do Correio do Povo, uma breve nota sobre o início do campeonato da “Liga Nacional de Foot-ball Porto-Alegrense”, sem muitas referências. No entanto, a notícia afirma ser uma liga de “times de segunda linha” e o mais importante não está no jornal, mas sim na própria data do jogo inaugural, o 13 de maio, dia da Lei Áurea, que libertara todos os escravos do Brasil em 1888.<sup>84</sup>

Apesar de não ser possível localizar muitas referências da Liga Nacional (Canela Preta) nas páginas do Correio do Povo, algumas pequenas notas são consideráveis, especialmente no ano de 1920. O jornal reclama que a Liga não possuía árbitros que

---

<sup>83</sup> JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. **Anos 90**. Porto Alegre. p. 145

<sup>84</sup> “Liga Nacional de Foot-ball Porto- Alegrense”. Correio do Povo, 13 de maio de 1920. p. 6

soubessem as regras do futebol, o que permitiria que casos de violência ocorressem durante os jogos. Entretanto, a violência nas partidas não era exclusividade dos jogos da Canela Preta, nem dos times pobres da cidade, sendo um fato corriqueiro durante os eventos de futebol, até mesmo da Associação Porto-Alegrense de Desporto, o campeonato dos clubes de elite da cidade. Assim, no mesmo dia que se registra a reclamação da falta de preparo dos juizes da Liga Nacional, a APAD anunciava reunião para tratar dos casos de violência ocorridos em seus jogos. No bojo das discussões acerca da violência, o Grêmio anunciou que iria cercar o seu gramado para evitar as constantes invasões de campo ocorridas em seus jogos; o Correio do Povo reclamava da “desvirtuação do ideal do sport” e da falta de educação de jogadores e torcedores, e mesmo assim, um Gre-nal pelo campeonato da APAD terminou em violência, com briga entre jogadores e invasão do *ground*, caracterizando mais um “sururu em campo”<sup>85</sup>.

Mesmo as pessoas que não admiravam o futebol, acabavam por freqüentar os estádios em virtude dos jogos terem se tornado um evento social. Foi o caso do escritor Roque Callage que, em artigo de capa do Correio do Povo, intitulado “No reino das torcedoras”, explica o porquê de ter ido a um jogo de futebol, mesmo sem apreciar o esporte. Nessa crônica, conta que certa vez foi a um determinado jogo por ser um grande evento social e por seus amigos também irem, mas que não pretendia mais voltar a tal evento. Ao ir ao estádio e escolher sua parcialidade passou a ser xingado por torcedoras que tinham simpatia pelo outro time e com o desenvolver do jogo passaram a atirar objetos no escritor, que revidou verbalmente. As torcedoras, por conseguinte, se exaltaram e agrediram Callage, que perdeu sua cartola ao ter que sair correndo do estádio. Com isso, prometia nunca mais voltar em um “ground” de futebol<sup>86</sup>.

Ao mesmo tempo o futebol gerava grandioso entusiasmo em outra parcela da população que se aglomerava em frente à redação do Correio do Povo a fim de saber as notícias sobre os jogos do Campeonato Estadual. Assim ocorrera quando o Grêmio, campeão da APAD, fora disputar um jogo do estadual diante do Guarany de Bagé, quando “considerável numero de sportmem e gentis torcedoras” lotaram o salão do

---

<sup>85</sup> “Campeonato da liga” e “Reunião da APAD”. Correio do Povo, 25 de maio de 1920. p. 8.

<sup>86</sup> “No reino das torcedoras”. Correio do Povo, 09 de julho de 1920. p. 1.

jornal para acompanhar as notícias enviadas pelo telégrafo em intervalos de 5 minutos, diretamente do local do jogo<sup>87</sup>.

O ano seguinte é ainda mais marcante para o futebol. Na esfera nacional registrou-se a realização de mais um Campeonato Sul Americano de Futebol, dessa vez na Argentina, repercutido de forma intensa na imprensa e ocupando páginas inteiras do Correio do Povo<sup>88</sup>. A concretização de mais um campeonato gaúcho dava a cor local ao desenvolvimento do futebol da província, envolvendo maior número de times e regiões do estado. Além do mais, um maior cuidado na organização do estadual era evidente, como a venda antecipada de carnês de entradas para todos os jogos finais: “a exemplo dos grandes centros sportiviivos serão vendidos cartões para os seis jogos a razão de 15\$000 cada um”, sendo que os preços individuais variavam entre 1\$500 e 3\$000, quando o preço médio dos cinemas era algo em torno de 1\$000<sup>89</sup>.

A final do campeonato gaúcho entre Grêmio e Brasil de Pelotas teve um público de mais de 10 mil pessoas, demandando página inteira do jornal, com fotos e detalhes da partida que teve convite especial para o presidente do estado Borges de Medeiros e demais autoridades. Igualmente, fora dos gramados, a Federação Rio Grandense de Desporto organizou o “Congresso de Foot-ball”, concomitantemente ao campeonato estadual, a fim de debater a atualidade do futebol e o futuro do esporte bretão<sup>90</sup>.

Desse modo, tal modernidade que apresenta o futebol à cidade é a mesma que procura segregar o negro e o pobre dessas práticas e destes espaços, demandando o surgimento de uma liga igualmente segregada para a prática do futebol, sendo este mais um microcosmo da sociedade e não uma exceção. Da mesma forma, evidencia as contradições de uma cidade ainda desconfortável com os novos hábitos e suas conseqüências, como o futebol representando importante evento social e a violência corriqueira de seus jogos.

Nessa conjuntura, tanto em São Paulo e Rio de Janeiro como em Porto Alegre, o futebol tornou-se alvo de críticas e elogios, virou notícia. As discussões na imprensa

---

<sup>87</sup> “Sports pelo telegrapho”. Correio do Povo, 20 de novembro de 1920. p. 2.

<sup>88</sup> É importante referir que nesse campeonato Sul americano teria ocorrido o lendário episódio do suposto pedido do então Presidente da República Epitácio Pessoa de que não fossem convocados jogadores “de cor”, apenas os das “melhores famílias”. Dessa forma, ficou de fora o já reconhecido melhor jogador do Brasil, o mulato Arthur Friedenreich.

<sup>89</sup> “Notas Sportivas”. Correio do Povo, 04 de novembro de 1921. p. 6.

<sup>90</sup> “Notas Sportivas” e “Congresso de Foot-ball”. Correio do Povo, 22 de novembro de 1921. p. 8

dão indicação que o futebol já se tornara o esporte mais difundido no Brasil em todos os segmentos sociais. Ainda mais, elas sintetizavam as mais importantes questões e contradições brasileiras pelo fato do futebol ser um ingrediente dinâmico das transformações em curso nos conturbados anos da década de 1920. A questão da nacionalidade, potencializada pelos festejos do centenário da independência, em 1922, dividia a elite do país. Os desacordos entre as oligarquias tornaram-se mais intensos e as disputas eleitorais mais acirradas. As grandes cidades eram tomadas por manifestações operárias e viraram palco de campanhas e revoltas pela instauração do voto secreto e pelo fim da política oligárquica.



## Capítulo 2 – O Brasil se olha no espelho por meio do futebol: o jornal “Correio do Povo” e o Rio Grande do Sul no Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais.

### 2.1 – O Campeonato Brasileiro de Seleções – Disputas e aproximações

O ano de 1922 era tenso em termos políticos. Agitações da oposição ao governo federal, de militares e da população balançavam a calma pretendida pelos governantes para o ano do centenário da independência. Segundo Mauricio Drumond,

A propagação da reação Republicana reunindo os estados de segunda grandeza no cenário político nacional, juntamente com sua campanha de propaganda eleitoral nos principais centros urbanos de diversos estados acirraram a disputa entre Nilo Peçanha, candidato da oposição, e Artur Bernardes, candidato do governo.<sup>91</sup>

Tendo em vista a tensão no ambiente político, outros campos deveriam compensar e mostrar a paz e a união de uma nação que tinha que se mostrar moderna para o mundo. Ainda segundo Drumond,

A união nacional seria selada através de um conjunto de comemorações do primeiro centenário da independência do Brasil. (...) foi organizada uma série de competições esportivas enquadradas como os ‘Jogos Olímpicos do Centenário’, dentre as quais se destacavam a VI edição do campeonato sul-americano de futebol e uma série de competições sul-americanas de esportes olímpicos, com disputas de remo, natação, pólo aquático, boxe, esgrima, tiro, hipismo, tênis, basquete e atletismo, além de jogos internacionais militares organizados pela marinha e pelo exército.<sup>92</sup>

Juntamente com a exposição do centenário, os jogos serviriam não só para reunião de diversos países em território brasileiro, mas também como um importante instrumento de (re)união interna do Brasil. Drumond, para examinar os possíveis significados da organização e realização desses eventos levou em consideração a ideia de Marieta de Moraes Ferreira, que em estudo sobre a Reação Republicana, frisou que “determinados eventos são chaves, mobilizadores, simbólicos, na medida em que

---

<sup>91</sup> DRUMOND, Mauricio. Jogos esportivos do centenário: o ponto de vista da política. In. SANTOS e MELO. *Op cit.* p. 15

<sup>92</sup> Idem *ibidem.* p. 16

permitem captar o comportamento e a cultura política de um sistema no seu todo ou de alguns de seus segmentos sociais específicos”<sup>93</sup>.

Outrossim, de acordo com a esteira de pensamento de Marly Motta, Drumond<sup>94</sup> afirma que é compartilhado, atualmente, com a geração de 1922 o sonho de ver o Brasil inserir-se na modernidade, tendo na realização de um grande evento uma grande oportunidade de divulgação mundial, tal como foi a expectativa gerada com a realização da Copa do Mundo em 1950. Nas palavras de Marly Motta:

A busca do Brasil moderno não termina nos anos 20. Depois, virão 1930, 1937, 1945, 1964, 1989... Em suma, a história do pensamento brasileiro no século XX pode ser vista como um esforço incansável para compreender e impulsionar as condições de implantação da modernidade no Brasil, quer esta responda pelo nome mágico de Civilização, de Desenvolvimento ou de Primeiro Mundo.<sup>95</sup>

Como é possível notar, esse discurso é retomado sempre em lugares de memória que marcam alguma transição, alguma tentativa de deixar de ser o país da promessa para se tornar realidade e uma grande potência.

O estudo de Drumond possui dois enfoques: o primeiro versa sobre o caráter dos jogos como elemento definidor do grau de modernidade ou definidor do estágio civilizatório alcançado pelo Brasil; o segundo observa a busca por uma unidade nacional através do esporte. No entanto, estas tentativas geravam um paradoxo para a pretensa união:

Se por um lado, o esporte funcionava como um símbolo de unidade e identificação nacional, por outro, ele realçava conflitos regionais de fundo político e cultural, como no caso de Rio de Janeiro e São Paulo, cidades que disputavam uma hegemonia simbólica em torno da imagem de cidade símbolo do país.<sup>96</sup>

Incluso neste panorama de disputas pela dianteira da modernidade brasileira, o esporte insere-se no turbilhão de discussões do período, com suas marcas de modernidade e, igualmente, pelos sentidos que foram dados aos esportes modernos

---

<sup>93</sup> FERREIRA, apud DRUMOND. Jogos esportivos do centenário: o ponto de vista da política. In. SANTOS e MELO. *Op cit.* p.16

<sup>94</sup> DRUMOND. *Op cit.* p. 16

<sup>95</sup> MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência.** Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getulio Vargas - CPDOC, 1992. p. 8

<sup>96</sup> DRUMOND. *Op cit.* pp. 17-18

pelos diversos brasileiros. Segundo Motta, o cenário de 1922 era ideal para análise das condições do Brasil para tal finalidade, pois

No campo ou na cidade, na tradição ou na vanguarda, o que se buscava era o segredo da sempre prometida, e nunca conseguida, modernidade. Ser moderna, eis a aspiração que animava a sociedade brasileira às vésperas do Centenário da Independência, momento ímpar não só para a realização de um efetivo balanço das "reais" condições do país, como para a elaboração de projetos que apontassem soluções para a questão nacional.<sup>97</sup>

Desse modo, no bojo das comemorações do centenário, diversas atividades foram organizadas para a celebração dessa data, que contariam com a participação de diferentes países e líderes de Estados em uma pomposa exposição universal, além dos jogos esportivos. A exposição, por si só, já era uma demonstração de grandeza e modernidade, dado o esforço feito para remodelação da cidade do Rio de Janeiro e a construção do centro de exposições. Entretanto, os jogos não serviriam apenas para provar, uma nação à outra, sua capacidade de conquista, dado que

(...) ostentar palcos esportivos novos, modernos, com grande capacidade de público, seria uma demonstração do grau de desenvolvimento esportivo brasileiro, o que se refletiria ao criar uma imagem de hábitos modernos de sua população.<sup>98</sup>

Aproveitando essa esteira, a Confederação Brasileira de Desportos – CBD – tentou organizar a reformulação dos palcos esportivos da capital federal, mas sempre esbarrando na ineficiência do órgão e seus gestores. Problemas envolvendo a CBD não eram raros. Nas vésperas da preparação do evento, o dinheiro que o governo subsidiara à entidade desapareceu, tentativas de fugir das devidas responsabilidades e até uma possibilidade da cidade de São Paulo sediar o evento no lugar do Rio de Janeiro, encabeçada por Washington Luís, teve lugar neste momento.

No fim das contas, coube ao Fluminense Football Club, que tinha Arnaldo Guinle na presidência, a oportunidade de sediar os jogos, realizando grandes reformas em seu estádio, o que fora feito com afinco, segundo Mauricio Murad:

Apresentando assim a modernidade a ser vista nos pavilhões da Exposição, o estádio do Fluminense seria então o principal palco dos jogos do Centenário, abrigando o campeonato sul-americano de

---

<sup>97</sup> MOTTA, Marly Silva da. **Op cit.** p. 40

<sup>98</sup> DRUMOND. **Op cit.** p.19

futebol, assim como competições de boxe, pólo aquático atletismo e tiro.<sup>99</sup>

Com estádios reformulados como o do Fluminense, o mais moderno da América Latina, o Rio de Janeiro se mostrava uma cidade avançada em termos “civilizatórios”, estando apta para receber grandes eventos. Com isso, os jogos celebraram esta modernidade, especialmente a disputa da maratona, pois seu trajeto passava pelos principais locais “modernizados” da urbe, como avenidas e grandes prédios. Como enfatizou João Malaia Santos, a disputa da Maratona tornou-se uma verdadeira “ode ao moderno, às novas obras, às novas áreas em franca expansão imobiliária e à nova paisagem que caracterizava a cidade nos tempos vindouros<sup>100</sup>. O futebol não só já era uma das principais atividades de lazer nas grandes cidades como se tornara o esporte mais popular nesses centros, igualmente entrando no circuito de discussões da cidade.

Mauricio Drumond destaca, ainda, trecho de crônica de Lima Barreto ressaltando a popularidade do futebol. Mas, não sendo o autor adepto do esporte, “Incomodava-o profundamente a primazia que os esportes conquistavam sobre as artes e a intelectualidade em seu tempo.” Escrevia no mesmo artigo: “o Sport é o primado da ignorância e da imbecilidade” Ao falar dos que compartilhavam essa idéia de valorização do esporte, ele declarou: “é que para gente deste calibre, a grandeza de um país não se vende pelo desenvolvimento das artes, da sciencia e das letras. O padrão de seu progresso é o grosseiro football e o xadrez de ociosos ricos ou profissionais”<sup>101</sup>.

A visão apresentada evidencia que o modelo de modernidade pretendido por alguns brasileiros não era um caminho sem obstáculos e muito menos inquestionável, tendo diversas opiniões em relação ao que seria moderno e ao que não seria. “Dentre as diversas modernidades possíveis, o esporte era um parâmetro importante para alguns e nocivo para outros. (...) a maior parte da população via no esporte um legítimo representante do desenvolvimento do país”<sup>102</sup>. Se considerarmos este segundo viés, a coletividade brasileira estaria representada por meio dos selecionados escolhidos. Mais claramente:

---

<sup>99</sup> **Idem.** p.21.

<sup>100</sup> SANTOS, João Manuel C. “Jogos Olympicos do Rio de Janeiro” no Centenário de 1922: olhares sobre a política de um projeto de unificação e celebração da nação através do esporte. In. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH.** São Paulo: ANPUH Associação Nacional de História. 2011. p. 9

<sup>101</sup> DRUMOND. **Op cit.** p. 23-24

<sup>102</sup> **Idem** ibidem. p. 24

O sucesso esportivo representaria a evolução do povo brasileiro, que assim como a cidade do Rio de Janeiro e o país durante seus cem anos, se desenvolvera e estava apto a competir com as mais desenvolvidas nações do mundo. Através do esporte, o Brasil se tornaria um país forte.<sup>103</sup>

Sem sombra de dúvida, foi no campo do esporte que o Brasil mais profundamente marcou seu lugar enquanto nação, enfrentando outros países e comprovando, ou não, sua capacidade de vitórias, mas em suma, fazendo representar-se.

No entanto, o cenário inicial é de disputas políticas. São Paulo e Rio de Janeiro se digladiaram pela organização do evento do centenário, apenas potencializando os anteriores conflitos em razão do comando do esporte nacional. São Paulo criou a Federação Brasileira de Futebol, e do Rio de Janeiro apareceu a Federação Brasileira de Esportes. Tal contenda só foi parcialmente acalmada com a fundação da CBD após intervenção de Lauro Miller, ministro de Relações Exteriores do Brasil.

Igualmente ao cenário futebolístico, o campo político vivia de tensões. O Levante do Forte de Copacabana, em 5 de junho, resultou em declaração de Estado de Sítio no Brasil e duras perseguições aos opositores do governo, incluindo censuras à imprensa. No entanto, as parcialidades em conflito apontaram para uma aproximação política, acalmando os ânimos, mesmo que de forma parcial, impulsionando a realização de um torneio que envolvesse diversas regiões do Brasil.

Sufocado o movimento anti-oligárquico dos tenentes do Forte de Copacabana, os grupos que dominavam a política nacional também entraram em alguns acordos.

A aproximação entre as oligarquias beligerantes foi mais um fator a impulsionar a realização do primeiro campeonato brasileiro, realizado em 1922, ainda que de forma experimental. Além desta, influíram também a necessidade de estabelecer um sistema de observação de jogadores para a formulação do selecionado brasileiro que disputaria o sul-americano e a necessidade da CBD em organizar um torneio que poderiam chamar de nacional, visando sua legitimação junto a outras federações.<sup>104</sup>

Com o fim de tornar a competição viável economicamente, dada a extensão do território brasileiro e à precariedade dos sistemas de transporte, o pleito foi dividido em três regiões: Norte e nordeste; Sul; Sudeste. Na classificatória do norte-nordeste, Pará, Bahia e Pernambuco disputariam a seletiva por uma vaga na final no Rio de Janeiro. A

---

<sup>103</sup> DRUMOND. *Op cit.* p.25

<sup>104</sup> *Idem ibidem.* p. 28

eliminatória Sul seria disputada por um jogo entre o Rio Grande do Sul e o Paraná, ambos em Curitiba. O pleito da região sudeste teve organização diferente, sendo disputado entre as representações de São Paulo, que enfrentou os representantes de Minas Gerais, e o estado do Rio de Janeiro que enfrentou o Distrito Federal.

Segundo Mauricio Drumond, a análise desse cenário de enfrentamentos faz perceber que

a participação dos estados de primeira e segunda grandeza do quadro político nacional fazia com que representantes da Reação Republicana se unissem com representantes de Minas Gerais e São Paulo na celebração de um torneio em comum, reforçando a imagem de uma nação única.<sup>105</sup>

Dessa forma, o aparentemente apolítico e alienado futebol agregaria as oligarquias que até pouco tempo se digladiavam no campo político. Ainda assim, isso não significa que estes jogos seriam realizados em um amplo cenário de acordos e trocas de gentilezas. Facilmente os civilizados esportes modernos poderiam ser transformados em arenas de combates nem tão simbólicos, expressando os desacordos entre os diversos grupos que participavam das decisões políticas do Brasil, bem como da população comum descontente com o cenário político dos anos 1920.

## **2.2 – O Rio Grande entra em campo – A preparação do selecionado rio-grandense**

Não havia muito tempo hábil para os preparativos da delegação gaúcha. Pela primeira vez seria organizada uma seleção dos melhores jogadores de futebol do estado a fim de representá-lo diante do Brasil. Em reunião no dia 10 de junho a Federação Rio-Grandense de Desportos, presidida por Paulo Hecker, reuniu-se para tratar das primeiras providências da instituição para a participação nos jogos do centenário. Estavam presentes, além da diretoria da Federação, Frank M. Long, secretário da Associação Cristã de Moços, que desde o início da reunião lamentava o pouco tempo disponível para organização da representação gaúcha. Ainda assim, Long fora nomeado como responsável para organização do grupo de atletismo que representaria o Rio Grande do Sul. Para organização do selecionado de futebol, fora nomeado uma tríade de “sportmens” de renome na cidade, como Severino Franco, jogador do Grêmio Foot-Ball

---

<sup>105</sup> DRUMOND. *Op cit.* p. 28

Porto Alegre, conhecido pela alcunha de “Lagarto”, Oscar Fontoura, representante da Liga Quarainse e João Albuquerque da liga Santa-Mariense<sup>106</sup>.

O regulamento dos jogos, publicado no Correio do Povo, deixava bastante clara a exigência do amadorismo para a participação na competição:

poderão tomar parte nos jogos somente os súditos das nações latino-americanas que forem considerados amadores de acordo com os regimentos internacionaes relativos a todo gênero de desporto. A qualificação de amador deverá ser dada pela federação nacional respectiva e garantida por todas as federações do país que pertencer o concorrente e que enviarem representantes aos jogos.<sup>107</sup>

Além da responsabilidade de cada federação fazer o crivo do amadorismo, a punição para o não cumprimento dessa regra seria a desclassificação do jogador e a perda dos pontos disputados. Caso a entidade responsável fosse cúmplice comprovadamente a nação seria desclassificada da modalidade em questão.

A Confederação Brasileira de Desporto, por meio do governo federal, ainda ficaria responsável por oferecer hospedagem a todos os participantes e delegados dos jogos que assim quisessem, deixando claro que o Estado brasileiro era responsável direto por patrocinar o evento. Estava previsto no regulamento, até mesmo, uma possível mudança de alguns eventos para a cidade de São Paulo, caso houvesse força maior, como já ressaltamos na inicial disputa entre as duas maiores cidade do Brasil para ser a sede dos jogos.

No dia seguinte, a comissão de futebol se reunira na sede da Federação Rio Grandense de Desportes – FRGD – e decidira pela forma de organização do scratch gaúcho para o evento máximo do futebol nacional, já apresentando relatório à entidade para agilização dos contatos com os clubes do interior e envio dos atletas para a capital a fim de iniciarem os treinamentos. A comissão de atletismo também se reunira decidindo pelo campo do Grêmio como espaço de treinamentos, determinando a compra dos equipamentos e horário de treinamentos, as 16h e 30min, podendo qualquer “sportman” apresentar-se para treinamento e provar sua capacidade de representar o Rio Grande do Sul, pois tinha chegado o momento de ninguém se furtar de tal evento “por que agora o que se acha em jogo é o nome do Rio Grande do Sul esportivo”<sup>108</sup>.

---

<sup>106</sup> “Os jogos Latino-Americanos de 1922”. Correio do Povo, 11 de junho de 1922. p. 10

<sup>107</sup> Idem ibidem.

<sup>108</sup> “Os jogos Latino-Americanos de 1922”. Correio do Povo, 13 de junho de 1922. p. 10

Em mais uma reunião, no dia 15, após apresentação de relatório ao presidente da FRGD, Paulo Hecker, é divulgado a lista dos escolhidos para treinar em Porto Alegre e concorrer a uma vaga no time de futebol que vai representar o estado. São eles: Goleiros: Lara e Marcellino; defensores: Neco, Presser, Barão e Nunes; Meio campo: Xingo, Leon, Quincas, Miranda, Floriano e Babá; Atacantes: Lagarto, Ramão, Bruno, Willy, Mosquito, Coriolano, Coy, Nenê, Cascudo e Felo. A Federação ainda buscou informações sobre a possibilidade de atleta estrangeiro residente na cidade participar do evento<sup>109</sup>.

Além das reuniões diárias da FRGD o clima e a preocupação com a formação do time gaúcho parecia contagiar alguns leitores. Uma carta que tem como remetente o codinome “Gaúcho” brada pelo cuidado que se deve ter por tal disputa. O interlocutor pede o maior zelo e rapidez possível para a chegada dos jogadores do interior, pois teria pela frente o time paranaense que vinha de bons resultados contra São Paulo e, se caso a “nossa bandeira tremular vitoriosa nos campos do Paraná”, o próximo adversário seria o time paulista, uma equipe de grandes valores. Ainda chama a atenção para a necessidade de deixar de lado “todas as paixões mesquinhas do clubismo, para que, mais tarde, se a sorte não nos sorrir, não venham aparecer comentários e dissabores como geralmente acontece”<sup>110</sup>.

É, ainda, com aparente conhecimento que “Gaúcho” questiona o trio que fora nomeado para fazer a escolha dos jogadores que, embora conhecedores do futebol não poderiam fazer uma escolha justa por desconhecer a existência de bons jogadores do interior do estado. Sua proposta era de que esta comissão deveria ser composta por dois ou mais elementos de cada região do estado que, assim, contribuiriam com as melhores indicações de cada região. Gaúcho apresentava sua escalação ideal do time rio-grandense: Marcellino (Rio Grandense-SM) – Neco (Grêmio POA) – Presser (Ruy) – Quincas (Pelotas) – Xingo (Pelotas) – Floriano (Brasil-Pel) – Cascudo (Guarany-Cruz Alta) – Proença (Brasil-Pel) – Lagarto (Grêmio POA) – Mosquito (Rio Grandense-SM) – Barros (Pelotas). Gaúcho termina sua correspondência afirmando a certeza de que o estado possui elementos capazes de fazer uma bela representação no campeonato e assim “empregar todos os esforços para que a nossa bandeira tantas vezes vitoriosa nos campos de guerra, tremule também vitoriosa nos campos das lutas sportivas”<sup>111</sup>.

<sup>109</sup> “Foot-Ball”. Correio do Povo, 15 de junho de 1922. p. 3.

<sup>110</sup> “A organização do scratch rio-grandense – Uma carta”. Correio do Povo, 16 de junho de 1922. p. 8

<sup>111</sup> Idem ibidem.



O autor de tal carta parece não ser um simples apreciador do futebol e sim alguém com informações profundas sobre o esporte por todo o estado, talvez até mesmo um jornalista esportivo descontente e preocupado com os rumos da seleção que, além de tudo, carrega a história de guerras e vitórias do Rio Grande do Sul, como se fosse o exército rio-grandense usando chuteiras ao invés das garruchas dos tempos das revoluções<sup>112</sup>.

Outra carta foi publicada, do Sr. N. Gomes, expressando contrariedade com a escalação proposta na carta do dia anterior. Para Gomes, o goleiro Marcellino não teria mais condições de defender o time, tendo que dar lugar para Lara, mais calmo e mais seguro. Na linha de frente indica sua preferência por outro jogador que não Proença, devido este estar destreinado, devendo dar lugar a Coy<sup>113</sup>. As reuniões da federação seguiam com frequência, tendo o informe de diversas cidades do estado sobre a situação de seus melhores jogadores que poderiam fazer parte da seleção gaúcha.

No dia 22 de junho uma nova correspondência foi publicada, assinada por “um gaúcho” que reclama a ausência de jogadores que representam a fronteira do estado e manifesta tristeza por tamanho regionalismo das discussões. Fazendo indicações de nomes que elevariam a qualidade da seleção questiona essas ausências, como a do meio campo Moreira, do Sport Club Uruguaiana, ironizando acerca de uma possível rivalidade entre este atleta e o atacante Lagarto, um dos membros responsáveis pela escolha dos nomes. Ainda reclama “as fronteiras também serem rio-grandenses” e finaliza com a assertiva de que “é um gaúcho que quer ver todo o seu estado torcendo com glória”<sup>114</sup>.

A CBD informara a data do jogo contra os paranaenses, a FRGD já convocara os atletas do interior e aguardava a chegada destes. A saída rumo à Curitiba estava marcada para o dia 15 de julho, composta por 17 jogadores, mais dirigentes e ainda um representante da imprensa. Uma nova lista de convocados era divulgada, com algumas alterações em relação à primeira contando, desta vez, com a convocação de diversos jogadores do interior do estado, como faz questão de ressaltar a reportagem: “Como se pode ver na lista acima, foram requisitados 10 jogadores do interior do estado e 7 desta

---

<sup>112</sup> Segundo Hilário Franco Junior, o futebol pode ser analisado como uma guerra simbólica constituindo uma “continuação – ou prevenção – da guerra por outros meios”, sendo que seu caráter guerreiro transparece de diversas formas nos campos de jogo, seja na nomenclatura de guerra utilizada em campo (ataque, artilheiro, matar a jogada, matador), seja na margem de violência permitida nas regras do jogo. FRANCO JUNIOR. *Op cit.* p. 235.

<sup>113</sup> “A organização do scratch rio-grandense”. *Correio do Povo*, 17 de junho de 1922. p. 8

<sup>114</sup> “A organização do scratch gaúcho”. *Correio do Povo*, 22 de junho de 1922. p. 8

capital.” Ainda assim a lista não consta com a presença do suposto desafeto do jogador Lagarto (Severino Franco), o meio campo Moreira, de Uruguaiana. É interessante notar a responsabilidade que a reportagem coloca sob os jogadores de uma vitória certa sobre os paranaenses, sendo uma grande oportunidade de “mostrar ao Brasil o grau de adiantamento da pratica dos sports”. Tal texto termina com uma espécie de convocação aos atletas que buscarão nosso “des deratum – a victoria”<sup>115</sup>. Ainda assim, apesar dos regionalismos internos do estado, é mister para os que acompanhavam a organização do time gaúcho que nessa competição se dará a comparação da evolução esportiva dos estados brasileiros, um dos símbolos da pretensa modernidade.

A reportagem do dia 27 de junho relata os preparativos da equipe de atletismo, que treinavam diariamente pela tarde, bem como a chegada dos jogadores de futebol dos clubes do interior do estado. Além do mais, registra agradecimentos aos diretores dos clubes e ligas que estavam contribuindo para formação do “scratch” gaúcho. O que também é relevante são os agradecimentos à instituições privadas, como aos comerciantes e comandantes das casas bancárias que

embora alheios a vida esportiva se tem prontificado nobremente a conceder licença aos seus empregados, estando neste caso, entre outros, os diretores do Banco Nacional do Comércio que acabou de dar licença ao Sr. Dorval Miranda, half-center e funcionário filial daquele estabelecimento de crédito no Rio Grande.<sup>116</sup>

Assim fica indicado a existência de uma rede de relações que ultrapassa o âmbito esportivo, pois além desses trabalhadores serem liberados por seus empregadores por mais de um mês, tempo da disputa do campeonato, os mesmos ficavam hospedados em hotel na capital (Grande Hotel Guahyba) com todas as despesas por conta da FRD e por serem funcionários do comércio, pressupõe-se que não eram pessoas de cabedal a ponto de não precisarem do salário para se manter durante esse período de afastamento.

Em reportagem localizada na mesma página, em destaque maior, estava o jogo intermunicipal entre o Ruy Barbosa, de Porto Alegre, e o Guarany, de Cruz Alta, até então desconhecido pelos jornalistas da capital. A vitória do visitante e a qualidade técnica apresentada por seus jogadores surpreendeu positivamente a assistência do jogo, mostrando ser aquela cidade um centro esportivo de relevância, inclusive com nomes

---

<sup>115</sup> “Os jogos latino-americanos”. Correio do Povo, 23 de junho de 1922. p. 6

<sup>116</sup> “A representação do Rio Grande do Sul”. Correio do Povo, 27 de junho de 1922. p. 6

aptos a disputar o campeonato brasileiro. Segundo o texto do jornal, isto comprovava o mais franco progresso do futebol do Rio Grande do Sul.<sup>117</sup>

Após enfrentar o Ruy Barbosa no Domingo, os cruzaltenses teriam que enfrentar os campeões municipais na terça, o Grêmio. Desse modo, foi com empolgação que o Correio do Povo noticiou tal evento, embalado pelo grande desempenho do Guarany na primeira exibição e ainda o interesse que os moradores demonstravam pelo futebol em Porto Alegre. Nas palavras do Correio do Povo:

É indiscutível a atracção que o nosso povo sente pelo foot-ball.

Isso se verifica pela grande concorrência aos matches, quer elles se realizem domingo ou dias úteis (...) uma grande concorrência compareceu ao campo dos Moinhos de Vento para assistir a uma destas provas em que há lances magníficos e que também se deseja ver que o foot-ball local demonstra que aqui se possuem elementos de valor

Os que compareceram ao campo do campeão do Estado se convenceram de que quando querem os nossos players sabem evidenciar o nosso valor esportivo.<sup>118</sup>

Nesse trecho algumas questões são colocadas em relevo, como o grande interesse causado pelas partidas de futebol, até mesmo em dias e horários pouco convenientes para a realização de um grande evento, como uma terça-feira à tarde. Ainda assim, a reportagem ressalta a qualidade dos jogadores do time da capital, como se em resposta fosse para os leitores que reclamavam do excesso de atletas originários desta cidade e justificando tal preferência pela excelência de alguns que fariam a justa representação do “scratch gaúcho”, como Lagarto que “esteve verdadeiramente admirável, jogando de uma forma a empolgar a grande legião de seus admiradores”. Com isso, a vitória do Grêmio por 5 a 1 justificaria as escolhas da Comissão de Futebol, na qual Lagarto fazia parte. Nas palavras do jornal:

Triunpho este que nos vem encher de jubilo, por que Porto Alegre da prova de que consta elementos de magníficas condições de figurar no scratch gaúcho que concorrerá ao campeonato do Brasil e que servirá para mostrar aos outros estados como adeantado é foot-ball no Rio Grande do Sul.<sup>119</sup>

---

<sup>117</sup> “O match inter-municipal de domingo”. Correio do Povo, 27 de junho de 1922. p. 6

<sup>118</sup> “O match inter-municipal de hontem”. Correio do Povo, 28 de junho de 1922. p. 3

<sup>119</sup> Idem ibidem.

Portanto fica claro, segundo a opinião da reportagem, não só a superioridade da capital como também o avanço esportivo gaúcho na figura de grandes jogadores como Lagarto e o goleiro Lara, que “... se destacou ao rebater a poucos metros com um magistral golpe de cabeça, um tiro de Capincho, feito este que lhe valeu uma prolongada salva de palmas.” O público vibrava desde a entrada dos jogadores como uma “explosão” e ao fim: “Por alguns minutos vivas, aplausos e agitar de lenços saudaram os dois teams, quando se retiraram do campo, recebendo o ‘Grêmio Porto Alegrense’ vivos cumprimentos pelo sucesso obtido na tarde de ontem”<sup>120</sup>.

A cidade parecia estar contagiada pelo futebol, vibrando com os jogos e com o início dos treinamentos do time que representaria o Rio Grande do Sul no campeonato do Brasil. Na quinta-feira, dois dias depois do jogo do Grêmio, teriam início os treinamentos. Uma nova convocação foi divulgada com mais alterações. Eram os convocados: Bruno, Ramão, Meneguini, Lara, Neco, Dorival, Tote, Lagarto, Parreira, Sardinha, Alfredo, Leoni, Presser, Perazzoni, Tatu, Fonseca, Aurich, Romulo, Mosquito, Willy, Homerino e Duarte<sup>121</sup>.

Mais interessante que as modificações da escalação, muitas por motivos de impossibilidade de estar no local ou doença, é que para os treinamentos seriam cobrados ingressos no valor de 1\$000, sendo que os sócios do Grêmio e mulheres ficariam isentos deste pagamento. Apesar do valor ser módico, a cobrança e exclusividade da entrada de sócios já é um sinal de clivagem no público que pode estar presente em tal evento. Entretanto, se compararmos com o preço dos cinemas, uma atividade bastante popular, é possível observar que comparecer ao treino da seleção gaúcha era até mais barato que o valor de uma entrada no cinema, que, em média, ultrapassava os 1\$000. Ainda assim, não é de se imaginar que um simples treino de futebol possa ser tão concorrido como uma sessão de cinema.

Apesar da empolgação inicial, o treinamento não teve muita concorrência e novamente muitos jogadores ausentaram-se, como os das cidades de Rio Grande e Pelotas, que ainda não haviam chegado à capital, além de alguns jogadores do Grêmio que ainda se ressentiam do jogo da terça-feira. Com isso o autor da reportagem faz um conselho: “achamos, porém, que a directoria da Federação deve começar a fazer treinos individuais dos players escalados”, pois os últimos campeonatos sul-americanos

---

<sup>120</sup> Idem.

<sup>121</sup> “Realiza-se hoje o primeiro training de players escalados para a formação do scratch gaúcho que concorrerá ao campeonato do Brasil”. Correio do Povo, 29 de junho de 1922. p. 8

comprovaram a necessidade desses treinos, a fim de que os jogadores terminem os jogos “sem darem mostra de nenhum cansaço”<sup>122</sup>.

Os preparativos continuaram, com reuniões da Federação e intervenção desta para que alguns jogos intermunicipais não se realizassem a fim de que os treinos da seleção não fossem afetados por outros jogos. O entusiasmo dos treinamentos foi aumentando com a chegada de mais jogadores do interior e o crescimento da frequência dos treinamentos, que apesar de um público ainda tímido mantém a empolgação dos entusiastas. Alguns jogadores do Brasil de Pelotas não vieram à capital por não ter liberação em seus empregos, o que gerou reação da direção da Federação na tentativa de poder contar com os mesmos. Junto à Secretaria de Obras Públicas do Estado e de seu secretário, Idelfonso Soares Pinto, o presidente da Federação Paulo Hecker conseguiu a liberação do meia-esquerda Coriolano, que trabalhava na Fiscalização dos Serviços da Barra, em Rio Grande. Neste mesmo sentido, Hecker interferiu pelo jogador Miranda, liberado pelo presidente do Banco Nacional do Commercio, também de Rio Grande<sup>123</sup>.

Mesmo assim, uma excursão do 14 de Julho, de Uruguaiana, chamou a atenção do mundo esportivo da capital. Os jogos eram divulgados com entusiasmo à espera de grande público para os “90 minutos de vibração intensa em que o elemento feminino se associará com sua graça de sempre para incitar os valorosos players”. Seria um domingo movimentado para os amantes do futebol, homens ou mulheres que costumavam ir aos jogos e que não se importavam em pagar 2\$000 pela entrada. Ainda como indício do apreço que era dado para tal evento a municipalidade destinava uma linha de bonde específica que levava os torcedores para o campo do Cruzeiro, primeiro adversário da equipe da fronteira, o “Bonde Foot Ball”<sup>124</sup>.

A cada aniversário de um grande clube, era divulgada toda a programação dos seus festejos, bem como o histórico do clube em questão, como o ocorrido com o aniversário do S. C. Cruzeiro, marcado por cerimônias e homenagens, além de baile para seus sócios e convidados.<sup>125</sup>

Apesar do jogo intermunicipal aparentemente despertar a maior atenção dos torcedores, outras diversas partidas estavam marcadas para o mesmo dia e horário, tornando o domingo esportivo bastante movimentado. O treino da seleção gaúcha estava agendado para o mesmo horário no local de treinamentos habitual, o campo do Grêmio,

---

<sup>122</sup> “O treino dos players escalados para o match”. Correio do Povo, 30 de junho de 1922. p. 8

<sup>123</sup> “Foot Ball”. Correio do Povo, 07 de julho de 1922. p. 6

<sup>124</sup> “O match inter-municipal de hoje”. Correio do Povo, 09 de julho de 1922. p. 10

<sup>125</sup> “O aniversário do S. C. Cruzeiro”. Correio do Povo, 14 de julho de 1922. p. 8

no Moinhos de Vento, com a expectativa da presença de muitos sportmans. Apesar da concorrência de outros eventos, as entradas continuaram custando 1\$000, entretanto, a metade do preço do jogo entre as equipes do Cruzeiro e o 14 de Julho.<sup>126</sup>

Aparentemente, a fim de pacificar a organização do time gaúcho, a Federação “terceiriza” a convocação do scratch sob uma Missão de futebol para os jogos, nomeando chefe um reconhecido sportman Aurélio Py, ex-presidente da FRGD e do Grêmio<sup>127</sup>. Embora tenha sido modificada a forma como seriam escolhidos os jogadores, o grupo responsável por tal objetivo não se afastava do que já era feito e pensado pela direção da entidade<sup>128</sup>.

Os custos com a preparação do time de futebol gaúcho se tornavam elevados, o que motivou o chefe da FRGD, Paulo Hecker, a pedir audiência com presidente do estado Borges de Medeiros, o que foi atendido com agilidade. O resultado desse encontro foi um ofício explicando os motivos do pedido financeiro feito aos cofres públicos, em especial o custeio da hospedagem dos atletas que já se encontravam na capital, bem como o transporte, material de treinamento e ainda manutenção dos atletas durante o certame nacional. A resposta prática foi ainda mais ágil, em poucos dias “já se achava a disposição da Federação Rio Grandense de Desporto, no Thesouro do estado, a quantia de 5:000\$000 (*sic: cinco contos de réis*), com que o governo rio-grandense contribuía para concorrer as despesas da representação esportiva gaúcha”<sup>129</sup>. Somado ao auxílio estatal, uma comissão da Federação fora nomeada para percorrer o comércio e as casas bancárias da cidade a fim de conseguir mais fundos para a manutenção da representação gaúcha.

Esse suporte estatal à representação esportiva do Rio Grande do Sul demonstra um hábito que ainda nos dias atuais perdura entre o meio político e esportivo: o de auxílio mútuo e envolvimento político e econômico das entidades esportivas e governos. Desse modo, é possível compreender o expressivo número de dirigentes esportivos envolvidos no campo da política, bem como o envolvimento de políticos nos

---

<sup>126</sup> “O treino de hoje do scratch gaúcho”. Correio do Povo, 09 de julho de 1922. p. 10

<sup>127</sup> Importante registrar que Aurélio Py, além de dirigente do Grêmio, da APAD e da FRGD, também fora membro do governo de Getúlio Vargas durante o Estado Novo.

<sup>128</sup> Torna-se interessante registrar que além das notícias do Jornal Correio do Povo, circulavam pela cidade revistas exclusivamente dedicadas aos esportes, como a “Revista do Grêmio” e um revista semanal intitulada “Olym...piadas”. Entretanto, a análise proposta nesse trabalho se limita à forma como o Correio do Povo noticiava o futebol.

<sup>129</sup> “Os jogos Latino-Americanos de 1922 – Um auxílio do governo do Estado à Federação Rio-grandense de desportos”. Correio do Povo, 14 de julho de 1922. p. 8

meios esportivos, seja pelos potenciais dividendos políticos e eleitorais, seja pela expressividade popular dos clubes de futebol na atualidade.

Para o último treino, os jogadores do Brasil de Pelotas e do Rio Grande não se apresentaram constituindo um grande desfalque para scratch gaúcho. Ainda assim, a reportagem do Correio do Povo acreditava ser o time altamente respeitável e capaz de bem representar o Rio Grande do Sul, até mesmo indicando uma seleção ideal que teria a seguinte formação: Lara; Neco e Presser; Quincas, Xingo e Alfredo; Leon, Lagarto, Bruno, Mosquito e Barros. Coincidentemente, esta foi a escalação do time principal no último treino antes da partida para os jogos<sup>130</sup>.

Apesar das dificuldades na organização do time, tanto financeira como burocrática para liberação dos jogadores, a missão gaúcha vaijou para o Paraná no dia 16 de junho para o primeiro enfrentamento. É clara a consciência de que o evento é muito importante, pois seria a “primeira vez que a Federação Rio Grandense de Desporto se faz representar em uma prova desta natureza, que está chamando vivamente toda a atenção do Brasil esportivo”. Ainda é feita a ressalva de que caso o sucesso não venha, pelo menos o evento sirva para uma maior aproximação com os paranaenses, ainda mais por se tratar de uma data tão simbólica<sup>131</sup>.

Ainda como forma de angariar recursos financeiros para o custeio da viagem e manutenção da equipe, fora enviado, pelo presidente da Federação, um ofício para todos os clubes e ligas filiados com um pedido de auxílio. Conforme o ofício, este auxílio seria:

para consecução plena dos patrióticos fins que nos norteiam, fins que se substanciam no firme desejo de que, sob todos os pontos de vista, o Rio Grande do Sul mantenha o destaque costumado no seio da ‘Federação Brasileira’.

Urge, pois, que attendendo a este justo appello, que fazemos abroquellados no nunca desmentido culto dos rio-grandenses à terra gaúcha, hajaes por bem e dever cívico collaborar com vossa esforçada iniciativa, no mesmo empreendimento.<sup>132</sup>

Pelo texto do ofício, fica exposto o chamamento ao “dever cívico” de auxiliar o grupo que representaria o estado diante das demais unidades da federação, colocando,

<sup>130</sup> “Os jogos Latino-Americanos de 1922 – A organização do scratch. Correio do Povo, 14 de julho de 1922. p. 8

<sup>131</sup> “O campeonato do Brasil de foot-ball”. Correio do Povo, 16 de julho de 1922. p. 10

<sup>132</sup> “O campeonato do Brasil de foot-ball - Ofício circular aos clubes e ligas federados”. Correio do Povo, 16 de julho de 1922. p. 10

desta forma, a participação do time gaúcho como fruto de um “desejo patriótico” e, ancorado no suposto culto à terra que os gaúchos possuem, a identidade do Rio Grande do Sul perante o Brasil inteiro. Aparentemente, a ideia é clara de que o time não representa somente a FRGD, mas sim o povo gaúcho.

Na mesma esteira, a saída da representação gaúcha com destino a Curitiba despertava interesse e envolvimento pelo estado, estando programadas paradas estratégicas para alimentação em Montenegro, Santa Maria e Cruz Alta. Estas recepções seriam organizadas pelos clubes e ligas locais<sup>133</sup>. Como sinal de uma certa oficialidade da missão que iria para o campeonato, o chefe da delegação gaúcha, Aurélio Py, visitara o presidente do estado, Borges de Medeiros, e o intendente municipal de Porto Alegre, José Montauray, para as cordiais despedidas<sup>134</sup>.

Notável também é o interesse que a delegação rio-grandense causava pelo interior do estado. O caminho a ser seguido até Curitiba, local do primeiro desafio, era longo e demorado e como a viagem era feita de trem os gaúchos tinham que passar por boa parte do interior do estado, onde recebiam calorosas saudações dignas de registro nas páginas do jornal, como as recepções oferecidas em São Leopoldo, Montenegro, Cachoeira, Santa Maria, Tupanciretã, Cruz Alta e Passo Fundo. Portanto, rasgando as entranhas do território rio-grandense, a delegação “recebeu as mais vivas demonstrações de apreço de todos os centros esportivos dessas cidades, os quaes cumularam de finezas todos os rapazes que vão representar o Rio Grande do Sul no grande torneio nacional”<sup>135</sup>.

Os informes sobre a viagem são dados por telegramas enviados por Aurélio Py à Paulo Hecker, publicados pelo jornal. A delegação gaúcha chegou a Curitiba no dia 19 de julho, sendo bem recebida por onde passou. A expectativa era de que o jogo fosse “um dos assumptos que vivamente prende(riam) a atenção dos amantes deste esporte em nosso estado, em virtude de no scratch figurarem players de renome do interior” e que apesar das dificuldades enfrentadas devem “honrar o nome do foot-ball rio-grandense”. Ainda assim, era ressaltada a preocupação com os custos da participação no evento, sendo cotidiana a tentativa de angariar recursos no comércio e nas casas bancárias.<sup>136</sup> Pelos textos do jornal, é possível localizar uma preocupação em mostrar

---

<sup>133</sup> “O campeonato do Brasil de foot-ball - O embarque da missão”. Correio do Povo, 16 de julho de 1922. p.10

<sup>134</sup> “O campeonato do Brasil de foot-ball - Despedidas”. Correio do Povo, 16 de julho de 1922. p. 10

<sup>135</sup> “Foot-ball”. Correio do Povo, 19 de julho de 1922. p. 8

<sup>136</sup> “Foot-ball”. Correio do Povo, 20 de julho de 1922. p. 8



que a delegação que viaja é mais do que um combinado de jogadores da capital e sim uma representação de todo estado, que muito mais que carregar a responsabilidade pelas cores da bandeira rio-grandense, possui elementos de diversas cidades do Rio Grande do Sul, estando assim, a maior parte do território representado fisicamente por um jogador.

Na preparação para enfrentar os gaúchos, os paranaenses disputaram um jogo com o selecionado de São Paulo. Apesar do grande público que compareceu ao campo oficial da Apea (Associação Paulista de Esportes Atléticos), o Correio do Povo reproduz nota da Folha de São Paulo que reclama das condições das dependências do estádio “que não puderam, como não podem, oferecer a comodidade necessária a massa do povo que para ali acorreu ansiosa por assistir ao embate”, apesar do evento ter sido um “sucesso social”. Com uma vitória por 8 gols a 3, os paulistas provaram que a equipe do Paraná não seria grande adversário para o decorrer dos jogos<sup>137</sup>.

No dia anterior ao jogo, os times já estavam escalados e o ambiente para o jogo era de ansiedade na capital paranaense. A expectativa para o jogo era de empolgação, pois seria possível “aquilatar o grau de adeantamento a que chegou o foot ball nestes dois Estados do sul do Brasil”, mesmo não sendo o melhor selecionado rio-grandense devido à falta de jogadores que não conseguiram a liberação de seus trabalhos. As esperanças gaúchas pela vitória concentravam-se em Lagarto, Lara e Xingo. No entanto, era bastante amistoso o clima da disputa que serviria, se não para a vitória, para estreitar laços e tornar o Rio Grande do Sul esportivo mais conhecido no Brasil. A cordialidade tomava conta dos dias que antecederam o jogo. Os jogadores foram acompanhados por dirigentes da Associação Paranaense na visita aos principais edifícios públicos, passeando “em automóveis pela cidade, sendo aclamados pelo povo”<sup>138</sup>.

As informações sobre os jogos não eram muito claras e apenas com o passar dos dias que as notícias com maiores minúcias iam chegando até Porto Alegre. A disputa terminaria com a vitória final dos gaúchos. O presidente da FRGD recebeu inúmeros telegramas de diversas cidades do estado, bem como outros tantos eram enviados ao chefe da delegação, Aurélio Py. O tempo era curto até o próximo jogo, contra os

---

<sup>137</sup> “O match entre paulistas e paranaenses”. Correio do Povo, 21 de julho de 1922. p. 9. Ao lado das “Notas Sportivas” estava um extenso artigo sobre o autoritarismo de Borges de Medeiros, alegando que este não respeitava os poderes instituídos e agia como um déspota, ignorando o legislativo e os princípios constitucionais da separação dos poderes. Entretanto, é mister registrar que mesmo assim, o governo estadual atuou auxiliando a FRGD, lembrando, igualmente, que a oposição dos maragatos ao governo vinha especialmente do interior do estado, podendo representar também no campo do futebol a não convocação de jogadores das regiões opositoras.

<sup>138</sup> “O match eliminatório do campeonato do Brasil”. Correio do Povo, 23 de julho de 1922. p. 10

paulistas em São Paulo, e a equipe gaúcha precisava de reforços, pois o jogador Alfredo se lesionou e poderia não participar mais dos jogos. Assim, rapidamente foi solicitado Dorival Fonseca e Honório Totte, ambos do Grêmio, que se encontrariam com Dorival Miranda, do Riograndense de Rio Grande, e partiriam com destino à São Paulo. Não foram enviados mais atletas em virtude da dificuldade encontrada para liberação desses jogadores, fato que já ocorrera na primeira convocação<sup>139</sup>.

Um dia de viagem de trem e a equipe gaúcha chegava na capital paulista. Enfrentar os “incontestes mestres do foot ball sul-americano” seria uma tarefa nada fácil, o que era sabido por todos os minimamente entendidos sobre o futebol. Ainda assim, apesar do time gaúcho ser “pequenino” perto da equipe de São Paulo, a expectativa era de que os rio-grandenses apresentassem sérias dificuldades ao time estrelado por Arthur Friedenreich, o maior jogador em atividade no Brasil<sup>140</sup>.

Os detalhes do embate com os paranaenses foram apresentados pela reprodução da reportagem do Jornal Gazeta do Povo, de Curitiba. Essa disputa se deu em dois jogos, pois o primeiro não teve vencedor. Em um jogo equilibrado e com poucas emoções não faltaram críticas aos jogadores de ambos os times, que se apresentaram “sofríveis”, “sem aquela animação que caracteriza os grandes jogos”. É interessante um comentário sobre a forma como joga o time gaúcho: “Os gaúchos mostraram-se senhores de uma técnica razoável, digna de nota, um estylo que lembra, não a dos paulistas, mas a dos seus vizinhos uruguayos.” Considerando a ideia da influência platina de introdução do futebol, apresentada por Jesus<sup>141</sup>, este trecho reforça tal tese, à medida que o futebol no Rio Grande do Sul recebeu maiores influências das suas fronteiras do que dos centros de irradiação cultural do Brasil, como Rio de Janeiro e São Paulo. O único setor do time gaúcho que recebe elogios foi a defesa, comandada por Neco e Eurico Lara. O empate em 1 a 1 obrigou a realização de um segundo jogo, a ser realizado no dia seguinte<sup>142</sup>.

Este segundo jogo pareceu despertar maior interesse em Curitiba, com “comentários generalizados e palpites de toda espécie, (*que*) logrou ao Internacional (*clube que disponibilizou o local do campo de jogo*) uma ampla multidão, ansiosa por assistir o desenlace do grande prélio, que ia decidir sobre a conquista do título de

<sup>139</sup> “O campeonato brasileiro de foot-ball”. Correio do Povo, 26 de julho de 1922. p. 8

<sup>140</sup> “A embaixada gaúcha chegará hoje a S. Paulo”. Correio do Povo, 27 de julho de 1922. p. 8

<sup>141</sup> JESUS, Gilmar Mascaranhas de. A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul. **Op cit.** É interessante notar que esses rótulo ainda se mantém no futebol atual, identificando os times do Rio Grande do Sul como ‘mais platinos que brasileiros’.

<sup>142</sup> “O campeonato brasileiro de Foot-Ball”. Correio do Povo, 02 de agosto de 1922. p. 8

campeão do extremo sul do Brasil”. Assim, dado ser o último e decisivo jogo “todas essas razões militavam em favor da ansiedade que havia em toda a cidade, que era assim a mais justa e razoável possível”<sup>143</sup>. Ainda é conveniente ressaltar que apesar do primeiro jogo não ter tido muitas emoções, não faltou esforço e vigor dos jogadores, ocasionando até alguns excessos que terminaram em duas lesões em cada equipe.

Uma hora antes do início da partida, “começou a chegar ao Internacional a multidão que aos poucos deu sua vida ao ground, enchendo-o de animação”. Mais uma vez o jogo começou bastante equilibrado, embora os paranaenses tivessem marcado o primeiro gol. O ataque gaúcho seguia mal organizado e desperdiçando chances. No entanto, o primeiro tempo terminou em empate, 1 a 1. Logo no início do segundo tempo os gaúchos mostraram mais dedicação para a vitória, marcando o segundo gol aos 3 minutos da etapa complementar, o segundo gol de Xingo na partida. A partir de então o jogo ficou sobre domínio da equipe gaúcha, encerrando o jogo com uma vitória de 4 a 2 sobre os donos da casa, com gols de Barros e Leão<sup>144</sup>.

“Foi lamentável a falta de calma e mesmo de compostura de grande parte da assistência”. Foi com esta frase que a descrição do comportamento da torcida foi iniciada. Insultos verbais e objetos atirados em campo contra os gaúchos foram as atitudes iniciais da assistência que compareceu ao jogo, que estava “longe de encarar o encontro (...) como uma competição entre irmãos”, o que qualificaria os paranaenses como “mal educados”<sup>145</sup>. A cordialidade dos dirigentes não foi compartilhada pela assistência presente no estádio, escancarando que existiam um largo espaço entre o ideal de “sportmens” pretendido pelos dirigentes e a realidade dos campos de jogo, sujeita a atitudes que iam de encontro à esses princípios.

Quando da lesão do jogador gaúcho Alfredo, que quebrou a clavícula, os torcedores vibraram como se fosse a morte de um inimigo. Nas palavras do jornal paranaense:

Na ocasião em que o jogador Alfredo caiu com a clavícula partida, houve quem com isso se regosijasse, como se o moço que no campo se encontrava estendido não fosse, como brasileiro e como nosso hospede, merecedor dos nossos carinhos, máxime depois de ferido.<sup>146</sup>

---

<sup>143</sup> Idem ibidem.

<sup>144</sup> “O campeonato brasileiro de Foot-Ball”. Correio do Povo, 02 de agosto de 1922. p.8

<sup>145</sup> “O campeonato brasileiro de Foot-Ball – Como se comportou a assistência”. Correio do Povo, 02 de agosto de 1922. p. 8

<sup>146</sup> Idem ibidem.

Assim, embora os gaúchos tenham sido recebidos com ampla cordialidade pelos dirigentes da Associação paranaense, esta gentileza ficou restrita aos comandantes do futebol e à imprensa. No momento em que a população, pessoas comuns e das mais variadas origens, esteve perante o adversário este foi visto não como um irmão brasileiro e sim como um inimigo, seja pela emoção mimética da batalha proporcionada pelo futebol, seja pelo momento político brasileiro de intenso debate entre as unidades da federação<sup>147</sup>.

Logo, nota-se que o comportamento idealizado pela imprensa de Curitiba não se projetou no comportamento real das pessoas comuns. Assim, “Não há qualificativo para o procedimento da assistência e sua attitude agressiva só poderá prejudicar o desporto, senão mesmo matá-lo de vez”. Como resposta a esse comportamento, foi necessária a intervenção da polícia, que retirou um torcedor do “graund”<sup>148</sup>. De tal modo, percebe-se que imprensa e a força policial, órgão representativo do estado, projetavam uma adequação do torcedor ao espetáculo, que não permitia, ou tolerava, a violência e o desvio de uma conduta supostamente adequada, mesmo que o espetáculo dentro de campo implicasse em lesão de jogadores e ossos quebrados.

Para além do comportamento inadequado dos torcedores, a imprensa curitibana reconhece a supremacia do time gaúcho, que soube melhor se organizar com elementos de todo o estado, ao contrário do time local que em sua organização “sempre meteram os pés pelas mãos”. Superficialmente, parece semelhante o cenário paranaense ao gaúcho, pois ambos os times foram organizados às pressas e com o debate em torno da ausência de jogadores do interior do estado. Mesmo assim, a qualidade individual dos jogadores gaúchos é reconhecida, fato que seria fundamental para o júbilo neste enfrentamento<sup>149</sup>.

O jogo contra os paulistas, tal como o enfrentamento com os paranaenses, foi acompanhado por meio de telegramas ao jornal informando o andamento da partida. Quatro telegramas enviados à redação do jornal informavam o placar do primeiro

---

<sup>147</sup> Wisnik, embora não adote a ideia de que o futebol possa ser espelho da sociedade, admite seu caráter metonímico, dado que “elementos indicativos de mudanças históricas vão entrando no jogo, conotando-o, e remetendo, pontualmente, mas também difusamente, ao todo em que ele se inclui”. WISNIK, José Miguel. *Op cit.* p. 66.

<sup>148</sup> “O campeonato brasileiro de Foot-Ball – Como se comportou a assistência”. *Correio do Povo*, 02 de agosto de 1922. p. 8

<sup>149</sup> O *Correio do Povo* ainda reproduz notas publicadas no jornal o Paiz, do Rio de Janeiro, em que torcedores davam sua opinião sobre o jogo entre paranaenses e gaúchos, todos reconhecendo a supremacia dos jogadores do Rio Grande do Sul, inclusive um leitor de nome João Py, curiosamente o mesmo sobrenome do chefe da delegação gaúcha, Aurélio Py.

tempo, 2 a 1 para os paulistas, e os demais gols da segunda etapa, concluindo o jogo com 4 gols para os paulistas e 2 gols para os gaúchos. Esses telegramas foram reproduzidos na capa do jornal, no dia seguinte ao jogo, quinta-feira, dia 3 de agosto.

Em página central, onde costumeiramente localizava-se a seção “Notas Sportivas”, o jogo é detalhado, especialmente a agitação do mundo esportivo local, em função da expectativa pelas notícias dos jogos. Tratava-se não só do primeiro encontro entre tais seleções, mas também de enfrentar o melhor time brasileiro na “capital do foot-ball no Brasil”. Nessas palavras, a reportagem retratou o interesse da população pela partida:

E, para demonstrar o vivo interesse que havia para esta prova, está o facto de quando se aproximou da hora da realização deste importante jogo, uma colossal assistência afluir a frente dos jornaes, ávida de saber as primeiras notícias.<sup>150</sup>

E assim, por volta das 17 horas chegaram as primeiras notícias, fixadas por meio de papeis em frente às sedes dos jornais, recebidas com empolgação pelos que lotavam tais espaços.

Impossível se descrever o entusiasmo que se apoderou dos amantes do foot-ball, quando os jornaes affixaram em seus placards os resultados de uma brilhante representação por parte dos rio-grandenses nos primeiros 45 minutos de jogo, os quaes certamente deverão ter corrido debaixo de uma pugna empolgante<sup>151</sup>

Embora as minúcias do que ocorrera dentro das quatro linhas não serem conhecidas ainda, até o dia posterior ao jogo, o maior destaque foi dado para o comportamento da torcida em frente aos jornais, que, ao ser informada que o time gaúcho vencera os paulistas por 2 gols a 1, fazia com que a assistência se agitasse em torno da representação gaúcha. Era um placar muito melhor que o esperado diante dos “mestres do futebol.” Conquanto, finalizado o primeiro tempo “vivas e applausos delirantes então foram levantados na frente das redações dos jornaes, reinando no semblante de todos um vivo contentamento pela notícia que havia recebido”<sup>152</sup>.

Com o fim do primeiro tempo e o placar favorável aos gaúchos, a torcida foi duplicada, a fim de que “nossos players continuassem a manter a supremacia obtida no

---

<sup>150</sup> “O match inter-estadual de hontem”. Correio do Povo, 03 de agosto de 1922. p.6

<sup>151</sup> Idem ibidem.

<sup>152</sup> Idem.

primeiro tempo”. Após alguns minutos nova informação da partida: os paulistas empatavam o jogo. Uma confusão se criou em frente aos jornais, pensava-se que o jogo tinha acabado com o empate, o que fora comemorado entusiasticamente pela população que com “novas aclamações e vivas partiram de todos os que se achavam na frente das redações, em saudação aos rapazes rio-grandenses”<sup>153</sup>. E a repercussão foi crescendo, a notícia se espalhou por Porto Alegre, sendo que “por todos os recantos da cidade se commentava com phrases de júbilos a representação dos gaúchos”<sup>154</sup>. Somente mais tarde, em dois telegramas urgentes, a realidade fora esclarecida e a notícia da derrota chegava aos jornais de Porto Alegre que passaram, então, a divulgar a nova de São Paulo. O jogo terminara com o placar de 4 a 2 para os paulistas.

Mesmo com a derrota o CP exaltava a participação dos gaúchos no campeonato brasileiro, enfrentando os paulistas, sabidamente superiores, e sendo derrotados por placar não elástico. Ainda mais, os gaúchos mostraram ser conhecedores dos segredos do esporte e enfrentaram com audácia o adversário em seu campo de jogo, contra a torcida local e ainda melhor organizado, que não precisaram sair de sua cidade para jogar, e assim, “os gaúchos se sentem orgulhosos por haverem enfrentado equipe tão forte, sendo vencidos por um score não tão elevado”<sup>155</sup>.

É importante ressaltar que não era somente na competição de futebol que o Rio Grande do Sul estava participando, no mesmo dia em que se noticia o resultado do jogo com os paulistas, a delegação de atletismo da Federação Rio Grandense de Desporto estava de partida para Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro, a fim de disputar os jogos eliminatórios das Olympíadas do Centenário.

No dia do jogo entre gaúchos e cariocas, o Correio do Povo publicou uma série de notícias, via telegrama, oriundas da capital federal, tratando de detalhes da preparação e da relação cordial entre os dirigentes das delegações. O treino dos gaúchos ocorreu no campo do Botafogo, sob forte chuva, mas contou com a presença de sportmans gaúchos associados ao clube carioca, que palestraram entusiasticamente aos jogadores “acreditando na victoria da representação de seu Estado”<sup>156</sup>.

---

<sup>153</sup> “O match inter-estadual de hontem – O resultado do segundo tempo.” Correio do Povo, 03 de agosto de 1922. p. 6

<sup>154</sup> “O match inter-estadual de hontem – O jogo, porém, terminou com victória dos paulistas.” Correio do Povo, 03 de agosto de 1922. p. 6

<sup>155</sup> Idem ibidem.

<sup>156</sup> “Sports pelo telégrafo – Uma palestra com sportmen gaúchos”. Correio do Povo, 06 de agosto de 1922. p. 2

O jornal “O Imparcial” publicou uma entusiasmada saudação à embaixada gaúcha no Rio de Janeiro, ressaltando a cordialidade dos irmãos sulinos em prol do desenvolvimento do desporto nacional. A disputa em “pugna fraternal pelo progresso do desporto pátrio”, seria momento em que gaúchos e cariocas entoariam um hino à grandeza do Brasil “pela união sublime firmada nestes jogos de confraternização do Desporto Nacional”<sup>157</sup>.

Era notório, tal como no Paraná, o clima de celebração e amizade entre as Federações esportivas que recebiam os gaúchos. Sempre com cordiais recepções e tratamentos dignos de verdadeiros “sportmans” que lutavam pelo desenvolvimento do desporto brasileiro e não apenas por vitórias individuais. Ao menos nas reportagens era o que se advogava, não necessariamente tendo aplicação direta no campo de jogo ou nas arquibancadas.

Uma entrevista do chefe da delegação de futebol do Rio Grande do Sul, Aurélio Py, foi publicada no jornal “O Paiz”, também da capital federal. Nessa conversa, o ex-presidente da Federação Rio Grandense de Desporto aborda diversos temas ligados ao campeonato de futebol do centenário. Sobre o time paranaense afirma que o conjunto do time é bom, tendo dois jogadores de boa qualidade, embora possua um jogador, Zito, “que pela violência com que actua não deve fazer parte do selecionado paranaense, por que os outros jogadores jogam com delicadeza e virilidade”<sup>158</sup>. Neste ponto é importante ressaltar que embora a virilidade e a saúde sejam apreciadas em um ‘sportman’, a violência está totalmente fora de cogitação de ser aceita como parte de um esporte civilizado. O próprio futebol, na visão dos que o defendem, seria um esporte onde os ânimos são controlados e as regras cumpridas com exatidão.

Sobre o jogo com os paulistas, Aurélio Py afirmou que fora uma “luta cordial e delicada, própria de irmãos”, embora o juiz fosse um tanto receoso e indeciso, o que prejudicou o quadro gaúcho que ainda tinha que lutar contra o campo desconhecido, a torcida adversária e a fama do time paulista. Py ainda ressalta que “a linha de ataque dos paulistas é a melhor que se tem, exclusive (*sic*) as do Rio da Prata”. Após salientar que o time gaúcho tinha não menos que 8 desfalques, das mais diversas regiões do estado, como a capital, Bagé, Pelotas, Uruguaiana e Rio Grande, se nega a citar nomes de jogadores gaúchos para a seleção brasileira, pois isso caberia à comissão da

---

<sup>157</sup> “Sports pelo telégrafo – Uma saudação à embaixada gaúcha”. Op Cit. p.2

<sup>158</sup> “Sports pelo telégrafo – A entrevista que o dr. Aurélio Py concedeu ao ‘Paiz’ ”. Correio do Povo, 06 de agosto de 1922. p. 2

Confederação Brasileira de Desportes. No entanto, é taxativo no que se refere à lisura que tal escolha deve ser feita: “O combinado deve ser formado com a maior isenção de ânimo, sem política, colminando sempre, a grandeza do Brasil”. Sobre o próximo jogo dos gaúchos, diante dos cariocas, o ambiente amistoso é preponderante entre os dirigentes. Conforme Aurélio Py, mais do que a busca pela vitória, o que vale realmente é a confraternização com os coirmãos do Rio de Janeiro. Em suas palavras: “Não nos anima a preocupação de victoria, pois é uma luta de irmãos na qual devem primar a lealdade e a cordialidade”<sup>159</sup>.

Ainda é interessante ressaltar que a delegação gaúcha, certamente devido à falta de recursos, estava alojada em ambiente bastante simples, como afirma o telegrama do enviado do Rio de Janeiro: “Os jogadores e a delegação gaúcha estão hospedados na Pensão Bélgica, onde infelizmente, estão mal acomodados”<sup>160</sup>. Apesar dos esforços pela busca de recursos, os gastos eram muitos e o conforto teve que ser deixado de lado.

O jogo do domingo teve sua repercussão na edição da terça-feira, a primeira da semana, já que segunda-feira não havia exemplar do jornal. Uma reportagem de capa, totalmente dedicada aos eventos esportivos do fim de semana no Brasil, no interior do estado, na capital e até na Argentina<sup>161</sup>. Dessa forma, ocupando a primeira página e parcialmente a segunda, os esportes, e o futebol em especial, estavam no lugar habitualmente dedicado aos assuntos políticos do Brasil e do mundo (vale lembrar que ainda era muito grande a repercussão do Levante do Forte de Copacabana, de cunho antioligárquico, com prisões de militares, punições e um clima de grande instabilidade no cenário político e social brasileiro). Da mesma forma, no Rio Grande do Sul, começavam as disputas pela eleição para presidente do estado, na qual Borges de Medeiros seria novamente o candidato do governo, aumentado a crise no seio da oligarquia rio-grandense. Por conseguinte, é possível afirmar que o futebol virou notícia, foi acontecimento importante, devido à sua relevância para a população corroborada pelo grande número de pessoas envolvidas especialmente nos jogos do centenário, que ainda contava com grande presença da população no acompanhamento dos resultados em frente aos jornais.

Mais uma derrota do time gaúcho era noticiada na capa do jornal, mas com menos destaque que outras notícias, como a vitória dos paulistas diante dos baianos e o

---

<sup>159</sup> Idem ibidem.

<sup>160</sup> “Sports pelo telégrafo – A constituição do scratch carioca”. Correio do Povo, 06 de agosto de 1922.

p.2

<sup>161</sup> Correio do Povo, 08 de agosto de 1922. p. 1



anúncio do próximo jogo dos gaúchos. Foi publicada a série de telegramas enviados pelo correspondente do Correio do Povo à edição do jornal em Porto Alegre. Esses telegramas eram enviados em intervalos de cerca de 15 minutos, com escalação dos times e os principais acontecimentos.

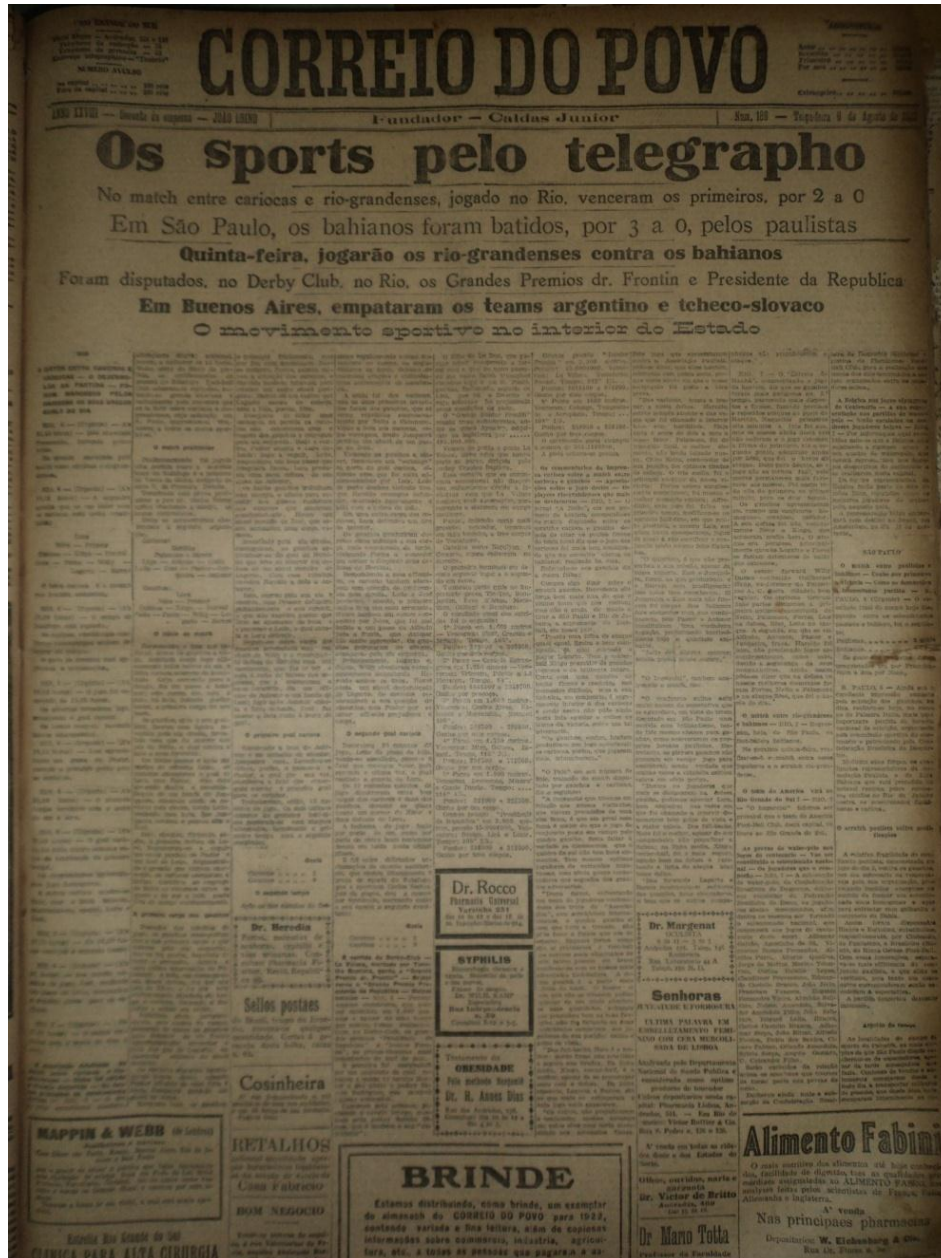


Figura 10 – Capa do Correio do Povo noticiando os jogos do Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais de 1922.

A chuva fraca que caía no Rio de Janeiro não impediu que o estádio estivesse lotado para ver a vitória dos cariocas por dois gols a zero. Após os telegramas, o CP publicou texto detalhando o que ocorreu durante o jogo. A boa atuação dos gaúchos diante dos paulistas fez com que “grande interesse e entusiasmo pelo encontro” fosse notado e antes da partida começar “as archibancadas do ground do Botafogo Foot-Ball

Club achavam-se repletas” a espera do inicio do jogo. Enquanto isso era jogado uma partida preliminar entre o Vasco da Gama e o segundo time de o Botafogo<sup>162</sup>.

Iniciado o jogo, os cariocas avançaram para o ataque exigindo muita atenção do goleiro Lara e da defesa gaúcha que se defendia como podia, inclusive com “o emprego de todos os recursos entre os quaes o de ser a bola posta fora de campo constantemente”. Embora dando chutes para fora de campo, a pressão carioca fez efeito e o placar foi aberto ainda no primeiro tempo. As calorosas aclamações no retorno do segundo tempo pareceram ter empolgado os gaúchos que iniciaram melhor, mas logo tomaram o segundo gol, transformando a partida em um jogo apático.

Apesar do domingo chuvoso, a partida entre gaúchos e cariocas teve estádio lotado. As reportagens não divulgam o público exato, apenas informam não haver lugar para mais ninguém. Ainda assim, no mesmo dia um outro evento também tinha palco lotado no Rio de Janeiro. As corridas no Derby Club atraíram mais de 8000 pessoas no mesmo domingo chuvoso. Por conseguinte pode-se notar que os eventos esportivos eram atividade de relevância para o lazer da população, sendo que o domingo a tarde foi dedicado àquela atividade.

Aparentemente nenhum acontecimento fora da normalidade ocorreu durante o jogo, nem em campo nem com torcida, pois os jornais registram apenas o desempenho dos jogadores dentro de campo. Segundo o jornal “A noite”, os gaúchos são melhores que os baianos, tecendo elogios a Lagarto e Xingo, mas que ainda não estão no mesmo nível de paulistas e cariocas. O jornal “O Paíz” afirmava que a fama é maior que o jogo apresentado e que não pode fazer frente a um “team de jogadores conhecedores dos trucs do ‘Association’, com scratchmen internacionaes.” Ainda assim, “rapazes fortes como são, si praticarem o foot-ball nos centros mais adeantados do paíz, talvez possam em breve hombra-se com nossos mais adeantados foot-ballers”. Mais uma vez o meio campo Xingo é destacado pela qualidade, juntamente com o goleiro Lara. “O Imparcial” assume a mesma esteira de opinião reafirmando o esforço gaúcho e a superioridade carioca. Outra vez, o goleiro Lara é elogiado, juntamente com Neco, Xingo, Lagarto e Barros. A mesma apreciação do jogo é registrada pelo “Correio da Manhã” afirmando que apesar do esforço maior no segundo tempo, os gaúchos ainda careciam de qualidade, embora garanta a qualidade da defesa e a participação do “center forward

---

<sup>162</sup> “A descrição detalhada do match entre cariocas e riograndenses”. Correio do Povo, 08 de agosto de 1922. p. 1

Willy (nosso conhecido Guilherme Haup, ex-defensor do Palmeiras A.C. desta cidade)”<sup>163</sup>.

O conjunto das manifestações da imprensa carioca não destoava entre si. Todos concordam com a superioridade do time local perante os gaúchos, embora os visitantes fossem esforçados e disciplinados. O goleiro Lara, o zagueiro Neco e o meio-campista Xingo foram os mais destacados jogadores do time gaúcho que quatro dias após este jogo já estaria novamente em campo diante dos baianos, para encerrar a participação na seletiva para os jogos sul americanos. O jogador de ataque Willy é citado positivamente por apenas por um dos jornais, mesmo todos tendo afirmado que o desempenho de ataque do time gaúcho tenha sido sofrível. No entanto, tal jogador parece ter sido aludido muito mais por já ser conhecido na cidade do que pelo futebol apresentado aos espectadores.

No mesmo domingo que os gaúchos enfrentavam seus adversários no centro do Brasil, o cenário esportivo estadual não parou e jogos pelos diversos campeonatos locais seguiram acontecendo. Em Pelotas, importante centro esportivo, um jogo do Brasil contra o Ideal, pela Liga Pelotense, terminou aos vinte minutos do primeiro tempo, com invasão de campo pela torcida. Assim, “deu-se um conflito entre a assistência do qual resultou sair ferido levemente à bala o jogador do Brasil de nome Pelagio Proença”<sup>164</sup>. Na edição seguinte a notícia é melhor delineada com auxílio de um sportmen pelotense que detalhou o conflito:

“(…) Calero deu um pontapé ao Rosseli, o que deu motivo a que se travasse verdadeira luta de ambos os lados.

O Sr. Francisco Secco, espectador, foi junto com o povo que invadiu o campo, dividindo-se, também, o povo a favor dum e outro club, e, a distância duns vinte passos, atirou sobre o Proença, atingindo-o no lado esquerdo do estomago. O ferido foi hoje operado e considerado fora de perigo.

(…)

Houve também muitas cabeças quebradas a bengaladas, mas sem importância.”<sup>165</sup>

A briga iniciada dentro de campo por dois jogadores contagiou a torcida que invadiu o campo e tomou partido no conflito. Socos, ponta-pés, bengaladas, até mesmo

---

<sup>163</sup> “Os comentarios da imprensa carioca sobre o match entre cariocas e gaúchos.” Correio do Povo, 08 de agosto de 1922. p.1

<sup>164</sup> “Conflito em um match de foot-ball.” Correio do Povo, 08 de agosto de 1922. p.2

<sup>165</sup> “E’cos do conflicto occorrido no match Brasil versus Ideal.” Correio do Povo, 09 de agosto de 1922.p.6

um tiro em um jogador e “cabeças quebradas” foram os resultados da contenda. Desordens como essas não eram anormais, mas sempre reprovados pela imprensa e dirigentes dos clubes. Mais do que um acontecimento isolado, tomar parte em um briga era hábito nos jogos de futebol, que careciam de sistema de segurança em uma sociedade onde que qualquer um andava armado pelas ruas e dar um tiro não era nenhum sacrifício para aqueles que viveram a guerra civil de 1893 até 1895 e viveriam no ano seguinte ao centenário da independência mais um conflito armado no Rio grande do Sul. Diversos jogadores de ambos os clubes viriam a ser suspensos e eliminados do esporte em decisão tomada pela Liga Pelotense de futebol no dia 19 de agosto.

O campeonato brasileiro seguia com seus jogos, gaúchos e baianos se preparavam para o confronto de despedida, os preparos para a Exposição do Centenário eram intensos. Embaixadas e representantes de diversos países eram esperados, algumas já começam a chegar para os retoques finais de seus pavilhões. O retorno dos jogadores gaúchos já estava agendado. Os dirigentes iniciavam o retorno ainda na noite do último jogo, acompanhados de três jogadores: Mosquito, Lagarto e Willy. O privilégio desses três atletas retornarem com os dirigentes não é explicado, apenas informado que os demais retornariam apenas no domingo<sup>166</sup>.

Mais uma vez o jogo dos gaúchos era noticiado em tempo real por meio de telegramas enviados durante a partida. O jogo iniciou às 16 horas “achando-se literalmente tomadas todas as dependências da bella praça de sports do Flamengo”. Fato interessante é que o time do Rio Grande do Sul entrou em campo com a camiseta do Flamengo. O primeiro tempo do jogo foi parelho com ligeira superioridade dos gaúchos, tendo o jogador Mosquito sofrido uma lesão em uma entrada de Popó. O segundo tempo, embora de maior domínio dos baianos, se apresentou tenso. Um conflito se instaurou dentro de campo, onde ocorreu “uma luta entre Popó e Lagarto, que se aggridem a soccos, sendo o jogo suspenso.” Após acalmarem os ânimos, o jogo foi retomado, mas “torna-se violento. Willy e Santinho chocam-se, contundindo-se o segundo”. Mais uma vez a partida fora interrompida para atendimento e recomposição dos jogadores. O domínio baiano prevaleceu e Petiot fez o gol para o selecionado do nordeste. A continuação do jogo seguiu com lances bruscos, como o choque entre Willy

---

<sup>166</sup> “O regresso da embaixada rio-grandense.” Correio do Povo, 09 de agosto de 1922. p.1

e Santinho, sendo que o último saiu lesionado. A equipe dos gaúchos ainda escapa de sofrer outros gols com intervenções do goleiro Lara<sup>167</sup>.

A derrota para os baianos, embora sem o mesmo destaque dos jogos diante os paranaenses, cariocas e paulistas tem repercussão imediata no Correio do Povo. Ao contrário de ressaltar a superioridade do adversário vencedor, como feito anteriormente, um artigo é publicado criticando a forma como a seleção foi escolhida e culpando os dirigentes por tais decisões.

Exposto na seção esportiva do jornal, o artigo tem teor claramente opinativo, com se fosse um Editorial de esportes do Correio do Povo. Não tem assinatura de autor, mas questiona e manifesta opinião como se falasse pelo jornal. Assim, inicia questionando o motivo da decadência do desempenho do time nos últimos dois jogos, diante dos cariocas e baianos, sendo que o enfrentamento contra paranaenses e paulistas tinha sido digno de louvor até mesmo pela imprensa do centro do país.

Acusa inicialmente a falta de organização do time e a ausência do jogador Alfredo, que lesionado teve que abandonar a competição antes de seu início. Ainda, desde o começo da preparação do selecionado gaúcho, o jornal vinha alertando para a necessidade de uma escolha criteriosa dos jogadores, pois que não deveria ser feita pelas relações clubísticas e sim pela qualidade dos jogadores, o que evitaria que as particularidades e intrigas pessoais interferissem na montagem da equipe. No entanto, as distinções parecem ter sido mais fortes do que o interesse em demonstrar o “progresso deste sport em nosso Estado.” Conforme o artigo,

Bem se compreende que certos sportmen, figuram entre os elementos dirigentes do foot ball gaúcho, preferiram ouvir as suas paixões sportivas e levar o Rio Grande do Sul, a um insucesso como este, do que se unir como o fizeram os outros para dar melhor prova da sua potencialidade spotiva.<sup>168</sup>

Fica clara a posição do artigo quando recordamos que o jogador Lagarto fazia parte da primeira comissão que escolheria os jogadores do time e que ainda fora acusado por um leitor do jornal de ter animosidade com alguns jogadores que seriam preteridos da seleção. Ainda, que deveriam ser deixadas de lado “todas as paixões mesquinhas do clubismo, para que, mais tarde, se a sorte não nos sorrir, não venham

---

<sup>167</sup> “Os sports pelo telegrafo – Match entre riograndenses e bahianos.” Correio do Povo, 11 de agosto de 1922. p. 2

<sup>168</sup> “O Match de hontem entre baianos e gaúchos.” Correio do Povo, 11 de agosto de 1922. p. 6.

aparecer comentários e dissabores como geralmente acontece”<sup>169</sup>. De fato novamente aconteceu. Além do mais, o chefe da delegação gaúcha era o gremista Aurélio Py, que na hora de substituir jogadores lesionados do time, rapidamente convocara componentes do Grêmio.

Assim, conforme o texto do jornal as derrotas ocorridas no campeonato deveriam servir de lição para nossa federação e a devida unificação do futebol no estado a fim de garantir o melhor desenvolvimento do futebol. Caso o contrário, seria preferível “abandonar o cultivo deste esporte’ para não mais sujeitar o Estado aos dissabores de uma “representação infeliz”, como ocorrido no campeonato do Brasil. Com esperança que a organização do futebol gaúcho melhore, o texto aponta que o diagnóstico do fracasso gaúcho no campeonato está claro,

mas os que mais cooperaram para isso, certamente, agora, hão de bastante lamentar não ter compreendido que só a união e a coesão de todos os centros sportivos rio grandenses poderiam ter levado este Estado a demonstrar a sua potencialidade sportiva.<sup>170</sup>

Dado o acompanhamento desde o início dos preparativos já era de conhecimento que havia interesses pessoais e clubísticos acima de uma justa seleção dos melhores atletas. Ainda mais, a escolha de jogadores que representariam o Rio Grande do Sul, ultrapassava uma simples representação esportiva: era o momento de estar diante de outros estados brasileiros, medindo o grau de desenvolvimento esportivo, um dos principais símbolos da modernidade que se pretendia nas grandes cidades do Brasil.

### **2.3 – O jogo não acabou – ainda os reflexos dos “matches”**

A lógica do fluxo de informações fazia com que os jornais do centro do país chegassem em Porto Alegre praticamente uma semana após o dia da edição. Assim, o jogo dos gaúchos diante dos paulistas voltava a ser notícia com a chegada dos jornais paulistas à redação do Correio do Povo. O “Estado de São Paulo”, o “Diário Popular” e o “Comércio de Santos” traziam mais notícias sobre o jogo no dia posterior ao embate e foram reproduzidos pela folha porto-alegrense com o título “O que disse a imprensa de S. Paulo a respeito deste torneio”.

---

<sup>169</sup> “A organização do scratch rio-grandense – Uma carta”. Correio do Povo, 16 de junho de 1922. p. 8

<sup>170</sup> “O Match de hontem entre baianos e gaúchos.” Op cit. p. 6.

Segundo o jornal Estado de São Paulo,

ficou, de facto, evidenciado à sociedade, o adiantamento que tem tido nestes últimos tempos o futebol na terra gaúcha, onde esse esporte ganhou foro de cidadania como aliás, aconteceu em vários outros centros esportivos do país, suplantando qualquer outra manifestação de educação phhysica.<sup>171</sup>

Como já afirmado, a cidade de São Paulo, ao lado do Rio de Janeiro, era o principal centro irradiador de tendências para Brasil, inclusive do futebol. Ficava claro que o desempenho demonstrado pelos gaúchos fora de fato exemplar, pois causara ótima impressão aos notórios “mestres do futebol”, como eram conhecidos os paulistanos. Não obstante, vale ressaltar que a educação física no Brasil, e mais especificamente no Rio Grande do Sul, somente se tornou prática obrigatória nas escolas públicas a partir de 1897<sup>172</sup>.

Outrossim, a atuação do time gaúcho foi ressaltada pelo Estado de São Paulo, pois a vitória gaúcha só não saíra devido ao esforço de alguns jogadores paulistas, como Friedenrich. Mais uma vez era enfatizado o desempenho do goleiro Lara, que jogou boa parte da partida sem as plenas condições, pois havia lesionado o joelho: “O que principalmente foi notado foi a actuação do guardião gaúcho, que, apesar de machucado no segundo tempo, jogou de modo admirável, embora abandonasse muito a sua posição”<sup>173</sup>.

O “Diário Popular”, da mesma forma, atribuiu à vitória paulista a um pequeno detalhe, pois

A certa altura do jogo, que se estava desenvolvendo com entusiasmo, sempre com a superioridade dos visitantes, o arqueiro gaúcho contundiu-se seriamente e não pode praticar as mesmas magistraes defesas que vinha fazendo desde o início da partida. Os paulistas aproveitaram-se dessa fraqueza do adversário e há muito custo conseguiram os dois pontos de superioridade, com que venceram os gaúchos.<sup>174</sup>

<sup>171</sup> “Os jogos inter-estadoes.” Correio do Povo, 12 de agosto de 1922. p. 6

<sup>172</sup> O projeto de reforma do ensino primário encabeçado por Rui Barbosa data de 1882, no entanto não é possível ainda mensurar o alcance que estas novas idéias tiveram no cotidiano escolar gaúcho. Sobre o tema ver: SILVA, Marcelo. A educação física no Rio Grande do Sul durante a República Velha. In [www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com). Acessado em 17/08/2012.

<sup>173</sup> “A opinião do Estado de São Paulo.” Correio do Povo, 12 de agosto de 1922. p. 6

<sup>174</sup> “O que disse o ‘Diário Popular’.” Correio do Povo, 12 de agosto de 1922. p. 6

A referência ao goleiro Lara e ao desempenho exemplar dos gaúchos é repetida, juntamente com a qualidade da defesa e a pouca categoria do ataque, que se não fosse falho poderia ter gerado a vitória aos visitantes, que segundo o jornal, “foi o melhor quadro que nos tem visitado durante o torneio”<sup>175</sup>.

O “Comércio de Santos” observou que “apesar de ser de trabalho o dia de ontem, grande foi a multidão que affluiu ao campo da Floresta, em S. Paulo, onde em disputa pelo campeonato brasileiro de futebol, mediram forças os selecionados paulista e gaúcho.” Na mesma linha de crítica ao desempenho paulista, o elogio aos jogadores gaúchos que “justificaram a fama de que se fizeram preceder, sendo, realmente, exímios praticantes de futebol.” E ainda, que o quadro gaúcho possuía “excelentes e perfeitos jogadores capazes de fugurar com brilhantismo na esquadra nacional. O seu arqueiro é dos melhores que tem pizado os gramados de S. Paulo”<sup>176</sup>.

É bastante conveniente notar que além dos três jornais reproduzidos pelo Correio do Povo terem opiniões semelhantes aos desempenhos paulista e ao gaúcho, ressaltavam o goleiro Lara como um jogador de destaque, mesmo para os “mestres do futebol”. Ainda digno de reflexão, as três folhas registraram que o time gaúcho possuía um estilo diferente de jogo ao que estavam habituados os paulistas, com muitos chutes, jogadas aéreas e com velocidade, chegando até ser comparado com o futebol praticado pelos platinos.

Uma divertida crônica publicada na “A Gazeta”, de São Paulo também teve espaço nas páginas da folha porto alegreense. De tom irônico o texto, assinado por “Rolando”, explorava a nomenclatura zoológica dos jogadores de ambos os times, especialmente os gaúchos, e o aspecto de batalha que tomava o jogo. Assim, anunciava o começo da partida simulando uma ligação a um interlocutor: “Aloh! É você, Naso? Olha: a batalha começou... O Lagarto, meia-direita gaúcho, espreguiçou-se todo, sacudiu a cauda e avança, tardo, focinho no ar... o Tigre accendeu os olhos, arrepiou os pelos, lambendo os beiços...”<sup>177</sup>. A ironia não é dedicada somente aos jogadores em campo e seus apelidos animais, pois o comportamento da torcida também era objeto do cronista, que seguia em diálogo com seu interlocutor informando o que ocorria no campo de jogo e nas arquibancadas:

---

<sup>175</sup> Idem ibidem

<sup>176</sup> “O que disse um jornal de Santos.” Correio do Povo, 12 de agosto de 1922. p. 6

<sup>177</sup> “Episódios pittorescos do encontro paulistas versus gaúchos.” Correio do Povo, 13 de agosto de 1922. p. 6



– Que gritaria é essa?

É o Tatu – ponteiro corinthiano – que quer, à viva força, entrar para o gramado. Diz o Tatu que faz em três tempos um subterrâneo no campo, para o Neco marcar um rosário de pontos. O negócio ainda não acabou. Agora é o Moscão – centro-médio do S. Bento – que também quer ‘voar’ para campo. ‘Deixe-me passar. Quero ensinar aquela mosca dos pampas como é que se encia o ferrão!’ – está dizendo o popular Moscão.<sup>178</sup>

Brincando com os nomes dos torcedores, no caso dois que também são jogadores, ironiza um suposto excesso dos dois assistentes que parecem querer entrar em campo ou até mesmo brincadeiras feitas pela torcida durante o jogo, o que era e ainda é muito comum nos estádios de futebol. E mais, o “popular Moscão” é usado como símbolo de superioridade paulista diante do “Mosquito” gaúcho.

Na seqüência da crônica, uma suposta discussão é relatada:

Santa Magdalena arrependida! Olha aqui: outro frege damnado. Nas archibancadas, a Raposa – arqueiro do Internacional, e o Rato – meia-dereita do Minas F.C. – engalfinharam-se. Dizem que o motivo do arranca-rabo é o Rato ter achado o Leão melhor que o Tigre: o Rato, porém, opina pela superioridade do Tigre sobre os bichos em campo... Ah! Terminou a briga. O rato entrou para o bolso do Mário de Macedo, enquanto a raposa subiu pelo pau da bandeira paulista.<sup>179</sup>

Mais uma vez, animais que dão apelidos aos humanos são alvos da brincadeira do autor que ainda ironiza as diversas discussões que ocorriam nos estádios por motivos aparentemente insuficientes, como a superioridade técnica de um ou outro jogador ou até mesmo as preferências clubísticas dos torcedores.

Talvez por mera brincadeira do texto ou fazendo referência ao nível de violência do esporte o autor coloca em relevo o possível estado dos jogadores ao finalizar a partida:

“Oh! O Lagarto deu uma rabanada em Formiga. A Mosca esfolou uma aza, o Leão já está sangrando com as repetidas dentadas do Tigre.

(...)

Terminou a pugna. As ‘feras’ estão em lastimável estado. Lagarto perdeu metade da cauda; Mosca, quebrou uma aza; Leão com a jaula eriçada, saiu do campo com as garras partidas; Formiga, esfolou um ferrão; Tigre todo arrepiado com a falta de um dente e outros arranhões sem importância, saiu soberbo da liça.

(...)

---

<sup>178</sup> Idem ibidem.

<sup>179</sup> “Episódios pittorescos do encontro paulistas versus gaúchos.” Op cit.

Olha só Naso! Corre como certo, que nos próximos embates, será convidado o exmo. Gerenal Rondon para árbitro geral...”<sup>180</sup>

Com o recurso das metáforas o autor critica o excesso de violência que a prática do futebol acabava provocando, tornando os jogadores ao fim do jogo como animais recém saídos de uma briga. Além disso, para deixar elucidado que este jogo de fato parece coisa de animal, supõe que o desbravador da Amazônia brasileira, o então general, Cândido Rondon seria convidado para ser o árbitro da próxima partida, pressupondo o conhecimento e o histórico do militar em trabalhar e conviver na floresta diante de animais selvagens.

O jogo final do campeonato ocorreu entre os paulistas e cariocas. Novamente, o tempo fechado e chuvoso não espantou os torcedores que lotaram o estádio para ver o grande jogo que decidiria o campeonato. “Perante colossal assistência” os paulistas venceram facilmente por 4 a 1<sup>181</sup>.

Os jogadores gaúchos começaram a retornar do Rio de Janeiro. Um jogo amistoso anteriormente acordado diante do Paulistano foi cancelado e os primeiros representantes do time gaúcho, Neco e Aurélio Py, chegaram em Porto Alegre no dia 17 de agosto, quinta-feira, por meio ferroviário. Marcelino, Willy e Mosquito ficaram em Santa Maria a fim de pegar outro trem para Rio Grande, o zagueiro Romagna ficou em Cruz Alta, onde residia. Os demais jogadores chegariam apenas no fim de semana, sábado ou domingo, por via marítima. No entanto, alguns deles sequer retornaram para o Rio Grande Sul. A CBD requisitou os jogadores Xingo, Neco e Lagarto para compor os treinamentos da seleção brasileira, ficando somente Xingo devido à facilidade de obter licença para sua permanência na capital federal. Ramão e Lara também ficaram no Rio de Janeiro, mas para compor a seleção brasileira dos jogos militares (igualmente fazendo parte dos festejos do centenário).

O Correio do Povo ainda anunciava que periódicos de São Paulo davam informação de que Xingo, bastante elogiado pela imprensa local nos jogos do campeonato, ficaria em São Paulo onde passaria a compor os quadros do Paulistano, principal time paulista. Vale lembrar que o Paulistano era um clube de elite e que somente membros de tal classe conseguiriam associar-se e assim poder participar de seus quadros, embora nessa época já contasse com o jogador Arthur Frierenrich, um mulato de olhos verdes, filho de mãe negra e pai comerciante alemão, que era o

---

<sup>180</sup> Idem ibidem.

<sup>181</sup> “Os Sports pelo telegrapho.” Correio do Povo, 15 de agosto de 1922. p. 2

principal jogador da seleção brasileira desde 1919 quando foi eleito o melhor jogador no Campeonato Sul Americano disputado no Rio de Janeiro. Não sem debates pela presença, as vezes incômoda, de um mulato na representação do Brasil<sup>182</sup>.

As notícias dos jornais de São Paulo continuaram a chegar ao Correio do Povo. Em uma edição do jornal “São Paulo Sportivo”, do dia 13 de julho, foi publicada uma entrevista com Severino Franco, o Lagarto, conhecido “sportmen” da seleção gaúcha e que fora, inicialmente, membro da comissão de escolha do selecionado. O repórter foi até o Hotel d’Oeste, onde estava instalada a representação gaúcha, e procurou pelo jogador para perguntar-lhe sobre o jogo contra os paranaenses. Iniciando sobre sua posição, Lagarto afirmou jogar “numa posição de conveniência”, dependendo da necessidade do time, típico de um “sportmen”. Igualmente, o tema principal era saber sobre o jogo contra os paranaenses que, segundo Lagarto, caracterizou-se por

Muita brutalidade. Principalmente Zito, que inutilizou dois dos nossos elementos, no segundo encontro. (...) Neco, o nosso zagueiro mais firme, que teve a testa rachada e Alfredo, aza médio, que teve a clavícula partida.

E além desses dois tivemos mais o Quincas com o tornozelo ‘amassado’.<sup>183</sup>

Esse tipo de acontecimento em jogos de futebol não era incomum, o que dava força aos argumentos dos que apontavam esse esporte como extremamente violento e não adequado para os jovens e para a educação do povo. Portanto, uma “testa rachada”, uma “clavícula partida” e um “tornozelo amassado” não poderiam ser elementos de uma prática que se pretende moderna e civilizada.

Questionado sobre o comportamento da torcida no Paraná, Lagarto afirmava que no primeiro jogo se comportou bem e esteve calma, já no segundo prefere não comentar o assunto: “Não quero dizer nada. Eles foram derrotados...”. Certamente a torcida paranaense não fora tão cordial quanto no primeiro enfrentamento.

Amilcar, jogador do Corinthians e da seleção paulista também esteve no hotel em que se acolheram os gaúchos. Não está claro se de visita ou de estadia, entretanto sua presença é sinal da cordialidade tradicional entre “sportmens”, que, como dissera o chefe da delegação gaúcha, era mais apropriado a participação na formação e preparação do time nacional do que a vitória pessoal. Ao aproximar-se de Lagarto,

<sup>182</sup> “E’cos dos matches inter-estaduaes”. Correio do Povo, 18 de agosto de 1922. p. 6

<sup>183</sup> “Severino Franco (Lagarto), o capitão do quadro gaucho concedeu uma entrevista ao ‘São Paulo Sportivo.’ Correio do Povo, 18 de agosto de 1922. p. 6

Amilcar retoma o assunto da violência do paranaense Zito, e dessa forma apresenta o seu testemunho: “ – Contra nós elle também fez isso, mas Barthô deu-lhe um ‘esguicho’ e elle ficou dez minutos descansando, para voltar mais gentil. Em futebol há sempre dessas cousas”<sup>184</sup>.

Aparentemente, Lagarto e Amilcar eram elementos de distinção em seus meios sociais, bem como o paulista Barthô, que mesmo munido dos ideais da civilidade de um “sportmen” não deixou de usar da força (excessiva) para impor seu time rumo à vitória. Dentro das quatro linhas, bem como em seu entorno, o comportamento ideal torna-se bastante flexível, no qual a busca pela vitória, pessoal ou coletiva, faz com que os desvios de conduta sejam comuns e até toleráveis diante de determinadas situações, como o “esguicho” de Barthô em Zito, para que possa “voltar mais gentil”.

O jornal “A folha da noite”, também de São Paulo, fez algumas apreciações sobre o encontro entre gaúchos e paulistas. No mesmo prisma dos demais jornais elogiou o desempenho do selecionado do sul e criticou a organização do “convencido selecionado” paulista. Segundo o texto, os paulistas já eram sabedores que o futebol dos gaúchos “ia num progresso lento, mas seguro, e que, mais tarde ou mais cedo, seriam elles os representantes dessa circunscrição da República, os nossos naturaes adversários”<sup>185</sup>. Demonstrava, dessa forma, o reconhecimento de que o desenvolvimento esportivo do Rio Grande do Sul era notável.

No bojo das discussões e comentários acerca do desempenho dos gaúchos no campeonato brasileiro, outros assuntos referentes aos esportes também apareciam, como a participação de mulheres em atividades esportivas. Esse envolvimento do público feminino se dava de forma efetiva e não apenas na assistência dos jogos.

Maciste Junior<sup>186</sup>, jornalista esportivo do Correio do Povo que assinava quase todas as colunas esportivas que tinha autor identificado, afirmando que o ano do centenário da independência se tornou fértil em revelações da situação social e econômica do Brasil, escreveu sobre o desempenho “dos onze” que representaram o Rio

---

<sup>184</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>185</sup> “Ainda o match gaúcho versus paulistas – O que disse um jornal de S. Paulo.” *Correio do Povo*, 18 de agosto de 1922. p. 6; Embora se reconhecesse que o Rio Grande do Sul avançava na aptidão esportiva, a supremacia paulista e carioca sobre os demais estados brasileiros permaneceu até meados da década de 1960, quando então os clubes gaúchos e mineiros passaram a disputar em par de igualdade com os de São Paulo e Rio de Janeiro.

<sup>186</sup> Embora assinasse as colunas esportivas como Maciste Junior, seu nome verdadeiro era Olyntho Sanmartin. Publicou outros diversos artigos sobre a vida cultural da cidade no *Correio do Povo* e em outros jornais da cidade e do interior.

Grande dos Sul no campeonato nacional e ainda sobre a devida participação das mulheres nos esportes. Segundo o autor,

(...) justamente no anno do primeiro centenário da nossa emancipação política, em que, dentro de uma finalidade harmonicamente definida, se consumou o princípio da nacionalidade livre, exigida e imposta pelo character da raça, ahi temos, dizíamos, o grande balanço da vida nacional, já iniciado e que em setembro próximo será encerrado de um modo brilhante inexcédível.<sup>187</sup>

Maciste Junior refere-se aos festejos do centenário da independência, momento no qual a nacionalidade dos brasileiros deveria ser mostrada, juntamente com as situações sociais de cada canto do país, como se fosse uma raça, a brasileira, que teria seu dia máximo em 7 de setembro de 1922. Assim seria possível ter uma ideia da situação social e econômica do Brasil. Dessa forma, o estado do Rio Grande do Sul apresentaria sua primeira mostra de desenvolvimento esportivo:

E eis que o Rio Grande do Sul, por entre uma surpresa geral apresentou, com a ‘embaixada dos onze’, sua primeira parcela de cultura esportiva no balanço interno do país. O Brasil esportivo applaudiu, admirado, o primeiro feito dos gaúchos.<sup>188</sup>

Era lúcido que o autor reforçava a ideia de que era o momento de todos se desvendarem. O estado estava representado por uma “embaixada dos onze”, que mostrava ao restante do país o desenvolvimento esportivo dos gaúchos. Outrossim, vale lembrar que o futebol não representa somente um esporte, mas um aspecto da sociedade diretamente ligada ao desenvolvimento cultural e à modernidade, embora existissem diversas discussões em torno da validade desse esporte como tal, como vimos nas páginas do Correio do Povo.

E é neste ensejo, evocando a nacionalidade e condenando a excessiva rivalidade entres os times e certamente o comportamento violento durante os jogos que Maciste Junior convoca por uma união entre os estados e não à rivalidade.

Há, porém, nos altos relevos dessa admiração unânime, um ponto penumbroso e injustificável: irmãos a se desconhecerem sob o mesmo

---

<sup>187</sup> “Athletismo – Os gauchos e a mulher no sport nacional” Correio do Povo, 18 de agosto de 1922. P6. Importante referirmos que nesse momento histórico a produção industrial do Rio Grande do Sul era quase igual ao do estado de São Paulo. Ver: PESAVENTO, Sandra Jahaty. RS – a economia & o poder nos anos 30. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980 (Série Documenta RS)

<sup>188</sup> “Athletismo – Os gauchos e a mulher no sport nacional”. Op cit.

céu e perdidos no sangue de uma só raça. Para continuidade da grandeza sportiva nacional, esse facto não se deverá repetir, devendo-se por isso conservar uma aproximação persistente entre os Estados do norte e os do sul do Brasil.<sup>189</sup>

É digno de nota o relevo que o autor dá à importância dos jogos como elementos de coesão dos estados brasileiros em um momento histórico de contestações para a sociedade brasileira<sup>190</sup>.

No entanto, não é de se admirar que Maciste Junior faça essa relação direta entre eventos esportivos, a política e a sociedade. Ao mesmo momento, na Europa, o futebol já era utilizado para tal fim como nos regimes totalitários da década de 1930, na Itália e Alemanha, ou simbolizado pela presença dos reis nas finais da Copa da Inglaterra. No Brasil, o futebol também era elemento para propaganda e promoção de governos e ideais, especialmente nas nascentes zonas industriais com seus times de empregados financiados pelos patrões<sup>191</sup>.

O autor ainda elogia a “cordialidade fraternal” com que foram recebidos os gaúchos em São Paulo e no Rio de Janeiro, embora faça a ressalva que ainda não estavam no nível dos paulistas e cariocas, mesmo assim está esperançoso em uma melhora e na imposição dos gaúchos perante os demais. “A embaixada dos vinte e um, que representa a alma do Rio Grande, si bem que não seja ainda a expressão máxima do Sport gaúcho, falará por nós, aos nossos irmãos do norte, num só grito e numa só voz”<sup>192</sup>.

Mais uma vez é reforçado que o time de futebol do Rio Grande do Sul, mesmo não contando com representantes do todo o estado, ainda não sendo o melhor grupo de jogadores possível, era o coletivo que representava a “alma” do estado. Nesse ponto, é importante fazer referência às aferições em torno da importância do futebol (e do esporte) para a constituição dos nacionalismos, tal como frisou Eric Hobsbawm, na obra *Nações e Nacionalismos*<sup>193</sup>.

---

<sup>189</sup> Idem ibidem.

<sup>190</sup> A “política do café com leite” dava o ritmo do jogo político nacional, no momento em que, ano do centenário da independência, as oligarquias dissidentes, as camadas médias e o nascente operariado começaram a se articular e agir em busca de mudanças mais relevantes que a simples troca da nomenclatura dos presidentes, perpetuando os mesmos agentes donos do poder.

<sup>191</sup> Sobre futebol operário em Porto Alegre ver: STÉDILE, Miguel Enrique Almeida. **Op cit.** Sobre os usos políticos do futebol, ver : AGOSTINO, Gilberto. **Op cit.**

<sup>192</sup> Athletismo – Os gaúchos e a mulher no sport nacional”. Correio do Povo, 18 de agosto de 1922. p. 6

<sup>193</sup> HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1990.

Maciste Junior é convicto de suas ideias e ainda apresenta velada crítica ao “amadorismo marrom” que, ao seu olhar, atrapalha o desenvolvimento do esporte. Em suas palavras:

Fazer do sport um vinculo de progresso moral e material, beneficiando a collectividade em geral, deverá ser o ideal de todos nós, e nunca fazer delle uma arte lucrativa e estacionaria, de simples função mechanica, onde são facturados a rivalidade e o desmembramento.<sup>194</sup>

Com isso, Maciste Junior deixa exposto claramente que o esporte devia servir como o ideal já enunciado de “sportmans”, como um serviço à civilidade, e não uma competição, jamais sendo praticado para fins de lucro financeiro. Logo, pressupõe-se com clareza que devia ser prática de amadores e não de profissionais. Do mesmo modo, vai ao encontro do que pretende as principais agremiações esportivas do Brasil, defendendo o esporte como algo de quem não o tem como meio de sustento, a exemplo de ligas que exigiam que seus jogadores comprovassem a origem da renda que o mantinha<sup>195</sup>.

Entre os periódicos que circulavam na cidade, a revista do Grêmio é anunciada para a semana seguinte. A capa seria o goleiro Eurico Lara “que tanto sucesso alcançou nos jogos de seleção.” A revista contaria também com notícias detalhadas dos jogos do centenário, informações sobre regras do futebol, como o off-side (impedimento), fotos de todos os gaúchos que participaram e vão participariam dos jogos e ainda a opinião de outros jornais sobre os gaúchos, além de diversos outros esportes como o atletismo, o remo e o ciclismo<sup>196</sup>.

Foi somente no dia 20 de agosto que retornaram os demais jogadores da seleção de futebol, por meio do navio “Javari”. Alguns jogadores ficaram por Rio Grande, outros em Pelotas e os demais desembarcaram na capital, onde foram recebidos por “grande número de sportmem e exmas. famílias”<sup>197</sup>. Os três dias de diferença entre o retorno dos primeiros gaúchos que estavam “nos estados do Norte” representando o Rio

---

<sup>194</sup> Athletismo – Os gauchos e a mulher no sport nacional”. Op cit. Como “amadorismo marrom” entende-se o jogador que embora se declare amador recebe pagamentos ou algum tipo de privilégios pelo desempenho esportivo

<sup>195</sup> No dia 20 de agosto foi publicado, à pedido da Federação Acadêmica de Porto Alegre, um artigo de página inteira intitulado “Separatismo” criticando ferozmente um jornal lançado em Santa Maria com o fim de propagar o ideal separatista pelo estado. Pois “não venha o separatismo desunir um povo que conseguiu, na forja dos séculos, a solidez de uma perfeita unidade moral.” “Separatismo”. Correio do Povo, 20 de agosto de 1922. p. 3

<sup>196</sup> “Revista do Grêmio”. Correio do Povo, 20 de agosto de 1922. p. 6

<sup>197</sup> “Retorno de sportmen riograndenses.” Correio do Povo, 22 de agosto de 1922. p. 10

Grande do Sul pode ser explicado, em parte, pelo trajeto que o trem faria, vindo pelo interior do Brasil, passando por Cruz Alta e Santa Maria, onde poderiam deixar alguns atletas antes de chegar na Capital, mas também deve ser levado em conta que alguns jogadores gozavam de maior status dentro da delegação, como Severino Franco, o Lagarto, que além de compor a primeira lista da comissão que escolheria os integrantes do time gaúcho, era tratado como estrela em São Paulo e no Rio de Janeiro, concedendo entrevistas e recebendo visitas de outros “sportmen”.

Outrossim, as avaliações do desempenho gaúcho no centro do país ainda não tinham cessado. A derrota para a equipe dos cariocas ainda gerava descontentamento. Apesar de já se passarem vários dias, o jornal reproduziu uma carta publicada no jornal “Imparcial”, do Rio de Janeiro, com duras críticas às escolhas da comissão de futebol designada para comandar o time de futebol. Segundo o autor:

(...) maior é a minha magua quando, no inquirimento da causa de tal derrocada vejo unicamente a política contraproducente sob todos os pontos de vista para o desporto gaúcho, da comissão organizadora do scratch, em que predominam interesses subalternos, como o de incluir maior numero de jogadores do Gremio Porto-Alegrense, excluindo outros de maior e indiscutível valor.<sup>198</sup>

O exposto acima vem ao encontro do que fora discutido inicialmente quando dos preparativos iniciais do conjunto gaúcho. A carta referida anteriormente, publicada no dia 16 de junho, já indicava que deviam ser deixadas de lado “todas as paixões mesquinhas do clubismo, para que, mais tarde, se a sorte não nos sorrir, não venham aparecer commentários e dissabores como geralmente acontece”<sup>199</sup>. Tais preparativos contavam com a liderança de Aurélio Py, ex-presidente do Grêmio, e também do jogador gremista Lagarto, que se desligou da comissão organizadora no desenvolver desses preparativos.

Essa carta não vem assinada, mas tem informações de quem conhece o cotidiano do futebol porto-alegrense, acusando pontos específicos da derrota gaúcha e nomes de dirigentes envolvidos, assegurando ter argumentos da intenção em favorecer jogadores gremistas:

Porque excluíram Mosquito, o admirável meia-direita do Riograndense F.B.C., do scratch?

<sup>198</sup> “A responsabilidade do fracasso dos Gauchos”. Correio do Povo, 26 de agosto de 1922. p. 6

<sup>199</sup> “A organização do scratch rio-grandense – Uma carta”. Correio do Povo, 16 de junho de 1922. p.8



Para não excluir Dorival, half gremista, cujo valor desportivo é nullo. Procedendo deste modo, desorganizaram o combinado que tão bem actuou em S. Paulo, enfraquecendo a defesa, (...) desnordeando completamente a agil e perigosa linha gremista.<sup>200</sup>

Pontuando as atitudes tomadas pela comissão de futebol e os erros supostamente cometidos, o autor ainda indaga o dirigente responsável por tal: “Pergunto agora ao distinto dr. Autélio Py, se não é assaz lamentável para os nossos foros desportivos essa política regional influir com tanto prejuízo para o nosso desporto?”<sup>201</sup>. Como forma de responder a indagação proposta a Py, o reclamante indica a solução para fim de tal preferência.

Deixe a nobre comissão chefiadora da representação da Federação Riograndense de Desportos, desse bairrismo e politicagem tão impróprios e prejudiciais quer dentro e com mais razão, fora do glorioso Estado sulino, para não aumentar as nossas derrotas nem deslustrar mais o nosso valor desportivo.<sup>202</sup>

Como exposto anteriormente, o teor do protesto não era novidade, sabendo-se desde o início que existiam interesses maiores que o valor esportivo dos jogadores, pois o selecionado era uma representação da sociedade e certamente, quanto mais elementos de um determinado clube, maior seria o reconhecimento fora do estado. Igualmente, é possível localizar que havia uma elite dominante no futebol gaúcho. Aurélio Py fora presidente do Grêmio inúmeras vezes e presidente da Federação Rio-Grandense de Desporto, tendo muita influência nos círculos esportivos do estado e ainda mais na entidade máxima do futebol no Rio Grande do Sul.

Conforme analisou Drumond, o campeonato fora arquitetado para que as duas seleções mais qualificadas e representantes dos dois estados mais importantes do Brasil, Rio de Janeiro e São Paulo, se enfrentassem apenas em uma possível final do torneio. Na eliminatória do norte nordeste, Pernambuco e Pará se recusaram em participar do torneio, tornando o selecionado baiano o representante desta região. No grupo do sudeste, o selecionado do Distrito Federal venceu o time do estado do Rio de Janeiro por 2 a 0, progredindo para a fase final do torneio, enquanto os paulistas eliminaram os mineiros em uma vitória humilhante por 13 gols a 0, igualmente avançando para a

---

<sup>200</sup> “A responsabilidade do fracasso dos Gauchos”. **Op cit.** p. 6

<sup>201</sup> *Idem* ibidem. p. 6

<sup>202</sup> *Idem*.

próxima etapa. A eliminatória dos representantes do Sul teve o Rio Grande do Sul como vencedor, depois de um empate e uma vitória sobre os paranaenses em Curitiba<sup>203</sup>.

As quatro equipes vencedoras nas eliminatórias regionais jogaram entre si em um quadrangular final com jogos realizados na capital da República e na cidade de São Paulo. O calendário desta disputa fora organizado de forma que as equipes de São Paulo e Distrito Federal se enfrentasse na última rodada, como se fosse uma final do campeonato. A equipe paulista derrotou gaúchos e baianos nos dois primeiros jogos e enfrentaria o time do Distrito Federal, que derrotara a representação do Rio Grande do Sul e empatara com a Bahia. Assim, no último jogo do campeonato, os paulistas venceram por 4 a 1 no estádio do Parque Antártica, ficando com o título.

Ao contrário dos gaúchos os baianos tiveram uma grande participação no prélio nacional. Uma vitória sobre o time gaúcho e um empate diante dos cariocas fizeram com que terminassem empatados com os cariocas. A distinta apresentação baiana foi festejada com empolgação em Salvador, com um cuidadoso acompanhamento da população dos resultados dos jogos, aglomerando-se em frente ao jornal *Diário da Bahia* esperando notícias dos jogos, onde “funcionários do jornal (...) afixavam, durante a partida, as notícias que recebiam por telefone do Rio de Janeiro em frente à sede do jornal, descrevendo o desenrolar do jogo.” Após o jogo a multidão em delírio teria feito caminhada até a frente da casa do governador, para comemorar o feito esportivo<sup>204</sup>.

Pensada inicialmente como primeiro Campeonato Brasileiro de forma experimental, no embalo dos jogos do centenário, a CBD mudou sua denominação com o andamento dos demais campeonatos, não mais o definindo como o primeiro campeonato brasileiro. “Seu caráter experimental foi destacado e a competição passou a ser considerada oficialmente como um torneio de treinamentos para a formação da seleção que disputaria o Sul-americano”<sup>205</sup>. Ainda assim, boa parte da imprensa ainda considera este torneio como o primeiro campeonato nacional.

Como é possível notar, são inúmeras as disputas que ocorrem em torno do campeonato de seleções, desde a formação dos times, da própria organização do torneio, passando pelos torcedores que não compartilham das mesmas pretensões esportivas que

---

<sup>203</sup> DRUMOND. *Op cit.* p. 28

<sup>204</sup> SANTOS, João Manuel C. “Jogos Olympicos do Rio de Janeiro” no Centenário de 1922: olhares sobre a política de um projeto de unificação e celebração da nação através do esporte. In. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo: ANPUH Associação Nacional de História. 2011. p. 12

<sup>205</sup> DRUMOND. *Op cit.* p. 30

os elegantes dirigentes apregoam. No entanto, ao aproximar os estados da federação faz do Brasil um país que se une, nem que seja para ver suas diferenças e suas rivalidades.

#### **2.4 – Porto Alegre continua esportiva**

O ambiente esportivo permaneceu agitado na capital gaúcha. Assim, em atitude digna de sportmen, a Associação Porto Alegrense de Foot Ball cancelou seus jogos de um domingo para a realização de um amistoso entre o Grêmio e o Ruy Barbosa, a fim de beneficiar a lavanderia da Santa Casa de Misericórdia. O jogo a ser realizado no Moinhos de Vento, campo do Grêmio, contaria com a presença dos “consagrados players Lagarto, Dorival, Totte, Bruno, Neco, Presser e outros que defenderam com brilhantismo o Rio Grande do Sul nos jogos de seleção”. Mais uma vez, Lagarto era destacado, sendo citado na frente dos demais. Ainda assim, uma ausência é ressaltada pelo anúncio, o “grande keeper” Lara, considerado o primeiro em sua posição no Brasil. Eventos sem fins lucrativos ou beneficentes eram próprios de uma lógica na qual o futebol não deveria servir ao lucro e este modelo de comportamento não era exclusivo da elite, embora nela tivesse maior respaldo e ressonância. Jogadores como Eurico Lara, que viria se tornar um mito gremista, jamais recebeu salário por suas participações nos jogos, vivendo do soldo de militar e tendo vida muito simples até a sua morte<sup>206</sup>. No domingo, 27, ocorreu a partida beneficente entre Grêmio e Ruy Barbosa sob enorme assistência, como era esperado devido envolver dois grandes clubes da cidade e jogadores que representaram o estado no Campeonato do Brasil.

Aparentemente desconectado dos interesses esportivos estava a reorganização do serviço de higiene proposta pelo governo estadual. Regulamentando regras e punições para as mais diversas ocasiões, o governo buscava o cuidado com a saúde pública, aspecto tão caro aos mais modernos ideais de beleza e sanidade. Basta lembrar que anos antes, o governo já colocara o ideal de limpeza pública em prática, retirando diversas moradias dos centros das cidades, construindo grandes praças e avenidas, com isso, igualmente, afastando os mais pobres do centro da cidade. Esse novo regulamento era complexo e extenso, contendo normas sobre a produção de carne, leite e banha até a regulamentação sobre o transporte de doentes e a interdição de prédios e casas onde houvessem pessoas com doenças contagiosas, como tuberculose, febre amarela e

---

<sup>206</sup> “A festa Sportiva de amanhã no campo do Grêmio”. Correio do Povo, 26 de agosto de 1922. p. 6

cólera<sup>207</sup>. Não obstante, é inapropriado analisar essas mudanças de forma isolada, mas sim inseridas em um contexto de modernização das cidades, limpeza urbana e reordenamento dos hábitos da população, especialmente a higiene.

O futebol passou então a ser assunto de menor importância, pois os preparativos para o centenário no Rio de Janeiro e também por todo estado tomaram os espaços no jornal. Ainda mais, iniciaram-se os Jogos Olímpicos do Centenário, tendo diversos países representados em variadas modalidades esportivas, além da exposição universal do centenário. O desempenho dos gaúchos nas competições de atletismo foi louvado como grande feito pelos jornais do centro do país, reproduzidos pelo *Correio do Povo*, e também pelo próprio jornal. O atleta gaúcho Willy Fich quebrou o recorde sul-americano de lançamento de dardo e o recorde brasileiro de salto com vara.<sup>208</sup>

Para a capital gaúcha, diversos eventos foram planejados a fim de celebrar o centenário da independência, sendo instituída uma comissão de organização dos festejos nomeada pelo Presidente do Estado. Atividades variadas eram prometidas, como apresentação de bandas musicais, provas de turfe e competições de atletismo inclusive fazendo parte dos Jogos Olímpicos. O futebol, é claro, não poderia ficar fora dessas atividades.

Desse modo, foram planejadas duas competições de futebol envolvendo as principais agremiações da cidade e clubes convidados. Um dos eventos foi a Taça Centenário. Diversos clubes do interior se dirigiram à capital para a disputa. A comissão para organizar os festejos reuniu-se com a Associação Porto Alegrense de Foot-Ball para definição dos confrontos que contariam com o Grêmio, atual campeão estadual, o Riograndense de Santa Maria, segundo colocado no estadual, o Ruy Barbosa, atual líder do campeonato de Porto Alegre e o Rio Grande, líder do torneio de tal cidade. Os jogos foram marcados para os dias 6 e 8 de setembro<sup>209</sup>. Com isso, o CP informava que essa taça fora instituída pelo governo do estado, para ser organizada pela APAF, com clubes filiados à Federação Rio Grandense de Desporto. Os jogos seriam realizados no Moinhos de Vento, campo do Grêmio.

Por fim, uma outra competição em paralelo, denominada Taça Independência, teria Cruzeiro, Internacional, Porto Alegre e São José enfrentando Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas e o FC Riograndense de Rio Grande, organizada pela Associação

---

<sup>207</sup> “Reorganização do serviço de hygiene publica”. *Correio do Povo*, 30 de agosto de 1922. p. 3

<sup>208</sup> “Jogos latino-americanos”. *Correio do Povo*, 30 de agosto de 1922. p. 6. O diretor da missão de atletismo é João Py, provavelmente um familiar de Aurélio Py

<sup>209</sup> “Grandes Matches intermunicipais.” *Correio do Povo*, 27 de agosto de 1922. p. 6.

Porto Alegre de Desportos a pedido da Comissão Organizadora dos Jogos Olímpicos, uma sub-comissão da Comissão Organizadora dos Festejos do Centenário. Com isso, rasgados elogios eram destinados aos clubes do sul do estado devido ao valor esportivo que apresentavam tais equipes.

A organização dessas duas taças foi geradora de tensões entre os jornais mais populares de Porto Alegre, a Federação e o Correio do Povo. No dia 6 de setembro, o CP divulgou a programação das duas taças, uma organizada pela APAF, Taça Centenário, e outra pela APAD, Taça Independência, ambas com o aval do governo estadual e fazendo parte da programação oficial das comemorações do centenário. A Taça Independência seria jogada na Chácara dos Eucaliptos, estádio do Internacional, enquanto a Taça Centenário seria jogada no Moinhos de Vento, estádio do Grêmio.

Entretanto, o Correio do Povo divulgara uma nota desmentindo informação divulgada na Federação de que o jornal estaria equivocado em atribuir a Taça Independência ao governo do estado, pois somente a comissão organizadora em conjunto com a Federação Rio Grandense de Desporto era responsável pela organização dos jogos de futebol. Como justificativa, o CP elenca os motivos que a Federação está errada: 1) Rodolpho Campani, membro da comissão dos jogos olímpicos entendeu-se com a APAD para a realização desses jogos; 2) Teve a aprovação da comissão dos festejos (...) os jogos foram incluídos na programação oficial dos festejos. O desmentido termina da seguinte forma:

Esta é em poucas linhas, a resposta que temos a dar ao desmentido da nossa collega “A Federação”, desmentido esse certamente partido do encarregado de sua secção sportiva...

Desta vez cometeu um visível “penalty e, ainda se collocou num “off-side” bem patente...

Cochillos dum “juiz” da “official” ...<sup>210</sup>

A resposta à “official”, certamente é uma ironia em relação ao fato do jornal Federação ser o órgão oficial do Partido Republicado Rio-grandense, o partido de Borges de Medeiros, que concentrava o poder político no estado, governando de forma autoritária e despótica, controlando, igualmente, a organização das festas do centenário na capital. Mesmo assim, nota-se que são organizados torneios com as grandes associações de futebol da cidade, a APAD e a APAF, absorvendo, deste modo, parcelas da elite representadas por estas associações. É notável que o Grêmio fazia parte, nesse

---

<sup>210</sup> “A propósito da instituição de uma taça”. Correio do Povo, 06 de setembro de 1922. p. 2

ano, da APAF, pois desde de 1920 as divergências eram grandes entre os dirigentes da APAD, da FRGD e de alguns clubes, como o Grêmio.

Na sequência das edições, as explicações se seguiam. No dia 7 o CP afirma ter recebido o “programa oficial das festas promovidas pelo governo do Estado no qual figura o programma da festa da Associação de Desportos” e ainda uma carta do presidente da APAD, Oswaldo Lautert, reproduzida pelo jornal, na qual é reafirmado e confirmado o acordo para realização dos jogos olímpicos e posteriormente uma “semana esportiva”, pois era sabido o “quanto interessavam a commissao central e ao próprio governo do Estado, as demonstrações de educação physica, que vinha agora subsidiando a Associação de Desportos”. Assim, fora efetivada uma reunião com membros do governo, como Protásio Alves e Monataury Leitão a fim de acertar os detalhes para inclusão dos jogos no programa oficial. Além de compreendidos na programação, a comissão dos festejos responsabilizou-se por “conseguir uma verba não só para a compra de prêmios como para auxiliar o custeio da manutenção nesta capital das missões sportivas, vindas de Pelotas e Rio Grande. (...) nos foi concedida pelo dr. Protásio em nome da commissão central uma verba cujo quantum não estamos autorizados a revelar”. Logo, segundo o autor da carta, quem é responsável pela Taça é quem a financiou, o governo do Estado<sup>211</sup>. Por fim, Lautert faz uma crítica ao comportamento dos dirigentes esportivos do estado:

E é assim, Sr. Redactor, que se vive a fomentar a discórdia na família sportiva do Rio Grande do Sul, levando-se ao ponto de comprometer e redicularisar os nossos créditos sportivos, como se deu agora nos torneios de seleção promovidos pela Confederação Brasileira de Desportos.<sup>212</sup>

Neste trecho ficam saliente os desentendimentos entre os esportistas do estado, que, como já vimos, se manifestara anteriormente na organização da seleção gaúcha para os jogos do Campeonato Brasileiro e até mesmo na criação de outras entidades esportivas. Sobre o time do Brasil no campeonato sul americano somente uma pequena nota foi elaborada, com a possível escalação do time, contendo somente jogadores do Rio de Janeiro e de São Paulo<sup>213</sup>.

---

<sup>211</sup> “A propósito da instituição de uma taça”. Correio do Povo, 07 de setembro de 1922. p.14

<sup>212</sup> Idem ibidem.

<sup>213</sup> “Taça centenário” e “O selecionado brasileiro”. Correio do Povo, 31 de agosto de 1922. p. 8.

De tal modo, junto com os jogos de futebol, outras modalidades esportivas tiveram espaço nos festejos do centenário, compondo uma versão dos jogos olímpicos do centenário na capital gaúcha. Diversas provas de atletismo, corrida de bicicleta, rinhas de galo, entre outras, compunham o conjunto das competições para as quais se inscreveram mais de 200 sportmen<sup>214</sup>.

No dia da independência, o Correio do Povo tem edição especial com encarte separado e ampla cobertura dos festejos que aconteciam na capital, no interior e nas grandes cidades do Brasil, especialmente o Rio de Janeiro. Os principais destaques esportivos, juntamente com os jogos olímpicos, são os dois torneios de futebol.

A Taça Independência, iniciada no dia 7, contou com a participação do Brasil de Pelotas, que recentemente tinha se desligado da Federação Rio Grandense de Desportos em decorrência de desentendimentos com a instituição desde a repercussão de um jogo pelo campeonato municipal de Pelotas em que um jogador do Brasil saiu ferido à bala. Como resultado do evento, o Brasil, punido pelo acontecimento, fundou juntamente com outros clubes a Associação Rio Grandense de Amadores, o que claramente configurava uma desavença com a FRGD, órgão oficial sob grande influência do governo estadual<sup>215</sup>. A Taça Centenário iniciou no dia 6 de setembro no campo do Grêmio com a presença de “grande numero de amantes deste Sport”. Para o dia seguinte dos jogos, dia 8, também era esperado grande número de pessoas a fim de assistir os jogos finais<sup>216</sup>.

O segundo dia dos jogos da Taça Independência registrou mais uma vez uma notável presença de público na Chácara dos Eucaliptos, para ver Internacional e Riograndense.

Assim, antes que se dessem inicio aos jogos, muitas pessoas se encontravam ao redor do campo que apresentava, com a garrida presença de nossas patricias, que eram em avultado numero, o mesmo aspecto dos dias de grandes festas.<sup>217</sup>

Para além do clima de festa dos jogos e da empolgação com um time visitante, é relevante a presença de mulheres no estádio de futebol. Apesar do ambiente

---

<sup>214</sup> “Jogos Olympicos do Centenário – O numero de inscriptos”. Correio do Povo, 03 de setembro de 1922. p. 6

<sup>215</sup> “Foot.Ball”. Correio do Povo, 07 de setembro de 1922. p.14

<sup>216</sup> “Os jogos intermunicipaes de hontem – A Taça Centenário”. Correio do Povo, 07 de setembro de 1922. p. 14

<sup>217</sup> “O grande match inter-municipal de ante-hontem”. Correio do Povo, 12 de setembro de 1922. p. 8.

predominantemente masculino, o sexo feminino também se configurava em elemento notório no cenário do futebol em Porto Alegre, seja por ser um evento social, seja pela parcialidade por elas escolhida. No entanto, não era corriqueira a presença em grande número de mulheres em jogos de menor expressão. A própria referência esporádica à presença dessas é motivo de desconfiarmos de seu comparecimento constante nestes espaços.

O último dia dos jogos também contou com grande presença de público, tal como nos outros dias “uma grande concorrência de sportmen e famílias se encontravam ao redor do campo do internacional” para assistir os últimos jogos<sup>218</sup>. Entretanto, em clássicos entre os grandes clubes da cidade, jogos decisivos e amistosos com outros grandes clubes do estado, o futebol extrapola o estágio de mera disputa esportiva, passatempo, ou exibição esportiva, para tornar-se um evento social da “melhores famílias”, com a presença da elite, inclusive das mulheres dessa elite.

Para cerimônia de encerramento, na sede do Internacional, foram entregues os prêmios aos participantes da Taça. Estavam presentes “dr. Campani, presidente da A. de Amadores; dr. Oswaldo Lautert, presidente da Associação de Desportos; Cicero Soares, vice presidente da mesma entidade(...)” e demais representantes dos clubes participantes<sup>219</sup>. A presença do staff de dirigentes dava um aspecto de oficialidade e importância aos jogos.

Curiosamente, a Taça Centenário não tem o mesmo acompanhamento da Taça Independência. Apenas uma nota do dia 14 de setembro tratando de uma carta do Grêmio ao S.C. Rio Grande, vencedor do torneio, foi referida pelo jornal. É possível que o jornal tenha dado maior visibilidade ao torneio organizado pela APAD do que o organizado pela APAF e FRGD em função da animosidade que ocorrera com os editores de esporte do jornal Federação. Entretanto, nas publicações, nada disso é mencionado claramente, apenas ironia, coma a falha do jornal Federação, um “off side da official”.

Enquanto isso, os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro já tinham iniciado e contavam com grande entusiasmo na capital federal. Os conflitos entre cariocas e paulistas eram claros na formação da seleção nacional para disputa do campeonato Sul Americano, tendo a “Associação Paulista de Sports Athleticos” ameaçado retirar seus

---

<sup>218</sup> “Foot Ball – A brilhante semana sportiva da Associação de Desporto.” Correio do Povo, 12 de setembro de 1922. p. 5

<sup>219</sup> “E’cos da semana sportiva da Associação de Desportos”.Correio do Povo, 14 de setembro de 1922. p.6



elementos do time brasileiro e convocarem para retornar a São Paulo caso as hostilidades por parte da torcida não cessassem<sup>220</sup>.

No âmbito do futebol local, o crescimento de alguns clubes, como o Porto Alegre (antigo Fussball) e o Grêmio, que contava com mais de mil associados, demandava modificações na estrutura física de suas sedes. O Porto Alegre, aniversariando dia 15 de setembro, estava reformando seu estádio, com um novo pavilhão para 1600 pessoas e mais de 26 camarotes abrigando cerca de 130 torcedores. A nova estrutura também contaria com “amplos banheiros, pias e patentes sanitárias”, além de “copas para o público nos dias de matches e grandes festas”. Além disso, o campo de jogo seria aumentado e trocado por um “mais sólido e elegante” e a cerca que o rodeia substituída por uma nova<sup>221</sup>. O espaço maior, a higiene e o conforto são marcas importantes da modernidade, presentes em âmbitos privado e público, como notamos com os planos de reformas urbanas e controle sanitário.

O Grêmio comemorava seu júbilo no mesmo dia 15 de setembro, com festividades variadas entre diversas modalidades esportivas e baile para seus associados. Igualmente, planejava melhorias em seu campo de jogo, pois “devido ao estado crescente do desenvolvimento sportivo” tornou-se “o actual pavilhão e praça de sports em geral, pequena para conter o grande número de sócios, superior a mil, resolveu a actual directoria fazer grandes melhoramentos”<sup>222</sup>. Com este intuito, estava marcada para o dia 20 de setembro uma reunião para tratar desses assuntos, dando amplos poderes de decisão para a diretoria delegar sobre “os grandes melhoramentos projetados na praça de sports, construção de novas sede, augmento do campo de foot ball e novas arquibancadas para conforto dos espectadores”<sup>223</sup>.

No mesmo dia 20 iniciaram os jogos do campeonato Sul Americano de futebol. A estréia do Brasil diante do Chile teria uma multidão de 50 mil pessoas ao estádio, “lindamente embandeirado com as bandeiras dos paizes sul-americanos”. O empate em 1 a 1 foi seguido de grandes reclamações da torcida diante da atuação do juiz da partida,

---

<sup>220</sup> “Um novo incidente entre paulistas e cariocas”. *Correio do Povo*, 15 de setembro de 1922. p.1

<sup>221</sup> “O aniversario de um antigo club local”. *Correio do Povo*, 15 de setembro de 1922. p. 6; Sobre a fundação e desenvolvimento desses clubes ver: SOARES, Ricardo. **Op cit.**

<sup>222</sup> “O 19º aniversário do Grêmio Porto-Alegrense – Breve histórico – As festas”. *Correio do Povo*, 15 de setembro de 1922. p. 6

<sup>223</sup> “Gremio Porto Alegrense”. *Correio do Povo*, 20 de setembro de 1922. p. 2

que atuou “de molde a só prejudicar os jogadores patricios’ diante “do jogo desenvolvido pelos jogadores chilenos de uma extrema brutalidade”<sup>224</sup>.

Em um momento em que o futebol está em relevância novamente, é interessante uma nota tratando sobre a punição de um jogador que pretendia o profissionalismo. A APAD, que tinha “por fim dar combate ao profissionalismo no foot ball, punindo severamente os jogadores dos seus clubes que incorrerem nessas penas” assim age ao ser informada que o jogador Lup, do Ypiranga, pretendia exercer o profissionalismo. O jogador foi exonerado do quadro do clube que fazia parte, com apoio da direção do Ypiranga<sup>225</sup>.

Em artigo de título “O treinamento physico e o coração”, assinado por dr Mario Santos, uma defesa ferrenha das atividades físicas como meio de melhoria da qualidade de vida das pessoas, especialmente do funcionamento do coração é o foco do texto. Segundo o autor, a atividade física regular, em dosagem certa e com o devido acompanhamento médico carrega um aspecto higiênico e curativo. No entanto, chama atenção para a diversidade dos esportes a serem explorados:

mas afastem do espírito, de vez, a ideia perniciosa e altamente nociva de que o exercício é o remo, a natação, é o foot-ball. Não, mil vezes não, isso é o Sport; o exercício physico, como deve ser compreendido, é um medicamento como outro qualquer, e que em mãos hábeis é capaz de dar os mais surprehendentes resultados, quer prophylaticos, quer therapeuticos.<sup>226</sup>

A partir desse trecho é possível perceber a distinção entre atividade física e esporte. Aquele é indicado para saúde, é remédio para o corpo, enquanto este parece ser atividade competitiva, nociva a saúde do corpo. Embora sejam apenas opiniões não tão diretas, é notório que o esporte não é uma atividade de consenso na área médica, bem como não o é para o restante da sociedade, mesmo embora estivesse crescendo cada vez mais o número de adeptos por todo o Brasil.

## 2.5 – O Brasil no Campeonato Sul-americano de Futebol

---

<sup>224</sup> “O inicio do 5º Campeonato Sul Americano de Foot Ball”.Correio do Povo, 21 de setembro de 1922. p. 1

<sup>225</sup> “Um bom gesto da Associação de Desportos”. Correio do Povo, 26 de setembro de 1922. p. 4

<sup>226</sup> “O treinamento physico e o coração”. Correio do Povo, 27 de setembro de 1922. p. 6

Igualmente ao campeonato de seleções, os preparativos para a organização do selecionado nacional foi permeado de conflitos. Um jogo marcado para o dia 27 e agosto entre Rio de Janeiro e São Paulo no campo do Botafogo F.C., com o intuito inicial de melhor preparar o selecionado brasileiro para o prélio sul-americano, era visto pela imprensa carioca como uma forma escamoteada de conseguir fundos para a CBD. Segundo o jornal Folha da Noite, esse jogo servia apenas para

atender aos desejos sequiosos de dinheiro da Confederação Brasileira de Desportos (...) algumas dezenas de contos serão arrecadados, por certo, pela Confederação, que verá assim, pela frente, novos horizontes, dando também aos seus sugadores a esperança de proclamarem a sua independência.<sup>227</sup>

Conforme Drumond, este fato apresenta uma evidente contradição na criação de identidades no futebol.

Se por uma lado ele unia a todos em um mesmo objetivo, o de formar a equipe que representaria o país no Sul-americano do Centenário, por outro, ele alimentava a rivalidade existente entre Rio de Janeiro e São Paulo. As vaias da torcida, que lotou o campo de General Severiano, contra a equipe visitante alimentavam o sentimento que acabou explodindo em uma entrada violenta do médio carioca Lais sobre o atacante paulista Neco.<sup>228</sup>

Após o jogo e a vitória dos paulistas, ainda no mesmo dia, a escalação da seleção era divulgada e não contava com nenhum jogador fora do Rio e São Paulo, que começara a treinar no dia 30 do mesmo mês. As seleções da Bahia, Rio grande do Sul, Minas gerais e do estado do Rio de Janeiro não cederiam um único atleta para o time brasileiro que contava com 8 jogadores de São Paulo e três do Distrito Federal. Ainda assim, “a participação de outros estados no processo de observação e seleção dos jogadores a serem convocados deu maior legitimidade à representação que a CBD enviaria ao torneio sul-americano”<sup>229</sup>, contribuindo, de certa forma, para um insipiente sentimento de que aqueles jogadores representavam todos os brasileiros.

O Brasil não tinha bom desempenho no campeonato sul americano. A relação da CBD com os jogadores paulistas era um dos principais problemas. Segundo Arthur Friedenreich, a CBD em nada colaborava, dificultando os treinos dos paulistas e não

---

<sup>227</sup> Folha da Noite, 26 de agosto. 1922, p4. Apud DRUMOND. *Op cit.* p. 30

<sup>228</sup> DRUMOND. *Op cit.* p. 31

<sup>229</sup> Idem, *ibidem.*

marcando jogos para melhor desempenho do time, além de tratá-los com indiferença.<sup>230</sup> Ainda mais, tal tese da falta de treinamentos fora corroborada pelo professor Mario Aleixo, antigo treinador da seleção em 1919, ano em que o Brasil sagrou-se campeão sul-americano. Segundo o professor, a CBD deixou de lado todo cuidado com os treinamentos, sejam individuais, sejam coletivos, sendo a causa da má jornada brasileira<sup>231</sup>.

A insatisfação com o desempenho do Brasil era grande e foi manifestada pela torcida, que tentou invadir o campo de jogo e atirou os mais variados objetos para o gramado. Tal fato motivou a polícia do Rio de Janeiro a divulgar nota nos jornais declarando tolerância zero para tais atitudes e se necessário a utilização de “toda a energia, afim de impedir a invasão do campo durante ou depois do jogo”<sup>232</sup>. O que ocorrera durante o campeonato brasileiro voltava a ocorrer no sul americano, pois a torcida parecia não querer partilhar do comportamento pretendido e divulgado pelos jornais e pelo aparato policial.

Mesmo assim, a participação brasileira atraiu as multidões em seus jogos, embora as apresentações não fossem convincentes, com resultados de igualdade no placar nos três primeiros jogos. Uma combinação de resultados seria preciso na última rodada para que o Brasil se classificasse para as finais do torneio, o que foi conseguido com a evidente influência de árbitros brasileiros nos jogos em que havia interesse da CBD. O Paraguai ameaçou abandonar a competição, o que fizeram os Uruguaios em protesto à interferência dos juízes em seus jogos. O Brasil acabou sagrando-se campeão com uma vitória sobre o Paraguai por três a zero.

Com o intuito de compensar os paulistas pela realização dos jogos no Rio de Janeiro, a CBD marcou três jogos do Brasil para São Paulo, contra Uruguai, Paraguai e Argentina. Como os uruguaios abandonaram o campeonato e retornaram ao seu país, foram realizados apenas os jogos diante dos argentinos e paraguaios, com duas vitórias dos brasileiros.

“É curioso notar que devido ao atraso do desfecho do sul americano, em face do jogo de desempate entre brasileiros e paraguaios, a final do torneio continental e a Copa Roca (*contra a Argentina*) foram disputados no mesmo dia”<sup>233</sup>. No momento que a

---

<sup>230</sup> “A acção da Confederação Brasileira de Desportos”. Correio do Povo, 28 de setembro de 1922. p. 1

<sup>231</sup> “A causa principal do nosso insucesso com os chilenos”. Correio do Povo, 28 de setembro de 1922. p. 6

<sup>232</sup> “Medida preventiva da polícia”. Correio do Povo, 28 de setembro de 1922. p. 6

<sup>233</sup> DRUMOND. *Op cit.* p. 33

seleção principal disputava a final do sul americano no Rio de Janeiro, uma seleção improvisada jogava contra os argentinos em São Paulo, que, segundo o jornal Folha da Noite, contava com “elementos quase que todos secundários ou bisonhos em grandes e porfiadas lutas”<sup>234</sup>. Na semana seguinte, o jogo contra os paraguaios contou com uma composição mista com jogadores que tinham disputado os jogos do centenário e até mesmo a presença na tribuna de honra da família de Rodrigues Alves. A presença de tal família, mostra no mínimo, um grande interesse no evento, seja pela representação política de tal enfrentamento, seja pela cordialidade diplomática diante do país vizinho, além de ser um evento social onde estava presente a elite da cidade.

Drumond reforça, ainda, algumas importantes questões sobre o que este evento representou para o Brasil:

Se por um lado o futebol unia o povo, por outro, ele era um elemento de desunião e a própria imprensa esportiva, apesar dos clamores por união em nome do país, fomentava as disputas regionais. (...) A própria idéia de modernidade aparecia no debate. Qual cidade seria a mais moderna, qual seria a verdadeira representante da nação? O esporte era apenas mais um dos campos de luta entre as elites das duas cidades.<sup>235</sup>

Diante dessa disputa entre os dois maiores centros econômicos do Brasil, Drumond demonstra como os eventos do centenário, em especial o futebol, apresentavam um Brasil que se pretendia moderno e apto ao desenvolvimento. Foram os jogos de futebol os eventos mais disputados entre todos, tendo intenso acompanhamento da imprensa pelo país, e confirmando ser ainda, o Rio de Janeiro como o principal cartão postal do Brasil, reforçado pelas reformulações para os festejos do centenário.

Era o esporte, principalmente através do popular futebol, que levava os ideais de modernidade e patriotismo, tão caros aos organizadores dos festejos, ao grande público. Um público que não poderia frequentar a Exposição ou mesmo grande parte dos jogos, mas que acompanharia à distância o esporte, com todos os seus símbolos e significados, a torcer pelo Brasil.<sup>236</sup>

Neste ensejo, é fundamental retomar o conceito de “unidade de desunidade”, de Marshal Berman, pois à medida que uma representação brasileira pode unir a população em torno de uma bandeira, uma camisa, e essas pessoas se sentem representados por

---

<sup>234</sup> Folha da Noite, 23 de outubro de 1922 p.4. Apud DRUMOND. **Op cit** . p. 33

<sup>235</sup> DRUMOND. **Op cit**. p.34

<sup>236</sup> Idem ibidem. **Op cit**. p. 35

aquele grupo de jogadores que falam a mesma língua que a sua, ela desune e até exclui, pois não integra, de maneira alguma, a maioria das regiões do país, reforça o domínio político e econômico do sudeste e ainda, por meio de clivagens econômicas e sociais, deixa de fora dos jogos uma grande parcela da população que gostaria de assistir os jogos e participar desse evento, cobrando valores elevados na venda dos ingressos<sup>237</sup>.

---

<sup>237</sup> BERMAN. **Op cit.**

### Capítulo 3 – O ano olímpico faz cidade olha para si – 1924 – (ou organizando o vestiário)

#### 3.1 – Os Jogos Olímpicos no Correio do Povo: reflexos e questionamentos

O ano do centenário da independência, da Semana da Arte Moderna, dos festejos do centenário, da realização do primeiro Campeonato Brasileiro de Futebol e de grandes agitações no campo político, como o Levante do Forte de Copacabana, foi seguido por um ano ainda mais conturbado, especialmente para o Rio Grande do Sul.

A disputa pelo domínio político ocasionou a eclosão da Revolução de 1923. De um lado estavam os apoiadores do Partido Republicano liderados pelo presidente do estado Borges de Medeiros, centralizador do poder político que governava de forma autoritária, do outro a oligarquia de oposição exigindo eleições justas e o fim das constantes reeleições do então chefe do executivo<sup>238</sup>.

A guerra civil gerou desestruturação por toda a sociedade. A Federação Rio Grandense de Desporto entrou no ano seguinte, 1924, em total desajuste. A virada do ano não foi suficiente para sua reestruturação, pois somente nos últimos dias do ano conseguiu eleger nova diretoria para sua efetiva reorganização, afetando diretamente a preparação do time gaúcho para o Campeonato Brasileiro, resultando na não participação do estado no campeonato de daquele ano.

O ano de 1924 foi marcado no âmbito esportivo pela realização das Olimpíadas de Paris que atraiu as atenções dos esportistas mundiais. Entretanto, apesar do grande evento ter ocorrido na Europa, a cidade continuou com um cotidiano repleto de atividades esportivas. A reorganização da Associação Porto Alegrense de Desportos com a volta de alguns clubes, como o Grêmio e o Ruy Barbosa, que faziam parte da Associação Porto Alegrense de Foot-ball, tornou o torneio o mais importante da cidade, reunindo as equipes mais tradicionais e poderosas em duas divisões. Além da grande repercussão do desempenho do Uruguai nas Olimpíadas, também o futebol argentino

---

<sup>238</sup> Após diversas eleições contestadas de Borges de Medeiros, o mesmo concorreu novamente em 1923 causando uma espécie de reedição da Revolução Federalista de 1893, o que ocasionou séria cisão na já dividida elite do estado. Pecuaristas da fronteira, especialmente, reclamando a falta de atenção do governo se uniram à oposição, liderada por Assis Brasil, que lutava pelo fim da continuidade do PRR no governo estadual e por novas medidas para superar a crise econômica de 1922/1923. O resultado da eleição, mais uma vez fraudado, foi o estopim da luta armada que durou 11 meses, dividindo chimangos e maragatos em batalhas por todo o estado. Importante frisar que para a oposição ganhar não era necessário obter a maioria dos votos, mas se recebesse um quarto dos votos já seria possível impedir a reeleição de Borges de Medeiros.

costumava ser noticiado com alguma regularidade. Sabidamente, o futebol era mais desenvolvido nos países do Rio da Prata do que no Brasil.

Somente um atleta gaúcho embarcou para a França a fim de participar dos jogos olímpicos, Guilherme Seewald, que se juntou a outros brasileiros em São Paulo e embarcou rumo à Europa com o desafio de defender o recorde sul americano de arremesso de dardos. Apesar de não ter conseguido medalha a simples participação do gaúcho era motivo de orgulho, até por que eram poucos os brasileiros na competição. Apesar da pequena participação brasileira no evento, obteve expressivo espaço no Correio do Povo, gerando debate sobre os esportes em geral, especialmente sobre o atletismo e sua importância para a saúde e a preparação dos atletas.

Como já exposto, o mais divulgado durante as Olimpíadas foi a participação do selecionado uruguaio de futebol. Os então campeões sul-americanos foram com antecedência para a Europa onde tiveram grandes vitórias causando as mais positivas apreciações. Pelo telégrafo chegavam diariamente notícias ao CP tratando das “brilhantes victorias conquistadas pelos uruguaiois num total de dez matchs intenacionaes”<sup>239</sup>. Sete jogos na Espanha tiveram a vitória dos uruguaiois e mais ainda duas vitórias de relevância nas duas primeiras partidas dos Jogos Olímpicos: 7 a 0 contra a Jugoslávia, com a presença dos reis da Servia nas arquibancadas, e 3 a 0 diante dos norte americanos. Segundo o texto do jornal, o desempenho do selecionado sul-americano era reconhecido pelos europeus.

Indiscutivelmente a supremacia do foot-ball na America Latina parece hoje uma realidade, e são unanimemente os jornaes do velho mundo em se manifestar, dizendo, que o jogo dos uruguaiois é um verdadeiro encanto e mesmo incomparável.<sup>240</sup>

Apesar do Brasil já ter vencido os uruguaiois em mais de uma ocasião, era consenso que o time platino era de maior qualidade e preparo, já estando adaptado ao moderno futebol jogado na Europa, constituindo, igualmente, um “ensinamento ao foot-

---

<sup>239</sup> “Foot-ball – Uma excursão sportiva triumphal do selecionado uruguayo de foot-ball.” Correio do Povo, 01 de junho de 1924. p. 5

<sup>240</sup> Idem.



ball hespanhol”<sup>241</sup>. No entanto, a imprensa francesa não via nos sul americanos a qualidade dos jogadores ingleses a fim de os colocar como favoritos para o título<sup>242</sup>.

Um problema no telégrafo fez as informações sobre as olimpíadas atrasarem, pois somente com a chegada dos jornais do Rio de Janeiro é que os detalhes do evento passaram a ser divulgados. Mais uma vez o futebol apresentado pelos uruguaiois era o principal assunto, pois “assombraram os espanhóis” apresentando uma “actuação brilhantíssima do jogo admirável que se pratica na América do Sul”<sup>243</sup>.

O jogo final das olimpíadas entre Uruguai e Suíça foi destaque no Correio do Povo. A cidade de Montevideu paralisou para ver o jogo. Operários foram dispensados das fábricas, funcionários do comércio ganharam folga, bem como os trabalhadores das casas bancárias, das oficinas públicas e da bolsa de valores. Todos receberam folga para acompanhar o resultado do jogo em frente aos grandes jornais da cidade. No momento da chegada do resultado final “em todos os cantos da capital uruguaya principiaram estrondosas manifestações: vivas aos campeões, manifestações populares, bombas e foguetes, as sirenes dos jornaes e o apito das fábricas e dos vapores do porto”. Assim, foi possível registrar que os “450.000 habitantes de Montevideo viveram pendentes do resultado do match final dos jogos olympicos”<sup>244</sup>.

A importância do evento não fora só notada no Uruguai, pois o ingresso para a partida final no território francês foi disputada por cerca de 75 mil pessoas que tentavam assistir ao grande evento, apesar da capacidade do estádio ser de apenas 30 mil espectadores. “Numerosas mulheres desmaiaram e muitas pessoas foram pisoteadas” exigindo intervenção da polícia que fez com que mais de 5 mil pessoas não entrassem no estádio, permanecendo em seu entorno até o fim da partida<sup>245</sup>.

O orgulho por essa vitória ultrapassou as fronteiras. Em Porto Alegre diversas atividades foram organizadas a fim de homenagear os campeões olímpicos. A conquista dos uruguaiois passava a ser também o triunfo de todos os sul-americanos, pois

O selecionado uruguayo, que representou neste campeonato a America Latina, foi a prova final com um nome e um prestigio que os

---

<sup>241</sup> Idem ibidem. Quando o jornal cita “moderno futebol europeu” ele se refere ao modelo tático dos times e do conhecimento dos jogadores, ao contrário dos brasileiros ainda “indisciplinados”.

<sup>242</sup> “Os uruguayos nas Olympiadas de paris – Impressões da imprensa francesa”. Correio do Povo, 05 de junho de 1924. p. 5

<sup>243</sup> “Os jogos Olympicos de Paris – Os orientales assombraram os hespanhoes”. Correio do Povo, 05 de junho de 1924. p.10

<sup>244</sup> “A impressão do trinpho em Montevideo”. Correio do Povo, 10 de junho de 1924. p. 8

<sup>245</sup> Idem ibidem.

colloucou como favoritos para conquistar o máximo título duma maneira brilhante porque assim falava o seu passado.<sup>246</sup>

A reportagem do jornal é ainda mais enfática, afirmando que as vitórias em todas as partidas disputadas na Europa deram “uma prova evidente da superioridade da raça e das condições excellentes dos atletas deste continente”. Assim, os “nossos irmãos do sul, vencendo o torneio mundial, uruguayos e sul americanos escreveram a pagina mais eloqüente do valor e mérito a que chegara os filhos da América do Sul, no mais favorito dos sports”<sup>247</sup>.

Essa evidente empolgação pode ser explicada, em parte, pela proximidade geográfica e cultural com a Banda Oriental e especialmente pela expressiva colônia uruguaia presente na capital gaúcha, sendo que “a bandeira da nação amiga foi hasteada em muitas casas de seus súbditos aqui residentes”. Dessa forma, configurou-se uma comemoração geral na cidade, pois “todos vibraram de justa alegria pela brilhante representação dos players sul-americanos”, tendo o consulado uruguaio recebido inúmeros telegramas e visitas para parabenizar pela vitória nos campos europeus. Ainda assim, uma comissão formada por uruguaio residentes em Porto Alegre foi formada para organizar os festejos pela conquista. A vitória para os uruguaio tornou-se evento tão importante que além das comemorações madrugada adentro, dado que “até altas horas a multidão percorria a cidade num verdadeiro delírio”, o presidente não só mandou telegrama urgente felicitando os jogadores como decretou o dia 9 de junho como o Dia dos Desportos, em virtude de ser a data da vitória final nas Olimpíadas<sup>248</sup>.

Telegramas de diversas entidades esportivas foram enviados para o consulado uruguaio em Porto Alegre e à Associação Uruguaia de Football, como da Liga Acadêmica de Desportos afirmando que os estudantes do estado estavam vibrando de entusiasmo com a vitória, sendo as fronteiras orientais confundidas com terras do Rio Grande do Sul. Também a Liga Náutica e a Federação Rio Grandense de Desporto enviaram felicitações pelo admirável triunfo nas Olimpíadas. A mesma reportagem informa que os uruguaio de Porto Alegre já tinham organizado uma festa na semana seguinte a fim de comemorar o feito de seus compatriotas. Interessante observar que além dos uruguaio terem recebido um telegrama do S.C. Cruzeiro oferecendo sua sede social para realização das homenagens, as principais ligas esportivas da cidade foram

---

<sup>246</sup> “As Olympiadas de Paris – A brilhante victoria dos uruguayos encheu de jubilo os nossos sportmen”. Correio do Povo, 11 de junho de 1924. p. 10

<sup>247</sup> Idem.

<sup>248</sup> Idem.

convidadas para esse evento: a FRGD, a APAD, a APAF, a Liga Náutica Rio Grandense, a Liga Acadêmica de Desportos e a Associação Protetora do Turf. Todas essas entidades eram ligadas às elites da cidade<sup>249</sup>.

A festa uruguaia em Porto Alegre seguia sendo tema importante. O lugar já fora escolhido, seria o Hotel Magestic, importante e luxuoso hotel no centro da cidade. O evento contou com a presença de representantes das entidades esportivas da cidade, de acadêmicos, do cônsul uruguaio, personalidades políticas e dos principais jornais, como a Federação e o Correio do Povo, que discursaram e homenagearam a vitória uruguaia<sup>250</sup>.

É curioso que o final das Olimpíadas e a vitória uruguaia tornaram os esportes um assunto de primeira grandeza, uma matéria de importância nacional. Além dos debates em torno da ausência brasileira na competição de futebol, os Jogos Olímpicos do Centenário, de 1922, retornaram à discussão, pois um relatório sobre o desempenho da organização brasileira foi entregue ao Comitê Olímpico Internacional - COI. Para os membros do COI, os brasileiros ainda não estavam educados suficientes para tal evento, “principalmente no football, sendo capaz de no auge de seu entusiasmo, cometer desatinos”<sup>251</sup>. Esta reportagem assinada pelo cronista esportivo Maciste Junior conta também com uma apreciação acerca do torneio de futebol nos jogos de Paris.

Segundo Maciste, uma competição tão importante deveria conter mais jogos a fim de melhor avaliar os valores esportivos dos selecionados. Questionando sobre a não participação do Brasil na competição afirma ser fruto de um temperamento próprio do brasileiro, das paixões partidárias existentes no futebol que impediram o Brasil de disputar o sul americano de 1923, ficando assim, longe das Olimpíadas. Ainda conforme o autor, o que temos “são defeitos de raça, talvez dessa raça que formamos à parte, sob a ardência de um continentalismo tropical.” Reforçando o argumento racista, considera a “anthítese do latino com o aborígene”, pois “não somos latinos por excelência. Não somos os privilegiados europeus de há 4 séculos”<sup>252</sup>. Mesmo assim,

---

<sup>249</sup> “As Olympiadas de Paris – A victoria dos uruguayos no campeonato mundial de foot-ball”. Correio do Povo, 12 de junho de 1924. p. 8

<sup>250</sup> “A victoria dos uruguayos nas Olympiadas de Paris”. Correio do Povo, 15 de junho de 1924. p. 11

<sup>251</sup> “As Olympiadas de Paris – Os jogos latino-americanos e o Comitê Internacional Olímpico”. Correio do Povo, 15 de junho de 1924. p.11

<sup>252</sup> Idem. É fundamental quando pensamos na noção de “raça”, bem como nos usos desse conceito, o trabalho de Gerson Fraga, no qual analisa como essas ideias, oriundas do século XIX, se reproduzem na imprensa e na literatura brasileira ainda em meados do século XX, especialmente em momentos de explicar derrotas esportivas ou outros fracassos. Nesses momentos a “mistura racial” é sempre colocada como fator depreciador da “raça”, ao contrário dos europeus que são herdeiros de culturas superiores,

o cronista acredita que era possível a participação do Brasil no evento “visto o valor incontestável do nosso foot-ball” que mesmo assim “deixou de figurar a representação brasileira de foot-ball quando se dispõe de figuras de incontestável valor, confirmado pelos diversos campeonatos sul-americanos ultimamente realizados”<sup>253</sup>.

Outrossim, a hipótese da inferioridade da raça, da índole, da moral do brasileiro ainda é mais asseverada por Maciste, quando afirma acreditar que

a negligencia de cooperação mutua da nossa índole tenha influído nessa orientação lamentável (*da não participação no Sul Americano de 1923*). O que carecemos é de emoções fortes para despertarmos dessa lethargia imprópria para gente nova. Si o foot-ball tem-se tornado, nos últimos decênios um útil e poderoso instrumento no conserto social, é mais que justo que demos o amparo necessário para sua elevação, adquirido pela cooperação discricionária de todos.<sup>254</sup>

Com isso, embora ressalte o potencial do futebol como agente de transmissão de determinados valores supostamente corretos, a crença de que o povo brasileiro não tem as virtudes necessárias para tal compreensão parece determinante para os caminhos tomados pelo esporte no país. Esse modelo de apreciação das tentativas de vitórias e derrotas do Brasil foi analisado por Marly Motta e Gerson Fraga, para momentos cronológicos distintos, mas situações semelhantes<sup>255</sup>.

É possível notar que vários assuntos locais acabaram entrando na pauta do jornal devido à realização das Olimpíadas. Em mais uma análise dos jogos de Paris, uma reportagem do Correio do Povo afirma ter configurado “A apotheose universal do foot-ball”. Um texto publicado em uma revista francesa também foi reproduzido. Conforme esse texto, os jogadores representam uma coletividade maior, uma nação, visto que:

Num match de foot-ball, (...), temos desde logo a impressão que os jogadores vestidos com as cores de seu paiz vão realmente lutar pela glória e honra de sua pátria sem outra preocupação que a de bem servi-la. É quando nos vemos deante de nos os jovens, bandeira viva de nossa pátria, então, verdadeiramente, nos identificamos com elles,

---

como gregos, romanos e os modernos de então. Ver FRAGA, Gerson W. “A Derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. Op cit.

<sup>253</sup> “As Olympiadas de Paris – Ligeiras considerações acerca do torneio sportivo de foot-ball”. Correio do Povo, 15 de junho de 1924. p. 11

<sup>254</sup> Idem ibidem.

<sup>255</sup> FRAGA, Gerson W. **Op. cit.** .. & MOTTA, Marly Silva da. **Op cit.** Fraga ressalta também em seu trabalho o constante retorno do “síndrome do vira lata”, em todo momento que o Brasil não consegue demonstrar sua capacidade de vitórias.

e se elles atacam, nos atacamos, se recuam, nos recuamos, e se elles ganham, nos triumpharemos.<sup>256</sup>

O futebol reúne diferentes pessoas de distintos lugares do mundo sob um mesmo código, mesmas regras. “Assim, o amor por um sport tem realizado este sonho utópico, fazendo que todas as nações se achem de accordo sobre uma doutrina e obedecem a uma mesma lei.” Além disso, torna-se religião universal, em que seus adeptos abnegam da individualidade em nome do coletivo:

O foot-ball é a religião universal, em que os seus adeptos aprendem a abnegação de sua pessoa em favor da collectividade. É um maravilhoso educador, um professor de civismo e também de humanidade. É um benfeitor social e sua prática deve ser encorajada.<sup>257</sup>

Para finalizar a análise, o texto afirma ser o futebol o esporte do futuro, ao qual todos os outros serão subsidiários. Entretanto, é claro que diversas dessas afirmações devem ser relativizadas e compreendidas à luz do momento de empolgação pelo sucesso do futebol nas Olimpíadas, pois não podemos esquecer que os jogadores mesmo atuando em coletividade podem buscar sucesso individual ao marcar um gol ou até mesmo impedi-lo. Igualmente, ver no futebol um “maravilhoso educador” e “professor de civismo” é esquecer a violência permitida e não permitida dentro de campo, além das diversas manifestações não pacíficas por parte da torcida, embora se pretenda um futebol ideal sem essas amostras de não civilidade.

Mesmo passado vários dias após o fim dos jogos de Paris, algumas notícias continuaram chegando e tendo espaço no Correio. Uma tabela com os lucros da venda de ingresso de cada esporte aponta o futebol como maior gerador de receitas do evento, tendo a partida final entre Uruguai e Suíça sido a recordista de público e renda. Os 1.800:000 (um milhão e oitocentos mil francos) arrecadados pelo futebol superaram os 1.600:000 (um milhão e seiscentos mil francos) gerados pelo atletismo. Se considerarmos que os jogos de futebol foram em número muito menor que as provas de atletismo, essa proporção aumenta ainda mais, justificando o futebol como o maior evento dentro dos jogos olímpicos de 1924<sup>258</sup>.

---

<sup>256</sup> “As olympiadas de Paris – A apotheose universal do foot-ball”. Correio do Povo, 18 de junho de 1924. p. 10

<sup>257</sup> Idem.

<sup>258</sup> “Balanço econômico dos Jogos Olympicos de Paris’. Correio do Povo, 16 de setembro de 1924. p. 8.

Levando em conta valores envolvidos, podemos, no mínimo, supor que o futebol estava dando lucro e com isso torna-se possível compreender o porquê dos debates sobre uma certa tolerância ao pagamento de alguma quantia em dinheiro para os que jogavam futebol, tema que se intensificou nos anos seguintes.

Como uma amostra desse cenário em que o profissionalismo passava a ser debatido, fora publicada uma interessante entrevista com um jogador de futebol argentino, reproduzida do jornal “El Graphico”, de Buenos Aires. Antonio Miguel, vendedor de jornal em Rosário e ídolo do futebol local fala de sua trajetória no esporte, comenta a decisão de não receber dinheiro pela participação nos jogos e a dificuldade em participar de um clube pobre, que não tem recursos para bater de frente com os grandes clubes portenhos. Aspecto curioso, é que Antonio já fora chamado por outro nome, perdeu documento de identificação, falsificou um documento com outra denominação, fora punido pela liga local, ficou dois anos em punição e mesmo assim voltou aos gramados e fez sucesso em seu clube, o Rosário Central. Apesar de ter jogado uma temporada no Newlls’ Old Boys, time de elite de Rosário, se desligou desse clube com alguns problemas de relacionamento com os companheiros que o acusavam de receber dinheiro para jogar. Quando questionado em relação a esse fato, reage com veemência afirmando:

Hoje sou homem honrado.

(...)

Não faço profissionalismo do foot-ball; e não vivo dele. Pertencço ao Rosário Central e faço foot-ball só no campo. Fora delle sou um trabalhador. Não sei se vocês ignoram que existem os profissionaes.<sup>259</sup>

Antonio, acusado de se dedicar ao futebol a fim de ganhar dinheiro, afirma que essas acusações resultam de:

(...) rivalidade existente. Uma sociedade cujo nome não convém citar, não contando com elementos para nos fazer frente (...) A culpa, em rigor, é dos que pervertem o Sport fazendo negocio.

(...)

Nossos jogadores são pobres.

Gente de trabalho, entre os quaes os mais favorecidos pela sorte percebem 50 pesos por mez. Nossos dirigentes tampouco são homens de posição e não dispõe de meios para proteger-nos... não necessitamos de nada e não recebemos amparo ou auxilio, como os

---

<sup>259</sup> “Os ídolos do povo de Rosário – Antonio Miguel, Foot-baller e jornalista.” Correio do Povo, 8 de maio de 1924. p. 6

profissionais. Si a situação persistir nesse pé, como trabalhador honrado e correcto, deixarei do foot-ball, para me dedicar exclusivamente à venda de diários.<sup>260</sup>

A veemência com que o jogador ressalta o fato de não viver do futebol é explicada por uma lógica de que o profissionalismo era visto por grande maioria dos adeptos do esporte como algo depreciativo. Apesar de se afirmar trabalhador de poucos ganhos, como o restante de seu time, assegura que defendem as cores do Rosário por pertencer ao clube e não por fazer do esporte fonte de lucro. Esse ideal não era privativo de classe e, como vimos, também não era restrito ao Brasil, sendo compartilhado por argentinos e até mesmo uruguaios, mesmo considerando esses países como referências nesse esporte para a América Latina.

### **3.2 – Depois das Olimpíadas, os brasileiros se preparam para a luta interna.**

Somente após o fim dos jogos olímpicos é que o Campeonato Brasileiro passa a ser notícia, ainda que de forma discreta. O estado de São Paulo, representado pela “Associação Paulista de Esportes Atléticos” iniciara suas preparações já escalando o time para os primeiros treinamentos. Curioso é que essa primeira escalação não contava com jogadores do Paulistano, principal clube da capital e onde jogava o já afamado Arthur Friedenreich<sup>261</sup>.

O selecionado dos gaúchos sequer era mencionado, o que certamente gerou descontentamento nos entusiastas do futebol e que queriam ver o estado representado no torneio nacional. Com isso, um leitor do Correio do Povo enviou uma carta à redação pedindo sua publicação. Nesse documento, clamava providências pela organização do time gaúcho, pois o calendário dos jogos já tinha sido divulgado no Rio de Janeiro. A crítica era baseada no fato de a FRGD estar preocupada com o campeonato estadual, ao invés do certame nacional.

E nós a tratarmos do campeonato estadual, quando o campeonato brasileiro está à porta, sem darmos por tal. S. Paulo já treina os scratches para a grande prova nacional. E nós, nós o que fazemos? Nada, nada ou pouco mais do que nada.

<sup>260</sup> “Os ídolos do povo de Rosário – Antonio Miguel, Foot-baller e jornalista.” Correio do Povo, 8 de maio de 1924. p. 6

<sup>261</sup> “Os sports pelo telegrapho – organização dos scratches paulistas. Correio do Povo, 24 de outubro de 1924. p.1

A preocupação absorvente dos êxitos locais, pequenos e efêmeros, atira-nos nesse comodismo fácil, nem que se cifrassem nossa atitude a responsabilidade e o bom nome do foot-ball gaúcho. Não quer isto dizer que devemos desprezar as glórias que derivam dos campeonatos regionais. Mas devemos superpor as dos campeonatos nacionais?<sup>262</sup>

A censura é clara em relação a um suposto provincianismo gaúcho, deixando de lado a competição nacional de futebol em relação às competições internas. Entretanto, vale ressaltar que a FRGD estava em reestruturação, com a presidência praticamente vaga e tentando marcar novas reuniões para eleição de nova diretoria. Deste modo, deixava um vácuo na organização da entidade.

Além disso, o autor da carta faz um apelo para que as particularidades e preferências dos dirigentes sejam deixadas de lado na hora da organização do time gaúcho, para que a mesma retórica quando da derrota do campeonato de 1922 não seja repetida apontando os mesmos erros.

Organise-se, methodicamente, o scratch que deverá enfrentar o scratch paulista. Colloquem-se de parte sympathias, preferências, exclusivismos e mãos à obra. Sinão, continuaremos a colleccionar decepções, não obstante termos os melhores elementos para os enviar.<sup>263</sup>

Como é possível observar, era bastante comum leitores enviarem suas cartas à redação do jornal para serem publicadas, mesmo algumas criticando as entidades esportivas e até mesmo o próprio jornal.

O início do Campeonato Brasileiro foi marcado pela pouca divulgação no jornal. No dia 10 de novembro os jogos preliminares iniciaram sem a participação do Rio Grande de Sul, embora tenha sido inicialmente inscrito no torneio e constasse no calendário dos jogos.

Até agora, porém, ao que nos consta, não foi tomada providência alguma sobre a nossa representação, o que não é de admirar devido o estado lethargico em que se encontra a nossa entidade official que está em completo abandono, devido a falta de direcção.<sup>264</sup>

---

<sup>262</sup> “Quando organisaremos o scratch para o torneio nacional de foot-ball”. Correio do Povo, 31 de outubro de 1924. p. 5.

<sup>263</sup> Idem, ibidem.

<sup>264</sup> “Campeonato Brasileiro”. Correio do Povo, 10 de novembro de 1924. p. 5.



Tal nota, apesar de curta e de canto de página, sem destaque algum, evidenciava que a FRGD estava em crise e impossibilitada de organizar a seleção gaúcha, embora os reais motivos desse seu “estado lethargico” não fossem expostos no jornal. A entidade esportiva seguiu tentando, sem sucesso até o final do ano, fazer reuniões a fim de eleger nova diretoria e reorganizar o futebol no estado.

O Campeonato Brasileiro seguia sendo muito pouco divulgado. Uma nota com o enfrentamento entre Ceará e Bahia trouxe alguns detalhes sobre o jogo disputado em Salvador baseado em telegrama enviado do Rio de Janeiro. A vitória dos baianos por 6 a 1 fez com que “o team dos baianos saio do campo carregado pelo povo, que não obstante a victoria alcançada não regateou applausos aos cearenses, que souberam se portar à altura”<sup>265</sup>. As cerca de 20 mil pessoas que assistiram ao jogo, aparentemente, tiveram um comportamento de acordo com o que se pretendia para esses eventos, pois até mesmo o time adversário fora aplaudido e elogiado. Apesar das poucas notícias sobre o torneio nacional uma pequena nota com a renda dos primeiros jogos fora divulgada nas semanas seguintes. No total dos três primeiros jogos foram arrecadados cerca de 56:175\$ (56 mil réis)<sup>266</sup>.

Fato curioso é que o Correio do Povo passou a publicar em meio a notícias sobre o futebol uma sessão chamada *‘Memento’ do Torcedor*, onde divulga espécies de conselhos de como se comportar no estádio do futebol, condenando a violência e os excessos dos torcedores, como:

Lembre-se o espectador de que deve retomar a calma habitual.  
Excitado, como temos visto, pode lhe acontecer alguma contrariedade, inclusive, victima de uma apoplexia, esticar o pernil em público e raso!<sup>267</sup>

A forma irônica do texto não esconde uma preocupação com uma suposta maneira adequada de comportamento social, seja nas arquibancadas, seja nas ruas.

As páginas do jornal porto-alegrense dão espaço para uma interessante reportagem do correspondente do jornal carioca “Paiz” em Porto Alegre, no qual o cenário esportivo da cidade é analisado pelo repórter. Inicialmente, elogia a APAD pela organização do campeonato da cidade que “o torna conceituada e querida por todos aquelles que se interessam pelo desenvolvimento physico da mocidade porto-

<sup>265</sup> “Campeonato brasileiro de foot-ball”. Correio do Povo, 20 de novembro de 1924. p. 7

<sup>266</sup> “A renda certa dos jogos do Campeonato Brasileiro”. Correio do Povo, 04 de dezembro de 1924. p. 10

<sup>267</sup> “Memento do torcedor”. Correio do Povo, 04 de dezembro de 1924. p. 10

alegrense.” Tal organização colocava o campeonato da cidade em um caminho rumo ao “progresso e adeantamento que a igualará às suas congêneres de S. Paulo e Rio de Janeiro”<sup>268</sup>.

Embora os jogos não tenham o mesmo público numeroso do centro do país, o público esportivo “não se deixa ficar em casa, quando a associação anuncia um match interestadual, ou internacional ou ainda quando seu carnet determina uma disputa de uma partida do campeonato entre dois fortes conjuntos”. Nessa ocasiões o futebol torna-se o assunto preferido na cidade:

Constata-se logo a preocupação geral pela effectivação do jogo, os prognósticos correm de boca em boca, nos cafés, nos cinemas e theatros, nos bondes, nas repartições federaes e estadoaes; commércio, nas casas de família, em toda parte o assumpto da semana é o jogo de domingo.<sup>269</sup>

Tal ambiente, segundo o repórter, lembra a atmosfera de Rio de Janeiro e São Paulo em dia de grandes jogos. Por outro lado, nota-se que não são referidos locais de origens mais populares ou freqüentados pelos trabalhadores braçais e ex-escravos da cidade: o cais do porto, os canteiros de obras, os bares e botequins e os arrabaldes da cidade não são mencionados pela reportagem, que ainda elogia a imprensa por acompanhar os treinamentos dos clubes e ainda por ensinar o público e jogadores a “se conduzirem com verdadeira educação esportiva.” E desta forma, nos dias de jogo

Senhoras e senhoritas. Apresadas, dirigem-se as archibancadas em procura de bons logares e aguardam os matches. (...) fervilham os commentarios. – Quem vencerá? Os teams jogarão completos? Quem será o juiz?<sup>270</sup>

Pelo ambiente bastante movimentado de dias de jogos, o repórter afirma que o futebol criou raízes na capital gaúcha e não se extinguirá. No entanto, a reportagem faz uma importante observação sobre o real comportamento das pessoas durante os jogos. Conforme o autor, “É bem verdade que raro é o match onde não se registre um ‘sururu’, uns de graves conseqüências; outros de menor gravidade”. E ainda prossegue, pois apesar da APAD tomar providências como punições aos jogadores envolvidos tais acontecimentos geravam certo temor ao público, visto que:

---

<sup>268</sup> “Foot-ball – O desporto em Porto Alegre”. Correio do Povo, 06 de dezembro de 1924. p. 3

<sup>269</sup> Idem ibidem.

<sup>270</sup> Idem.

Algumas famílias, já não aparecem mais nos grounds, em vista dos conflictos que sempre se dão. Entretanto outras nada temem e lá comparecem, emprestando às tardes desportivas bellissimos aspectos. Infelizmente, como no Rio, existem aqui torcedores exaltadíssimos, desses que por hypothese alguma admittem a derrota de seu club. Existem ainda jogadores que não sabem se conduzir em campo a verdadeira educação esportiva, não se lembrando que um gesto seu, contra o adversário, ou o desrespeito as ordens do juiz, é sempre o factor principal dos conflictos, porque, o torcedor não se exaltara desde que o jogador não se manifeste. Como no Rio aqui é a mesma coisa.<sup>271</sup>

As inúmeras brigas e jogos interrompidos pela metade são lembrados no texto da reportagem, pois, tal como no Rio, era bastante comum ocorrerem brigas durante os jogos, seja dentro de campo, seja nas arquibancadas e até mesmo misturando-se jogadores e torcedores que invadiam os campos para resolver nas vias de fato um lance duvidoso, uma derrota não aceita ou até mesmo uma decisão dos juizes. Esse último fator era um dos maiores motivos das brigas. Segundo o autor

Outro motivo que se me afigura principal na existência dos ‘sururus’ é o juiz.

(...)

Os juizes ‘regulares’ são pescados nas archibancadas, fazem o ‘hollandez que pagou o mal que não faz’. (...) e os ‘sururus’ surgem logo: dá-se a invasão de campo e os directores locais se vem (...), para dominar os exaltados.<sup>272</sup>

Como visto, as constantes confusões das partidas iniciavam, muitas vezes, a partir das decisões dos juizes, que sem o devido preparo para julgar os lances acabavam gerando descontentamento de jogadores e torcida que protagonizavam os “sururus” dentro e fora de campo.

Em um jogo pelo campeonato da APAD entre Tiradentes e Concórdia, dois times de menor expressão, ocorrera uma desavença em campo. No início da partida, aos 13 minutos do primeiro tempo

a linha concordiana carrega, shootando em goal e tendo o keper se apoderado da bola, dois forwards carregam contra o guardião do Tiradentes.

---

<sup>271</sup> “Foot-ball – O desporto em Porto Alegre”. Correio do Povo, 06 de dezembro de 1924. p. 3

<sup>272</sup> Idem ibidem.

Dessa forma marcam elles um goal. Alguns jogadores do Tiradentes protestam contra a validade do ponto, sendo que parte delles aggride o juiz.

Como era de se esperar originou-se conflicto que terminou com a intervenção dos directores da Associação.<sup>273</sup>

Como é possível perceber, mais um “sururu em campo”, mesmo na liga mais elitizada da cidade e como foi referido, o juiz se tornava o algoz para batalha, sofrendo as principais consequências do conflito. Para o jornal, era reprovável a atitude dos “rapazes do Tiradentes, os quaes assim dão prova da sua pouca educação sportiva”<sup>274</sup>. A continuidade do jogo foi demorada, pois o juiz agredido se negou a continuar arbitrar a partida, sendo substituído por um “sportmen” do São José que estava na arquibancada.

Outro aspecto muito interessante da análise do correspondente do “Paiz” em Porto Alegre é a dimensão social dos clubes de futebol. Segundo o texto do jornal, “Socialmente falando, alguns dos clubs filiados costumam reallizar reuniões dansantes em suas sedes, salientando-se entre elles o Cruzeiro, que reúne um conjuncto de torcedoras deveras encantador.” Desta forma, salienta a ideia de que os clubes de futebol, especialmente alguns da elite, como o citado Cruzeiro, ultrapassam as linhas do gramado e se tornam verdadeiros espaços de convivência e celebração de determinados valores. Tais valores despontam nas festas da elite e são trasladados para os campos de futebol – embora sempre seja necessário frisar que a existência de valores como cavalheirismo, justiça e cordialidade não são sempre aplicados na prática, nem por aqueles que a propagam, como visto nas inúmeras brigas em jogos envolvendo jogadores dos clubes da elite – recorda-se que Lagarto, do Grêmio, brigou a socos com um jogador do selecionado baiano no Campeonato Brasileiro de 1922. E para finalizar a apreciação sobre o cenário esportivo na capital gaúcha, o texto conclui que “A alta sociedade porto-alegrense é apreciadora do foot-ball e, nas reuniões familiares o assumpto predominante é quase sempre o desporto bretão”<sup>275</sup>.

Apesar do artigo ser uma análise do futebol da elite, dos grandes clubes, e de sua perspectiva em relação a essa realidade, é possível perceber que esse esporte fazia parte do cotidiano da cidade e tinha muita importância, seja como atividade esportiva apropriada para a sanidade do corpo e da raça, seja como importante meio de

---

<sup>273</sup> “Campeonato da Associação de Desportos”. Correio do Povo, 25 de novembro de 1924. p. 8.

<sup>274</sup> Idem ibidem.

<sup>275</sup> “Foot-ball – O desporto em Porto Alegre”. Correio do Povo, 06 de dezembro de 1924. p. 3.

sociabilidade durante os jogos nas arquibancadas e até mesmo nos bailes organizados pelas agremiações esportivas.

O Campeonato Brasileiro terminou somente no final do ano. Os cariocas, pela primeira vez, sagraram-se campeões diante dos paulistas. A notícia detalhada chegou ao *Correio do Povo* com alguns dias de atraso e nos primeiros dias de janeiro do ano seguinte foi publicada nas páginas esportivas. Além da reportagem baseada no jornal “*Imparcial*” ressaltar, e muito, a vitória carioca o que mais chama a atenção é que dois gaúchos sagraram-se campeões pelo time da cidade do Rio de Janeiro. Curiosamente, um dos jogadores era o conhecido jogador do Grêmio Severino Franco, o Lagarto, o outro era conhecido pela alcunha de Paraguaio. Os dois eram jogadores do Grêmio e Cruzeiro, respectivamente, e igualmente eram estudantes de cursos superiores, Lagarto era aluno da Escola Militar e Paraguaio acadêmico de engenharia. E mais ainda, segundo a folha carioca, Lagarto era conhecido no Rio Grande do Sul como o “Friedenreich gaúcho” e nesse momento atuava pelo Fluminense<sup>276</sup>.

O perfil dos jogadores era o típico dos “sportmans” da elite: jovens, estudantes e com recursos para viajar e ausentar-se das atividades profissionais. No campeonato de 1922, Lagarto já se destacara como “player de renome”, dando entrevistas para os jornais de São Paulo e recebendo visitas de outros jogadores, inclusive havendo rumores de que ficaria, desde aquele ano, jogando em São Paulo. A reportagem não explica como os jogadores foram parar no selecionado carioca, mas basta lembrar que além dos jogadores já serem conhecidos, a FRGD estava desestruturada e sequer fez menção de organizar o time rio-grandense, o que pode ter facilitado a saída desses atletas.

Além do mais, como sinal da importância que esse jogo final representou é possível elencar o expressivo público e a renda registrada. Segundo a folha carioca, as mais de 25 mil pessoas que compareceram ao jogo final proporcionaram renda ainda não registrada nas atividades esportivas no Brasil. Nas palavras do jornal, “uma quantia tão elevada como esta, jamais alcançou jogo algum no Brasil”, somando uma renda de mais de 87 contos de réis, sendo que “o próprio match desempate do Sul Americano entre brasileiros e uruguayos não chegou a ser de 46 contos”<sup>277</sup>.

Esse cenário apresentado pelo jogo final é demonstração clara da importância que o futebol tomara no Brasil. Grande público no evento, alto custo dos ingressos

---

<sup>276</sup> “Campeonato de foot-ball do Brasil – dois rio-grandenses campeões do Brasil”. *Correio do Povo*, 08 de janeiro de 1924. p. 2.

<sup>277</sup> “Campeonato de foot-ball do Brasil – a renda do matche atingiu a elevada quantia de 87:554\$000”. *Correio do Povo*, 08 de janeiro de 1924. p. 2

(evidenciado na renda elevada da partida) igualmente sinalizam que tal espaço era para ser frequentado por uma determinada parcela da sociedade, que tinha disponível os recursos financeiros necessários para pagamento das entradas. Ainda mais, apesar do torneio brasileiro ter ocorrido somente no final do ano e sem a participação do Rio Grande do Sul, os esportes, e o futebol em especial, foram tema constante de notícias e debates no *Correio do Povo*, impulsionados, da mesma maneira, pela participação uruguaia nas Olimpíadas e pelos torneios locais de futebol.

Dessa forma, Porto Alegre se mostrava uma cidade esportiva, não só dependendo de seu próprio calendário futebolístico, mas repercutindo e acompanhando os esportes no restante do Brasil, nos países do Rio da Prata e até nos países europeus. Igualmente, o futebol, como esporte de maior destaque trazia consigo todo um código de conduta de uma determinada classe social, que pretendia desse esporte, se não o exclusivismo, no mínimo o domínio da administração do futebol em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul como um todo.

### 3.3 – O ideal preparo para o esporte: corpo e mente da raça

O ambiente olímpico colocou em relevância algumas discussões sobre a validade e a importância da prática de atividades físicas. Um artigo assinado por Dr. Cesar Juarros intitulado “Força muscular não é synonymo de vigor physiologico”<sup>278</sup> critica aqueles que pensam que o exercício de qualquer esporte é sinônimo de sanidade física e mental e ainda censura aqueles que se importam unicamente com o desempenho competitivo e deixam a saúde em segundo plano. Para Juarros, a atividade física deve ser acompanhada por um médico e tomados todos os cuidados para não haver excessos, pois

Athleta não é sinônimo de são. Adestrar-se não é aventura tão fácil que se possa emprender por conta própria, sem o concurso de médicos especialistas. (...)

O índice de robustez de uma raça não se traduz pelas victorias alcançadas por profissionaes, mas pelas suas estatísticas de vitalidade e mortalidade.<sup>279</sup>

---

<sup>278</sup> “Força muscular não é synonymo de de vigor physiologico.” *Correio do Povo*, 15 de maio de 1924. p.

8

<sup>279</sup> *Idem ibidem*.

Pelo exposto acima, é notável que Juarres advoga por uma prática do esporte que seja adequada para cada pessoa, onde os músculos e as vitórias não sejam o objetivo primeiro e sim a saúde do homem. Aqueles que “se dedicam a educação physica nas horas de descanso, sem descuidar de seu papel social, merecem todos os louvores e estímulos” ao contrário daqueles que deixam o papel social de lado e se “convertem em parasitas attentos só aos sports”, pois “uma nação de atletas não tem nada de invejável”<sup>280</sup>. Com isso, também é possível aferir que o esporte deveria ser prática para as horas vagas, deixando explícito, desse modo, que não aprovava aqueles que se dedicavam ao esporte como atividade preferencial, corroborando a ideia de que atividade esportiva não deveria ser profissão e sim prática de lazer.

É mister ressaltar que o conceito de raça utilizado pelos autores nas páginas do jornal tem origem no século anterior, configurando uma noção de que os europeus constituiriam uma “raça superior”, enquanto que os povos mestiços não possuiriam a pureza daquela, formando desse modo uma raça inferior e menos capaz, como já referido anteriormente.

Na sequência do artigo do Dr. Cesar Juarros, o *Correio do Povo* faz uma análise da importância da educação física, argumentando a favor desta atividade. Apesar de não ser um artigo que rebata as opiniões de Juarros, ele expõe argumentos que validam a educação física enquanto elemento importante na composição da sanidade do homem. “Não olvidamos a grande influencia que uma educação physica bem conduzida exerce sobre a educação intelectual e moral do individuo”<sup>281</sup>.

Desse modo, é possível recordar o comportamento dentro e fora do campo de futebol, da valorização do esportista amador e condenação moral daqueles que pretende o profissionalismo. Igualmente, vale lembrar que esse modelo de conduta se torna mais ou menos universal não só em Porto Alegre, mas no Brasil e no restante da sociedade ocidental.

Alguns dias após os artigos supracitados serem publicados, uma nova reflexão em torno do esporte é tema do *Correio do Povo*. O assunto em debate, dessa vez, é o adequado treinamento para a prática dos esportes, em especial a “corrida a pé”.

---

<sup>280</sup> Idem *ibidem*.

<sup>281</sup> “Algumas observações acerca da educação physica”. *Correio do Povo*, 15 de maio de 1924. p. 8; Dado o exposto, é possível retomar a noção de processo civilizador, de Elias, na qual o esporte é aspecto fundamental não somente para o desenvolvimento físico do homem, mas também como elemento civilizador do ser humano, estando nele inseridas práticas supostamente adequadas ao mundo moderno e civilizado e ainda um ideal de comportamento e valores que ultrapassam o espaço do esporte, seja futebol, boxe ou qualquer outro esporte moderno, propagando-se de forma horizontal na sociedade, independente de classe, gênero ou cor.

Alegando a necessidade de conhecer as técnicas de cada esporte, Calvet Mota chama a atenção para o cuidado com o cansaço excessivo na prática da corrida e a importância de ter um treinador para acompanhamento adequado.

Segundo Mota

É innato o costume, vicio, ou o que seja, dos nossos homens que se dedicam aos sports, de satisfazerem seus entusiasmos ou conveniências egoísticas em uma actuação em extremo deficiente e as vezes perigosa, cujas conseqüências se transformaram com o tempo, em sensíveis perturbações, que podem até mesmo produzir o “surmenage”. (...)

Definiremos esta palavra dizendo que é a fadiga levada ao extremo (...)<sup>282</sup>

Logo, é notável que o esporte era visto pelo autor não como uma atividade qualquer de lazer, mas como uma atividade especializada que necessitava de acompanhamento contínuo e sapiência, a fim do seu adequado aproveitamento. É possível compreender que o esporte, neste caso, necessitava de uma preparação singular e normas específicas estabelecidas para sua adequada prática, tornando-se, dessa forma, uma ação de cuidado com a saúde e a higiene do corpo, tão cara ao projeto de modernidade das elites urbanas brasileiras.

O tema da violência era constante ao se debater sobre o futebol. Mesmo quando se envolviam clubes sabidamente de elite ou selecionados nacionais eram bastante comuns as manifestações violentas que fugiam às regras de civilidade pretendidas pela sociedade, dentro ou fora do campo de jogo, invadindo as arquibancadas. Assim, os campos de futebol passaram a ser cercados para dificultar as invasões da torcida e o auxílio da Brigada Militar para garantir a segurança nos jogos mais importantes era solicitado pelas organizações dos campeonatos.

Em um jogo do campeonato da APAD entre Grêmio e Cruzeiro, dois times compostos predominantemente pela elite porto alegre, ocorreu “um serio incidente que veiu empanar o seu brilho, havendo uma interrupção forçada de mais de 20 minutos”. Tratava-se de uma briga entre dois jogadores dos times contentores que o jornal não sabe bem o porquê de seu início, só percebendo o imprevisto “quando ambos estavam engalinhados, mimoseando-se com alguns bons murros.” O jornal exige uma ação punitiva por parte da diretoria da Associação de Desportos pois “tendo interesse na moralisação do foot ball (...), não deverá permitir que nos seus jogos se reproduzam

---

<sup>282</sup> “Athletismo – o cansaço nos sports.” Correio do Povo, 20 de maio de 1924. p. 6



scenas tão desagradáveis como as que assistimos na tarde de domingo” e com esse fim “volvesse a sua atenção para o mencionado incidente, fazendo cair sobre os culpados todo o rigor das penalidades existentes para taes casos, afim de evitar que nesses grounds, se transformem em ‘rings de box’ ou em ‘arenas de touradas’.” No entanto a reunião realizada pela APAD aprovou o jogo sem nenhuma punição aos que se envolveram ou provocaram a briga, nada mais fazendo do que “empanar o brilho da bella tarde de domingo”<sup>283</sup>.

Provavelmente, para esse caso, o fato dos clubes envolvidos serem importantes associações da elite da cidade teve influência na hora da decisão de não punição aos envolvidos, ainda mais que a diretoria da APAD sempre contava com membros desses grandes clubes da cidade. Dessa forma, as regras pareciam ser flexíveis para alguns jogadores e clubes, mesmo em um ato reprovado por todos aqueles que dirigiam as associações esportivas e os que acompanhavam relatando e debatendo os fatos pela imprensa. Afinal de contas, o futebol era pretendido como uma prática civilizada e moderna, não combinando com atitudes violentas como a briga registrada no jogo.

Na esteira desses debates, era divulgada uma interessante palestra proferida na Associação Cristã de Moços, no Rio de Janeiro, por Dr. Paschoal Pitta, que advoga a educação física como elemento fundamental para formação do caráter do homem. Segundo o palestrante, corpo e espírito desenvolvem-se conjuntamente e como a educação física tem se tornado febre entre a mocidade, a sociedade tende a ser mais forte fisicamente. Com isso,

Vae-se, felizmente, diffundindo um entusiasmo pelos exercícios. Bem haja elle, pois quanto mais forte o corpo, mais forte o espírito, mais forte o character. (...) Lucra com isso o cérebro, que acompanha o desenvolvimento do corpo. (...) <sup>284</sup>

No entanto, a simples prática esportiva não é suficiente para adequada formação do caráter ideal, pois a higiene e o cuidado com o bem estar espiritual figuravam como elementos fundamentais. Segundo o dr. Paschoal Pitta,

Uma das coisas necessárias para o desenvolvimento do corpo é a hygiene. Esta não compreende só o banho; hygiene é evitar que o

---

<sup>283</sup> “E’cos do jogo de domingo – Contra a expectativa geral, o jogo foi approved sem a punição dos que empanaram seu brilhantismo.” Correio do Povo, 20 de maio de 1924. p. 6

<sup>284</sup> “Athletismo”. Correio do Povo, 18 de junho de 1924. p. 8

corpo se corrompa de qualquer modo, especialmente com os vícios, que tanto mais perigosos são mais tolerados pela sociedade. (...) (...) entre os vícios, o fumo, o álcool e o desregramento sexual. A educação physica pode contribuir para o desenvolvimento do character, quando feita parallelamente ao exercício mental e espiritual, isto é leitura de bons livros e crença em Deus. (...) Os exercícios feitos dentro dessa lei, contribuirão, fatalmente, para que se realice a formação de caracteres fortes – almas sãs em copos sãos.<sup>285</sup>

Dado o exposto, é possível visualizar uma ideia de que as atividades físicas, combinadas com a crença em Deus e com cuidados com a higiene e o abandono de vícios como o “fumo, o álcool e o desregramento sexual” são apresentadas como uma espécie de fórmula adequada para o desenvolvimento de um “carácter” dos cidadãos brasileiros, talvez um carácter mais adequado do que aquele que Maciste Junior, em comentário sobre a não participação do Brasil nas Olimpíadas de Paris, apontou como de uma raça que “carece de emoções fortes”<sup>286</sup>.

Em texto retirado da revista portuguesa “Bragantina revista de sports”, da cidade de Braga, é feita uma defesa do atletismo como esporte básico e necessário para todos os demais esportes, especialmente o futebol, colocado em evidência em função dos Jogos Olímpicos. Outrossim, nesses jogos, “as equipes preparadas se impuseram aos grupos de maior compleição e mesmo àqueles de maior ciência”<sup>287</sup>.

Em outro artigo que tem como tema a importância da Educação Física, é defendida a ideia de que as crianças devem ser educadas fisicamente, assim como as educam moralmente e civicamente. Entretanto, é chamada a atenção, mais uma vez, que essas atividades devem ser acompanhadas por um médico, pois o esporte não seria um simples jogo. Conforme as palavras do texto:

Nada há mais perigoso do que o abuso do exercício physico, como temos dito e não nos cançaremos de repetir. O exercício physico não constitue apenas o passa-tempo que quase toda a gente nelle enxerga: é a hygiene em primeiro lugar – é a medicina.<sup>288</sup>

Com isso, ficava exposto mais uma vez a relação que muitos faziam dos esportes com a higiene e com uma moral de comportamento inserido na modernidade que

---

<sup>285</sup> Idem ibidem. p. 8

<sup>286</sup> “As Olympiadas de Paris – Os jogos latino-americanos e o Comitê Internacional Olímpico”. Correio do Povo, 15 de junho de 1924. p. 11

<sup>287</sup> “O atletismo como base início do verdadeiro foot-ball”. Correio do Povo, 20 de novembro de 1924. p. 7

<sup>288</sup> “A criança e os exercícios physicos.” Correio do Povo, 20 de novembro de 1924. p. 7

chegava em Porto Alegre, organizando ruas, destruindo cortiços, alargando avenidas, fazendo praças e passeios. Logo, almejava-se pessoas modernas e adequadas para aquela nova cidade que estava sendo construída.

O futebol e a preparação adequada para a prática desse esporte continuaram sendo tema de textos dos jornais. Um artigo sobre a necessidade de treinamentos adequados defende que, mais do que conhecer as regras do futebol, o jogador necessita ter as aptidões físicas adequadas para determinado esporte e deve estar sempre acompanhado de médico, pois a violência permitida nos campos de futebol não poderia ser saudável ao desenvolvimento das crianças e adolescentes que praticavam o esporte com cada vez mais frequência no Brasil<sup>289</sup>.

Dado o exposto nas páginas acima, é possível notar que após um período conturbado em função da guerra civil no Rio Grande do Sul as entidades esportivas passaram por momento de reorganização, buscando a retomada das atividades da FRGD e também a reunificação do futebol em Porto Alegre com a volta de clubes dissidentes para a liga principal, a APAD. Depois da Revolução de 1923, o principal assunto esportivo foram os Jogos Olímpicos, fazendo com que intelectuais, jornalistas, médicos e até simples leitores passassem a debater a realidade esportiva na capital do estado e no Brasil. Outrossim, a ausência do selecionado gaúcho no Campeonato Brasileiro de 1924, decorrência da desestruturação das entidades esportivas pós-revolução, ocasionou uma cobertura distante desses acontecimentos, dando maior ênfase às questões locais e ao reflexo das Olimpíadas.

---

<sup>289</sup> “Foot-ball – os entraineurs entre nós”. Correio do Povo, 02 de dezembro de 1924. p. 6

## Capítulo 4: “Está na berlinda o futebol”

### 4.1 – O Rio Grande ajusta o esquema, o futebol entra em campo.

Após dois anos conturbados para o Rio Grande do Sul, 1925 começou com as entidades esportivas entrando em ajustamento, especialmente a Federação Rio Grandense de Desporto. A APAD passava, nesse início de ano, por uma crise interna, mas continuava tentando fazer do futebol o principal esporte, estando vinculado às tendências mundiais dessa modalidade. Um novo regulamento, nas conformidades exigidas pela Associação Internacional de Futebol, fora redigido para as competições municipais. Além da permanência da exigência de cada jogador “provar o meio de sua subsistência”, os campos tinham que ser cercados e conter vestiários adequados para higienização pós-jogo dos atletas de ambos os times. Também contava nesse regulamento uma clara disposição na punição das atitudes não esportivas, como injúrias aos juízes e agressões entre jogadores e entre jogadores e torcida<sup>290</sup>.

Tal regulamento recebeu elogios do Correio do Povo, especialmente pelo combate aos “incidentes desagradáveis” frequentemente ocorridos nos dias de jogos. Como espécie de resposta, a APAD aprovou em reunião um voto de louvor ao jornal enviando telegrama consagrando a folha

pela atitude assumida, auxiliando, como brilhante órgão da imprensa, que é, no seu papel funcional de orientador da opinião pública, esta directoria, no sentido de se moralizar de vez o sport, imprimindo um cunho de ordem, indispensável ao desenvolvimento do progresso.<sup>291</sup>

A concordância entre a entidade e o jornal não representa que tenham se configurado em aliados inseparáveis ou que um tenha influência direta sobre outro, mas que, no tocante aos valores envolvidos na prática do futebol e nos eventos como um todo, essas duas entidades estavam de acordo. Dessa forma, considerar no Correio do Povo um “papel funcional de orientador da opinião pública” permite não só expressar-se por meio desse, como igualmente, ter um aliado poderoso na divulgação do modelo de jogador e torcedor pretendido por ambos: ordeiros e civilizados, o que seria

<sup>290</sup> “Associação de Desportos – O novo regulamento”. Correio do Povo, 04 de fevereiro de 1925. p. 6

<sup>291</sup> “Como a APAD encara a attitude do ‘Correio do Povo’”. Correio do Povo, 16 de Abril de 1925. p. 8

“indispensável ao desenvolvimento do progresso”<sup>292</sup>. Tal noção de progresso estava sempre conectada à ideia de modernidade e esta ficava não só vinculada, mas encabeçada pelas elites. Ainda assim, vale retomar que a ideia do papel da imprensa concebida pela APAD vai ao encontro da noção de jornalismo moderno referida por Capelato e Prado, segundo a qual tem o papel não só de transmissor de opinião e informação, como lugar de ressonância dos valores dessa elite<sup>293</sup>.

No mesmo sentido, a FRGD passava por reformulação após dois anos conturbados. A atual diretoria, que deveria ficar no comando até o final de 1925, de forma coletiva, pediu desligamento das funções. O novo grupo de comando tinha Cicero Soares como presidente, um já conhecido “sportmen” que fora presidente do Cruzeiro anteriormente e também dirigente da APAD. A apatia que se encontrava a entidade foi finalizada com essa mudança, pois a nova diretoria agiu rapidamente em busca de reunificar o futebol gaúcho e trazer de volta diversas ligas que se separaram nos anos anteriores. Essa iniciativa dessa direção

Já vai colhendo os melhores resultados (...) e oxalá que dentro em breve esteja normalizada a situação de todos os clubs e Ligas do interior, afim de que possamos concorrer ao campeonato brasileiro do corrente anno, enviando para esse certame um seleccionado que represente de facto a pujança do foot-ball gauchó.<sup>294</sup>

Assim como notamos uma afinidade na atitude da APAD, igualmente a nova diretoria da FRGD recebeu apoio do jornal e, mais que isso, demonstrou preocupação, desde já, com a preparação do time que jogaria o campeonato nacional. Outrossim, aparenta que a função da entidade, além de organizar o futebol local é bem representar o futebol gaúcho diante do restante do Brasil, buscando os melhores jogadores.

No dia seguinte, uma ampla reportagem sobre a nova diretoria da FRGD fora publicada no Correio do Povo, com direito a entrevista de Cicero Soares, “um ethusiasta apreciador deste sport e (...) pessoa que já tem seus serviços a causa do foot-ball”, pois já fora presidente da APAD, chefe da delegação gaúcha no Campeonato Brasileiro de 1923 e naquele momento presidia o Cruzeiro. Em entrevista, o então dirigente afirmou ter aceitado a nomeação para a presidência em função da “vontade unânime do

---

<sup>292</sup> Idem ibidem.

<sup>293</sup> CAPELATO & PRADO. **Op cit.**

<sup>294</sup> “Federação Rio Grandense de Desportos”. Correio do Povo, 16 de Abril de 1925. p. 8

conselho”, pois sabia que dirigir a Federação naquele momento equivaleria a “reorganizá-la; (...) essa entidade acaba de passar por uma crise bem séria, que chegou a ameaçar (...) a hegemonia do foot-ball no Rio Grande”<sup>295</sup>. Do mesmo modo, pretendia fazer uma modernização nos estatutos da entidade tendo como base os novos regulamentos da CBD.

Comentando acerca dos eventos principais da FRGD, Soares afirma que “A disputa do campeonato estadual de foot-ball do corrente anno será a nossa principal preocupação”<sup>296</sup>. Essa afirmação pode ser melhor entendida se levarmos em conta que era necessário a reunificação do futebol no local, o que poderia ser facilitada por um evento estadual reunindo clubes de diversas regiões do estado.

Questionado sobre o Campeonato Brasileiro, o presidente colocou a participação no certame como uma obrigação da Federação, pois “o Rio Grande, que ocupa econômica e financeiramente um lugar saliente na federação brasileira, deve ocupar esse mesmo lugar no desporto” e para que isto seja um fato bastaria que todos os clubes filiados deveriam preparar seus times. Para este fim, o presidente já anunciara uma viagem ao interior do estado com intuito de reunificar o futebol gaúcho anunciando que pretende fazer “ver aos filiados as vantagens que a Federação proporciona aos mesmos como entidade oficial no Estado”. A ideia de que os esportes estão ligados ao progresso é constantemente referida, como no excerto a seguir:

Que o desporto é um grande factor do progresso e que elle faz com que nos tornemos mais conhecidos nos paizes amigos diz-nos, bem alto, os recentes truinphos obtidos em França por (...) o team do glorioso Paulistano. O Paulistano e, por conseguinte, o desporto fez com que o Brasil se tornasse mais conhecido na Europa, prestando assim, mais serviços à nossa Pátria, que innumeradas embaixadas diplomáticas...<sup>297</sup>

Além da referência à recente excursão do Paulistano à Europa, é notável que o jogo de futebol, nesse caso, é visto de uma forma mais complexa do que um simples

---

<sup>295</sup> “Nova direcção da Federação de Desportos”. Correio do Povo, 17 de Abril de 1925. p. 9

<sup>296</sup> Idem ibidem. Neste sentido é fundamental a observação que no campo político o estado também passava por um processo de aproximação. Também é fundamental a recordação de que os principais opositoristas maragatos de 1923 tinham origem no interior do estado, em regiões que os clubes também se separaram da FRGD nos anos anteriores.

<sup>297</sup> Idem.

time a se apresentar. Nesse mesmo jogo, está representado um importante signo de modernidade e progresso a ser demonstrado pelo mundo, como fez o clube paulista.

É interessante o crescimento que havia nas publicações específicas sobre os esportes, como as revistas dos clubes e alguns semanários dedicados ao tema. Assim, era anunciado o lançamento de uma folha semanal totalmente dedicada aos esportes intitulada “O desporto”. Tal semanário tinha como diretor Sr. Pedro C. Campomar e como gerente o Sr. Cicero Soares. “repleta de ilustrações” e “pelo modo caprichoso com que se apresenta ‘O desporto’, está destinado a ter vida longa.” Além de se propor repleta de imagens, a revista contava com dois importantes dirigentes do futebol em Porto Alegre e no estado, o que avalizava a edição dentro do meio social dos “sportmans”<sup>298</sup>.

Em meio à empolgação pelo começo dos campeonatos locais de Porto Alegre e do anúncio de reestruturação da FRGD, começaram a serem publicadas charges, fato não muito freqüente nas páginas do Correio do Povo, ironizando algumas questões do momento, como a violência nas partidas de futebol e a precária situação do transporte coletivo da cidade por meio dos bondes. A primeira, publicada no dia 23 de abril, retratava a violência nas partidas de futebol<sup>299</sup>.

Com a legenda em francês “E o combate termina... Falta de combatentes”, a charge faz uma ácida ironia à violência e as constantes lesões dos jogadores durante as partidas de futebol. No primeiro quadro os jogadores aparentam elegância e saúde, no segundo as expressões já estão mais fechadas em função da disputa pela bola, no terceiro quadro os jogadores se chocam enquanto a bola fica de lado. Para concluir, o quarto quadro apresenta todos os jogadores atirados no chão após o incidente violento. O jogo termina, por falta de jogadores.

---

<sup>298</sup> “O desporto”. Correio do Povo, 28 de março de 1925. p. 8

<sup>299</sup> “Actualidades”. Correio do Povo, 23 de Abril de 1925. p. 6

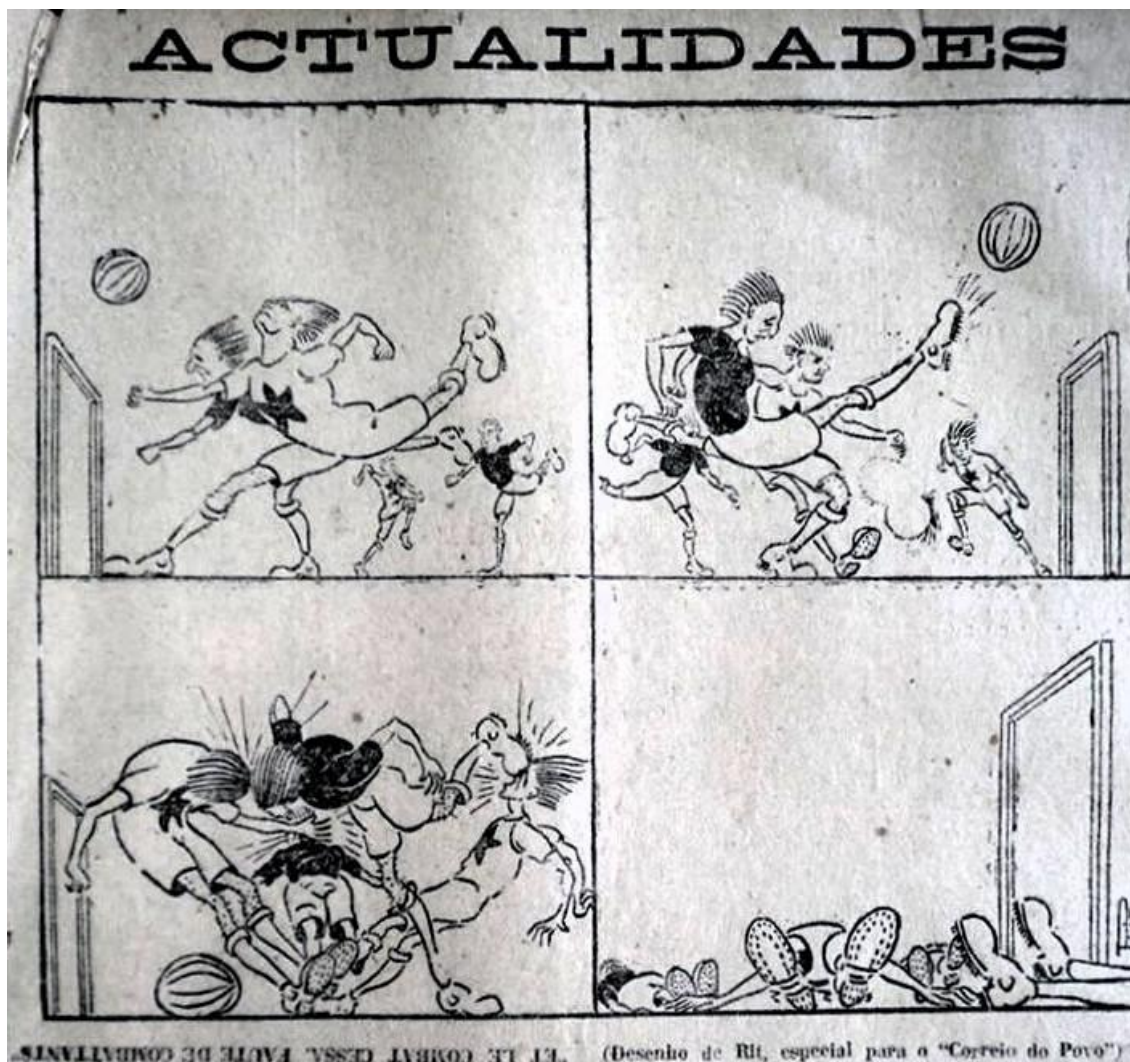


Figura 11 – Charge publicada no Correio do Povo ironizando a violência dentro de campo durante os jogos de futebol.

No dia seguinte, outra charge com o mesmo tema fora publicada. Dessa vez, um diálogo entre um dois homens é retratado. Um veste roupa elegante: terno, cartola e uma bengala; enquanto outro veste aparentemente uma espécie de armadura formada por pedaços de metal e ainda porta uma espada. Os dois estão sobre o olhar atento de um menino negro, provavelmente um vendedor de jornais, que assiste a cena aparentemente sem compreender muito bem.<sup>300</sup>

<sup>300</sup> “Actualidades”. Correio do Povo, 24 de Abril de 1925. p. 8





**Figura 12 – Charge publicada no Correio Povo fazendo referência aos inúmeros casos de comportamento violento por parte dos torcedores nos jogos de futebol.**

O homem que veste o traje pergunta espantado: “O que é isto? Neste envulcro de lata... Até parece Edade Média...” o interlocutor, vestido de sua armadura responde claramente: “Vou ao café e depois ao foot-ball”. Mais uma vez o tema da violência no futebol é posto em relevância, no entanto, o assunto não é a violência dentro das quatro linhas e sim nas arquibancadas. Os incidentes violentos no entorno dos campos de jogo eram bastante comuns, daí a ironia em ir ao campo de jogo vestido de armadura, pronto para entrar num ambiente medieval, como sugerido no diálogo da charge.

Na sequência, no dia 26 do mesmo mês, uma outra charge fora publicada. Desta vez, o assunto não era o futebol nem a violência nele contida. Mas, tema caro ao momento, os problemas na organização da cidade foram retratados por meio da crítica à demora dos horários dos bondes, essenciais para uma cidade que buscava se

modernizar. Dessa forma, retratava um homem que envelhecia enquanto esperava o seu bonde.



Figura 13 – Charge tratando da demora na espera pelos bondes, um dos símbolos da modernidade citadina.

Apesar do campeonato brasileiro estar ainda distante, habitualmente jogado no início do segundo semestre, o novo regulamento do campeonato já estava sendo elaborado por uma comissão com sede na capital da república. Tal proposição de regulamento gerou extremo descontentamento por parte dos paulistas, que se achavam prejudicados ao saber que depois de enfrentar os selecionados da região sul, ainda teriam que disputar uma possível vaga na final com um selecionado da Liga Militar, sediada no Rio de Janeiro. A crítica é reproduzida no Correio do Povo através de uma publicação do Jornal “Gazeta”, de São Paulo, com a concordância dos cronistas esportivos da folha porto-alegrense. Segundo a crítica paulista,

É palpável pois, que nossos amigos da capital da República concorrerão, ao grande certame em duas turmas: uma civil e outra militar. (...)

Ora, diante disso não seria, pois, mais lógico, mais decente mesmo, que os dois quadros da capital da República – Militares e Cívicos – disputassem, entre si o título de campeão da capital da República?<sup>301</sup>

Tal reclamação é facilmente entendida à luz do histórico de conflito político entre Rio de Janeiro e São Paulo, que se estendeu pelos campos de futebol. A CBD tinha sede no Rio, bem como o Comando Militar e o governo presidencial brasileiro, enquanto São Paulo possuía os melhores times e jogadores do país. Já em 1922 essas questões foram escancaradas na disputa do sul-americano e também se refletia nas preferências na hora da organização desses eventos esportivos, sempre colocando a capital como centro de tudo, mesmo que o núcleo futebolístico do Brasil, em termos de qualidade, já era a capital paulista.

Os dirigentes da FRGD em reunião que teve a presença maciça de representantes de clubes e ligas delegaram sobre a organização dos novos estatutos e da reorganização do estado em “zonas esportivas” a fim da disputa do campeonato estadual, levando em conta a ideia de reunir o estado. Outrossim, assunto de grande importância também foi o Campeonato Brasileiro que se aproximava. Nessa reunião foi aprovado a proposta de envio de representante da Federação à CBD para defender os interesses do estado nessa competição. O escolhido para ser o novo representante gaúcho na CBD foi um ex-jogador do Porto Alegre atualmente residindo na capital federal, Ladislau Stawinski. Este estava incumbido de defender os interesses gaúchos, pois a “entidade rio-grandense pleiteará a divisão do Brasil em seis zonas atheticas, ficando este Estado, Paraná e Santa Catharina, constituindo a zona sul e cuja sede deverá ser esta capital”<sup>302</sup>. Tal ponto de vista era baseado ainda no regulamento do campeonato de 1923. Desde o início das negociações a FRGD endereçara telegrama no intuito de expressar o desgosto diante da inclusão de São Paulo na zona sul da competição: “(...) communico discordamos inclusão São Paulo na zona sul, este deve constituir zona isolada assim como Distrito Federal como centros mais avançados do foot-ball”<sup>303</sup>.

---

<sup>301</sup> “A margem de um projeto – o que diz a ‘Gazeta’, de S. Paulo, sobre o projecto do Campeonato Brasileiro”. Correio do Povo, 25 de Abril de 1925. p. 7

<sup>302</sup> “Federação Rio Grandense de desportos”. Correio do Povo, 08 de maio de 1925. p. 7

<sup>303</sup> “Federação Rio Grandense de Desportos”. Correio do Povo, 30 de Abril de 1925. p. 7

A atitude da Federação, mais uma vez, recebeu aplausos do Correio do Povo, “atitude que visa tratar dos interesses dessa entidade, bem como do foot-ball rio-grandense.” Caso ocorresse essa mudança nos jogos, era visto como grande a possibilidade do Rio Grande do Sul estar nas finais do campeonato. A nota do jornal ainda chama a atenção para a necessidade da CBD atender aos interesses de outros estados, não somente o Rio de Janeiro. “Depois, é tempo que a Confederação Brasileira de Desportos tome mais interesse pelo que se passa nos outros Estados, facilitando-lhe, o quanto possível, a sua participação no grande prélio annual do campeonato do Brasil”<sup>304</sup>.

Tratando das questões internas do futebol gaúcho, a diretoria da Federação buscava a máxima coesão do futebol, tentando reunir todos os clubes sob a mesma entidade. Com isso, a presidência aplicou esforços a fim solucionar uma dissidência no futebol de Santana do Livramento, o que, mais uma vez foi louvado nas páginas do Correio do Povo, que afirmava:

É merecedor dos nossos aplausos a attitude assumida pela actual directoria da federação procurando solucionar os desidios entre os clubs e ligas do interior para assim congregar todos os centros desportivos do Estado sob a bandeira da nossa entidade máxima.<sup>305</sup>

Logo na mesma semana, a FRGD estava de aniversário, o que demandou espaço nas páginas do Correio do Povo e atenciosa reportagem sobre a trajetória da entidade responsável pelos esportes terrestres no Rio Grande do sul.

A vida da Federação, apesar das crises por que tem a mesma passado, tem sido bastante proveitosa para o desenvolvimento da nossa mocidade, quer directa, quer indirectamente, sob todos os pontos de vista e sob todos os aspectos.

Tem conseguido nesse sete annos de lutas cumprir o seu programma e si mais não tem produzido a nossa entidade é parte devido a situação anormal que temos atravessado.<sup>306</sup>

Fazendo um histórico da entidade, o jornal aponta o ano de 1921 como o ano de cisão do futebol estadual, com a desfiliação de diversos clubes e fundação de outra entidade para substituir a FRGD. Mas certamente os anos mais críticos foram o ano da

---

<sup>304</sup> “O Campeonato do Brasil”. Correio do Povo, 09 de maio de 1925. p. 8

<sup>305</sup> “Federação Rio Grandense de desportos”. Correio do Povo, 15 de maio de 1925. p. 6

<sup>306</sup> “Federação Rio Grandense de desportos”. Correio do Povo, 17 de maio de 1925. p. 8

Guerra Civil e seu subsequente, sendo que “em 1923 e 1924 devido à situação anormal do estado não foram disputados os campeonatos estaduais”<sup>307</sup>.

A participação nos campeonatos brasileiros também foi afetada pelo cenário belicoso. Entretanto, no ano da Revolução, 1923, a FRGD mandou atletas para representar o estado no certame, mesmo em meio à total desestruturação da sociedade e a cisão dos clubes e dirigentes. Todavia, no ano seguinte, “a Federação devido ao movimento revolucionário não pode se fazer representar no campeonato do Brasil”<sup>308</sup>.

O anúncio para um jogo entre Grêmio e internacional clamava pelo comportamento da torcida, “não é necessário couraça medieval” é um “sport mais elegante”. No dia seguinte à partida foram tecidos elogios ao comportamento dos torcedores. Entretanto, uma discordância em relação à inscrição do um jogador do time colorado gerou grande conflito no seio da APAD, com recursos do Internacional e a consequente renúncia de toda a diretoria da entidade com o pretexto de que o Internacional rompera as leis de esporte da APAD, não sendo salutar continuar no comando da órgão regulador do futebol. Desse modo, podemos notar que embora dentro de campo predominasse a normalidade, fora dele as disputas era muitas<sup>309</sup>.

No dia 11 de junho, a Federação recebeu da CBD telegrama informando que a data limite para inscrição no campeonato nacional seria o dia 30 do presente mês. Um tanto surpreso, Cicero Soares afirmava que por desconhecer o regulamento da competição ainda não poderia garantir a posição da entidade, pois, em suas palavras, “só depois de conhecermos as bases em que será disputado o campeonato deste anno é que poderemos dizer si concorreremos a elle ou não.” Ponto curioso da manifestação do presidente, é que pelo curto tempo que teria para preparar o selecionado gaúcho, já pensara em confiar a organização do time à Associação Porto Alegre de Desportos: “(...) convocarei a directoria da Apad, a quem devido à exigüidade de tempo, na minha opinião, deve ser entregue a organização do nosso combinado, caso tenhamos que concorrer a esse certamen”<sup>310</sup>. Ficava dessa forma, destinada a Apad a convocação dos jogadores, em detrimento das demais ligas esportivas da cidade.

Uma outra entidade dedicada ao futebol mantinha funcionamento em Porto Alegre, a Associação Porto Alegre de Foot-ball, a APAF. Com calendário paralelo

---

<sup>307</sup> Idem ibidem.

<sup>308</sup> “Federação Rio Grandense de desportos”. Correio do Povo, 17 de maio de 1925. p. 8

<sup>309</sup> Em meio à crise da APAD, o presidente do Grêmio Umbelino de Barros pediu demissão do cargo de presidente para assumir as funções as quais fora nomeado na Intendência Municipal.

<sup>310</sup> “Foot-Ball – Campeonato Brasileiro de foot-ball”. Correio do Povo, 12 de junho de 1925. p. 8

ao da APAD, tinha jogos todos os fins de semana e contava com clubes de menor expressão na cidade, como o Concordia e o Marechal de Ferro. Curiosamente, a APAF, em reunião no dia 12 de junho, decidiu pela criação de uma nova entidade estadual de futebol, a Federação de Foot-Ball Rio Grandense - FRGF, a ‘fim de procurar consagrar o foot-ball gaúcho’<sup>311</sup>. Essa atitude mostra que apesar dos esforços da FRGD, o futebol não estava tão unificado assim como pretendiam seus diretores, ou indica que os membros da APAF e da recém criada FRGF não fossem tão necessários para a pretensão da entidade oficial do futebol no estado.

Em reunião no dia 17 de junho, a FRGD tomou conhecimento dos regulamentos dos campeonatos brasileiros de tênis e futebol, decidindo pela participação em ambos os pleitos. Para a organização da equipe de tênis fora nomeado Luiz Alencastro e Carlos Maria Bins. “Para a organização do scratch gaúcho foi nomeado uma comissão composta dos sportmen srs. José Paes Barreto, James Book e Benjamim Vignoles”<sup>312</sup>. Como visto, a ideia inicial de delegar à APAD a organização do time de futebol gaúcho foi revista, certamente em função da cisão da entidade que teve renúncia coletiva de sua direção. No entanto isso não significa que a APAD tenha ficado excluída da preparação do selecionado, pois muitos de seus membros dirigiam também a FRGD<sup>313</sup>.

A rápida decisão em participar do campeonato e a imediata nomeação de comissão para organização da equipe “foi bem recebida nas rodas sportivas e foi assunto obrigatório (...) nos meios sportivos.” Além do mais, o calendário já era conhecido e a principal reivindicação da FRGD fora atendida pela CBD, “apesar de São Paulo ser a sede da zona sul de que fazem parte aquelle estado, Santa Catharina, Paraná e este Estado, a eliminatória entre o Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catharina será jogada nesta capital”<sup>314</sup>.

Segundo o Correio do Povo, o Rio Grande do Sul fora reconhecido pela CBD como um centro esportivo de importância, ao se tornar sede de uma eliminatória regional, fazendo valer sua força diante dos demais estados sulinos.

Esta deliberação da Confederação constitue mais um triumpho para a directoria da nossa entidade máxima, pois, assim teremos

---

<sup>311</sup> “Foot Ball – O conselho superior da ‘APAF’ esteve reunido hontem”. Correio do Povo, 13 de junho de 1925. p. 8

<sup>312</sup> “Foot Ball – A sessão de hontem da Federação Rio Grandense de Desportos”. Correio do Povo, 18 de junho de 1925. p. 8

<sup>313</sup> No dia 19 de junho foi publicada no Correio do Povo a nova lei de transferência de jogadores da CBD, exigindo, mais uma vez, que todos fossem amadores.

<sup>314</sup> “Campeonato Brasileiro”. Correio do Povo, 20 de junho de 1925. p. 8

oportunidade de assistir bons encontros inter-estaduaes. Devem estar de parabéns os dirigentes da Federação, pois, conseguiram parte do que almejavam, isto é, tornar Porto Alegre sede de uma zona. Foram, pois, em parte coroados de êxito os esforços da diretoria da Federação.<sup>315</sup>

O vencedor dessa primeira eliminatória iria enfrentar o time paulista em São Paulo. Portanto, Porto Alegre não era a sede da zona sul, mas sediaria os primeiros jogos, enquanto o poderoso time paulista seria cabeça-de-chave, apenas aguardando o seu adversário. Outrossim, vale destacar que apesar da criação de outras instituições para organização do futebol no estado, o Correio do Povo sempre se refere à FRGD como entidade máxima do esporte, sendo esta a representante oficial e reconhecida pela CBD.

A partir de então, o campeonato brasileiro e a preparação do time gaúcho passaram a ser tema de importância no jornal, não só informando sobre o cotidiano do selecionado, mas debatendo o futebol e sua importância para a sociedade. O regulamento da competição, publicado resumidamente, elencava aspectos bastante importantes para compreensão do campeonato para além das linhas de campo. Conforme o Artigo 1º, o evento organizado pela CBD

(...) é uma competição athletica annual, visando o fortalecimento da raça e a fraternidade da família desportiva brasileira, já pelo incitamento à cultura racional dos desportos, já pela união e maior harmonia entre os quadros ou delegações concorrentes.<sup>316</sup>

O objetivo de fortalecer a raça por meio do futebol já era recorrente nos anseios dos órgãos esportivos, ideia ligada às teorias que acreditavam ser o esporte um elixir da raça forte.

O calendário do campeonato passaria, a partir de então, a ser anual e ter data definida para início e fim:

Das eliminatórias do campeonato

Art. 8º “o campeonato será disputado de 1º de junho a 15 de setembro de cada anno.

Art. 10º “as eliminatórias finais na sede da Zona do Centro, serão disputadas de 15 de agosto a 15 de setembro.”<sup>317</sup>

---

<sup>315</sup> Idem.

<sup>316</sup> “Campeonato Brasileiro – O regulamento do campeonato organizado pela CBD”. Correio do Povo, 24 de junho de 1925. p. 8

<sup>317</sup> Idem ibidem.

Com isso, as equipes poderiam melhor se planejar, bem como organizar o calendário de seus campeonatos locais, não mais sendo surpreendidos com prazos exíguos a fim de preparar a equipe para os jogos e as viagens. Tais deslocamentos também passaram a ter definição clara, com financiamento por meio da CBD e pagamento de diárias:

Art. 21° O embarque das delegações se realizará precisamente nas datas designadas pela Confederação, que para esse fim dará as providências necessárias.

Art. 22° A CBD fornecerá as passagens precisas para a viagem da delegação ao local da competição athletica do campeonato.

Art. 23° As delegações quando se locomoverem terão, quando em viagem marítima a diária de 150\$000; quando em viagem terrestre a de 300\$000 e no local dos jogos a de 600\$, para a sua manutenção e mais despesas.<sup>318</sup>

Esses artigos demonstram o quanto o campeonato era importante para a CBD, que passaria a garantir todas as despesas dos participantes. Outro dado curioso era a fórmula para divisão das rendas das partidas, ficando mais da metade para os cofres da CBD e uma pequena parcela para as federações participantes do campeonato.

A renda era dividida da seguinte forma:

Das quotas

Art. 43 – Apurada a renda liquida total do campeonato, 50% desta importância serão divididos em tantas quotas quanto for o numero em dobro de jogos realizados, cabendo as ligas ou associações concurrentes tantas quotas quantos forem os jogos em que tiverem tomado parte.<sup>319</sup>

Desse modo, se houvesse 20 jogos no campeonato, a metade do total das rendas seria dividida em 40 cotas, e cada seleção teria direito a uma cota para cada jogo que participasse, independente do público de seu jogo.

As punições aos que infringirem as regras do regulamento também estavam devidamente prescritas, indo da advertência por escrito à multa financeira e até à eliminação do atleta ou dirigente.

---

<sup>318</sup> “Campeonato Brasileiro – O regulamento do campeonato organizado pela CBD”. Correio do Povo, 24 de junho de 1925. p. 8

<sup>319</sup> Idem, ibidem.



A FRGD publicou nota no Correio do Povo divulgando o recebimento de telegrama confirmando a inscrição do estado na competição nacional, igualmente, a data da primeira partida a ser realizada já fora marcada. Porto Alegre sediaria o primeiro jogo do Campeonato Brasileiro contra os paranaenses no dia 12 de julho. Ou seja, o Rio Grande do Sul teria apenas cerca de quinze dias para organizar sua representação. Para isso, uma primeira convocação já fora efetuada.

Interessante mesmo, da nota divulgada pela Federação, é que após a lista de convocados, são mencionados dois artigos do estatuto da Federação, na tentativa de prevenir a ausência de jogadores nos treinos:

A directoria da federação chama a especial atenção dos jogadores escalados para os artigos 35 e 36 e parágrafo único dos Estatutos da Federação, que para conhecimento dos interessados abaixo transcrevemos:

Art. 35 – todos os sportmen pertencentes as ligas, associações e CLubs vinculados a FRGD são obrigados a prestar o seu concurso a esta entidade sob qualquer forma.

Art. 36 – os desportistas que se recusarem a prestar o seu concurso a FRGD sem um motivo intransponível, a juízo da directoria, serão considerados como indisciplinados e passíveis das seguintes penas:

a) Suspensão por seis meses de qualquer prova, em qualquer entidade vinculada a FRGD.

b) Eliminação do desporto estadual em caso de reincidência.

Parágrafo Único – São passíveis das mesmas penas os esportistas que, embora promptificando a tomar parte nas provas, deixem de comparecer nos devidos ensaios.

A directoria da Federação punirá severamente os infractores.<sup>320</sup>

Como são evidentes no texto, os artigos tratam da obrigatoriedade de responder positivo à convocação e das possíveis punições para os que não atenderem o chamado. Outrossim, é igualmente notório o tom autoritário do Estatuto e da nota da Federação, ao fazer clara e evidente ameaça de punição.

A mesma nota ainda já divulgara o local que seria realizado o jogo: “O encontro com os paranaenses será jogado no campo do Porto Alegre, que, para esse fim, já foi requisitado pela Confederação”<sup>321</sup>.

Os campeonatos locais tinham continuidade e um domingo anunciado com grande número de jogos prometia ser “como se diz um dia cheio para os amantes dos divertimentos ao ar livre”. “Isso vem reafirmar, o que já dissemos, ser Porto Alegre, um grande centro de cultura physica.” Ainda mais, que no “vasto ground do veterano

<sup>320</sup> “A vinda do scratch paranaense”. Correio do Povo, 28 de junho de 1925. p. 8

<sup>321</sup> Idem, ibidem.

Porto Alegre” seria disputado o jogo diante dos paranaenses. “É uma noticia que certamente irá entusiasmar os amantes deste sport, por que será a primeira vez, que nesta cidade, se realiza uma prova eliminatória da grande prova nacional”<sup>322</sup>.

Desse modo, “A notícia de que a eliminatória da zona sul do campeonato brasileiro se realizará nesta capital, despertou nas rodas foot-bollistas grande entusiasmo.” Tal feito devia-se aos esforços da Federação “que tem a sua frente o conhecido sportman, Cicero Soares.” Conseqüentemente, “Será a primeira vez, que em nossos campos pisarão os rapazes do Paraná, portadores de bom nome nos centros esportivos do nosso paiz, eis a razão por que não devemos perder tempo na formação de um team capaz de honrar o nosso passado esportivo”<sup>323</sup>.

O primeiro treino ocorreu com grande presença dos convocados, sendo que apenas quatro jogadores não foram, porém com as devidas justificativas. Além do mais, esse ensaio

somente presenciado pela comissão organizadora do treino, directores da Federação e pelos chronistas sportivos dos jornaes locais. (...) Merecem portanto louvores, mostrando isto que desejam antes de tudo ver o Rio Grande do Sul ter uma bella representação no grande prélio de 12 de julho(...) <sup>324</sup>

Apesar da exclusividade para poucos assistirem o treinamento, o próximo ensaio, marcado para o campo do Grêmio, no Moinhos de Vento, seria aberto ao público, permitindo que todos os amantes do futebol pudessem prestigiar e desde já conhecer o time que representaria o estado.

Os preços para o jogo diante dos paranaenses já tinham sido decididos pela Federação, configurando valores bem mais altos do que costumeiramente era cobrados para jogos de futebol dos torneios locais, pois “... resolveu a directoria da Federação que os preços das entradas sejam de 6\$000, para o pavilhão e de 4\$000, para as geraes”<sup>325</sup>.

Para termos uma apreciação do real valor dos ingressos é possível fazer uma breve comparação com o preço cobrado em outros jogos na cidade. As entradas para o torneio início da Associação Porto Alegrense de Foot-Ball custavam entre 1\$000 e

---

<sup>322</sup> “Os jogos officiaes e amistosos de hoje”. Correio do Povo, 28 de junho de 1925. p. 8

<sup>323</sup> “Foot-ball – O campeonato brasileiro de foot-ball”. Correio do Povo, 30 de junho de 1925. p. 8

<sup>324</sup> Idem, ibidem

<sup>325</sup> Idem

2\$000<sup>326</sup>. Para o torneio semelhante, organizado pela Associação Porto Alegrense de Desportos, os valores eram bem maiores.

De acordo com disposição regulamentar o valor das entradas para esse jogo será de 4\$000 para o pavilhão e de 3\$000 para as geraes. A primeira vista parecerão exorbitantes esses preços, mas quem entrar em analyse sobre o motivo que nos obrigou a assim proceder, chegará a conclusão que as entradas são cobradas razoavelmente visto que senhoras e senhoritas tem ingresso gratuito.<sup>327</sup>

Como visto, os valores da APAD são mais que o dobro dos valores da APAF, o que pode ser compreendido pelo envolvimento naquela dos times mais tradicionais da cidade e constituídos por membros da elite da capital, enquanto esta contava com clubes menores, dos arrabaldes da cidade, como o Sokol e o Ypiranga, do Partenon.

No entanto, mesmo esses elevados valores da APAD são menores que os preços propostos pela Federação para a partida do Campeonato Brasileiro. Todavia, a própria FRGD informa que “Estes preços são cobrados em vista da vinda do scratch paranaense andar em mais de dez contos de réis”<sup>328</sup>. Ao lembrarmos que apenas uma pequena parte da renda ficaria com a Federação, é possível compreender os altos valores, pois, por ser um grande evento esportivo, esperava-se que mesmo custando caro haveria lotação máxima na partida. Outrossim, é mister ressaltar que cobrar altos valores é uma forma de fazer um triagem vertical na sociedade, fazendo com que somente pessoas de alta renda, e possivelmente uma melhor condição social, freqüentem tais eventos.

O jogo do campeonato aparentava configurar-se no principal assunto do cotidiano da cidade. Segundo o jornal: “Em nosso mundo sportivo é assumpto obrigatório a realização da próxima prova eliminatória da zona sul do campeonato brasileiro de foot-ball.” E ainda por ser a primeira vez que tal evento ocorre, “é natural o entusiasmo reinante”<sup>329</sup>.

Entretanto, nem todos poderiam ver de perto a preparação do time, pois os planos de fazer um treino aberto ao público foram modificados.

Attendendo as justas ponderações da comissão de scratch a directoria resolveu que o ingresso no campo do Porto Alegre para o treino de hoje só seja permitido aos associados daquele club que

<sup>326</sup> “Foot-boll - O torneio initium de Hoje”. Correio do Povo, 08 de março de 1925. p. 8

<sup>327</sup> “O grande torneio initium de amanhã”. Correio do Povo, 21 de março de 1925. p. 6

<sup>328</sup> “Foot-ball – O campeonato brasileiro de foot-ball”. Correio do Povo, 30 de junho de 1925. p. 8

<sup>329</sup> “O campeonato do Brasil”. Correio do Povo, 02 de julho de 1925. p. 6

apresentarem o respectivo recibo, aos directores dos clubs filiados e da APAD e aos representantes da imprensa. Tomou a directoria essa medida visto ser a mesma necessária para o perfeito treinamento no scratch.<sup>330</sup>

Aspectos importantes são possíveis de destacar dessa simples notícia, como o alto relevo que o jornal dá ao assunto dizendo-o “obrigatório”, pois considerando um possível exagero de um amante do futebol é notório que o se tornou notícia na cidade. Outro ponto fundamental para análise desse breve trecho é a exclusividade de assistir aos treinos apenas para sócios do Porto Alegre e para a imprensa, efetuando uma evidente clivagem no público que freqüentava esses treinamentos, pois só eram sócios e dirigentes dos grandes clubes da cidade pessoas que possuíam um poder aquisitivo relativamente alto, excluindo, portanto, grande parcela da sociedade, talvez os mesmos “populares” que se aglomeravam na frente dos jornais esperando notícias sobre os jogos fora de Porto Alegre. A ausência dos não sócios seria condição para o “perfeito treinamento no scratch”, segundo a directoria da Federação.

Conforme Claudio Pereira Elmir, em artigo sobre exclusão e modernidade em Potro Alegre,

a intenção de segregar, separar ou afastar o ‘diferente’ do convívio dos ‘iguais’ é traída por uma lógica de modernização da cidade que exige a expansão do seu espaço físico através da integração de suas várias regiões. Podemos dizer, desta forma, que não existe um processo unívoco de exclusão, mas um embate contínuo entre forças centrífugas e centrípetas do qual resulta a conformação social e territorial da cidade.<sup>331</sup>

Com isso, torna-se razoável compreender que a mesma modernidade que permite a comunicação sobre os treinos, por meio dos jornais que se espalhavam rapidamente por toda a cidade, e o deslocamento de grande número de pessoas, por meio dos bondes para os mais diversos locais da urbe, permite que pequena parcela da sociedade exclua uma grande maioria interessada em viver essa modernidade, o futebol, nesse caso, com uma medida de exclusivismo simples, mas eficaz, para seleccionar o público de tal evento.

---

<sup>330</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>331</sup> ELMIR, Claudio Pereira. Porto Alegre: a perdida cidade uma (Fragmentos de modernidade e exclusão social no Sul do Brasil. **Op cit.** p. 111.

Como os jogadores da seleção gaúcha eram todos, ao menos os de Porto Alegre, membros do campeonato da APAD, esta, mesmo em crise, decidiu por suspender os jogos do campeonato local a fim de auxiliar a preparação da representação gaúcha. Em conturbada reunião de renúncia e eleição de nova diretoria

um dos assuntos tratados e resolvidos a suspensão, até segunda ordem, dos jogos do campeonato da APAD, em vista dos treinos que se estão fazendo, para a formação do scratch riograndense, que deverá, em breve, enfrentar o seu congênere do Estado do Paraná.<sup>332</sup>

Medidas como essa não eram estranhas, pois além das duas entidades serem formadas por praticamente os mesmos clubes, o atual presidente da FRGD era Cícero Soares, presidente do Cruzeiro até assumir a direção da Federação. Além do mais, os treinos eram compostos por jogadores do Internacional, do Cruzeiro, do Grêmio, do São José e do Porto Alegre, todos membros da APAD.

O treinamento ocorreu novamente com o comparecimento da maioria dos jogadores convocados. No entanto, algumas ausências importantes são motivo de destaque, como a do goleiro Lara, que não participara ainda de nenhum dos treinamentos da seleção. Mesmo assim, a avaliação do treino foi positiva, pois “todos os que se retiraram do campo, ao terminar o treino saíram com boa impressão de tudo quanto observaram e pelo modo como ele decorreu.” Nos próximos dias ainda era esperada a chegada de jogadores do interior para reforçar o time, tais como Faeco e Mario Reis, ambos do S.C. Pelotas, requisitados pela Federação<sup>333</sup>.

Um telegrama da CBD informou nova data da partida diante dos paranaenses, passando para o dia 19 de Julho, aumentando, dessa forma, o tempo para a preparação do time gaúcho. A expectativa pela partida era grande, “Apezar de não estarem ainda à venda, as entradas, grande tem sido a procura de camarotes e de outras localidades para o grande prêmio”<sup>334</sup>.

Diversos foram os motivos que desfalcaram a seleção gaúcha. Os jogadores do interior tardavam a chegar ou nem podiam se apresentar, caso dos citados Faeco e Mario Reis, do Pelotas e de Pesce, de Alegrete. Mesmo assim, os treinos seguiriam, dessa vez com a expectativa da presença do goleiro Lara, peça fundamental do time. Esse treino, do dia 05, um sábado, seria aberto ao público e realizado no mesmo local

---

<sup>332</sup> “Associação Porto Alegrense de Desporto”. Correio do Povo, 02 de julho de 1925. p. 6

<sup>333</sup> “O grande prêmio inter-estadual”. Correio do Povo, 03 de julho de 1925. p. 8

<sup>334</sup> Idem, ibidem.

dos anteriores, o campo do Porto Alegre. Mais uma vez, uma forma de clivagem no público desse evento fora posta em prática. Apesar do treino ser público, seria cobrada uma quantia de 3\$000, preço mais caro do que a maioria dos jogos do campeonato da Apad<sup>335</sup>.

O treino, “sob um bom numero de amantes do foot-ball”, ocorreu mais uma vez com a ausência de Lara, “que ainda continua enfermo”. Entretanto, quase todos os demais convocados compareceram ao campo do Porto Alegre para o ensaio sob a presença numerosa da torcida, pois, “era natural que ali comparecessem muitos interessados a fim de aquilatarem do valor daqueles que em breves dias, deverão defender os créditos do foot-ball gaúcho”<sup>336</sup>. Um rumor sobre um suposto telegrama da CBD agitou o treinamento. Segundo essa mensagem, os paranaenses não mais viriam até Porto Alegre, enfrentando os gaúchos apenas em São Paulo. A FRGD rapidamente enviou telegrama pedindo informações, alegando que, caso isso ocorresse, a entidade teria grandes prejuízos pois já havia investido com a preparação e os ingressos para o jogo,

Além de comentários sobre o desempenho dos jogadores e os melhores esquemas para se colocar em campo, o jornal fazia uma interessante observação sobre o comportamento dos atletas no intervalo do treino:

Não podemos deixar de extranhar que, durante o intevalo, alguns jogadores fumassem; é um mao vicio, prejudicial, em todos os sentidos, e que se poderia evitar. Quando se pratica o sport, é cousa já sabida que não se deve tomar álcool nem fumar. E, como se tratasse de fazer treinos individuaes de nossos jogadores, convém que se ponha termo a esses abusos.<sup>337</sup>

Tal reprovação da atitude dos jogadores fumarem e beberem vai ao encontro das ideias de sanidade física e moral em voga nos anos 20 e bastante pronunciadas nas páginas do Correio do Povo. O futebol não era mais visto, já há bastante tempo, como um mero passatempo, mas sim como uma atividade física saneadora do corpo e da mente, ao menos pelos amantes do esporte.

Na mesma edição do jornal um artigo que ocupava quase uma página inteira fora publicado. Assinado por Amadeu Amaral, membro da Academia Brasileira de Letras – substituto de Olavo Bilac – o texto tem o sugestivo título “Está na berlinda o futebol”.

---

<sup>335</sup> “O campeonato do Brasil”. Correio do Povo, 05 de julho de 1925. p. 8

<sup>336</sup> “Campeonato brasileiro de foot-ball”. Correio do Povo, 07 de julho de 1925. p. 10

<sup>337</sup> “Campeonato brasileiro de foot-ball – Alguns lembretes”. Correio do Povo, 07 de julho de 1925. p.10

Amadeu Amaral era estudioso do folclore e das línguas regionais, daí, talvez, a grafia já aportuguesada do vocábulo “Futebol”, e não o termo em inglês “foot-ball” habitualmente utilizado. O próprio jornal já advertira que a grafia usada pelo poeta era fruto de seus estudos e que, em respeito ao autor, manteria a grafia original. Esse texto foi motivado pela excursão do Paulistano à Europa, que “teve a virtude de desencadear uma rajada de júbilo e de entusiasmo por todo o país”. Entretanto, “percebemos que no fragor dos aplausos se misturava um imenso vozeio de hostilidade”<sup>338</sup>.

“E que, se é certo que o futebol conquistou nos últimos tempos uma grande popularidade, também é exacto que o número dos seus adversários tem crescido em proporção.” Ao encontro disso, é possível lembrar os artigos e reportagens do CP tratando do futebol como esporte adequado e moderno, formador ideal da mocidade, como afirmou Maciste Junior, “o foot-ball tem-se tornado, nos últimos decênios um útil e poderoso instrumento no conserto social, é mais que justo que demos o amparo necessário para sua elevação, adquirido pela cooperação discricionária de todos”<sup>339</sup>. Do mesmo modo, é necessário relembrar, por exemplo, as charges publicadas nos dias 23 e 24 de abril, em que ambas ironizavam a excessiva violência dos jogos de futebol<sup>340</sup>.

Neste sentido, Amaral afirma que

Os inimigos do futebol são geralmente homens delicados e mansuetos. São cavalheiros finos, que se apoquentam com a semi-nudez e as maneiras bruscas dos esportistas, com a violência do jogo, com a jovialidade rumorosa e importuna dos vencedores, com a influência prejudicial que deriva do futebol para os costumes da sociedade. E são intelectuais que desprezam profundamente os talentos do pé e que enxergam no futebol uma contagiosa e absorvente mania a distrair a mocidade dos estudos e das coisas do espírito.<sup>341</sup>

Segundo o autor, o real motivo pelo qual se agitam os inimigos do futebol é que são “pessoas delicadas e mansuetas. Questão de feitio.” Por isso não fazem campanhas contra o suposto flagelo do futebol e reduzem os argumentos à simples questões: “é um jogo brutal e arriscado; conduz ao culto da força e da agilidade físicas, com prejuízo do predomínio que se deve proporcionar á inteligência, tira a mocidade o gosto dos estudos e das boas maneiras.” Apesar de discordar da formação dessas ideias, por afirmar

<sup>338</sup> “Está na berlinda o futebol” Correio do Povo, 07 de julho de 1925. p. 10

<sup>339</sup> “As Olympiadas de Paris – Ligeiras considerações acerca do torneio sportivo de foot-ball”. Correio do Povo, 15 de junho de 1924. p.11

<sup>340</sup> Actualidades”. Correio do Povo, 23 e 24 de Abril de 1925. p.6 e p.8.

<sup>341</sup> “Está na berlinda o futebol” Correio do Povo, 07 de julho de 1925. p.10

constituir noções construídas anteriormente, sem sustentação da suposta realidade, no caso o futebol, afirma que “é lealdade reconhecer que todos esses artigos de acusação se reforçam, de quando em quando, com exemplificações de factos que lhes dão certa aparência de solides”<sup>342</sup>. Em conformidade disso, lembramos das freqüentes lesões ocorridas dentro do campo de jogo.

Seguindo em seu questionamento, coloca uma curiosa inquietação de forma a desconstruir os argumentos dos “inimigos do futebol”. Sobre o tema da violência afirma:

O futebol é com efeitos um jogo arriscado. Mas não estará nisso precisamente uma das suas maiores vantagens?  
Há de quando em quando uma perna esfolada, um braço partido, um nariz em pandarecos. É pena, mas dão-se coisas piores nesta vida. Parece preferível que tais acidentes aconteçam nos campos de futebol, entre a alegria tonificante e o juvenil entusiasmo de luta, a que se produzem na rua, no escritório, na escola ou no lar, com a estupidez das fatalidades inúteis, sem causa decente e sem conseqüências compensadoras.<sup>343</sup>

Além de fazer referência à violência cotidiana nos diversos âmbitos da sociedade, aponta o futebol como disciplinador e formador da moral, justamente pelo enfrentamento da dureza do jogo. “No jogo, o risco decorre da natureza do exercício como a flor coroa a planta. Aquilo machuca mesmo. É forçoso contar com isso. E o que vale esta certeza, tranquilamente aceita como disciplina e estímulo de energia moral.” Se não houvesse essa dor, não haveria os ganhos físicos e morais do jogo. Ironicamente, Amaral afirma:

Se não machucasse, era realmente injustificável que um bando de latagões cabeludos fosse perder tanto tempo às carreiras e aos saltos em redor de uma bola, em vez de ficarem em casa jogando pingue-pongue com as primas, ajudando o Juquinha a pregar os selos do seu álbum ou batendo os ovos para a mamãe fabricar os seus sequilhos.<sup>344</sup>

Desse modo, segue a justificativa de sua defesa ao futebol e do enfrentamento da possível violência: “Machuca, mas acostuma o corpo a rudeza dos exercícios forçados, da decisão, resistência, varonilidade, favorece essa espécie de bravura que se costuma

---

<sup>342</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>343</sup> Idem.

<sup>344</sup> “Está na berlinda o futebol” *Correio do Povo*, 07 de julho de 1925. p. 10



chamar física mas que sem embargo é puramente psíquica, como toda bravura”. Com isso, além da elevação física, haveria uma elevação da moral da sociedade.

Ninguém pode calcular os salutarissimos efeitos que produz, como elemento de ordem e paz no seio da sociedade, uma boa porção de energias físicas e morais distribuídas entre as massas e representando uma permanente possibilidade de socos e de pauladas correctivas. Esses efeitos não impresionam; passam pela maior parte despercebidos, por que nem sempre tem o recorte preciso dos ‘factos diversos’. Entretanto são inumeráveis, constantes e certíssimos.<sup>345</sup>

Nesse ponto, o argumento apresentado pelo poeta caminha na mesma esteira de raciocínio apresentada por Norbert Elias, quando afirma que os esportes modernos, entre eles o futebol, são espaços não só de manifestação livre de violência do homem, mas também da correção desta e devida destinação das tensões que a sociedade moderna impõe<sup>346</sup>.

Sobre o argumento do culto à força e à agilidade físicas, Amaral afirma ser tão inválido quando o ponto anterior, pois

Em primeiro lugar, a força e a agilidade físicas são belíssimas coisas, e oxalá toda a nossa mocidade as possuísse. Seria nesse caso uma juventude jovial, bulhenta e radiosa, sem as sombrias imaginações, as desafinadas histerias, os cálculos e as malignidades valetudinárias que tão a miude a afeiam, a descoram, a acalcanham.<sup>347</sup>

Amaral estava ciente dos avanços científicos em amplas áreas do conhecimento, inclusive a medicina que desde meados do século XIX, no Brasil, já apontava a atividade física como remédio para diversas mazelas, além da preparação do corpo para a vida. Assim, corpo e mente tinham que estar preparadas, até mesmo para a prática do futebol.

Se há um culto qualquer no entusiasmo popular pelo futebol, é justamente o culto do espírito que dirige os exercícios do corpo: é a admiração pelas qualidades de reflexão e decisão rápida, pelo golpe de vista incisivo seguido imediatamente da acção precisa e fulminante. E é também a eterna paixão da aposta, aliada ao eterno espírito de parcialidade. Por via deste ultimo é que o futebol se tem tornado, em

---

<sup>345</sup> Idem ibidem.

<sup>346</sup> ELIAS, Norbert. Introduccion. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Deporte y ocio em El proceso de La civilizacion**. México. Fondo de Cultura Económica: 1992

<sup>347</sup> “Está na berlinda o futebol”. Correio do Povo, 07 de julho de 1925. p.10

toda parte do mundo, um excitante de emulações entre clubs, entre cidades, entre províncias e entre países.<sup>348</sup>

Para Amaral, são apenas argumentos vazios dos opositores do esporte bretão, que não correspondem à complexa realidade, escondida atrás de um culto a estas “frases de efeito”. E ainda mais, nem tudo na vida do homem é intelectual,

felizmente (...) porque é devido a isso que ainda podemos lograr algumas coisas boas desta vida, umas tantas crenças reconfortantes, uns pares de afeições benévolas a um ‘stock’ discreto de ilusões generosas que nos ajudam a permanecer em cima dos nossos modestos rocinantes (...). Querer que tudo, no seio de um povo, se revista de um acentuado carácter de intelectualidade é o mais delirante dos sonhos sonháveis (...)<sup>349</sup>

O futebol, apesar das ocasiões onde a força física seja essencial, pressupõe certa sapiência para a sua melhor execução.

(...) O futebol, por muito bruto que seja, não põe de lado a inteligência; e é mesmo da sua submissão a inteligência que depende a sua mais harmoniosa e bela expressão, como provaram na Europa os valentes rapazes brasileiros.<sup>350</sup>

A temporada de amistosos do Paulistano na Europa serviu de exemplo na defesa de seu argumento, pois diante dos europeus, muito mais do que a força física dos brasileiros, foram os conhecimentos técnicos do time brasileiro que foram alvo de elogios pelos europeus.

O autor, reforçando seu argumento, afirma que o futebol serve como um contraveneno diante à pressão que sociedade coloca nas pessoas.

A relativa inintelectualidade do futebol, repita-se, é uma das suas qualidades mais saudáveis. É um diversório, oportuníssimo nos tempos que correm, para os nervosismos e os cansaços resultantes de uma vida cada vez mais difícil e mais artificial e desta formidável, diabólica publicidade moderna, que multiplica espantosamente os chamarizes da atenção, puxa pelas cabeças, abala os nervos e não mais nos consente folgas de repouso e de paz no doce regalo da nativa instintividade.<sup>351</sup>

---

<sup>348</sup> Idem, ibidem.

<sup>349</sup> Idem.

<sup>350</sup> Idem.

<sup>351</sup> “Está na berlinda o futebol” Correio do Povo, 07 de julho de 1925. p. 10

Certamente, refere-se à vida moderna, com sua nova forma, seus novos produtos, sua nova velocidade, enfim, com o turbilhão que é apresentado por esse tempo, gerador dessa pressão e que modifica o modo de vida das pessoas. Notadamente, tal como ressalta Elias, o futebol se torna em espaço para alívio dessas tensões.

A acusação que pairava no futebol de afastar a mocidade da intelectualidade, também é refutada por Amaral. “Não há de ser o tal abaixamento de nível (*educacional*) uma das causas que levam a mocidade a fugir dos livros para a bola de couro?” questiona o poeta afirmando que se não fosse ao campo de futebol, o caminho da intelectualidade não era um trajeto natural. Em suas palavras,

Os adversários do futebol, ante a enorme popularidade desse esporte, parecem pensar que, se não fora ele, todo o povo que vai aos campos e que paira na cidade a respeito de jogos tocava direitinho para os domínios da intelectualidade, a frequentar os templos do saber, as bibliotecas, as salas de conferências.(...) <sup>352</sup>

Como destino preferível, na ausência do futebol, Amaral aponta outras paragens, pois “É infinitamente mais provável que a maior parte preferisse tocar mas era para as tavernas, para as estúdiadas, para as cervejadas, para a orelha da sota, para as periengas, batebocas e reinações de quem precisa a todo custo matar o seu tempo.” Assim o futebol, pode exercer o ofício de uma “polícia preventiva”, desempenhando uma “grande acção moralizadora”<sup>353</sup>.

Nesse tema, é fundamental a aferição feita por Elias de que

as características das classes baixas difundem-se por todas as outras (...) o que costuma ser peculiar às classes superiores também se difunde pela sociedade como um todo. A conversão de restrições sociais impostas “de fora” em auto-restrições, numa auto-regulação individual que se torna um hábito ou um automatismo no tocante às paixões e sentimentos. <sup>354</sup>

Desse modo, haveria um duplo sentido de influências, uma vindo de baixo, das classes mais pobres, e outra saindo das classes abastadas e não uma via única de influência.

---

<sup>352</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>353</sup> Idem.

<sup>354</sup> ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: Formação do estado e civilização. Op cit. p. 211

Amaral ainda complementa, pois não seria o futebol que impediria aqueles que desejassem se dedicar aos estudos, servindo inclusive de grande auxílio “para que consigam esse balanço regular das faculdades que formam as personalidades harmônicas e eficientes.” Logo, corpo e mente em equilíbrio.

Dado o exposto, Amaral aponta não ser o futebol o causador do afastamento da mocidade dos estudos, sequer teria o futebol tamanha honraria, devendo ser procurado, talvez, em outros esportes “que andam por aí fazendo campos de batalha por todas as esquinas e convertendo em alvo de pontapés coisas menos humildes que bolas de couro ou de pano”<sup>355</sup>. Nesta conclusão, o autor deixa claro que vê no futebol um esporte saneador da moral e do físico da mocidade, que só tem a ajudar na sua formação, ao contrário de outros esportes, provavelmente o jogo da capoeira entre eles, que não teriam tal status.

#### **4.2 – Da empolgação à decepção: o jogo continua.**

O futebol, como visto, era tema de debate e ganhava mais espaço nas páginas do jornal. A confirmação do cancelamento do jogo com os paranaenses em Porto Alegre arrefeceu o entusiasmo dos amantes do futebol. A ratificação ocorreu por meio de telegrama enviado pela CBD explicando que o time paranaense não teria condições de estar na capital gaúcha na data marcada. Ficava o Rio Grande do Sul, desse modo, convocado a embarcar no “Commandante Alvim” no dia 23 de julho, a fim de jogar dia 02 de agosto diante dos paulistas<sup>356</sup>.

“Essa notícia foi mal recebida nos círculos esportivos, pois era geral a ansiedade pelo enfrentamento com os paranaenses e esta capital ia ter ocasião de assistir, pela vez primeira um encontro do campeonato brasileiro”<sup>357</sup>. Entretanto a CBD, em telegrama, afirma que os custos que FRGD teve na organização do jogo seriam ressarcidos pela federação causadora do transtorno.

Embora o tempo de preparação para o grande jogo tenha aumentado, dessa vez o adversário seria a poderosa equipe de São Paulo que contava com grandes jogadores, inclusive aqueles que fizeram parte da equipe do Paulistano, recém retornada da Europa depois de grandes vitórias. Os treinamentos seguiam mesmo com chuva, ocorrendo os

---

<sup>355</sup> “Está na berlinda o futebol” **op cit.**

<sup>356</sup> “Campeonato brasileiro de foot-ball”. Correio do Povo, 09 de julho de 1925. p 8

<sup>357</sup> Idem ibidem.

treinos individuais “nos grandes armazéns da Companhia Sul-Ford, á rua 7 de Setembro”. O fardamento do time gaúcho também já estava escolhido, seriam calções e camisas brancas com o escudo da Federação no peito.<sup>358</sup>

Mais uma vez seriam efetuados treinos no campo do Grêmio com a cobrança de ingressos: 3\$000 para o pavilhão e 2\$000 para as gerais. Esses valores valeriam também para assistir o desafio de tênis entre atletas do Grêmio e tenistas vindos de Pelotas. Talvez como compensação ao cancelamento do jogo em Porto Alegre, a CBD confirmara convite para os gaúchos jogarem na capital federal após o jogo contra os paulistas.<sup>359</sup>

A preocupação com o comportamento dos jogadores em São Paulo era notória, por parte da comissão que organizava e treinava o time. Sinal disso foi um longo memorial elaborado pela comissão que continha instruções aos jogadores, apelando

para o valor moral de todos os componentes da embaixada, a fim de serem mantidas, como exigem as gloriosas tradições do sport gaúcho, a reputação e honra da FRGD com a representação ao mundo sportivo brasileiro, de uma embaixada digna pela sua disciplina e eficiencia. Resta somente, que todos saibam cumprir o seu dever de ‘sportman’, obedecendo sem restrições o programma (...)<sup>360</sup>

A punição para os que não obedecessem tais ordens era a exclusão do scratch que representaria o estado. Assim, todos os jogadores receberam o programa que continha suas obrigações e regras. Algumas das “Disposições Geraes” chamam bastante a atenção:

- 2º - comparecer com um fardamento em condições dignas de um representante do sport do Rio Grande do Sul;
- 3º - iniciar desde já restrições no habito de fumar;
- 4º - iniciar desde já restrições no habito de tomar bebidas alcoolicas, e melhor ainda, abster-se totalmente.
- 5º - não fumar no campo, nem nos treinos, nem no dia do match
- 7º - comparecer ao treino de domingo (12 de julho) com aquelas botinas com que jogará no dia do match e trazei-as em condições perfeitas, (...), sem cordões fracos ou remendados, sujeitos a se arrebentarem a toda a hora. (...)
- 8º - jogar sem gorro ou coisa semelhante (...)
- 9º - não gritar, nunca – nem com o companheiro e menos com o referee; (...) dá mau aspecto para a assistência.

---

<sup>358</sup> Idem.

<sup>359</sup> “Campeonato brasileiro de foot-ball”. Correio do Povo, 12 de julho de 1925. p. 8

<sup>360</sup> Idem ibidem.

10º - no descanso do meio tempo, absolutamente não tomar bebida alcoólica alguma ou outra qualquer em excesso. O melhor refresco é chupar limão, em vez de encher o estomago com 2!! garrafas de soda.<sup>361</sup>

É possível separar essas normas em três partes: a primeira se refere aos recursos financeiros necessários para a prática do futebol, com a exigência de fardamento adequado, pressupõe-se que novo, contendo tanto as botinas de jogo como os calções e camisetas. Eram ainda bastante caras as chuteiras, sendo que muitos jogavam com calçados não apropriados. A proibição do consumo de bebidas alcoólicas e do cigarro se enquadra no aspecto do cuidado com a saúde; a terceira parte faz referência à imagem do time gaúcho, ao proibir os gritos em campo e vetar o uso de “gorros ou semelhantes”. Esta última proibição é bastante importante, pois apesar do argumento ser de que a bola pode resvalar e sair do controle, era hábito de negros e mulatos o uso de toucas para esconder o cabelo crespo e assim ser aceito pelos clubes de elite e seus associados<sup>362</sup>. A cartilha também continha instruções para o jogo, com não “lembrar-se que a defesa é o melhor ataque” e não colocar a bola para fora, pois favorece ao adversário. A embaixada gaúcha de futebol que estava por viajar a São Paulo seria chefiada pelo presidente da Federação, Cicero Soares, enquanto o grupo de tennis seria chefiado por Luiz Alencastro e Carlos Maria Bins.

Em meio aos preparativos do time gaúcho, o anúncio de uma sessão de cinema chama a atenção. Seria exibido um amistoso ocorrido entre o Grêmio e o Pelotas, “photographias nítidas mostrando as sensacionaes defezas de Lara, o grande keeper do scratch gaúcho”. Preços comuns, de 1\$200 e 600rs. eram anunciados para a sessão de cinema, bem mais acessíveis que os preços para entrada nos treinamentos da seleção<sup>363</sup>.

No dia 19 de julho o Campeonato Brasileiro teve início com as eliminatórias regionais. Nessa primeira data, o time da FRGD não participara, dado a mudança do jogo para a capital paulista. “Concorrem ao campeonato do anno corrente onze Estados. É, pois, o campeonato deste anno, o mais importante de todos os que tem realizado a Confederação”<sup>364</sup>. A CDB considerou, a partir de 1923, o campeonato de 1922 como

<sup>361</sup> “Campeonato brasileiro de foot-ball e tennis”. Correio do Povo, 14 de julho de 1925. p. 10

<sup>362</sup> Outra estratégia que era utilizada para disfarçar a cor da pele dos jogadores negros ou mulatos, e que ficou imortalizada, foi o uso de pó de arroz a fim de que esses jogadores perdessem a “negritude”. O Fluminense FootBall Club, do Rio de Janeiro, ficou conhecido por esta prática, posteriormente adotada como forma de identificação da torcida atirando pó de arroz sempre que os jogadores entravam em campo.

<sup>363</sup> “Sessão de cinema”. Correio do Povo, 15 de julho de 1925. p. 11

<sup>364</sup> “Campeonato brasileiro de foot-ball”. Correio do Povo, 19 de julho de 1925. p. 8

evento esportivo das comemorações do centenário, não mais chamando de campeonato brasileiro, por isso, apesar de a imprensa ainda considerá-lo como o primeiro, a disputa de 1925 marcaria o terceiro Campeonato do Brasil e não o quarto.

No âmbito local, o “Dia do Desporto”, festa esportiva anual instituída pela FRGD, contaria com diversos eventos, entre eles um jogo-treino entre a seleção gaúcha e um combinado de jogadores da APAD. Marcado para um domingo a tarde, no campo do Grêmio, o “ground do Moinhos de Vento”. Neste ambiente, reinava

um desusado interesse para o encontro entre os scratches da Federação e da APAD, estando ambos constituídos de ótimos elementos esse encontro levará, por certo, grande assistência ao campo do Moinhos de Vento, pois é geral a ansiedade dos amantes do sport por apreciar o último treino do scratch que nos representará (...) <sup>365</sup>

Certamente, há poucos dias da partida do selecionado gaúcho para São Paulo, despertava curiosidade o conjunto que representaria o estado perante o “Brasil esportivo”. No entanto, mais uma vez os preços cobrados para assistir ao treinamento do scratch gaúcho seriam elevados: 3\$000 para o pavilhão e 2\$000 para as gerais, que correspondiam às arquibancadas descobertas e lugares em pé ao lado do campo. Esses preços, mais uma vez, eram bem maiores que entradas para o cinema, evento bastante popular antes mesmo dos anos 1920.

O evento, apesar da tarde fria e chuvosa, levou “um grande número de sportmen e famílias (...) ao campo do Moinhos de Vento”. Apesar das diversas atividades esportivas, o maior destaque era o jogo entre o time da FRGD e da APAD, dado que “grande foi a concorrência afim de assistir mais um treino do scratch gaúcho que participará do campeonato brasileiro de foot-ball.” Conforme o texto do jornal, o jogo, apesar da vitória por 7 a 4 para a seleção gaúcha, apresentou diversas falhas do time da FRGD, preocupando a atuação individual de alguns jogadores.

quanto ao treino em conjunto pode-se dizer que salvo estes senões, ocorreu bem, tendo-se uma boa ideia dos esforços feitos pela comissão técnica na organização de um quadro. Sobre os quadros se depositam algumas esperanças não para se vencer, mas ao menos para mostrarmos em S. Paulo e no Rio de Janeiro que estamos adeantadas no cultivo do foot-ball. <sup>366</sup>

---

<sup>365</sup> “Campeonato brasileiro de foot-ball”. Correio do Povo, 19 de julho de 1925. p. 8

<sup>366</sup> “Realizou-se, ante-hontem, mais treino do scratch gaúcho”. Correio do Povo, 21 de julho de 1925. p.

Como exposto pela reportagem, não se esperava uma vitória diante dos paulistas, pois era patente a superioridade tanto do time de São Paulo como dos cariocas. Assim, o importante era mostrar-se aos grandes centros esportivos. Talvez por isso, a cartilha de comportamento elaborada para os jogadores.



Figura 14 – Seleção organizada pela FRGD para os treinos preparatórios para o Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais de 1925.

A fotografia dos jogadores que participaram do treinamento foi publicada na reportagem, mostrando o alinhamento tradicional dos atletas, com alguns jogadores deitados à frente, estampando a tez branca de todo o selecionado riograndense<sup>367</sup>.

No dia em que antecedeu o embarque no “Commandante Alvim” para São Paulo, o time foi definitivamente divulgado depois de reunião da Federação, gerando grande expectativa. Segundo o jornal: “Toda atenção do mundo sportivo, não só desta capital como do interior do Estado, está voltada para aquelles que amanhã deixarão Porto Alegre para defender nossos créditos sportivos.” O nomes, agora divulgados eram:

Keepers – Lara e Pareja.  
 Backs – Py, Espir e Hugo.  
 Half-backs – Ribeiro, Lampinha, Moreno e Almo.

---

<sup>367</sup> Idem, ibidem.



Forwards – Coró, Coi, Luiz, Oliveira, Danico, Telêmaco e Odorico, ao todo 16 jogadores.<sup>368</sup>

O mais interessante dessa escalação é que todos os jogadores pertenciam a clubes da capital, nenhum jogador do interior fora convocado para a lista final. O Grêmio cedeu 6 jogadores, o Cruzeiro 4, o Internacional 3, o Porto Alegre 2 e o Americano 1 jogador. O jogador Luiz Carvalho, por exemplo, “alumno do Collegio Militar e sem duvida um dos nossos melhores dianteiros” precisava de autorização da direção do Colégio Militar para sair da cidade, o que só seria feito se tal liberação fosse concedida pelo Ministro da Guerra. Por meio de telegramas, Cicero Soares tentava essa resolução para embarcar o “player” convocado. Também é digno de nota que todos esses clubes faziam parte da APAD, entidade que interrompera seus jogos para diversos treinamentos da seleção, ao contrário da APAF que seguiu seu calendário normalmente.

No final dessa reunião da Federação,

Por unanimidade, resolveu inserir em acta um voto de louvor e agradecimento aos redactores sportivos do “Correio do Povo” e “Diário de Notícias”, pela collaboração prestada a Federação, por occasião da organização do selecionado gaúcho, ministrando ensinamentos e conselhos aos jogadores e suggerindo ideias aos organizadores do scratch, demonstrando, assim a verdadeira compreensão que têm de informadores sportivos e de pugnadores do engrandecimento e harmonia do sport rio-grandense.<sup>369</sup>

Como é possível observar, é patente que o Correio do Povo e o recém fundado Diário de Notícias estavam em consonância com as ideias da FRGD, podendo ter influência não só na convocação do time, mas especialmente na elaboração do “manual de conduta” distribuído aos jogadores, onde continham as mesmas exigências que as notas do jornal exigiam dos jogadores de futebol, como não fumar, não beber e não gritar em campo, enfim, são normas de comportamento de “sportmens” que são pretendidos aos representantes do estado.

O dia da partida da delegação gaúcha recebeu amplo espaço no Correio do Povo, com fotos dos principais atletas e comentários detalhados, além de um interessante artigo intitulado “Mens Sana in corpore sano”, assinado pelo já conhecido Maciste Junior, o principal cronista esportivo do jornal.

---

<sup>368</sup> “Foot-ball – Os grandes torneios nacionaes”. Correio do Povo, 22 de julho de 1925. p. 8

<sup>369</sup> Idem, ibidem.

A reportagem retratava uma grande expectativa geral em torno da embaixada gaucha:

Mais algumas horas e embarcará a bordo do vapor “Commandante Alvim”, rumo a bela paulicéia a missão sportiva da Federação (...) Pode-se dizer que a alma sportiva do nosso paíz, de norte a sul, vibra de entusiasmo com a realização destas competições sportivas, nas quaes certamente se constatarão os progressos de vários Estados (...) <sup>370</sup>

Além do frenesi pela partida dos gaúchos, a reportagem apresenta diversas imagens dos jogadores da seleção, e uma pequena biografia esportiva de todos os componentes, tratando dos clubes que passaram e como atuam atualmente. Destaques foram dados ao goleiro Eurico Lara, “conhecido e consagrado player que já por varias vezes defendeu as cores do Rio Grande do Sul”, e o atacante Luiz Carvalho, “sem dúvida um dos melhores e mais esperançosos players do nossos grounds, pelo modo inteligente e actividade como actua em todos os jogos” <sup>371</sup>.

Era momento de mostrar o “nosso valor por ocasião de enfrentarmos os quadros de outros estados (...)” devendo lutar sempre munidos “daquelle ardor próprio dos rio grandenses do sul, pois todo o mundo sportista do estado deposita confiança nesta valente phalange de rapazes que hoje deixa esta capital (...)” <sup>372</sup>. Nesse sentido, a reportagem retoma o histórico das participações no campeonato, estreando em 1922 diante dos paranaenses e depois sendo derrotados pelos paulistas. O campeonato de 23 fora disputado com o time sendo organizado de última hora, ocasionando problemas entre o grupo de jogadores e o chefe da delegação, o atual presidente da FRGD, Cicero Soares.

Para capitão do time gaúcho foi escolhido o “back” gremista Jorge Py. Apesar de Py ter sido amplamente questionado em função de seu mau desempenho nos treinos, ele gozava de vasta credibilidade enquanto “sportman” de renome no estado. Em sua descrição biográfica é apontado como “um sportman completo, pois cultivava, com grande ardor, o foot-ball e o atletismo, possuindo neste último sport alguns records”. Entretanto, o capitão gaúcho não voltaria para Porto Alegre, pois iria fixar residência na capital federal em função de seu trabalho. Py fora transferido para a matriz no Brasil do “Banco Inglez, no qual exerce a sua actividade há vários annos”. Sem duvida nenhuma,

---

<sup>370</sup> “Os grandes certames esportivos nacionaes”. Correio do Povo, 23 de julho de 1925. p. 10

<sup>371</sup> Idem ibidem.

<sup>372</sup> Idem.

além de fazer parte de família de “sportmans” de renome, como Aurélio Py, ex presidente do Grêmio e da FRGD, sua função no banco era importante, a ponto de ser transferido para a matriz do mesmo no Rio de Janeiro. A saída de Py era bastante lamentada pelo jornal, pois era daquelas personalidades de relevância no meio esportivo<sup>373</sup>.

O artigo assinado por Maciste Junior tem linguagem bastante diferente dos demais textos publicados pelo autor. Difere também, pela elocução rebuscada, dos textos e artigos que tratavam dos esportes e do futebol em geral. O autor faz mais uma vez defesa ferrenha, para o desenvolvimento de uma raça, uma nação, da relação fundamental entre um corpo adequado à vida moderna e um espírito preparado para viver aos novos tempos:

“Mens Sana In Corpore Sano”, o aforismo-legenda que vem se perpetuando através das idades como postulado de revigorante estímulo as gerações que se vão formando pelo futuro a dentro, é uma das poucas verdades que não morrem nunca e nunca perdem o seu propulsor dinamismo.

(...)

Um espírito são num corpo é, além de uma ilimitada fonte creadora, o ponto centralizador de um perfeição por excelência, lentamente elaborado.

“Mens Sana In Corpore Sano”, é a mais bella concepção da vida.<sup>374</sup>

O texto, localizado na mesma página da grande reportagem sobre a embaixada gaúcha que rumaria à São Paulo, sintetiza, de forma erudita e com referências a pensadores latinos, como o romano Juvenal, autor da máxima que dá título ao texto, o pensamento de muitos defensores dos esportes e da modernidade. Pois para esses, somente a aliança entre um corpo bem preparado fisicamente e o espírito com os valores ideais, um bom “acervo moral”, seria propulsora de uma civilização moderna, formadora de uma raça forte, “pois a educação mental e physica sempre foi uma das preocupações definidas dos homens que illuminaram o scenario das civilizações pretéritas”<sup>375</sup>.

Assim, no calor das manifestações esportivas, Maciste justifica a importância de atividades físicas e da competição que o estado estava por participar. Por muitos concordarem com as palavras do cronista ou por simplesmente ser amantes do esporte

<sup>373</sup> A saída do navio estava marcada para as duas da tarde no armazém A3 do porto, onde o “mundo esportivo” iria prestigiar ao embarque, devendo, até mesmo tocar uma banda de música.

<sup>374</sup> “Mens sana in corpore sano”. Correio do Povo, 23 de julho de 1925. p. 10

<sup>375</sup> Idem ibidem.

bretão, o embarque do selecionado gaúcho tenha sido tão concorrido, não podendo “ser mais carinhosa a despedida do nosso elemento sportivo, que saberá manter as tradições do nome do Rio Grande nos próximos prélios nacionaes”. Desse modo,

Muito antes do vapor levantar ferro um extraordinário numero de sportamen de todos os clubs lacaes comparaceu ao Armazem A 3 do cães do porto, onde estava atracado o “Comandante Alvim”, a fim de levantar os seus votos de feliz viagem aos membros da luzida embaixada.<sup>376</sup>

Além do mais, “entre os que ali se achavam viam-se exmas. famílias, comissões de todos os clubs desportivos (...)” que presentearam os atletas com buquês de flores com fitas dos clubes ofertantes. E passados das 14 horas, o

belo navio do Lloyd Brasileiro soltou as amarras, afastando-se do cães debaixo de vivas partidos de todos os que se encontravam na frente do Armazem A 3. Por sua vez, os membros da embaixada, ao longo do tombadilho, respondiam a essas provas de apreço, acenando lenços e levantando vivas ao povo e aos sports de Porto Alegre.<sup>377</sup>

Essas manifestações somente cessaram quando o navio já distanciava bastante do cais, deixando em todos os presentes a “esperança que tudo farão para honrar nossos sports nas duas grandes capitaes”. A reportagem não faz referência à populares, apenas aos finos membros das equipes da Apad e suas excelentíssimas famílias.

Entretanto, uma nota foi motivo de lamentação. O jogador Luiz Carvalho, que necessitava de autorização do Ministério da Guerra, por ser aluno do Colégio Militar, não teve sua liberação concedida em tempo de embarcar com os demais jogadores. Desse modo, fora pedido a interferência do presidente do estado, Borges de Medeiros, que imediatamente entrou em contato via telegrama com o titular da pasta da Guerra. Por esta interferência, era esperado que a solicitação fosse atendida rapidamente, ainda em tempo de Luiz embarcar dia 24, para somar-se aos demais. A confirmação da sua não liberação se daria apenas às vésperas do jogo, causando grande lamento no meio sportivo local, por ser esse um dos melhores jogadores de ataque do estado<sup>378</sup>.

Os resultados dos demais jogos do campeonato chegavam ao Correio do Povo via telegrama. O paranaenses enfrentaram os paulistas na primeira eliminatória, sendo

<sup>376</sup> “Os grandes torneios nacionaes”. Correio do Povo, 24 de julho de 1925. p. 18

<sup>377</sup> Idem ibidem.

<sup>378</sup> “Campeonato Brasileiro de Foot-ball – O concurso dos gauchos na grande prova”. Correio do Povo, 30 de julho de 1925. p. 8

derrotados facilmente por 6 a 1, diante da presença de 15 mil pessoas no estádio do “Parque Antártica”. Anunciava-se também a passagem da embaixada gaúcha por Santa Catarina, onde foram convidados a participar de um amistoso em seu retorno ao Rio Grande do Sul<sup>379</sup>.

Mesmo em meio à competição, os atritos entre paulistas e cariocas não cessavam. Os lucros obtidos pelas partidas do campeonato eram quase totalmente absorvidos pela CBD, ficando pequena parcela para as federações estaduais. Em função disso, e do grande público que a seleção paulista levava aos seus jogos, a Associação Paulista ameaçava não participar dos demais jogos, caso sua requisição de 10% da renda dos jogos realizados em seus campos não fosse atendida, “sendo provável que não se realice, no domingo, o encontro com os gaúchos”<sup>380</sup>.

Entretanto, já se divulgava a possível escalção do time paulista, sendo pouco plausível que o jogo não se realizasse. Igualmente, era esperada para quarta-feira, 28, a chegada do time gaúcho para o jogo de domingo, sendo “provável que venha do Rio de Janeiro uma caravana de gaúchos a fim de assistir ao encontro”<sup>381</sup>.

A chegada dos sulinos causou entusiasmo na capital paulista. Ancorado o navio “Commandante Alvim” as 9h no porto de Santos, as 12:40, por meio de trem, já se encontrava na cidade do jogo o time do Rio Grande do Sul, dirigindo-se diretamente para o Hotel d’Oeste, onde ficariam hospedados. Dois dias depois, os gaúchos estavam descansados e já realizaram os primeiros treinos, no campo do Palmeiras<sup>382</sup>.

Somente no dia 31 de julho, dois dias antes do jogo, a questão fora solucionada. A CBD comunicou via telegrama a Associação Paulista “estar de acordo em conceder-lhe 10% sobre as rendas do jogo Paraná x São Paulo e nos outros que se effectuarem em seu ground (...)”<sup>383</sup>. Dessa forma, estava confirmado para o domingo o grande jogo entre gaúchos e paulistas, que gerava grande ansiedade até mesmo no Rio de Janeiro. A fim de solucionar de vez o problema entre a Confederação e a entidade paulista, o desportista gaúcho Antenor Lemos, fora enviado da capital federal, onde residia, para São Paulo, sendo ainda provável que viajasse com ele grande número de pessoas a fim de assistir o encontro de domingo. Além do mais, esse conflito parece ter atrapalhado a recepção dos gaúchos em São Paulo, pois nenhum representante da CBD ou da

---

<sup>379</sup> “Sports pelo telegrapho”. Correio do Povo, 28 de julho de 1925. p. 2

<sup>380</sup> “Os Sports pelo telegrapho”. Correio do Povo, 29 de julho de 1925. p. 2

<sup>381</sup> Idem, ibidem. p. 1

<sup>382</sup> “Os Sports pelo telegrapho”. Correio do Povo, 31 de julho de 1925. p. 1

<sup>383</sup> “Os Sports pelo telegrapho”. Correio do Povo, 01 de agosto de 1925. p. 2

Associação Paulista foi ao encontro da delegação sulina a fim de recebê-los, como era de costume nessas ocasiões.

Logo, com o fim da pendenga e a reclamação dos gaúchos de um certo “abandono diplomático”, estes passaram a ser verdadeiramente acolhidos na capital paulista. No dia anterior ao jogo, “Os dirigentes do futebol local levaram os jogadores rio-grandenses em passeio pelos pontos mais lindos da cidade, conduzindo-os em visita as sedes do Paulistano, do Palestra e de outros clubs.” Nesses locais eram recebidos com as “mais vivas manifestações de carinho e sympatia, tanto por parte das autoridades, como do povo.” Além do mais, era grande a expectativa pela chegada da “caravana de gaúchos da colônia do Rio” que iriam até São Paulo acompanhar seu compatriotas, também eram numerosos os gaúchos residentes no local do jogo que iam ao hotel cumprimentar o “scratch”<sup>384</sup>.

O dia do jogo era anunciado como um momento de muita importância. Além do “match de foot-ball”, o estado também participava do campeonato de brasileiro de tênis, que teria os jogos no mesmo dia. Segundo a reportagem do jornal, “a alma esportiva rio-grandense estará hoje impaciente. Nada mais natural” devido ao encontro com os paulistas. “Mais uma vez, em competencia sportiva, encontrar-se-ão as mocidades dos dous Estados, que com mais franco entusiasmo, se dedicam a tão popular sport.” Era a oportunidade dos gaúchos mostrarem aos “Reis do foot-ball” seus conhecimentos “neste ramo de educação physica.” A vitória não era uma possibilidade levada a sério pelos gaúchos, dado ao grande poderio do time paulista:

Não pensamos, nem de leve, num triumpho, nem nos julgamos em condições de obte-lo, principalmente porque teremos como antagonistas um quadro de extraordinário valor, lutando em seu próprio terreno e contando com maiores recursos do que os gaúchos.<sup>385</sup>

Apesar de a reportagem mencionar o progresso esportivo do estado, ainda não estavam em par de igualdade com os paulistas. Além do mais, é feita referência ao fato do selecionado gaúcho não ser o melhor possível em virtude da ausência de importantes jogadores que não puderam viajar com a embaixada.

---

<sup>384</sup> “Os Sports pelo telegrapho”. Correio do Povo, 02 de agosto de 1925. p. 2

<sup>385</sup> “Foot-ball – Os grandes prelios nacionaes”. Correio do Povo, 02 de agosto de 1925. p. 8

Seja qual for o resultado, ficaremos satisfeitos. O que pretendemos, unicamente, é mostrar aos “reis do futebol” que no Rio Grande do Sul, existe também um ardoroso pugillo de cultivadores do salutar sport bretão.

Hoje, o nosso pensamento deve estar voltado para os gaúchos distantes alguns centenas de kilometros, fazendo votos para que uma boa estrella os guie na defesa de nossas cores.<sup>386</sup>

Assim, o ambiente no meio esportivo da cidade era agitado. Era hora de mostrar para o restante do Brasil o quanto o Rio Grande do Sul era avançado na prática do futebol, um dos símbolos de uma modernidade pretendida pelas elites em território nacional.

Além da mensagem da reportagem no Correio do Povo, um telegrama enviado pela APAD para o hotel onde estavam hospedados os gaúchos continha elementos semelhantes, segundo os quais seria mais importante a participação do que uma vitória fora dos princípios do cavalheirismo:

Desempenha, individual e colectivamente, com ardor e desportismo, vossa árdua tarefa, sem vos preocupar resultado encontro que, para nós, vossa missão estará brilhantemente cumprida, Acima de tudo: o desporto pelo desporto!  
Saudações – Borges da Fonseca, Presidente.<sup>387</sup>

Nessa correspondência é notório, mais uma vez, que o importante era mostrar aos outros os valores do desporto. A derrota não seria um problema, já era prevista. Talvez por esse motivo, fora elaborada uma cartilha de comportamento para os jogadores gaúchos, pois era importante saber se comportar da maneira correta, até mesmo saber perder. Fazia parte do desporto.

O jogo ocorrera no domingo as 15h e 40 minutos de uma tarde ensolarada na capital paulista, com a presença de mais de 30 mil pessoas no estádio “Parque Antarctica”. A edição do jornal com as informações do jogo só saiu na terça-feira, pois não havia edições nas segundas-feiras. Esta folha, pela primeira vez, ao menos desde 1922, colocou o futebol como principal notícia do diário, ocupando a capa do diário, onde habitualmente eram publicadas notícias sobre a política nacional ou sobre a situação política e econômica na Europa.

---

<sup>386</sup> Idem ibidem.

<sup>387</sup> “Foot-ball – Os grandes prelios nacionaes – Apellos da ‘APAD’ ”. Correio do Povo, 02 de agosto de 1925. p. 8

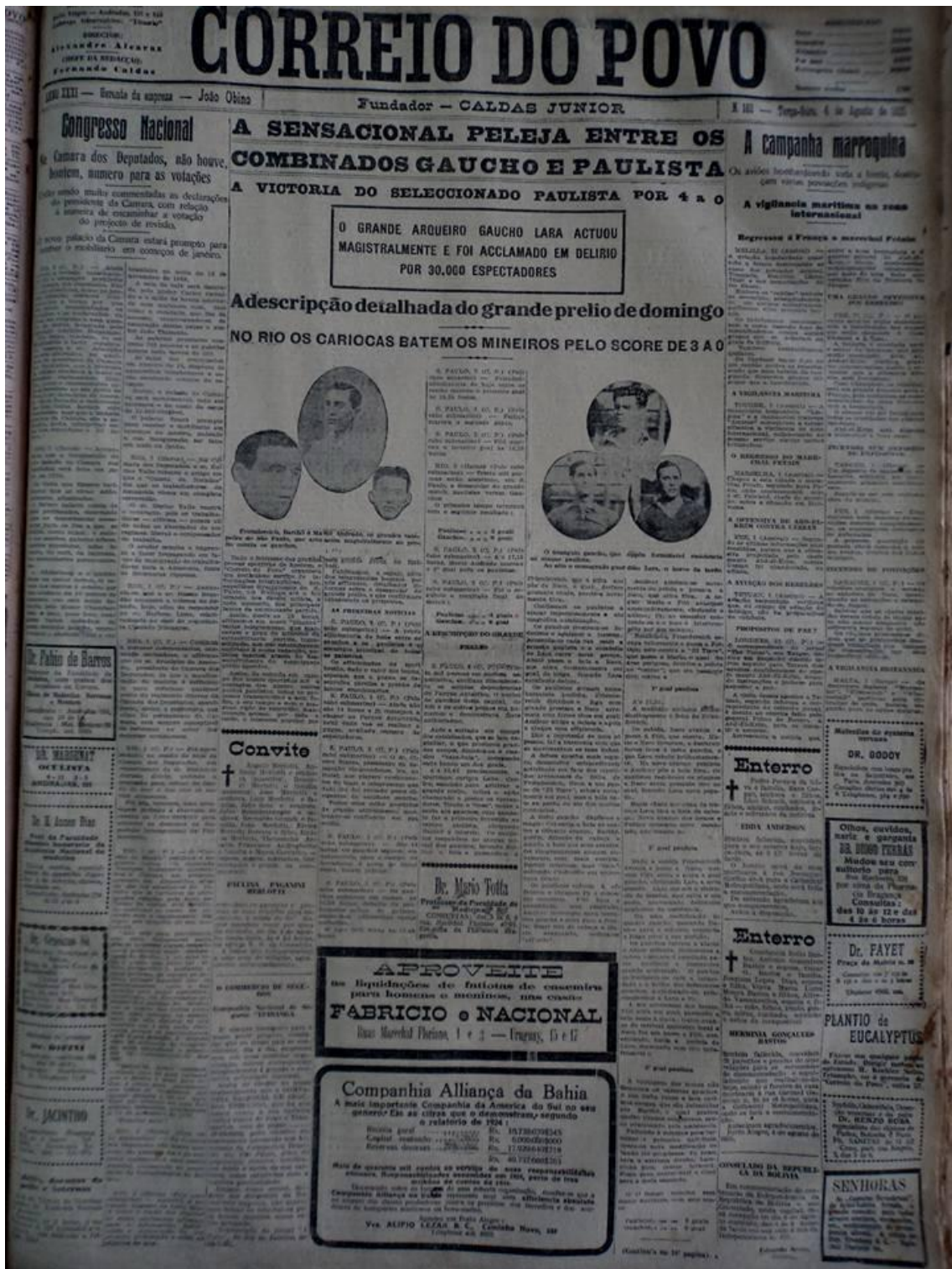


Figura 15 – Capa do Correio do Povo dedicada ao jogo entre as seleções do Rio Grande do Sul e São Paulo, estampando os rostos dos principais jogadores.

De tal modo, o futebol vira notícia. Quando consideramos que é patente que o jornal moderno escolhe suas notícias, dando a elas o espaço e importância que lhe convém, é igualmente verdadeiro que esse mesmo jornal, por ser empresa moderna, que visa lucro e um mercado consumidor, responda a uma demanda da sociedade, nesse



caso por determinado assunto. A fim de compreender esse jornalismo, é fundamental retomar a noção de “jornalismo integral” indicada por Gramsci, pois significa aquele jornalismo que busca atender as necessidades de seu público leitor, ao publicar determinada matéria que tenha aceitação desses consumidores, e ao mesmo tempo suprir essas necessidades e estabelecer novas, à medida que pretende aumentar seu espaço na sociedade, como veículo de interferência social<sup>388</sup>.

Destarte, a manchete “A sensacional peleja entre os combinados gaúcho e paulista” toma a capa do jornal, seguida de sub-títulos como “O grande arqueiro gaúcho Lara actuou magistralmente e foi aclamado em delírio por 30.000 espectadores”, subscrito da descrição detalhada da partida em São Paulo.

O jornal sabia da importância que o jogo tinha para a cidade. Assim, organizou sua redação de forma a informar imediatamente em seu painel as notícias chegadas de São Paulo:

Dado o interesse das grandes provas sportivas de hontem, o “Correio do Povo” organisou um meticuloso serviço de informações telegráficas, que expedidas directamente de S. Paulo, via Western até o Rio Grande, nos davam noticia, a todo momento, dos principaes lances da emocionante partida.<sup>389</sup>

Dessa forma, vários telegramas foram afixados no “placard” em frente ao Correio do Povo, a fim informar aqueles que lá estavam aglomerados a espera de notícias sobre o jogo, mantendo, assim, “acceso, por toda a tarde, o interesse popular por essa grande prova de foot-ball”<sup>390</sup>.

As primeiras notícias começaram a chegar antes das 14h, anunciando a movimentação de um grande público nas proximidades do estádio “Parque Antarctica”. Os gaúchos seguiram do hotel em que estavam até o local de jogo em vários automóveis, sendo saudados pelos torcedores na porta do hotel.

A entrada em campo foi debaixo de longas salvas de palmas com o oferecimento de diversos brindes e presentes pelas “senhoritas” dos clubes paulistanos. Entretanto, a cordialidade encerrou-se aí. O jogo em si foi de amplo domínio do selecionado paulista, tendo marcado o primeiro gol da partida logo aos 15 minutos da etapa inicial, com o “El Tigre” Friedenrich, seguido de mais dois gols ainda no primeiro tempo. Durante o

---

<sup>388</sup> GRANSCI, Antonio. *Op cit.* p. 147.

<sup>389</sup> “A sensacional peleja entre os combinados gaúcho e paulista”. Correio do Povo, 04 de agosto de 1925.

p. 1

<sup>390</sup> Idem, *ibidem*.

segundo tempo, o domínio do time casa continuou, não estabelecendo placar mais elástico em função da brilhante participação do goleiro gaúcho Lara, que com defesas estupendas evitou diversos gols do time paulista, inclusive tirando a bola com a cabeça, quando necessário. Apesar do domínio paulista, o placar do segundo tempo marcou apenas mais um ponto para o time da casa. Além da atuação de Lara, os defensores gaúchos também receberam destaque pela atuação, embora utilizassem, por vezes, força demasiada, chegando a um momento do jogo que “todo o bando gaúcho entra a actuar brutalmente, com o intuito claro de atemorizar os paulistas.” Embora a incipiente violência, o árbitro da partida conseguiu acalmar os ânimos e encaminhar pacificamente o fim da partida.

O jogo terminou com a vitória de 4 a 0 para o selecionado paulista. No dia seguinte os gaúchos já embarcaram para o Rio de Janeiro a fim de jogar uma partida diante do Vasco da Gama no fim de semana seguinte. Todavia, deixara de jogar um amistoso com o Palmeiras, tratado durante os dias em que estiveram em São Paulo, para ser jogado no dia 4, terça-feira.

A repercussão da derrota gaúcha teve rápida ressonância nos meios esportivos. De Santa Maria chegara telegrama informando o impacto negativo do jogo, pois o resultado fora atribuído, “pela maioria dos sportmen, ao critério que presidiu a organização do nosso seleccionado, desprezando a colaboração de excellentes players que, disseminados, existem por todo o Estado”<sup>391</sup>.

Após o jogo do Campeonato Brasileiro, é possível notar dois focos principais das notícias sobre os esportes, especialmente o futebol. Uma traz aos poucos a repercussão do enfrentamento em São Paulo, com a chegada de informações mais detalhadas, opiniões, críticas e a visão de periódicos de outras cidades do Brasil; a segunda vem como reflexo da primeira, pois inúmeros temas tangentes aos esportes passam a ser debatidos e questionados nas páginas do Correio do Povo.

As primeiras informações chegadas de São Paulo passaram a ser contestadas por novas enviadas dos próprios membros da embaixada gaúcha. Sobre a suposta saída abrupta de São Paulo, os dirigentes negam, afirmando terem comunicado a não participação no jogo contra o Palmeiras “por que o team deste club era composto com os elementos do scratch, em vez de ser constituído por elementos exclusivamente do

---

<sup>391</sup> “A repercussão do match em Santa Maria”. Correio do Povo, 04 de agosto de 1925. p. 10

club.” Os gaúchos ainda reclamaram que nenhum dos dirigentes do foot-ball paulista compareceu à estação de trem para a despedida<sup>392</sup>.

Também contrariando as informações iniciais, o jogo não contou com a cordialidade da torcida, pois “entraram em campo no meio de um ambiente de franca hostilidade, que mais se accentuava a medida que o jogo ia decorrendo. A assistência em peso apupava os gaúchos (...)”. Mesmo assim, os dirigentes gaúchos “elogiaram os jogadores adversários, que portaram como verdadeiros cavalheiros, em absoluto contraste com a assistência.” Teria sido, então, a hostilidade da torcida e a organização do time do Palmeiras (“que os gaúchos classificam de traição”) que gerou a saída repentina de São Paulo<sup>393</sup>.

No Rio de Janeiro, a recepção parecia ser diferente. Além da CBD ter colocado um representante seu a disposição dos visitantes para auxiliar em seus passeios pela cidade, a embaixada sulina recebeu calorosa recepção dos gaúchos moradores da capital federal, que igualmente auxiliaram em seu atendimento. A estadia duraria cerca de uma semana, pois o retorno só estava marcado para a terça-feira, depois do jogo diante do Vasco da Gama<sup>394</sup>.

Em artigo intitulado “O progresso Sportivo em Porto Alegre”, “o Sr. F.G. Gaelzer, director de Educação Physica” da ACM - Porto Alegre, fala sobre o crescimento do número de clubes e associações na capital gaúcha. Além da APAD e da Liga Náutica, cita a necessidade de ter sido criada outras entidades a fim de melhor organizar a esporte na cidade, como a liga de esportes atléticos, a liga de tênis e a recém criada liga de bola ao cesto de Porto Alegre.

No entanto, o mais importante do texto é a menção à função que esses esportes têm. Segundo Gaelzer: “Mas, sendo impossível a propagação racional do sport sem a cooperação efficiente dos indivíduos, está se tratando da educação da moral e do character.” Assim, consciente da importância dos esportes, a prefeitura de Porto Alegre preparava a cidade para a expansão da prática esportiva.

Para este fim, o prefeito da cidade, dr. Octavio Rocha, reconhecendo o valor inigualavel da “praças de sport” resolveu crear varias dellas nos diferentes quarteirões da cidade. É seu plano ter essas praças sob

---

<sup>392</sup> “Sports pelo telegrapho – Os gauchos na capital da República”. Correio do Povo, 06 de agosto de 1925. p. 2

<sup>393</sup> Idem ibidem.

<sup>394</sup> Idem.

direcção competente, para que com seus programas variados possam proporcionar aos noviços elevada educação moral sportiva.

Porto alegre estará, assim, aparelhada com um programma de educação physica efficiente e constructivo, que lhe trará, por certo, grandes glorias no futuro sportivo do paiz.<sup>395</sup>

Essa relação entre os governos, estadual ou municipal, e as entidades esportivas não configurava nada de novo, dado que normalmente um dirigente de clube se envolvia em política, ou um político ia dirigir algum clube. Igualmente, durante a República Velha o Rio Grande do Sul vivia um período em que o governo positivista era o principal promotor dessas atividades. Tampouco era novidade, a interferência da municipalidade, em larga escala, na urbe. As melhorias iniciadas na década anterior, ocasionando a interferência nas ruas da cidade e nas habitações fora do padrão pretendido pela administração municipal, tinham continuidade nos anos 20 e estavam relacionadas com uma ideia de formação de cidadãos dentro de uma “educação da moral e do character” adequados a quem seria o provedor/ organizador das atividades esportivas. Neste caso, eram os diretores da ACM que tinham essa pretensão<sup>396</sup>.

Na mesma página, um longo artigo assinado pelo professor de desportos da Universidade de Gottinger, na Alemanha, intitulado “Os estudantes e os desportos”, advoga pela prática esportiva obrigatória nas universidades alemãs afirmando ser de suma importância para formação da juventude, pois “Os estudantes formam a classe directora de amanhã, e portanto, devem servir de exemplo, não só intellectual, senão também physico, ao povo.” Além do mais, os desportistas se afastam do álcool, conseguindo “resultados altamente benéficos para a saúde do corpo e do espírito”<sup>397</sup>.

Como visto, eram diversas as opiniões sobre o que o futebol representava, sendo visto ora como elemento saneador e promotor de desenvolvimento, ora como componente nocivo dessa onda de modernidade que invadia a vida das pessoas, impedindo o real desenvolvimento civilizacional da população. Entretanto, mesmo com esses olhares antagônicos, o esporte bretão seguia seu desenvolvimento próprio tornando-se agente permanente da vida cidadina.

---

<sup>395</sup> “O progresso sportivo em Porto Alegre”. Correio do Povo, 06 de agosto de 1925. p. 8

<sup>396</sup> Outro evento importante para debater os esportes foi o “Congresso Brasileiro de Educação Physica”, a cargo da “Federação Paulista de Athletismo”. Esse congresso tem como ideia avaliar o que já foi feito no Brasil em relação à educação física e analisar o que resta ainda por fazer, tendo como base para comparação o desenvolvimento esportivo de países como a Argentina, o Uruguai e o Chile – nações mais avançadas que o Brasil neste quesito. “Congresso Brasileiro de Educação Physica”. Correio do Povo, 07 de agosto de 1925. p. 6

<sup>397</sup> “Os estudantes e os Desportos”. Correio do Povo, 07 de agosto de 1925. p. 6

Via telegrafo, fora publicada uma breve entrevista com “El Tigre” Friedenreich, que afirmou que “o Rio Grande já tem mandado melhores e mais homogêneos conjuctos do que o presente seleccionado, que é muito desigual, comportando elementos como Py, Espir, Lara e Moreno, ao lado de uma linha de forwards deficiente ou mal treinada.” Sobre o jogo que os gaúchos teriam no Rio, afirma que o Vasco tem um grande elenco que fará forte oposição ao time gaúcho<sup>398</sup>.

O jogo com o Vasco seria no sofisticado “stadium” do Fluminense, mas antes disso os jogadores gaúchos passeavam pela cidade, visitando inclusive a cidade de Petrópolis. Recepção muito diferente da encontrada em São Paulo. Segundo a reportagem foi de “lamentar que os nossos conterrâneos não tivesse na bella paulicéa o acolhimento que se esperava”. Entretanto era “inútil tratar-se ainda do assumpto. São cousas próprias do foot-ball, e cuja origem está no facto de não nos sentirmos ainda compenetrados do que seja ser sportman. Resingnemo-nos.” A culpa pelo desagravo deve ser destinada

(...) toda a Confederação Brasileira de Desportos, que devia ter trabalhado para que aos nossos conterrâneos fosse dispensado diverso tratamento em S. Paulo.

Si aquella entidade houvesse tratado de preparar ali um bom ambiente, certamente não se teriam dado os factos dos quaes se occuparam os nossos telegrammas.<sup>399</sup>

O ambiente mencionado pelo Correio do Povo, sem dúvida, era o conflito entre a CBD e a entidade paulista, ficando o jogo ameaçado de não acontecer até dois dias antes da data marcada. Além disso a CBD também modificou o local do jogo, canceladndo a partida que ocorreria em Porto Alegre, desagradando todo o mundo esportivo gaúcho.

O enfrentamento com o Vasco, assim como o jogo com os paulistas, também gerou “vivo interesse para se conhecer na capital da República a capacidade sportiva dos nossos conterrâneos.” Com isso, era preciso mostrar “aos cariocas que também estamos adeantados no cultivo do sport bretão”<sup>400</sup>.

O futebol, mais uma vez, ocupou a capa do Correio do Povo. Dessa vez de forma um pouco mais discreta, ocupando a lateral da primeira página, porém a reportagem tinha continuidade na página seguinte do jornal. Os títulos e subtítulos são

<sup>398</sup> “Os sports pelo telegrapho – A opinião de Friedenreich sobre o seleccionado gaúcho”. Correio do Povo, 09 de agosto de 1925. p. 2

<sup>399</sup> “Os gaúchos jogarão hoje no Rio de Janeiro”. Correio do Povo, 09 de agosto de 1925. p. 8

<sup>400</sup> Idem ibidem.

elogiosos ao desempenho do time e exaltavam os jogadores, especialmente Py, que “assombrou a assistência”. Da mesma forma como jogo com o selecionado de São Paulo, as informações sobre a partida eram enviadas desde antes de seu início, já anunciando a presença de cerca de 30 mil pessoas que lotavam as luxuosas dependências do campo do Fluminense<sup>401</sup>.

A presença de alguns políticos deu o tom da importância da partida. “Na tribuna de honra notava-se a presença dos deputados federais Lindolpho Collor e Pinto da Rocha, do comandante Oscar Costa, presidente da Confederação Brasileira de Sports Terrestres e de membros da delegação sportiva riograndense.” Sem dúvida, era um importante evento social, político e esportivo, ultrapassando a esfera do esporte, sendo símbolo de desenvolvimento esportivo e civilizacional, ao mesmo tempo embaixada política.

O jogo terminou com mais uma derrota dos gaúchos, 1 a 0, porém foi louvado o desempenho do time, atribuindo o resultado a alguma infelicidade, pois teve a supremacia em todo o segundo tempo da partida, não marcando gol pela rara infelicidade dos jogadores de ataque. Mesmo assim, apesar da derrota, os gaúchos foram alvo de aplausos na capital federal, sendo elogiados pelos jornais locais, principalmente Py, reiteradas vezes louvado<sup>402</sup>.

A repercussão sobre o jogo diante dos paulistas começou a chegar pelos jornais enviados da capital de São Paulo. O “Estado de São Paulo” apesar de ressaltar o fraco desempenho do conjunto gaúcho exaltou o goleiro Lara, responsável pelo placar não ser maior em favor dos cariocas. Segundo a folha paulista,

Dos jogadores do sul, destacou-se, pelas ótimas defesas produzidas, o guardião, intervenções como poucas vezes se têm visto nos campos paulistas. Agil e possuidor de um golpe de vista extraordinário, o arqueiro gaúcho fez defesas verdadeiramente assombrosas...<sup>403</sup>

Mais uma vez, Lara é positivamente referenciado como jogador diferenciado, apesar do desempenho geral do time ser criticado, dado que “Os dianteiros sul-riograndenses, agiram com tamanho desacerto, a ponto de dar a impressão de desconhecer completamente os métodos que no foot-ball conduzem ao sucesso.” Com

---

<sup>401</sup> “A actuação dos gaúchos no Rio foi magnífica, desfazendo a impressão causada pelo insucesso de São Paulo”. Correio do Povo, 11 de agosto de 1925. p. 1

<sup>402</sup> “Continuação da 1ª página”. Correio do Povo, 11 de agosto de 1925. p. 2

<sup>403</sup> “Foot-Ball – E’cos do encontro entre os seleccionados paulista e gaúcho”. Correio do Povo, 11 de agosto de 1925. p. 8

isso, fica claro que o desempenho foi muito aquém do que se esperava diante dos “Reis do foot-ball”, não podendo ser exposto o suposto valor esportivo do estado.

O retorno do selecionado gaúcho estava marcado para o dia 18 de julho, e se esperava calorosa recepção àqueles que, se não obtiveram os melhores resultados, esforçaram-se para bem representar o Rio Grande perante o Brasil esportivo.

Os rapazes que tanto trabalharam para defender as cores sportivas deste Estado tiveram a mais affectuosa recepção por parte dos seus collegas de sport e associações sportivas em geral, vendo-se no caes grande numero de sportmen, famílias e commissoes de todos os clubs locaes.

(...) fazendo-se então o desembarque no meio da mais franca camaradagem e por entre demonstrações de regosijo de todos.<sup>404</sup>

Juntamente com a entusiasmada recepção aos jogadores gaúchos, vieram do centro do país os jornais que traziam as opiniões do Rio de Janeiro sobre o desempenho gaúcho na capital federal. Estes, ao contrário de São Paulo, ressaltavam o valor dos “nossos players”.

O “Jornal do Commercio” registrou que todos foram ao campo de jogo munidos de um “pessima impressão” transmitidas por jornalistas de São Paulo e também por testemunhas que assistiram ao jogo dos gaúchos diante dos paulistas, pois

essa impressão era de tudo desfavorável aos nossos filhos do Grande Estado do Sul, expostos aos nossos olhos como uns brutamontes que, de foot-ball, só praticavam uma violência sem nome, exercida em meio de uma algazarra de bárbaros.<sup>405</sup>

No entanto, essa visão foi desconstruída aos olhos daqueles que foram ao “majestoso stadium do Fluminense F. C.” Segundo a reportagem,

(...) a guapa rapaziada gaucha, com seu jogo elegante, rápido, vivaz, redordando ao de leve, a tachinica dos campeões mundiaes, portou-se (...) de uma maneira tão cavalheiresca, tão correcta, tão dentro da mais absoluta ordem e da mais rigorosa disciplina, que fomos, pouco a pouco, nos deixando dominar pela mais agradável das decepções até nos deixarmos dominar sem reservas pela mais franca sympatia (...)<sup>406</sup>

<sup>404</sup> “Foot-ball – O Regresso da missão gaucha”. Correio do Povo, 19 de agosto de 1925. p. 5

<sup>405</sup> “E’cos da excursão dos gaúchos ao Rio de Janeiro”. Correio do Povo, 20 de agosto de 1925. p. 8

<sup>406</sup> Idem ibidem.

Além da boa conduta dos jogadores, o desempenho também é exaltado, sendo mais uma vez referido que o estilo de jogo dos gaúchos lembra o do Uruguai, campeão mundial. Outrossim, alguns comentários são feitos sobre os jogadores, como a crítica à linha de ataque, não contendo “entre seus elementos, um só que saiba dar tiros em goal”. Do mesmo modo, mais uma vez é enaltecido o desempenho do goleiro Eurico Lara, pois deixou “indelével e agradável impressão: em primeiro plano, o seu guardião, para nos um mixto de keeper, acrobata e malabarista – Fantastico em suma”.<sup>407</sup>

A figura do goleiro gaúcho já era conhecida no centro do país e suas atuações nos campeonatos do Brasil aumentavam ainda mais a dimensão de sua importância para o futebol do Rio Grande do Sul. Lara não era um “sportman” da elite e sim um militar de carreira que praticava o futebol, no entanto, figurava entre os “players” mais salientes do estado, no mesmo patamar de jogadores da elite como o defensor Jorge Py, que ficara no Rio de Janeiro em função do trabalho e passara a figurar nos quadros do poderoso Fluminense.

Na mesma medida que os elogios do Rio de Janeiro chegavam à Porto Alegre, os jogadores que participaram dos jogos no centro do país começavam a dar seus relatos dos enfrentamentos. A curiosidade tomava conta de todos os amantes do futebol na cidade, inclusive das mulheres, todos irrequietos por saber dos pormenores das disputas efetuadas. Dessa forma, o Correio do Povo passou a publicar reportagens com depoimentos e entrevistas com jogadores que estiveram nos jogos.

Em reportagem de centro de página apresentava a impressão do “sportman” “Almo Bento”, estudante do instituto de Agronomia. Uma foto ilustrava, o rosto jovem, a tez branca e o cabelo alinhado do “player cruzeirista” que em sua primeira manifestação já lamentava a atuação do time em São Paulo, no entanto, ressaltando mais uma vez a atuação do goleiro gaúcho, pois “Lara esteve magistral”. O selecionado paulista era visto como coisa de “bicho”, pois treinavam todos os dias e eram preparados para a vitória.

Sobre a recepção na capital paulista, Almo afirma que aqueles “não procederam como sportmen”, fazendo uma manobra para que os gaúchos enfrentassem os jogadores do poderoso Paulistano com as camisas de outro clube, o Palmeira. Além do mais, alegava que “somente depois de três dias de estada em S. Paulo, é que os delegados dos dirigentes de foot-ball paulista” foram ao encontro dos gaúchos. Dado esses desajustes

---

<sup>407</sup> Idem.



na relação, foi que os dirigentes do futebol gaúcho optaram pela rápida viagem ao Rio de Janeiro, convencidos de que, utilizando um ditado, “não estávamos no Brasil; estávamos em S. Paulo!”<sup>408</sup>.

Sobre o jogo na capital federal, afirma que não parecia o mesmo time que jogou contra os paulistas, apresentando futebol muito mais superior e harmônico, “à exceção de Lara, que não estava num de seus dias mais felizes”. Entretanto, além da bela impressão sobre o mundo esportivo carioca, que assim como o paulista, estava muito superior ao gaúcho, a recepção dada aos visitantes fora motivo de rasgados elogios. Não só os gaúchos residentes no Rio fizeram as honras da casa, como os cariocas proporcionaram “bellos passeios e festas que nunca terminavam. Enfim, uma recepção *comme il faut*”<sup>409</sup>.

No dia seguinte foi publicada entrevista com o tesoureiro da delegação gaúcha, o sr. Guilherme Melechi. Na mesma linha de opinião do jogador Almo, alegava ter sido a derrota por 4 a 0 zero contra os paulistas um grande resultado, dado a superioridade deste. Além de negar-se a comentar a recepção em São Paulo, retoma os elogios ao atendimento recebido no Rio, onde o presidente da FRGD, Cicero Soares, ficara para tratar de assuntos do interesse do estado, como a realização dos jogos eliminatórios em Porto Alegre e a da visita de grandes clubes a fim de propagar a “sabedoria sportiva” desses<sup>410</sup>. Na mesma reportagem foi publicada entrevista com o tenista Carlos Maria Bins. Igualmente sua foto publicada escancarava a jovialidade do acadêmico que também se mostrou muito impressionado com o desenvolvimento esportivo do centro do país.

Na sequência, uma reportagem do “O Jornal”, do Rio, faz uma espécie de relatório das opiniões das diversas folhas que trataram do jogo entre gaúchos e cariocas naquela cidade. A divergência de opiniões foi geradora de tal panorama.

Assim, o periódico O Imparcial viu no jogo uma disputa justa, sendo a vitória possível para qualquer dos times, embora tenha visto no gol vascaíno uma jogada legal. Além do mais, o goleiro gaúcho é mais uma vez elogiado. Nas palavras do jornal: “O keeper Lara fez defesas magníficas, tendo tido ocasião de tirar uma bola dos pés de

---

<sup>408</sup> “Foot-ball – O regresso da missão gaucha”. Correio do Povo, 20 de agosto de 1925. p. 8

<sup>409</sup> Idem ibidem.

<sup>410</sup> “O regresso da missão gaucha”. Correio do Povo, 21 de agosto de 1925. p. 8

Lais, quando o meia direita vascaíno, a dois metros do goal e só a sua frente, se preparava para shootar”<sup>411</sup>.

Segundo o jornal “O Globo”, apesar do time gaúcho não ser “uma perfeição”, desempenha o seu papel esportivo sendo superior aos times de Minas Gerais, Rio de Janeiro (estado) e Espírito Santo. O periódico esportivo “O Sport” ressalta a vitória vascaína contra um selecionado estadual, alegando, outrossim, a legalidade do gol carioca. Já o “A Noite” viu escandaloso “off-side” no tento do Vasco, enquanto “A tribuna” apenas elogiou o desempenho carioca e seus jogadores.

O “Jornal do Commercio” retoma a afirmação do off-side de Moacyr ao efetuar o gol. O “Correio da Manhã” afirma que, apesar do jogo parelho, os gaúchos apresentaram “qualidades e condições admiráveis”. O Jornal do Brasil afirmou que o arbitro da partida agiu sempre “com absoluta parcialidade, procurando sempre acertar.” O Jornal “O Paiz” concluiu que o gol foi mais que legítimo e que os repetidos off-sides marcados durante o jogo se davam pelo mau posicionamento dos gaúchos e não pela imperícia dos cariocas, que ainda tiveram dois pênaltis sonogados pelo juiz.

Outrossim, “O Jornal” elenca sua própria apreciação do jogo, especialmente do gol vascaíno, que segundo a folha carioca, não foi legal, como demonstra publicando um desenho do suposto gol em “off-side”<sup>412</sup>.

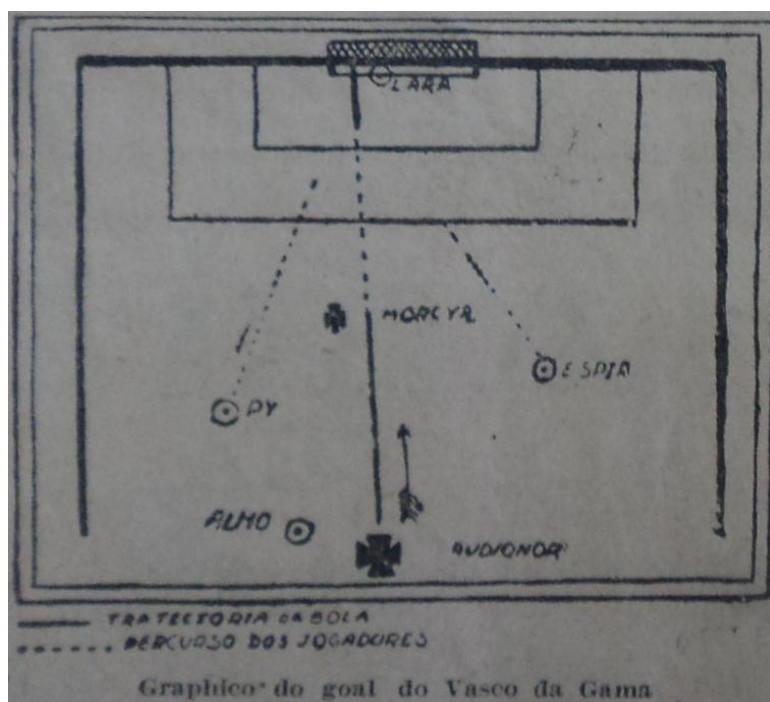


Figura 16 – Desenho reproduzindo lance de gol em “off-side”. Jogo Entre o Vasco da Gama e o selecionado gaúcho.

<sup>411</sup> “E’cos do match Gaúchos versus Cariocas”. Correio do Povo, 22 de agosto de 1925. p. 8

<sup>412</sup> Idem ibidem.

A atenção destinada ao jogo de futebol foi considerável pela imprensa carioca, sendo noticiado e debatido os pormenores da partida, configurando, dessa forma, um evento que demandava notícia, ou seja, existia um público que consumia essas informações.

Além do mais, questões importantes são retomadas pelo Correio do Povo, como o delicado tema do profissionalismo no futebol. O jornal faz comentários acerca de um artigo publicado em algum jornal da Espanha no qual o profissionalismo é defendido como a melhor possibilidade para o desenvolvimento do futebol.

Segundo o articulista,

É indiscutível que já não se pode praticar o foot-ball com aquele procedimento exemplar de outr'ora. O foot-ball passou de sport a espectáculo. Esta é a realidade viva e a que ninguém pode se subtrair, por mais impregnado de romanticismo e de tradição que seja o seu espírito.<sup>413</sup>

Como é possível notar, para o autor, que assina como A. C. Y., o futebol já cabe mais no campo do simples “sport”, pois já é “espetáculo” e com isso tem demandas diferenciadas como a dedicação dos jogadores e os altos custos que exigem a atividade, como equipamentos, viagens e estadias nos locais dos jogos. Nas palavras do autor, “a devoção do jogador passou a ser obrigação; lógico é que dessa obrigação obtenha ele o benefício de uma profissão. O publico paga e não desculpa, precisamente porque paga”. Com isso, como o torcedor paga, exige um resultado daquele jogador, independente de ele ter outra atividade profissional que o impeça de maior dedicação aos treinamentos, por isso o articulista defende que do futebol se faça profissão.<sup>414</sup>

Na continuação de seu argumento, assevera que o falso amadorismo contribuiu para a precarização do futebol, fazendo com que acordos firmados verbalmente, sem valor jurídico, sejam facilmente desfeitos atrapalhando o andamento dos melhores campeonatos, seja pela pouca remuneração recebida pelos jogadores, seja pelo não cumprimento de tais acordos por parte dos contratantes<sup>415</sup>. Desse modo seria vantajoso ao desenvolvimento do futebol que se organizasse os pagamentos de forma oficial, a fim de não haver desistências e quebras de contrato em meio a competições.

---

<sup>413</sup> “O profissionalismo no foot-ball”. Correio do Povo, 23 de agosto de 1925. p. 7

<sup>414</sup> Idem ibidem.

<sup>415</sup> Idem.

Dado o exposto, é curioso que, pela primeira vez, apareceu nas linhas do Correio do Povo, em concordância com o autor espanhol, que esta situação tem que ser revista e adequada à realidade dos clubes e dos jogadores. Assim, ao noticiar um amistoso realizado entre selecionados da Apad e da Liga Santanense (o Grêmio Santanense também veio), retomava esse argumento.

Esse jogo foi uma espécie de retomada do sucesso de público do futebol nos eventos da cidade, pois os “vários milhares” que foram ao jogo em um domingo de frio puderam notar que “o popular e galhardo sport ainda vive e progride. Continua a fazer vibrar a alma da mocidade.” A condição para que isso ocorra sempre é que se façam bons jogos, pois o público é exigente:

O publico quer é apreciar torneios de grande valor, o publico é exigente, deseja ver a competência de duas turmas aguerridas e não a luta fraca entre teams que não conhecem os principaes segredos deste sport.

Para isto paga elle bons preços de entradas. É uma exigência que se justifica e com a qual certamente concordarão os dirigentes do football porto-alegrense.<sup>416</sup>

Aqui é notável a retomada da opinião expressa pelo artigo publicado dias antes, explicitando a relação de consumo desde já presente no futebol. Desse modo, a realização de grandes jogos permitiria ver “os grounds” apanhados de “assistências encantadoras e admiráveis, (...) assistências que vibrarão de entusiasmo, que animarão phalanges degladiantes, por meio de uma ‘torcida’, disciplinada como a que temos o prazer de registrar no ulitmo premio inter-municipal”<sup>417</sup>.

Entretanto, uma observação é devida para compreendermos o público desse evento. Em primeiro lugar, a visita de uma outra agremiação à cidade já tornava o evento algo de maior importância que os jogos dos campeonatos locais, especialmente os clubes tradicionais da fronteira, respeitados por serem veteranos e clássicos na prática do futebol. Em um segundo plano, mas não menos importante, é o fato de que o evento se realize no campo do Porto Alegre, o mais moderno até então na cidade, e que os preços das entradas eram um pouco mais caros que os preços habitualmente cobrados nos jogos do campeonato da Apad: Fardados e menores: 1\$500, Geraes: 3\$000,

---

<sup>416</sup> “O grande meeting sportivo de domingo ultimo”. Correio do Povo, 25 de agosto de 1925. p. 10

<sup>417</sup> Idem ibidem.

Pavilhão 4\$000 e Camarotes: 20\$000<sup>418</sup>. Dessa forma, era colocada em prática, além do exclusivismo clubístico, também um clivagem econômica no público presente.

O jogo teve a vitória do selecionado local e mais uma vez o goleiro Lara era alçado como grande destaque do jogo fazendo “defesas magistraes”. Mas o mais curioso é a entrevista dada pelo arqueiro no intervalo do jogo, onde fora questionado, não sobre o prélio do momento, e sim sobre o jogo do dia 02 de agosto, diante dos paulistas, “em que elle com seu magistral jogo, electrisára o publico da capital paulista, recebendo violentos tiros do formidável quinteto dos ‘reis do foot-ball’”. Segundo Lara, os chutes mais fortes eram de Filó, que

eram de fazer envergar qualquer barra de aço por mais pesada que estivesse no solo, mesmo com base de cimento armado. E, ao shootar em direcção a minha cidadela, Filó, disse-me – “vou vergar um gauchito...”

Respondi-lhe com um sorriso... “sportivo”. E, não demorou muito que a poucos metros mandou-me um “pelotaço”. E que “pelotaço”...! mas lembrei-me que sou rio-grandense do sul. Logo firmei-me, num pé, vi estrellas em pleno dia, e ainda desta vez, o “gauchito” não foi derrubado!

Quando passou aquelle “vendaval foot-ballistico”, só apercebi que o publico applaudia-me, pelo feito que eu praticara.<sup>419</sup>

A curiosidade também era em torno do desempenho de “El Tigre” Friedenrich, segundo Lara, um organizador do jogo e extra-classe, que só chuta quanto tem certeza do gol, ao contrário de Filó, que tem nos pés “tanta potencialidade de derrubar, ‘menos um gaucho’... Sim, porque gaucho é gaucho!!!”<sup>420</sup>.

Além do talento como goleiro, Eurico Lara computava a virtude de ser gaúcho para não ser derrubado pelo potente chute do adversário, argumento compreensível no anedotário rio-grandense, costumeiramente ligado à valentia determinante nos conflitos armados que marcaram a história do Rio Grande do Sul. Desse modo, essa “virtude” era transladada para o campo de jogo na forma de uma batalha simbólica, em que mesmo os ataques da maior potência futebolística do Brasil não foram suficientes para derrubar o arqueiro gaúcho, pois afinal de contas, “gaúcho é gaúcho”. Todavia, o mais fundamental na declaração de Lara é que ele expressa o sentimento de uma identidade com o estado em que nasceu, posto em evidência no momento de enfrentar um “adversário”.

<sup>418</sup> “Chegou hontem, a missão santanense”. Correio do Povo, 22 de agosto de 1925. p. 8

<sup>419</sup> “O grande meeting sportivo de domingo ultimo – E’cos da excursão do scratch gaucho – alguns momentos de palestra com o keeper Lara”. Correio do Povo, 25 de agosto de 1925. p. 10

<sup>420</sup> Idem ibidem.

A fraternidade ocorrida no amistoso entre o selecionado da Apad e da Liga Santanense foi esquecida no enfrentamento do Grêmio com o Grêmio Santanense, pois a partida fora interrompida antes do final do tempo regulamentar, com reclamações por parte do time visitante, invasão de campo e tentativa de agressão do juiz por parte de jogadores e torcida. O time da fronteira retirou-se de campo como protesto pela marcação de um pênalti, acusando o arbitro de parcialidade e desonestidade. O caso gerou atrito entre a delegação visitante e os dirigentes da Apad, que saíram em defesa do árbitro publicando nota oficial no Correio do Povo reafirmando a imparcialidade do juiz e condenando a atitude dos visitantes, classificadas como “não desportivas”<sup>421</sup>.

No dia seguinte, o próprio Correio do Povo publicou nota intitulada “Indisciplina no Foot-ball” condenando a atitude do time santanense e dando exemplo de um jogo ocorrido em Santa Fé, na Argentina, com o mesmo “lamentável fato”, “muito pouco recomendável nas pugnas foot-balistas!”<sup>422</sup>,

O ultimo compromisso do Grêmio Santanense em Porto Alegre era diante o Internacional, jogo que ocorreu sem problemas e diante grande cordialidade, configurando um belo “domingo esportivo”. No entanto, sem dúvida nenhuma, o mais interessante na reportagem do Correio do Povo, que ocupava mais de meia página, foi o registro da presença de mulheres no estádio do Internacional, em especial uma mulher, que além de bela sabia como ninguém sobre os segredos do esporte bretão.

Desse modo, o repórter do Correio assistiu ao jogo “num verdadeiro foco de torcedoras”, todas elas “rubras” (torcedoras do Internacional). “E que forma de torcer! Não perdemos um momento a calma... não nos deixamos levar por ‘essas’ sereias elegantes dos nossos campos de foot-ball.” A empolgação do repórter cresce ao fazer uma interessante referência ao avanço das mulheres no campo profissional:

(...) nos lembramos das vibrantes paginas de um dos últimos livros de Julio Dantas, do “terceiro sexo”, que elle nos diz, ser constituído de mulheres, que podem exercer as profissões liberais: como médicas, advogadas, dentistas, afora de funcionarias do Estado Concorrem com o homem no desempenho de todos os cargos públicos, não obstante não lhes interessar a manifestação “sufragista”.<sup>423</sup>

<sup>421</sup> “Uma nota da Apad”. Correio do Povo, 28 de agosto de 1925. p. 8

<sup>422</sup> “Indisciplina no Foot-ball”. Correio do Povo, 28 de agosto de 1925. p. 8

<sup>423</sup> “O terceiro sexo – A dama ‘referee’”. Correio do Povo, 01 de setembro de 1925. p. 10

Conforme o texto, nesse mesmo espaço a ser ocupado pelo terceiro sexo deveria estar, igualmente, as “torcedoras de foot-ball”. Mas não aquelas que apenas gritavam o nome de um ou outro jogador, e sim as conhecedoras do esporte. Como afirma ter encontrado no jogo do domingo.

Entre as que nos rodeavam estava uma de “tez trigueira, olhos bem negros, bem de napolitana”. O seu olhar era tudo.

Mas o que nella admiramos, a par de ser uma silhueta encantadora, não era o seu modo de torcer. Eram os seus conhecimentos do foot-ball; demonstrava a cada momento ser uma conhecedora dos maiores segredos da arte de agitar a “pelota”.

Era uma viva demonstração dos conhecimentos do feminismo, em matéria do popular sport pelo sexo empenhado em fazer concorrência ao homem, também, neste ramo de educação.<sup>424</sup>

Para além da beleza encantadora da torcedora, não menos importante na sua análise, o autor chama atenção para o curioso fato da torcedora ser exímia conhecedora dos segredos do esporte, indicando até mesmo a possibilidade de atuar como juiz em partidas de futebol, pois “conhecia até os off-side”. Dessa forma, faz a provocação: “façamol-a “referee”. Cremos que agirá com toda a imparcialidade e pisando na relva, o seu fim será unicamente portar-se com a máxima imparcialidade (...)”. Por fim, conclui que o envolvimento da mulher no esporte é fruto do novo tempo que se apresenta à sua época, ou em suas palavras: “a mulher sportwoman, incluída no terceiro sexo, será sem duvida o ‘producto da actual civilização’. Saberá dar mais encanto ás nossas partidas e não se darão mais factos que empanam uma partida”<sup>425</sup>.

No início do mês de setembro foi finalmente publicado o regulamento do Campeonato Estadual de Futebol, marcado para o mês de outubro, mas com as eliminatórias regionais iniciando já na semana seguinte, de 6 a 20 de setembro. A expectativa era grande, pois o último o prélio estadual ocorrera há três anos, interrompidos pela guerra civil e pela desestruturação da FRGD.

Enquanto isso, o Campeonato Brasileiro tinha seus jogos finais no Rio de Janeiro. Mais uma vez a final seria disputada entre paulistas e cariocas. Este ano, apensar dos grandes resultados obtidos pelos paulistas, o time carioca era apontado

---

<sup>424</sup> Idem ibidem.

<sup>425</sup> Idem ibidem. Foi divulgado resolução do Conselho da Associação de Futebol da Inglaterra com a nova definição do “off-side”. Assim, esperava-se que muitos dos problemas decorridos em função de má compreensão da regra durante os jogos terminassem, tornando as partidas mais agradáveis para a assistência. In: “Esta uniformizado o criterio sobre o off-side”. Correio do Povo, 04 de setembro de 1925. p. 2

como favorito para o jogo marcado para domingo, 13 de outubro. Esse primeiro jogo da final terminou em empate de 1 a 1, sendo prorrogado o tempo regulamentar por três vezes e mesmo assim, sem alteração do placar. Desse modo, um outro jogo de desempate fora marcado para o domingo seguinte.

É bastante interessante o destaque que o Correio do Povo deu para esse jogo. Além da reportagem ocupar metade de uma página com vários subtítulos e detalhes do decorrer do jogo, os correspondentes da folha porto alegreense fizeram de tudo para informar esses detalhes assim que ocorressem no Rio de Janeiro, por meio de telegramas enviados à redação em Porto Alegre e fixados nos “placards” em frente à redação.

Conforme a reportagem publicada:

No intuito de melhorar, ainda mais, as nossas informações, autorizamos os nossos correspondentes na capital da República a installarem uma linha telephonica que ligasse o campo com a estação da Western, e, assim, conseguimos, cerca das 17 horas de hontem, affixar o primeiro despacho, fazendo funcionar a nossa sirena, que attraiu enorme multidão a frente do nosso edifício.<sup>426</sup>

Entretanto, a improvisada comunicação não foi duradoura, pois

a affluencia ao stadium do Fluminense era tamanha, que todos os postes da improvisada linha foram atirados ao chão, interrompendo, consequentemente, o serviço de communicações que abreviaria consideravelmente a transmissão dos telegrammas desta folha.<sup>427</sup>

Com isso, além do esforço inicial de manter uma linha direta de comunicação que já evidenciava a importância que tal evento representava, o “ativo correspondente” do Correio do Povo “resolveu recorrer ao auxílio de um automóvel, no qual ia, de vez em quando, ao centro da cidade, levar ao cabo submarino as notícias” sobre o jogo. Estas, imediatamente fixadas no “placard” e expostas ao público, que, “apesar da chuva que caía, affluía em massa, sempre que a sirena apitava, permanecendo a frente da nossa redacção até depois das 21 horas, que foi quando affixamos o ultimo telegramma”<sup>428</sup>.

Como sinaliza o Correio do Povo, o jogo era importante para os amantes do futebol em Porto Alegre, que tinham como único meio de informação instantânea os

---

<sup>426</sup> “Os sports pelo telegrapho – Os paulistas e os cariocas numa lucha electricisante empataram o match do Campeonato Brasileiro de Foot-Ball”. Correio do Povo, 15 de setembro de 1925. p. 2

<sup>427</sup> Idem ibidem

<sup>428</sup> Idem.



informes fixados nos murais do jornal, dirigindo-se para lá assim que o sinal de uma nova informação era acionado.

Da mesma medida no Rio de Janeiro, e muito mais, “desde as primeiras horas da manhã que se nota por toda a cidade um entusiasmo indescritível pelo jogo decisivo do Campeonato Brasileiro de Foot-Ball”. Mesmo antes de iniciar a partida, o estádio do Fluminense já contabilizava mais de 35 mil pessoas nas arquibancadas, “além de milhares de outros espectadores que estão trepados aos morros situados nos redores do staduim”, superando o público de 30 mil pessoas do jogo entre paulistas e gaúchos pela eliminatória sul.

Jogo com tamanha concorrência só teria acontecido quando da final do Campeonato Sul Americano em 1919 diante do Uruguai. Além do belo jogo, a torcida “manteve-se razoável. Somente quando os cariocas empataram a partida é que o povo, não se podendo conter, invadiu o campo para abraçar-os.” O campo, assim que invadido, só não foi tomado pela multidão devido à ação da polícia montada, mas “nada de irregular foi registrado, quer social, quer sportivamente”. Outrossim, ficava para a próxima semana a realização do grande jogo final, mais uma vez a ser realizado na capital federal<sup>429</sup>.

Passavam a ser recorrentes as publicações sobre as regras do futebol e dicas de como se comportar em campo, nas arquibancadas e até mesmo a função de cada jogador. Assim, um artigo intitulado “A responsabilidade dos Forwards” procurava ensinar as funções de cada jogador da linha de ataque, com as características necessárias para exercê-las e as devidas obrigações, especialmente a condenação do jogo individual, “um perigo a ser evitado”<sup>430</sup>.

Em mesmo sentido, no dia seguinte, foi publicado algumas considerações do jornal “Estado de São Paulo” sobre o sistema de treino da Associação paulista. Segundo o periódico paulistano, o abandono (ou ignorância) de novas técnicas de treinamento estava causando o aniquilamento do futebol paulista, especialmente por que outras regiões do Brasil avançaram nesse tema, incluindo na preparação do futebol outros esportes, como a ginástica, a corrida e o salto. Dessa forma, os paulistas estariam “a poucos passos de surpresas desagradáveis”<sup>431</sup>.

---

<sup>429</sup> “Os sports pelo telegrapho – Os paulistas e os cariocas numa lucta electricante empataram o match do Campeonato Brasileiro de Foot-Ball”. *Correio do Povo*, 15 de setembro de 1925. p. 2

<sup>430</sup> “A responsabilidade dos Forwards”. *Correio do Povo*, 16 de setembro de 1925. p. 8

<sup>431</sup> “Contra o sistema de treino paulista”. *Correio do Povo*, 17 de setembro de 1925. p. 6

Talvez o maior problema imediato dos paulistas seria jogar a partida final do Campeonato Brasileiro sem seu principal jogador, El Tigre Arthur Friedenreich, fato que era comentado pela imprensa nos dias que antecederam a partida, o que se confirmou na véspera do jogo, quando a delegação paulista apresentou-se desfalcada de seu grande astro. O jogo, dessa vez, teve menor espaço nas páginas do Correio do Povo, mas não foi menor a concorrência ao estádio do Fluminense. Cerca de 50 mil pessoas teriam se espremido para ver o grande jogo que terminou com a vitória apertada do time carioca por 3 a 2<sup>432</sup>.

A prova final do campeonato do Brasil, entre cariocas e paulistas foi acompanhada com grande interesse pelo mundo sportivo porto-alegrense.

Pode-se dizer que os nossos sportmen em geral torceram pelos cariocas, o que era natural, depois que os paulistas souberam tão bem receber a nossa missão, quando semanas atrás nos receberam na bella paulicéa.

A nota, sem dúvida, faz ironia ao tenso clima encontrado na capital paulista e retoma a cordialidade encontrada no Rio de Janeiro, sendo que com a vitória carioca ocorreram diversas manifestações de regozijo em Porto Alegre.

Mais uma vez o tema do profissionalismo voltava às páginas do Correio do Povo. Dessa vez, exemplo retirado do “O jornal”, do Rio, da o exemplo de jogadores que foram à São Paulo jogar um “match”, que antes viajavam baseados em seus próprios recursos, tinham naquele momento, além da passagem e estadia pagas, recursos extras para possíveis despesas imprevistas. Na opinião do Correio, nada mais justo, pois esses não se tornam profissionais por receber alguma ajuda de custo em casos como esses<sup>433</sup>.

Na esteira das instruções para a adequada prática do futebol, era anunciado o lançamento de um livro sobre o tema, de autoria do Sr. Knute Rockne, ‘um repositório de conselhos para os bons foot-ballers e, principalmente, para os capitains verdadeiramente capacitados da sua missão.’ A obra em inglês tem o título de “Coaching”, e apresenta um espécie de manual de conduta de capitães e treinadores, sempre primando pela cordialidade e não pela competição<sup>434</sup>.

<sup>432</sup> “Os sports pelo telegrapho – derrotando os paulistas, os cariocas conquistam brilhantemente o Campeonato Brasileiro de Foot-ball”. Correio do Povo, 22 de setembro de 1925. p. 3. É importante ressaltar que dificilmente o Estádio das Laranjeiras suportaria um público de 50 mil pessoas.

<sup>433</sup> “O profissionalismo no Foot-ball”. Correio do Povo, 26 de setembro de 1925. p. 8

<sup>434</sup> “Um livro de grande utilidade”. Correio do Povo, 26 de setembro de 1925. p. 8

O Rio Grande do Sul encaminhava o fechamento de seu ano esportivo. A FRGD estava plenamente reorganizada e o Campeonato Gaúcho prestes a iniciar com a presença de equipes de todas regiões do estado, constituindo o maior campeonato desde já organizado no estado. O ânimo parecia ter voltado ao seio dos entusiastas pelo futebol, seja para acompanhar os eventos, seja para debatê-los. Enfim, o ano de 1925 serviu para reorganização do futebol no estado, bem como em outras esferas da sociedade.

## **CONCLUSÃO – ou o Apito Final**

Todas as vezes que penso em futebol recordo da alegria que meu pai sentia a cada gol do Grêmio, apontando para a televisão e me mostrando a felicidade. Os anos noventa foram, de fato, de muita alegria para nós. O impossível sempre acontecia e vencíamos. Talvez para ver sempre aquela alegria eu queria ser jogador de futebol. O fato é que a bola foi murchando, a realidade surgindo aos olhos e outros horizontes aparecendo. Tornei-me historiador. E querendo continuar sendo feliz lancei-me a estudar o que sempre deu sentido à minha vida, o futebol. Sendo assim, mergulhando nos estudos sobre o tema e conhecendo melhor o processo histórico do Rio Grande do Sul foi possível delinear um espaço geográfico e um período adequado para a pesquisa.

Os agitados anos 20 apresentaram um cenário propício para análise do futebol em Porto Alegre, desde sempre vinculado ao desenvolvimento urbano, à chegada da modernidade e aos novos valores desse mundo que se tornava cada vez mais interligado, especialmente pelas malhas do capitalismo britânico, espalhando não só seus produtos pelo mundo, mas também uma nova forma de viver a vida. Desse modo, as principais cidades do Brasil passavam, desde fins do século XIX, por um processo de modificação de estrutura física, procurando adequar-se a esses novos modelos da urbe.

A capital gaúcha trilhou esse caminho, tendo os primeiros bondes circulando no início do século XX, ainda acompanhados por carros particulares e carroças. O cinema passou, igualmente, a fazer parte do cotidiano cidadão, bem como o turfe, as disputas de remo, as corridas de bicicleta e o futebol, que brevemente alçou-se como esporte mais difundido na cidade. As ruas do centro sofreram modificações, as habitações pobres e fora dos ideais da modernidade foram retiradas da área central, onde eram instalados modernos edifícios, viadutos e praças para passeio público. Enfim, uma nova cidade era apresentada aos porto-alegrenses.

O futebol chegou ao Rio Grande do Sul não somente pelo centro de irradiação cultural, Rio de Janeiro e São Paulo, mas também pelas cidades da fronteira e pelo sul do estado, em função das relações comerciais e culturais com os países do Rio da Prata. Apesar da fundação dos primeiros clubes da cidade ser apenas em 1903, a prática do esporte difundiu-se rapidamente, mesmo em clubes não oficializados ou em partidas entre funcionários de empresas, constituindo um leque de clubes de futebol que, embora

muitos com pouco tempo de duração, fizeram com que o futebol se alastrasse pela cidade.

Desse modo foi possível perceber que já no início dos anos 1920 Porto Alegre apresentava um cotidiano esportivo agitado, com diversos campeonatos de futebol, seja de clubes sociais compostos por membros da elite da cidade, seja por clubes ou times de estudantes, de funcionários do comércio ou indústria, e até mesmo uma liga de jogadores excluídos dos clubes da principal liga, a Associação Porto Alegrense de Desporto, em função da condição social e da cor da pele. Nesse sentido, o registro da existência da Liga da Canela Preta configurou-se em um referencial importante para percebermos alguns elementos de coerção sobre o conjunto da população ex-escrava e de seus descendentes. Da mesma forma, esses agentes históricos puderam superar essas barreiras e, não sem dificuldades, poder exercer a simples vontade de praticar o futebol. Nesse caso, o futebol apresentou uma situação clara de resistência a um sistema de coerção sobre a população negra e pobre, também simbolizado por inaugurar o ano futebolístico no dia 13 de maio, data da Lei Áurea.

Igualmente, ficou claro que o futebol era visto por parte da elite da cidade, que comandava os grandes clubes e as principais entidades esportivas, como um dos elementos da modernidade que chegava ao Brasil. Logo, a prática desse esporte deveria estar dentro de um conjunto de condutas sociais pretendido por essa camada social, sendo que todo desvio desse padrão de conduta era julgado como não civilizado.

Esses debates sobre o modo adequado de portar-se dentro e fora dos gramados apresentava maior ressonância em momentos de grandes eventos esportivos, como os Campeonatos Brasileiros de Seleções Estaduais, os Jogos Olímpicos ou até mesmo partidas entre clubes tradicionais de Porto Alegre ou do interior do estado, como o Porto Alegre, o Grêmio, o Cruzeiro, o Internacional, o Brasil de Pelotas, o Pelotas, o Grêmio Santanense, o Riograndense de Santa Maria, entre outros.

A fim de dar ênfase na análise da repercussão que o Correio do Povo dava aos eventos esportivos, em especial o futebol, foi dedicado maior atenção nesse trabalho aos Campeonatos Brasileiros de Seleções Estaduais, momento em que o Rio Grande do Sul estaria enfrentando outros estados nos campos de futebol.

Durante a preparação da seleção do Rio Grande do Sul para a disputa do Campeonato Brasileiro de 1922, o primeiro a ser realizado, o “mundo esportivo riograndense” concentrou sua atenção nos jogadores, pois mais que um simples jogo, seria uma “embaixada” do estado, com o dever de provar ao restante do Brasil o nosso valor esportivo. Também era momento do Brasil, no centenário de sua independência, mostrar para si mesmo que era capaz de se adequar ao mundo em transformação, com grandes eventos esportivos que uniriam a nação. Esse aspecto mostrava-se fundamental por ser um dos principais elementos da pretendida modernidade.

Desde que a delegação gaúcha partira para o centro do país a fim de disputar seus jogos, o jornal Correio do Povo dava sinais de que se tratava de mais que um simples time de futebol, era o Rio Grande do Sul que entrava em campo para representar seu povo. Além de conseguir recursos com empresários da cidade, um expressivo auxílio financeiro do governo estadual foi anunciado, o que demonstrava certa oficialidade da representação, avalizada pelo presidente Borges de Medeiros. Talvez por isso, já no primeiro jogo diante dos paranaenses o clima tenha sido de guerra, com jogadores lesionados e princípio de brigas dentro de campo.

As críticas a violência dentro e fora de campo se mostraram uma constante, mas da mesma forma, foi possível perceber que apesar de criticar esses atos em jogos dentro da cidade e do estado, o Correio do Povo não investiu pesadas críticas quando o jogador Severino Franco, o Lagarto, enfrentou a socos um jogador da seleção baiana, provavelmente por ser este um “sportmen” de amplo prestígio na cidade. Ficava então, livre dos julgamentos.

Em suma, o ano de 1922 fez o Brasil se pensar enquanto nação. O Campeonato Brasileiro de Seleções mostrou o quanto o país ainda estava dividido, pois muitos jogos mostravam-se verdadeiras batalhas. Do mesmo modo, no momento de escolher os jogadores da seleção brasileira, apenas atletas do Rio de Janeiro e de São Paulo foram escolhidos, refletindo no futebol o momento político brasileiro de domínio da região sudeste.

A Revolução de 1923 configurou-se lesiva não só para os grupos políticos nela envolvidos, mas também para os esportes no Rio Grande do Sul, pois as principais entidades dirigentes do futebol passaram por momentos de instabilidade nos anos de 1923 e 1924, impossibilitando, por exemplo, a realização do Campeonato Gaúcho

nestes anos. Assim, dois assuntos se mostraram mais salientes no noticiário esportivo do ano de 1924: os Jogos Olímpicos de Paris com a vitória uruguaia no futebol; e os debates sobre modo adequado de se praticar esportes, bem como os sentidos dessa prática.

A colônia uruguaia em Porto Alegre foi bastante ativa no momento da vitória. Os principais clubes e entidades esportivas da cidade andaram juntos na hora dos festejos pelo título, bem como o Correio do Povo, que via na vitória uruguaia uma vitória sul-americana e também rio-grandense, dado a proximidade cultural com os orientais. Outra forma de alegar essa proximidade eram as constantes comparações que os gaúchos recebiam com o estilo uruguaio de jogar o futebol, mais próximo destes do que dos estados do centro do país.

Apesar do Rio Grande do Sul não ter participado do Campeonato Brasileiro de 1924, devido ao “estado letárgico” da FRGD, as atividades esportivas em Porto Alegre foram constantes. Mesmo assim, apesar de um cuidado dessas entidades e do Correio do Povo em promover um futebol adequado à modernidade, portanto ordeiro e disciplinado, era raro o “match” que não se registrasse um “sururu”, seja nos jogos entre clubes da elite, seja entre os clubes de menor expressão.

Tanto as Olimpíadas quanto o cotidiano esportivo da cidade demandaram debates sobre a forma adequada de praticar o futebol. É curioso que nenhum artigo publicado no Correio do Povo advogasse a exclusão do futebol do seio da sociedade, apesar das constantes críticas aos casos de violência registrados nos jogos. Desse modo, diversos textos publicados defendiam uma prática “racional” do esporte, seguindo as normas adequadas, acompanhadas por médicos e que só assim poderiam alcançar o objetivo máximo dos esportes modernos: o fortalecimento da raça, do espírito e do caráter de um povo. Essas ideias demonstravam um alinhamento com ideário racista vigente desde o século XIX, pressupondo a noção de raça superior e raça inferior. Desse modo, os insucessos brasileiros seriam “defeitos de raça” que se formou sob um “continentalismo tropical”.

Conforme os debates, o futebol seria um agente de transmissão de valores que fortaleceriam a raça e afastaria os brasileiros dos maus vícios. A ideia de que as atividades físicas, combinadas com a crença em deus e com cuidados com a higiene e o abandono de vícios como o “fumo, o álcool e o desregramento sexual” são apresentadas

como uma espécie de fórmula adequada para o desenvolvimento do “carácter” dos cidadãos brasileiros.

Depois da reestruturação das entidades esportivas do Rio Grande do Sul, no início de 1925, notamos uma aproximação ainda maior entre o jornal *Correio do Povo* e as principais entidades esportivas, a Federação Rio Grandense de Desportos e a Associação Porto Alegrense de Desportos, com convites para cerimônias, elogios nas páginas dos jornais, votos de louvor e um alinhamento do discurso pela unificação do futebol estadual em torno de uma única entidade esportiva, a FRGD, em prejuízo de outras que existiam ou eram criadas.

O espaço ocupado pelo esporte no jornal passou a ser maior. Os debates sobre o futebol extrapolavam a sessão “Notas Sportivas” e apareciam em outros espaços antes dedicados à política ou à sociedade, mostrando que o futebol estava cada vez mais inserido no cotidiano dos porto-alegrenses.

Essas entidades esportivas projetavam no *Correio do Povo* um papel importante de orientador da opinião pública, o que permitia não só expressar-se por meio deste, como ter nas páginas do periódico um aliado de grande prestígio para promoção de um modelo de jogador e torcedor de futebol pretendido por esses grupos para o devido desenvolvimento do desporto: deviam ser ordeiros e civilizados, guardando suas manifestações violentas para outro lugar, não nos “grounds” de futebol. Da mesma maneira, foi possível perceber que a folha também propagava esses valores, até mesmo cobrando das entidades maior vigor nos momentos de punição dos envolvidos em atos “não desportivos”, como brigas de jogadores e invasões de campo.

O acompanhamento e a repercussão da preparação e participação do selecionado rio-grandense para o Campeonato Brasileiro de 1925 foi o mais intenso dos anos analisados do jornal. Desde o início do ano o *Correio do Povo* cobrava a organização do “scratch”, bem como recebia e publicava cartas de leitores com tal demanda. Todo o campeonato foi melhor organizado, tendo um novo regulamento que desde o início já previa a data e os locais dos jogos. A FRGD também se mostrou valorizada ao conseguir marcar um dos jogos do campeonato para Porto Alegre. Mesmo o jogo sendo cancelado na última hora, a cidade foi vista pela Confederação Brasileira de Desporto como importante centro esportivo, capaz de receber um grande jogo.



Nesse ano ficou claro que clubes como o Cruzeiro, o Grêmio e o Porto Alegre tinha alguns privilégios, sediando os treinamentos da seleção, cedendo a maioria dos jogadores e ainda compondo a diretoria tanto da FRGD, quanto da APAD. Configurou-se, de tal modo, uma espécie de controle político do futebol por estes clubes, e assim o modelo de futebol que era pretendido tinha aval dessas entidades. Modelo este que também era advogado pelo Correio do Povo.

A modernidade que chegava a Porto Alegre e permitia a comunicação desses eventos e o transporte por meio de bondes até os campos dos jogos era a mesma que tolerava que por meio de clivagens econômicas fossem excluídas parcelas da população desses eventos. Logo, a mesma modernidade que reúne, exclui. Em outras palavras, para retomar o termo cunhado por Marshall Berman, uma ‘unidade de desunidade’.

Desse modo, o futebol entrou no campo dos debates novamente, com diversos artigos sendo publicados. Sem dúvida, o artigo exposto no Correio do Povo que melhor sintetiza as discussões em torno da validade do futebol enquanto esporte adequado para os modernos tempos foi o de Amadeu Amaral, em julho de 1925, momento em que o selecionado gaúcho se preparava para participar do Campeonato Brasileiro daquele ano. Assim, defendia que o futebol poderia ser instrumento de concerto social, elemento de aperfeiçoamento da raça, do corpo e da mente e que em momento algum afastaria a juventude dos estudos, como acusavam os inimigos do futebol. Esses opositores eram “mansuetos e delicados” demais para o jogo do futebol, que até mesmo em sua rudeza serviria para preparar o brasileiro para as difíceis situações da vida. Inclusive a violência nos gramados e arquibancadas eram aceitas pelo poeta a medida que canalizavam as emoções no futebol. Assim, não levariam esses hábitos violentos para a rua, para o lar ou para o trabalho.

Nesse sentido, o argumento de Amaral se alinha com Norbert Elias, pois vê nos esportes modernos espaços de manifestação livre para a violência do homem, bem como de correção dessa força. Logo, o futebol disciplina, civiliza o homem. Apesar das diversas opiniões sobre o que o futebol representava, visto ora como componente saneador e promotor da civilização, ora como elemento prejudicial do processo civilizatório brasileiro, atrapalhando a onda de modernidade que invadia a vida das pessoas, o esporte bretão continuava com seu desenvolvimento próprio, demandando cada vez mais espaço no jornal.

Logo, o futebol virou notícia de capa, ocupou o espaço antes dedicado habitualmente aos assuntos políticos e econômicos do estado e do mundo. De fato, o próprio crescimento do futebol na sociedade porto alegreense demandou por mais espaço, não somente no Correio do Povo, mas notamos isso também pelo registro do crescimento do número de publicações dedicadas exclusivamente aos esportes.

Além de percebermos que o espaço do futebol cresceu na imprensa, aumentou, igualmente, a participação das mulheres nos jogos. Em um primeiro momento avistadas apenas nas arquibancadas torcendo para um ou outro time. Em um segundo momento chamando a atenção pela sabedoria das regras e conhecimentos técnicos do jogo, mostrando que apesar da prática do futebol ainda ser um hábito masculino, ligado ao culto ao corpo, á saúde, á virilidade – do corpo e da raça – as mulheres também demandaram espaço no esporte bretão.

As apresentações do selecionado gaúcho fora do estado não foram de muito sucesso, retornando sempre com derrotas. Mesmo assim, o goleiro Eurico Lara tornava-se um jogador proeminente, conhecido no centro do país por suas defesas magistrais e por impedir que o Rio Grande do Sul tomasse goleadas maiores. O arqueiro, que tornar-se-ia um mito gremista nos anos seguintes, já se destacava pela sua excelência técnica em um momento em que o futebol valorizava primeiro o “sportmen”, depois o jogador. Além do mais, Lara apresenta a consciência que era um “rio-grandense do sul”, não podendo vergar a qualquer carga inimiga, pois afinal de contas, “gaucho é gaucho”, dando mostras de que a identidade rio-grandense, mesmo em um período pós-guerra civil, já era algo sendo construído no imaginário de alguns gaúchos.

Portanto, o futebol, no período estudado, exigiu maior espaço no Correio do Povo, que expressava em suas páginas a pretensão de formação de uma nação de “sportmens’ saudáveis e sãos, adequados à nova cidade, aos novos hábitos apresentados pela modernidade. Desse modo, o futebol era pretendido como um agente do “processo civilizador”, e como percebemos transformou-se em foco de debates acirrados, seja por seu caráter disciplinador e adestrador do corpo e da raça, seja por seu caráter múltiplo que recebe a cada “match”, em cada “ground”, permitindo não só a violência como a participação de elementos indesejáveis pela elite.

## FONTES PRIMÁRIAS

- Jornal *Correio do Povo*, entre os anos de 1922 a 1925, ANOS XXVIII ao XXXII, localizados no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa na cidade de Porto Alegre.

## BIBLIOGRAFIA FINAL

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Mauad. 2002.

ALVARES, Gerardo. La difusión del fútbol en Lima (1899-1922). Algunos apuntes. In <http://www.efdeportes.com/> **Revista Digital** - Buenos Aires - Año 7 - N° 34 - Abril de 2001. Acessado em 21/10/2012

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo. Companhia das Letras, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CAPELATO, Maria Helena & PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino: Imprensa e ideologia: O jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo. Editora Alfa-Omega. 1980

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: Cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo, Companhia das Letras. 1996

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. Editora da Unicamp, Campinas, SP. 2001

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In HUNT, Lynn. **A nova História Cultural**. Tradução. JEFFERSON LUIZ CAMARGO São Paulo. Martins Fontes. 2006

DAMO, Arlei. Excertos de uma história social do futebol gaúcho e sua especificidade em reação ao Brasil. In: **Verso e Reverso**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, ano XVI, nº 34, 2002

DAMO, Arlei. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e seus torcedores.** Dissertação de mestrado em Antropologia Social. UFRGS. 1998

ELIAS, N. **A busca da excitação.** Rio de Janeiro: Difel, 1997

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Formação do estado e civilização.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Uma história dos costumes.** Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1990

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Deporte y ocio em El proceso de La civilizacion.** Fondo de Cultura Económica. México. 1992.

ELMIR, Claudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas possibilidades metodológicas de seu uso para pesquisa histórica. In: **Cadernos de Estudo**, nº 13. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 1995.

ELMIR, Claudio Pereira. Porto Alegre: a perdida cidade una (Fragmentos de modernidade e exclusão social no Sul do Brasil). **Estudos Ibero-Americanos.** PUCRS, v. XXX, n. 2, p. 105- 119, dezembro 2004.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro. Mauad. 2003

FRAGA, Gerson W. **“A Derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950.** Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado) 2009

FRAGA, Gerson. Brancos e Vermelhos: **a Guerra Civil Espanhola através das páginas do jornal Correio do Povo (1936 – 1939).** Dissertação de mestrado, UFRGS. Porto Alegre, 2004

FRANCO JR, Hilário. **A dança dos deuses: Futebol, sociedade e cultura.** São Paulo, Cia das Letras. 2007

FRYEDENBERG, Julio David. Espacio urbano y practica Del futbol, Buenos Aires 1900-1915. In <http://www.efdeportes.com/> **Revista Digital** Año 4. Nº 13. Buenos Aires, Marzo 1999. Acessado em 21/10/2012

FRYEDENBERG, Julio David. **Historia social Del fútbol. Del amadorismo a la profesionalización**. Siglo XXI, 2012.

GALVANI, Walter. **Um século de Poder. Os bastidores da Caldas Junior**. Mercado Aberto, 1994.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo, editora UNESP. 1991.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo, Nova Alexandria. 2002.

GRANSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Círculo do livro, SP. s/d.

GUEDES, Simoni. **O Brasil no Campo de Futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Niterói: EDUFF, 1998.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1990.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **A bola na rede e o enredo do lugar: por uma geografia do futebol e seu advento no Rio Grande do Sul**. Tese de doutorado USP. 2001

JESUS, Gilmar Mascaranhas de. A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul. In <http://www.efdeportes.com> · Año 5 · Nº 26, acessado em 10/04/2011.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. **Anos 90**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, nº11, julho de 1999, p.144-161.

KERBER, Alessander, SCHEMES, Claudia e MAGALHÃES, Magna Lima. O futebol e a identidade negra em um espaço germânico. In <http://www.efdeportes.com/> **Revista Digital** - Buenos Aires - Año 13 - Nº 121 - Junio de 2008. Acessado em 21/10/2011

KERSTING, Eduardo Henrique de Oliveira. **Negros e a modernidade Urbana em Porto Alegre: a Colônia Africana (1890– 1920)**. Dissertação de mestrado em História, UFRGS, 1998.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005

LUCENA, R. **O Esporte na Cidade: aspectos de um esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados/CBCE, 2001

MAUCH, Cláudia. **Ordem pública e moralidade: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890**. Santa Cruz do Sul : EDIUNISC/ANPUH-RS, 2004.

MONTEIRO, Charles. Porto Alegre: **Modernidade e Urbanização. A Construção social do Espaço Urbano**. Porto Alegre, EDIPUCRS. 1995

MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência**. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getulio Vargas - CPDOC, 1992.

MOURA, Gisela de Araujo. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro. FGV. 1998.

MURAD, Mauricio **Dos pés a cabeça. Elementos básicos de sociologia do futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

PEREIRA, Leonardo. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro**. Dissertação de mestrado – UFRJ. 1998

PESAVENTO, Sandra Jahaty. RS – a economia & o poder nos anos 30. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980 (Série Documenta RS)

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao Lar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil: 1890 – 1930**. Rio de Janeiro, Paz e terra. 1985

RIGO, Luis Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira**. Pelotas, Ed. UFRGS. 2004

RUDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Síntese Rio-grandense. Editora da UFRGS, 1993

SANTOS, João Manuel C. “Jogos Olympicos do Rio de Janeiro” no Centenário de 1922: olhares sobre a política de um projeto de unificação e celebração da nação através do esporte. In. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo: ANPUH Associação Nacional de História. 2011

SANTOS, João Manuel Malaia, MELO, Victor Andrade (orgs). **1922: Celebrações esportivas do centenário**. Rio de Janeiro, 7 letras, Faperj. 2012.

SANTOS NETO, José Moraes. **Visão do jogo – primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo, Cosac & Naify, 2002.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: Novas perspectivas**. São Paulo, Editora UNESP. 1992.

SILVA, Francisco C. T. & SANTOS, Ricardo P. (Org.). **Memória social dos esportes. Futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2006

SILVA, Marcelo. A educação física no Rio Grande do Sul durante a República Velha. In <http://www.efdeportes.com/> **Revista Digital**. Acessado em 17/08/2012.

SOARES, Ricardo. **O FOOT-BALL DE TODOS: Uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903 -1918**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2014.

STÉDILE, Miguel Enrique Almeida. **Da fábrica à várzea: Clubes de futebol operário em Porto Alegre**. Dissertação de mestrado em História Social. UFRGS. Porto Alegre. 2011

STEYER, Fabio Augusto. **Cinema, imprensa e sociedade em Porto Alegre (1896 – 1930)**. EDIPUCRS. Porto Alegre. 2001

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TORCATO. Carlos Eduardo. **A repressão oficial ao jogo do bicho. Uma historia dos jogos de azar em Porto Alegre (1885 – 1917)**. Dissertação de mestrado em História Social. UFRGS. 2011

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo. Cia das letras. 2008.